Este livro tem a intenção de se constituir em um corpus sólido e ainda fornecer sua devida dose de iconografia e de erudição que podem e devem caminhar juntos, visando reunir textos já escritos sobre a história e memória do Museu da Escola Catarinense da Universidade do Estado de Santa Catarina – MESC/UDESC.

Sabemos que sempre há um futuro oculto no passado, todo arquivo está sempre vivo e todo documento de arquivo na oportunidade de sua redenção poética, reverbera de novas leituras. O Museu da Escola Catarinense está inscrito em uma clave que percebe o sentido de herança e transmissão, pois existe um valor particularmente frágil, o da compreensão do mundo humano, que passa pela leitura das obras e de nossos legados. Assim, diríamos que é preciso legar uma exigência de transmissão e um valor essencial, que é a paixão de compreender. Para nós, significa compreender melhor a construção da história e memória deste Museu, que é um legado de valor da Sociedade Catarinense.

Os textos aqui reunidos apresentam o Museu da Escola Catarinense em seus dados fundamentais de origem e destino. A maioria dos textos já foi divulgada em Congressos, Encontros, Anais de eventos e Periódicos. Mas como estão dispersos, não chega a formar um arquivo facilitador para pesquisas e consultas. O local das publicações está indicado em cada texto. Inclui também o Plano Museológico elaborado para o período de 2014 – 2019.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-8302-160-5
9 788583 021605

UDESC UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE MESC · UDESC

GOVERNO DE SANTA CATARINA

MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE: por um legado de transmissão e herança

Organização:
Sandra Makowiecky
Beatriz Goudard

MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE:
por um legado de transmissão e herança

Florianópolis
Editora da UDESC

Museu da Escola Catarinense:
por um legado de transmissão e herança

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
Reitor Prof. Marcus Tomasi
Vice Reitor Prof. Leandro Zvirtes

Este trabalho recebeu apoio financeiro da UDESC
Organizadoras: Profa Dra Beatriz Goudard e Profa Dra Sandra Makowiecky

Museu da Escola Catarinense: por um legado de transmissão e herança

© das fotografias: fizeram-se todos os esforços possíveis para identificar e reconhecer os autores das reproduções. Qualquer erro ou omissão, será revisto em reedição futura.
© dos textos: seus autores. Os textos dos artigos refletem a opinião dos seus autores.

A reprodução de imagens de obras nesta publicação tem o caráter pedagógico e científico amparado pelos limites do direito de autor no art. 46 da Lei no 9610/1998, entre elas as previstas no inciso III (a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra), sendo toda reprodução realizada com amparo legal do regime geral de direito de autor no Brasil.

Organização:
Sandra Makowiecky
Beatriz Goudard

Museu da Escola Catarinense:
por um legado de transmissão e herança

1ª Edição
Florianópolis
Editora da UDESC
2018

Edição Gráfica: Rafael da Rosa

Capa: Rafael da Rosa

Impressão: Gráfica Polimpressos

M986
Museu da Escola Catarinense: por um legado de transmissão e herança. 1. ed. / Sandra Makowiecky; Beatriz Goudard (Orgs.). - Florianópolis: UDESC, 2018. 226p.:il.; 21cm

Inclui bibliografia. ISBN: 978-85-8302-160-5

1. Museus – Santa Catarina. 2. Patrimônio cultural – Santa Catarina. I. Makowiecky, Sandra. II. Goudard, Beatriz.

CDD: 069.098164 - 20. ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Alice de A. B. Vazquez CRB 14/865 Biblioteca Central da UDESC

SUMÁRIO

Introdução – Por Sandra Makowiecky e Beatriz Goudard 7

1.Plano Museológico do Museu da Escola Catarinense 2014-2019 14

2. A aventura de inventariar: uma experiência no Museu da Escola Catarinense, por Vera Lucia Gaspar da Silva e Marília Gabriela Petry ..63

3. Museu da Escola Catarinense : Uma biografia, por Vera Lucia Gaspar da Silva e Gisela Eggert-Steindel.....83

4. Rastros de leituras: um estudo no acervo de livros do Museu da Escola Catarinense (décadas de 20 a 60 do século XX), por Maria Teresa Santos Cunha.....116

5. O que é a Mostra Casa Nova e porque o Museu da Escola Catarinense irá sediá-la e suas consequências, por Sandra Makowiecky. 137

6. Museu da Escola Catarinense : a experiência de preservação do espaço e construção de um arquivo virtual, por Sandra Makowiecky e Beatriz Goudard 143

7. Museu da Escola Catarinense em sobrevivências possíveis, por Sandra Makowiecky 150

8. Museu da Escola Catarinense: por uma biografia das coisas, por Sandra Makowiecky 166

9. Painéis de Formatura no acervo do Museu da Escola Catarinense: uma visão do avesso, por Sandra Makowiecky e Beatriz Goudard. 181

10. Painéis de Formatura da Academia de Comércio de Santa Catarina – painéis doados ao Museu da Escola Catarinense e recuperados, por Sandra Makowiecky.....201

Introdução

Sandra Makowiecky e Beatriz Goudard

Este livro tem a intenção de se constituir em um corpus sólido e ainda fornecer sua devida dose de iconografia e de erudição que podem e devem caminhar juntos, visando reunir textos já escritos sobre a história e memória do Museu da Escola Catarinense da Universidade do Estado de Santa Catarina – MESC/UDESC.

Sabemos que sempre há um futuro oculto no passado, todo arquivo está sempre vivo e todo documento de arquivo na oportunidade de sua redenção poética, reverbera de novas leituras. O Museu da Escola Catarinense está inscrito em uma clave que percebe o sentido de herança e transmissão, pois existe um valor particularmente frágil, o da compreensão do mundo humano, que passa pela leitura das obras e de nossos legados. Assim, diríamos que é preciso legar uma exigência de transmissão e um valor essencial, que é a paixão de compreender. Para nós, significa compreender melhor a construção da história e memória deste Museu, que é um legado de valor da Sociedade Catarinense.

Os textos aqui reunidos apresentam o **Museu da Escola Catarinense** em seus dados fundamentais de origem e destino. A maioria já foi divulgado em Congressos, Encontros, anais de eventos e periódicos. Mas como estão dispersos, não chega a formar um arquivo facilitador para pesquisas e consultas. O local das publicações está indicado em cada texto, pois não se tratam de textos inéditos. Todos os artigos são referenciados, salvaguardando a primeira fonte de publicação. A intenção é dar maior visibilidade aos documentos. Inclui também o Plano Museológico elaborado para o período de 2014 – 2019. Esta publicação pretende ser mais uma possível divulgadora do que já se produziu sobre o Museu, de forma mais direta, até onde temos conhecimento.

O Museu da Escola Catarinense, criado em 1992, está localizado em um edifício histórico tombado, que foi construído para abrigar a Escola Normal Catharinense, criada no final do século XIX (1892). O edifício foi inaugurado em 1926, momento em que estava sendo implantado um plano urbanístico para a cidade de Florianópolis que compreendia além do

edifício sede da Escola, a Ponte Hercílio Luz, ligação com o continente, o Palácio Cruz e Souza, Palácio do Governo entre outros.

Em 1935, devido a reformas no sistema de ensino, a Escola Normal Catharinense passa a se chamar Colégio de Educação, e em 1947, Colégio Estadual Dias Velho. No início da década de 1960, o Colégio Estadual Dias Velho transfere-se para as modernas e amplas instalações à Avenida Mauro Ramos, passando a se chamar, definitivamente em 1969, Instituto Estadual de Educação.

Em 1964, o prédio passa a abrigar então a primeira Faculdade de Educação do Brasil. Na época, essa Faculdade representava uma escola ímpar, o que acabou motivando a criação de lugares semelhantes em outros estados.

Em 1965 era aprovado o decreto que definia a Fundação Educacional de Santa Catarina – FESC, a quem foi atribuído o poder necessário para constituir a Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – UDESC.

A Faculdade de Educação funcionou nas dependências do prédio até 2007, (44 anos) quando foi transferida para o Bairro Itacorubi. Assim o prédio finalmente é destinado para a instalação do Museu da Escola Catarinense – MESC, que já existia desde 1992 e funcionava nas dependências da Faculdade de Educação de 1992-2007.

O MESC tem como objetivo principal sua consolidação como espaço educativo não formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado à Educação. Seu objeto é especificamente a Educação Escolar, podendo se constituir como um Centro de Pesquisa sobre a história da educação escolar em Santa Catarina. Integra oficialmente os Sistemas Nacional e Estadual de Museus e possui inscrição no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

MISSÃO DO MESC

Institucional: Prestar serviços à sociedade através da valorização e reconhecimento do patrimônio sobre a educação escolar em Santa Catarina de uma forma ampla, contribuindo para pesquisa, divulgação científica e preservação do acervo, bem como integrar o Museu a um roteiro de espaços e atividades culturais, contribuindo para a revitalização da área central da cidade.

Política: Fazer do MESC a interface da UDESC com o público no âmbito da Educação escolar e sua história no estado, assim como da pro-

dução artística dentro da universidade, compartilhando as pesquisas e divulgando os trabalhos desenvolvidos nessas áreas.

Científica: Abrir um novo espaço para pesquisas e fórum de discussão e compartilhamento dos assuntos pertinentes aos temas.

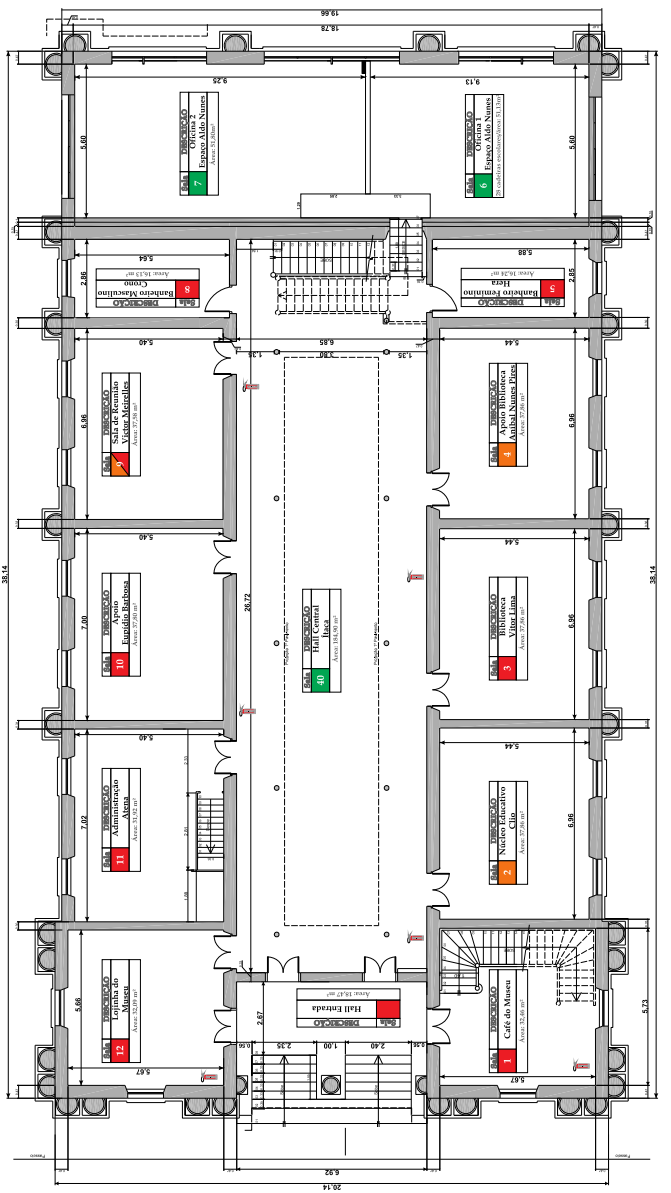
Extensão: Servir como extensão aos cursos, compartilhando o conhecimento gerado pelas pesquisas e trabalhos através de exposições e ações junto ao público.

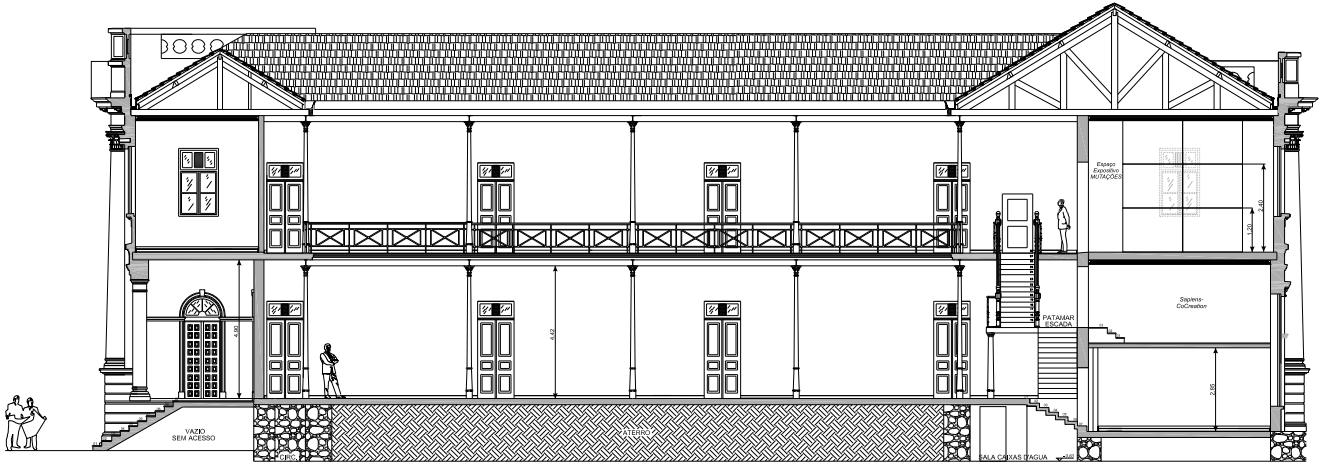
SOBRE O ACERVO

Exposições permanentes: O Museu da Escola Catarinense apresenta salas de exposição de caráter permanente, todas de conteúdo didático e pedagógico, de acordo com seu plano museológico, dentro de sua missão e objetivos estabelecidos no seu Plano Museológico.

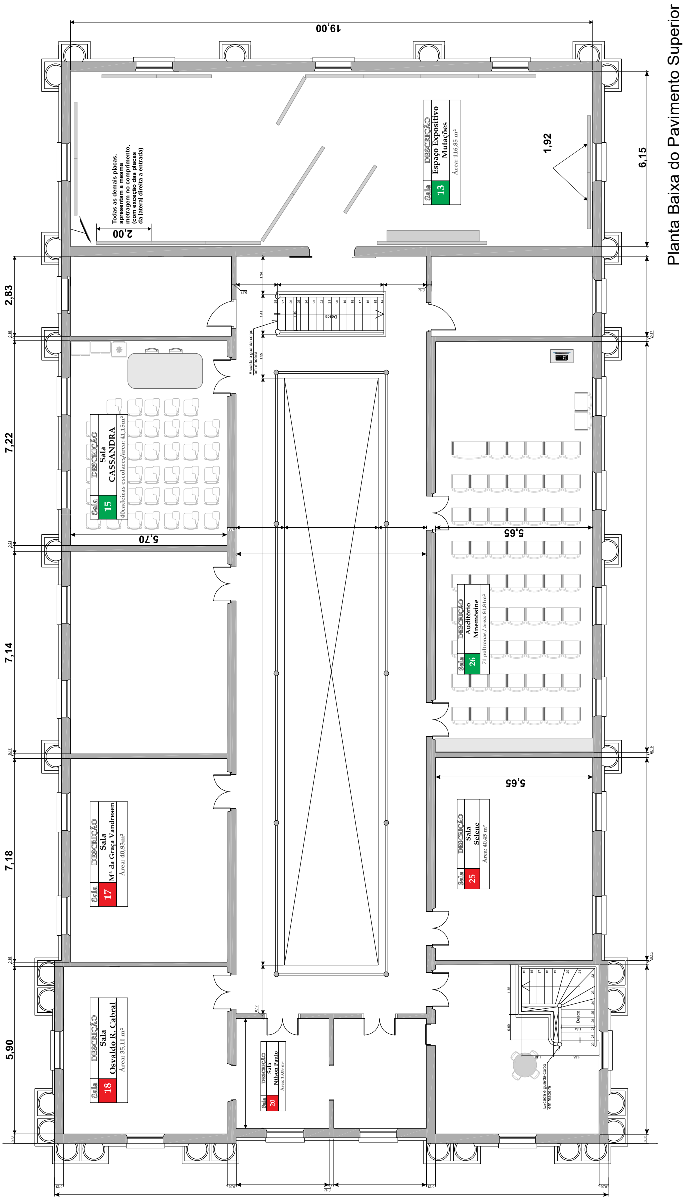
Acervo de móveis: O acervo de móveis do Museu consta de diversas peças sendo a maioria de 1940 a 1960, que compunham o cenário de um ambiente escolar. Mobiliário típico da época distribuídos em vários ambientes do Museu compondo tanto salas de exposição permanente quanto outros espaços do Museu.

Acervo de livros: O Museu da Escola Catarinense se constitui um Centro de Pesquisa por excelência. Sua biblioteca é voltada principalmente para área de História da Educação e seus desdobramentos: legislação, instalações, métodos e materiais. O acervo da biblioteca foi praticamente todo catalogado. Todo o material está disponibilizado no site do museu com a informação de sua existência. Para ter acesso aos documentos, o visitante deve agendar visita para consultas.


Planta Baixa Pavimento Térreo
LEGENDA cores
Sala sem possibilidade de empréstimo.
Sala utilizada para reuniões, empréstimo somente com autorização da Coordenadora do MESC.
Sala utilizada para empréstimo somente com autorização da Administração ou Coordenadora do MESC.
Sala regular para empréstimo, disponível conforme agenda mensal.



Corte - Vista Lateral



Planta Baixa do Pavimento Superior

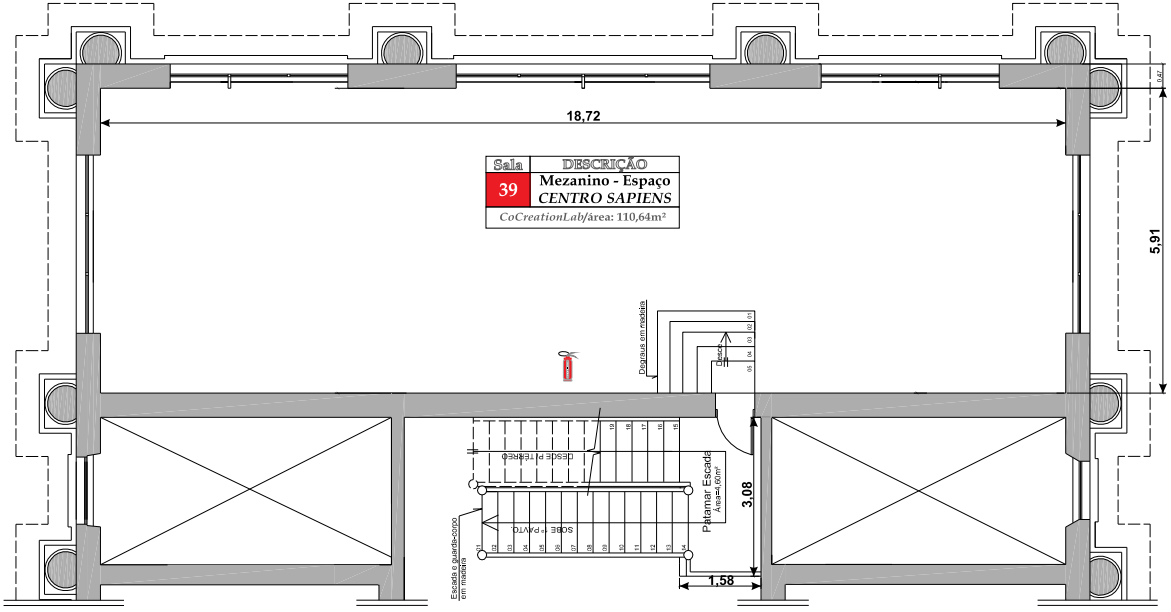
LEGENDA cores

Sala XX — Sala sem possibilidade de empréstimo.

Sala XX — Sala utilizada para reuniões, empréstimo somente com autorização da Coordenadora do MESC.

Sala XX — Sala utilizada para empréstimo somente com autorização da Administração ou Coordenadora do MESC.

Sala XX — Sala regular para empréstimo, disponível conforme agenda mensal.



Mezanino

LEGENDA cores

Sala XX — Sala sem possibilidade de empréstimo.

Sala XX — Sala utilizada para reuniões, empréstimo somente com autorização da Coordenadora do MESC.

Sala XX — Sala utilizada para empréstimo somente com autorização da Administração ou Coordenadora do MESC.

Sala XX — Sala regular para empréstimo, disponível conforme agenda mensal.

PLANO MUSEOLÓGICO

MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE

MESC- UDESC

2014 - 2019

Elaboração: Elisa Guimaraes Ennes (Museóloga). Registro profissional: COREM 0850-1

Equipe do Museu e Prof. Sandra Makowiecky (Coordenadora do Museu)

Gestão (2012 - 2016)

Reitor : Prof. Antônio Heronaldo de Sousa

Vice – Reitor: Prof. Marcus Tomasi

Apresentação

Este documento apresenta a revisão do Plano Museológico do Museu da Escola Catarinense UDESC para o período de 2014 a 2019. É resultado de análises baseadas no desenvolvimento dos trabalhos e das propostas feitas anteriormente pelas equipes do MESC. As recomendações buscam realinhar as propostas originais com o atual momento e a nova demanda do museu.

O processo de planejamento é estratégico e a construção do Plano Museológico fortalece a instituição. As ações aqui definidas trarão melhores condições no desenvolvimento dos trabalhos da instituição e favorecerão o atendimento das necessidades pontuadas aqui.

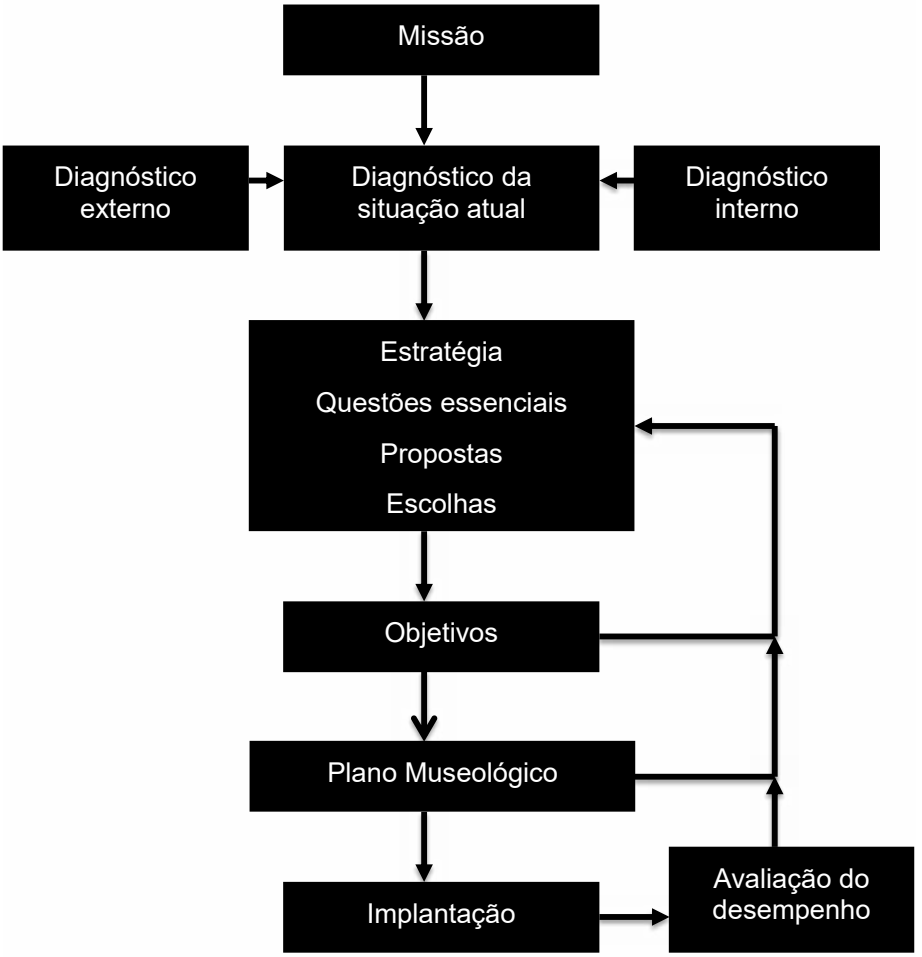
Inicialmente foi feita uma avaliação do Plano Museológico anterior considerando seus pontos positivos e negativos a partir das respostas encontradas ao longo do tempo de sua vigência. Em seguida foi feito um diagnóstico dos ambientes e com base nestas avaliações, o movimento seguinte foi a revisão da missão do MESC.

A seguir listamos os eixos estratégicos e linhas de ação e metas propostos para o próximo período, que são:

- Projetos estruturantes para a instituição
- Linhas de ação
- Formação, capacitação, fixação e valorização de recursos humanos (quadro pessoal)
- Elaboração de ações educativas voltadas para o tema Educação Escolar
- Preservação do acervo da escola catarinense
- Fortalecimento da pesquisa
- Organização da estrutura de atendimento ao público
- Fortalecimento do espaço cultural do Museu na cidade

A elaboração desta revisão de Plano Museológico para o período 2014 - 2019 demonstra um amadurecimento do MESC como instituição. O PM tem em sua base um entendimento dos erros e acertos, o que auxilia na elaboração e execução das futuras propostas e metas. O objetivo é aprimorar a qualidade dos trabalhos desenvolvidos neste museu e, mais ainda, a qualidade dos serviços prestados a sociedade.

Processo de planejamento[1]



1 Davis, Stuart. Plano Diretor. São Paulo: Edusp; Fundação Vitae, 2001.

Histórico do MESC

1.1. A criação do MESC

A criação do Museu da Escola Catarinense teve como objetivo principal sua consolidação como espaço educativo não formal, responsável pela preserva*ção* do patrimônio cultural catarinense ligado a Educação. Todavia, nesta versão do plano Museológico, entendemos que a palavra educação em determinados documentos trata preservação do patrimônio cultural catarinense ligado a Educação, de forma abrangente e em outros, volta-se para a preservação do patrimônio cultural catarinense ligado a Educação Escolar. Neste Plano Museológico, consideraremos a Educação Escolar, delimitando com mais clareza seu objetivo e estabelecendo similaridade com outro museu desta natureza no Brasil, o Museu da Escola de Minas Gerais, primeiro do gênero no Brasil, que guarda a memória da educação escolar do Estado, com ênfase no trabalho do professor e no seu fazer cotidiano. O Museu da Escola de Minas Gerais possui um acervo de aproximadamente 5 mil peças, constituído por mobiliários, objetos escolares, livros, cadernos, cartazes, cartilhas, mapoteca, manuais de ensino, fotografias, documentos textuais e arquivo de depoimentos orais. A palavra Educação em seu sentido mais amplo, dificulta a visualização do recorte e mesmo a seleção do que se vai preservar e guardar. Assim, trataremos de reduzir o escopo para educação escolar. Em certa medida o acervo hoje existente leva à esta direção, desde sua criação.

Nesta perspectiva, envolveu uma ação contínua e integrada das instituições educacionais e da sociedade, visando a preservar e valorizar o patrimônio escolar musealizável, acumulado em diferentes épocas e pontos do território catarinense. Criado no interior do Centro de Ciências da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, este museu visa fortalecer o compromisso e a responsabilidade social da instituição. O Museu desenvolveu-se a partir do projeto Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense, quando foram desenvolvidas as primeiras atividades de localização, registro e coleta de acervo.

Pode constituir-se como um Centro de Pesquisa sobre a história da educação escolar em Santa Catarina. Este centro teria como objetivo ser um espaço de pesquisa sobre a educação escolar no estado a partir de documentos, trabalhos, manuais, acervo de história oral assim como ambiente para discussão e desenvolvimento de propostas entre pesquisadores interessados.

O Edifício

O edifício foi construído para abrigar a *Escola Normal Catharinense* no final do século XIX e inaugurada nos anos 20 do século XX. Neste momento estava sendo implantado um plano urbanístico para a cidade de Florianópolis que compreendia além do edifício sede da Escola, a ponte Hercílio Luz, ligação com o continente, o Palácio Cruz e Souza, palácio do governo entre outros. Em 1963 foi endereço da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina até a mudança para um novo espaço construído especificamente para este fim. Com isso foi possível destinar o edifício para o Museu da Escola Catarinense[2].

O edifício encontra-se em local privilegiado localizado no alto de uma colina e marcada por estilo neoclássico, com colunas gregas ornamentais, a monumentalidade do prédio destinado ao Museu da Escola Catarinense é ainda mais ressaltada pelo porão alto, que a eleva ao nível da rua e justifica a escadaria de acesso localizada no centro da faixa principal. A parte frontal da edificação tem suas extremidades marcadas com módulos em ressalto, os quais se destacam do conjunto do prédio devido aos frontões e as platibandas mais elevadas, além das colunas duplas, com capitéis trabalhados. A fachada da edificação apresenta ainda um embasamento bastante alto, demarcado por bossagens abertas em vergas retas, com sobrevergas trabalhadas e em arco abatido, um friso dividido em dois pavimentos, além de ornamentação em estuque.

O espaço interno da edificação é belíssimo. Toda a circulação se dá em torno de um átrio aberto e iluminado por claraboia. É um desenho que foi muito utilizado em instituições de ensino e em mercados públicos. Toda a sua estrutura interna é de ferro, tanto as colunas, vigas, quanto o guarda-corpo da escada e circulação superior, este último todo trabalhado com desenhos de influência art déco.

2 Aprovada pela Resolução nº 006 do Conselho Superior Universitário - Consuni, em 11 de maio de 2000.

A edificação tem um alto valor para a paisagem urbana, por se localizar no eixo visual da rua Saldanha Marinho (via existente desde 1819), além de sua importância para a cidade de Florianópolis, pois está inserida no coração de seu centro histórico, rodeada por várias construções que datam da colonização."[3]

Através do Decreto Municipal nº 521/89, de 21 de dezembro de 1989 vários prédios integrantes do conjunto histórico do centro da cidade foram classificados, de acordo com sua importância histórico/arquitetônica, em categorias e o Museu da Escola Catarinense está classificado como P1. Estes são os imóveis, que pelo seu valor excepcional ou monumentalidade, são totalmente preservados tanto o interior como o exterior, ou seja, não podem ser demolidos nem modificados.

1.2. **O edifício como sede do MESC**

Em maio de 2000 o antigo prédio, que abrigou a Escola Normal Catarinense e depois a Faculdade de Educação e Ciências Humanas da UDESC, foi destinado para a instalação do Museu da Escola Catarinense - MESC. O projeto desenvolvido para a restauração e revitalização e consequente adequação do edifício para o novo uso foi dado ao conhecimento pelo coordenador do espaço, João Nicolau de Carvalho e pelo engenheiro e professor Edy Genovez Luft apenas em 03.08.2011, conforme noticiado pela UDESC[4], para o reitor da Udesc, Sebastião Iberes Lopes Melo e para o pró-reitor de Administração, Vinicius Perucci. O reitor, à época elogiou o projeto de restauração e revitalização feito pela arquiteta Maria Gabriela Cherem Luft. Até o momento (2014), o projeto não foi executado.

O MESC, ainda em fase de estruturação espera efetivar, após a definição do presente Plano Museológico e da organização de seu acervo, local para um centro de pesquisas sobre a história da educação escolar catarinense[5]. Com seu espaço amplo que comporta todas as suas atividades museológicas, o Museu também pretende contemplar um centro cultural que possa

3 Extraído do Primeiro Caderno do Museu da Escola Catarinense – Versão preliminar.

4 Disponivel em < http://www.udesc.br/?idNoticia=1819>. Acesso em 20.fev.2013.

5 O MESC é um órgão suplementar superior vinculado à Reitoria, caracterizando-se também como centro de apoio à pesquisa científica.

abrigar exposições de artes plásticas e de outras naturezas, cursos, apresentações cênicas e musicais, bem como eventos culturais de forma ampla.

Atualmente o MESC tem sido espaço para cursos de capacitação da própria universidade e tem feito parcerias com instituições ligadas à arte e museologia, bem como abrigado diversas mostras culturais, como a Maratona Cultural de Florianópolis, a SC Design, entre outras.

O Museu da Escola Catarinense da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), atravessou o ano de 2013 recebendo uma série de melhorias em sua estrutura física para sediar a 12ª edição da Mostra Casa Nova, que aconteceu no mês de outubro de 2013.

A mostra Casa Nova é um evento de decoração de Santa Catarina, onde arquitetos e decoradores apresentaram conceitos e lançamentos do setor. Com esta iniciativa o edifício do MESC recebeu algumas melhorias que tanto precisava, independentes da restauração. Esta ação trouxe grande visibilidade para o Museu, atraindo visitantes para o espaço e foco das atenções com as divulgações na mídia. A mostra veio ao encontro da proposta de iluminar a memória, revitalizar o patrimônio. A cidade ganhou mais um espaço público dedicado à cultura, à arte e à educação, em condições de uso, enquanto aguarda a viabilização da restauração.

A ação fez parte de dois projetos do Plano do Gestão 2012-2016 da Udesc. O Projeto Museu Vivo, com o objetivo de concluir o restauro/recuperação do museu e ampliar suas atividades ao público em geral, e o Parceria Público-Privada, que busca recursos para melhoria da infraestrutura da instituição. A Mostra, organizada pelo Diário Catarinense/Grupo RBS com o tema buscou valorizar a rota cultural no Centro e contribuir com a preservação do patrimônio histórico, com a colaboração de expositores e empresas parceiras. Uma das melhorias de impacto que ficou para o MESC após a realização da Mostra Casa Nova foi recuperação de toda a fachada da edificação de 1922, que ganhou pintura nova e o projeto luminotécnico executado com tecnologia de vanguarda no Brasil. Como destaque, mencionamos a recuperação das redes elétrica e hidráulica, projetos de prevenção de incêndio e vigilância sanitária, recuperação dos banheiros, dos pisos das salas e de esquadrias de portas, janelas e vidros, a execução e doação do projeto da lojinha do museu e da cafeteria, além de muitas outras melhorias que em curto prazo a universidade não conseguiria realizar. Hoje o Museu já conta com uma lojinha e com um café montados. Sem sombra de dúvidas, um grande destaque

se dá no êxito da parceria público-privada. Com esta intervenção, a Udesc não foi a única beneficiada e sim a cidade de Florianópolis. Após o término da exposição, órgãos de preservação histórica, fizeram vistoria no imóvel para determinar o que poderia permanecer e o que deveria ser retirado, pois o prédio é tombado na categoria P1, ou seja, tanto interna como externamente, recebe supervisão externa. Desta forma, muitas coisas foram retiradas, mesmo que os expositores desejassem deixar para o museu, como revestimentos de paredes, para exemplificar. Todavia, a análise muito bem feita permitiu melhorias para além do que inicialmente se planejava. Ajudar na preservação e fazer melhorias no Museu da Escola Catarinense (MESC), patrimônio histórico no Centro da Capital, foi um dos objetivos da Mostra Casa Nova. Para completar um ciclo de sucessos, o Café do Museu, com projeto de autoria da arquiteta Beatriz Kubelka Fernandes foi agraciado com uma menção honrosa no 2º Prêmio Arquitetura Catarinense, na categoria "Projetos de Restauro e Conservação de Edificações e Sítios Históricos". O concurso, que valorizou critérios de inovação, sustentabilidade e criatividade, teve 14 participantes. O café encerrou suas atividades com o fim da mostra, mas o projeto ficou como legado permanente para o MESC. Após concorrência pública, o café poderá ser administrado por profissionais da área da alimentação. A intenção é de que tudo que se relacione ao museu tenha qualidade ímpar, consolidando-o como referência no segmento urbanístico, arquitetônico, artístico e cultural. O MESC *não pode ser considerado apenas um órgão complementar da* Udesc. Como patrimônio tombado completamente por dentro e por fora, do tipo P1, deve sempre merecer tratamento diferenciado e se destacar por qualificar suas evidências históricas e patrimoniais.

1.3. **Inauguração e funcionamento do MESC/ Dados da Instituição Museológica.**

Em 16 novembro de 1992 iniciam-se as atividades do Museu da Escola Catarinense em um espaço na DAPE - Direção de Pesquisa e Extensão da Faculdade de Educação, situada a Praça Getúlio Vargas, no centro da capital, Florianópolis.

A partir de maio de 2000 passou a ter sua sede própria, na Rua Saldanha Marinho, 196. Todavia, o edifício encontra-se ainda em fase de adequação para o seu uso, após as melhorias feitas pela Mostra Casa Nova e novas aquisições de mobiliários e equipamentos para as salas. O Museu

da Escola Catarinense integra oficialmente o Sistema Nacional de Museus, o que pode ser conferido através de acesso ao site do DEMU-IPHAN. São dados de identificação fundamentais para o Museu:

1. Endereço completo: Rua Saldanha Marinho, 196, Centro – Florianópolis/SC. CEP: 88010- 450. Telefone: (48) 3225-8658. E-mail:museudaescola@udesc.br. CNPJ: 83.891.283.0001/36.

2. Órgão/Instituição responsável pela Instituição Museológica: Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Natureza: Estadual

CNPJ: 83.891.283.0001/36. O museu utiliza o mesmo CNPJ da Universidade.

Endereço completo: Av. Madre Benvenuta, 2007, Itacorubi – Florianópolis/SC.

CEP: 88035- 001. Telefone: (48) 3321-8000 E-mail: reitor@udesc.br

3.Possui inscrição no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Adesão ao Cadastro Nacional de Museus (CNM) no ano de 2006.

Número de ofício de cadastramento: CT/DEMU 736/06.

4. O Museu possui termo de adesão ao SEM/SC. Documento de número GFN – 13 / 2007. Adesão ao Sistema Estadual de Museus em 2007.

5. O MESC nao possui CNPJ próprio. Utiliza o CNPj da Universidade do Estado de Santa Catarina, sendo órgão suplementar desta.

6**.** O Plano Museológico do MESC foi elaborado por museóloga Elisa Guimaraes Ennes, juntamente com a equipe do Museu e com a professora Sandra Makowiecky. Dados:

Nome civil: Elisa Guimarães Ennes

Registro profissional: COREM 0850-1

Endereço: Rua das Laranjeiras 525/1301

Laranjeiras Rio de Janeiro, RJ

Cidade: Rio de Janeiro

Cep: 22240005

Contatos

Telefone: 21 996325040

Endereço eletrônico: elisaennes@gmail.com

Gestor responsável pela Instituição museológica:

Nome: Sandra Makowiecky

Cargo: Coordenadora do Museu da Escola Catarinense - MESC-UDESC

1.4. **Revisão e reestruturação do Plano Museológico**

O Plano Museológico do MESC foi elaborado por museóloga Elisa Guimaraes Ennes (Registro profissional: COREM 0850-1), juntamente com a equipe do Museu e com a professora Sandra Makowiecky, entre 2014 e 2015.

A presente revisão e reestruturação visa ampliar o universo de atuação do MESC no cenário museológico catarinense. O tema central do museu é a escola catarinense, porém assim como as práticas, pesquisas e projetos voltados para a educação escolar em Santa Catarina, os projetos desenvolvidos no âmbito da universidade são fontes riquíssimas de conteúdo para novos estudos e novas propostas, justificando a inserção da Universidade neste contexto museológico.

A UDESC possui uma avançada pesquisa voltada para ações educativas junto aos órgãos públicos, e processos de ensino a partir da arte. Estas práticas, tão necessárias nos museus, trarão benefícios não apenas para as pesquisas como também para o resultado das visitas pelos escolares e públicos em geral que recorrem a monitorias, além da inclusão de públicos específicos.

1. Missão do MESC

1.1. **Institucional**

Prestar serviços à sociedade através da valorização e reconhecimento do patrimônio sobre a educação escolar em Santa Catarina de uma forma ampla, contribuindo para pesquisa, divulgação científica e preservação do acervo, bem como integrar o Museu a um roteiro de espaços e atividades culturais, contribuindo para a revitalização da área central da cidade.

1.2. **Política**

Fazer do MESC a interface da UDESC com o público no âmbito da Educação escolar e sua história no estado, assim como da produção artística dentro da universidade, compartilhando as pesquisas e divulgando os trabalhos desenvolvidos nessas áreas.

1.3. **Científica**

Abrir um novo espaço para pesquisas e fórum de discussão e compartilhamento dos assuntos pertinentes aos temas.

1.4. **Extensão**

Servir como extensão aos cursos, compartilhando o conhecimento gerado pelas pesquisas e trabalhos através de exposições e ações junto ao público.

2. Objetivos

2.1. **Geral**

- Preservar, pesquisar, comunicar a partir do acervo, assim como conceber e desenvolver ações museológicas definidas no Plano Museológico, garantindo uma administração e gerenciamento em consonância com a política museológica proposta, que visa reunir um acervo representativo da cultura material relativa à educação escolar em Santa Catarina.

2.2. **Específicos**

- Elaborar, acolher, implantar e avaliar ações museológicas de estudo, salvaguarda e manutenção junto ao acervo e edificação,
- Estabelecer política de aquisição e descarte de acervo a partir de pesquisa e coleta com incentivo a doações e empréstimos,
- Consolidar-se como um espaço educativo não-formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado à educação escolar,
- Desenvolver uma ação contínua e integrada com as instituições educacionais e a sociedade, visando preservar e valorizar o patrimônio escolar,
- Reunir, organizar e expor elementos materiais históricos (objetos, mobiliários, documentos, livros, fotografias, entre outros) sobre a educação escolar em Santa Catarina,
- Realizar ações junto ao acervo:
  - promover ações de reconhecimento, valorização e preservação do tema;
  - reunir, receber selecionar e organizar dados sobre a educação escolar em Santa Catarina;
  - estruturar e organizar uma base de dados de materiais e acervos coletados para fins de visitação e pesquisa;
  - manter atualizada a documentação dos acervos;
  - atuar na conservação dos acervos,
- Elaborar, assim como receber, projetos expositivos e propostas de ações educativo/artístico-culturais em seus espaços,
  - produzir material para divulgação das ações desenvolvidas no

museu a partir de seu acervo e exposições;
- criar e organizar um ambiente de pesquisa e extensão acadêmica,

- Inserir o MESC nos roteiros de visitação turística e de lazer conectando suas atividades com outras desenvolvidas pelas instituições afins, contribuindo para a revitalização da área central da cidade.
- Firmar parcerias com outras instituições afins para intercambio de acervo, informações, cursos etc,
- Constituir-se em local dotado de equipamentos e estrutura flexíveis, que possa abrigar diferentes atividades culturais, musicais e cênicas.

3. Diagnósticos

3.1. **Institucional**

Conforme o Regimento Interno Geral da UDESC[6] o Museu da Escola Catarinense, MESC, é um Órgão Suplementar Superior vinculado à Reitoria[7] e seu diretor (coordenador) é nomeado pelo Reitor, conforme Artigo 40.

- Dispositivos institucionais de organização e gestão
  O Regimento Interno menciona as atribuições e competências do Museu, em seus artigos 40 e 41, na subseção VIII:

Art. 40. O Museu da Escola Catarinense é um órgão *suplementar superior vinculado à Reitoria, com um coordenador nomeado pelo Reitor.*

Art. 41. O Museu da Escola Catarinense tem por finalidade reunir informações e elementos materiais e simbólicos sobre as escolas do Estado com o objetivo de preservar objetos, artefatos, documentos e imagens de valor histórico relacionados à cultura escolar e à *educação catarinense.*

6 RESOLUÇÃO Nº 044/2007 – CONSUNI.

7 Segundo o Estatuto da UDESC – aprovado pelo Decreto nº 4.184, de 06 de abril de 2006 e publicado no Diário Oficial do Estado de SC nº 17.859, de 06 de abril de 2006 – os Órgãos Suplementares Superiores e Setoriais de caráter interno da estrutura universitária destinam-se a oferecer apoio administrativo e didático-científico a um ou mais Departamentos, Centro ou toda a Universidade. (Art 37)
Os órgãos Suplementares Superiores destinam-se a dar suporte às atividades específicas em matéria administrativa, técnica, jurídica, de ensino e pesquisa e extensão, de informação, comunicação e marketing, de difusão, cooperação e intercambio, de assessoramento e de complementação, aperfeiçoamento e modernização dos serviços da UDESC com finalidade de atender à Administração Superior e aos Centros, sendo criados e constituídos por deliberação do Conselho Universitário e regulamentados pelo Regimento Geral. (Art 38)

Cabe ao Museu da Escola Catarinense:
I - preservar a memória da escola catarinense;
II - coletar informações e elementos materiais sobre as escolas do Estado;
III - coordenar as ações de salvaguarda e comunicação do acervo;
IV - oferecer suporte às *atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas aos seus objetivos;*
V – exercer outras atribuições no âmbito *de sua competência ou que lhe forem delegadas.*

Porém, esta definição regimental necessita ser revisada e atualizada no item estrutura organizacional (definir melhor os setores e suas atuações) assim como incluir item explicando as competências dos funcionários e equipes.

- Organograma
- Não possui organograma, cargos definidos para execução de suas atividades de gestão, pesquisa, preservação e divulgação do acervo.
- Quadro funcional
- Não definido
- Associação de Amigos
- Ainda não constituída, mas em fase de análise de estatuto para implantação.

3.2. **Espaço físico e instalações**

A edificação necessita de restauração para manutenção da sua integridade física nos moldes dos órgãos fiscalizadores do patrimônio. Ao mesmo tempo necessita de reestruturação, adequação ao novo uso, para que o MESC possa desempenhar corretamente suas funções e atender a todas as necessidades para o bom funcionamento e o correto atendimento do público.
Necessita de instalação de rampas e equipamentos que possibilitem a acessibilidade universal. Algumas ações sobre espaço físico e instalações são necessárias, tais como:

- Levantamento cadastral arquitetônico da edificação.
- Projeto executivo de restauração e conservação.
- Consultoria na área de conservação arquitetônica.
- Projeto arquitetônico executivo de adequação da área para Museu – inserção em edifícios históricos, incluindo mobiliário.
- Projeto de controle ambiental e acústico.
- Projeto elétrico e luminotécnico.
- Projeto estrutural, hidro-sanitário e drenagem.
- Projeto de sistema de comunicação e automação.
- Projeto de acessibilidade plena.
- Salas ambientadas com mobiliário e acervo de época – exposições de curto e longo prazo.
- Reserva técnica.
- Espaço para recepção e guarda-volumes.
- Biblioteca de Apoio Especializado contendo banco de dados com acervo do museu e bibliografia da área.
- Espaços adequados para acondicionar acervo fotográfico, documental, bibliográfico, objetos e o acervo de história oral (com setor de registro, controle e segurança do acervo), considerando a necessidade de separação entre arquivo histórico (para guarda do acervo) e arquivo corrente (para guarda de material de apoio técnico, administrativo e das produções derivadas).
- O arquivo corrente deverá ficar junto ao setor administrativo do Museu.
- Espaços para exposições do acervo e espaço interativo. Exposições fixas de longa duração que traduzam a "identidade do Museu". Além desta, são necessários espaços expositivos para exposições de média e curta duração.

3.3. **Pessoal**

O quadro de funcionários conta hoje com três funcionários da área administrativa. Não tem pessoal especializado nas áreas de conservação, documentação, comunicação, promoção cultural, entre outras. Não tem muitas profissões em seu quadro, nem no Plano de Carreiras da Universidade. Necessita, portanto de:

- Conservador e restaurador de acervo
- Documentador /Bibliotecário
- Curador
- Pesquisador da área da história da educação escolar/educador
- Orçamentista / Central de custos / financeiro
- Museólogo
- Promotor cultural

3.4. **Acervo**

O acervo compreende mobiliário, legislação, documentos, livros didáticos, bancos de história oral, fitas de vídeo e CDs, objetos remanescentes de projetos de pesquisa e extensão já concluídos, materiais escolares de diferentes épocas, etnias, assim como das de escolas confessionais e particulares do estado. Os objetos do acervo não estão inventariados não sendo possível precisar sua quantidade. Existem também problemas de conservação e acondicionamento. A reserva técnica ainda não está adequada nem para armazenamento nem para tratamento do acervo. Não possui equipamento adequado de controle e monitoramento climático. Necessita portanto de:

- Conservação e acondicionamento
- Gestão e controle do acervo
- Projeto de gestão do Museu

- Adequação do espaço físico
- Aquisição de mobiliário e equipamento
- Contratação de serviços para trabalhos de higienização, conservação e restauro de peças do acervo
- Monitoramento climático

3.5. **Segurança**

Existe plano de emergência e dispositivos de segurança tais como projeto preventivo de incêndio aprovado no ano de 2013, com extintores de incêndio distribuídos conforme exigências legais. Não possui alarmes nem câmeras. Necessita de Projeto de segurança do Museu – contra roubo, intempéries e conservação preventiva do acervo e da edificação.

3.6. **Atividades**

Atualmente o museu está com suas atividades restritas. O acesso ao acervo de mobiliário e salas expositivas se dá a partir de agendamento e/ ou visitas isoladas, no período vespertino (ou matutino, sob prévia consulta). O acervo documental está indisponível em sua maioria. As atividades do museu retomarão ao funcionamento normal junto da implantação do presente plano museológico e da organização de seus espaços e acervo.

3.7. **Ambientes**

Ambiente interno - pontos fortes e pontos fracos - decisões e níveis de performance que se pode gerir

Ambiente externo - oportunidades e ameaças - provenientes de decisões e circunstâncias externas, fora de controle

A combinação destes dois ambientes interno e externo e das suas variáveis facilitam a análise e a tomada de decisões na definição das estratégias.

Pontos fortes	Pontos fracos
▪ Localização – central, dentro do circuito histórico ▪ Edifício histórico – de grande apelo turístico e de visitação ▪ Espaço – generoso, permite muitas possibilidades para guarda do acervo e propostas de exposição e ações junto ao público ▪ Vinculação – vinculação institucional com a universidade ▪ Associação de amigos – em vias de consolidação, em fase de análise do regimento interno e estatuto	▪ Integração – falta de ações integradas nas diversas áreas da instituição ▪ Pessoal – falta de quadro de pessoal específico para as demandas do museu ▪ Documentação – falta de registro e levantamento sobre o acervo, de um modo geral ▪ Mobiliário – falta de mobiliário específico para acondicionamento do acervo e para todas as salas na sua totalidade ▪ Equipamento – falta de equipamentos e recursos de informática para controle e divulgação do acervo ▪ Regimento interno – o museu não possui regimento interno (consta apenas do regimento geral da Udesc, de forma genérica).
Oportunidades	Ameaças
▪ Visibilidade - a mostra Casa Nova promoveu bastante visibilidade para o museu ▪ Revisão de proposta – ainda antes da implantação física definitiva ▪ Acadêmica – pesquisa e extensão nas áreas tema do museu ▪ Espaço – uso do espaço para ações culturais e eventos museológicos ▪ Conta com vigilância 24 horas.	▪ Infestação - Necessidade urgente de ações de conservação junto ao acervo ▪ Segurança – ausência de sistema de segurança contra roubo ▪ Edificação – necessidade de restauração e adequação do edifício para o uso específico ▪ Muita visibilidade e pouca atuação, desfavorecendo seu papel social e causando imagem negativa.

FASE II – Programas

1. Programa Institucional

Segundo IPHAN, trata do desenvolvimento e da gestão política, técnica e administrativa do museu.

1.1. **Regimento interno**

O Regimento Interno deverá receber a atualização nos itens de estrutura organizacional. Definição dos setores e suas abrangências e atuações, inclusão do item relativo às competências onde são definidas as funções dos funcionários e equipes do MESC.

1.2. **Política de aquisição e descarte de acervos**

Elaboração de política de aquisição e descarte de acervos, observando o Regimento Interno e as normas vigentes para acervos museológicos. Deverá a cada início de ano ter seus recursos financeiros e orçamentários definidos pela Reitoria para que possa fazer seu planejamento anual.

2. Programa para utilização do espaço físico e instalações

2.1. **Edificação**

Entrega do projeto de restauração do edifício de forma legal, para que a Universidade possa fazer pleno uso.

Elaboração e execução de projetos complementares ao projeto de restauro:

a. elétrico
b. de comunicação e iluminação cênica
c. ar condicionado
d. hidro sanitário

Execução da restauração

2.2. **Espaço físico**

Elaboração de projeto de uso do espaço para implantação dos setores.

Execução da adequação física dos espaços para o novo uso.

3. Programa de Gestão de Pessoas

Aquele que apresenta as ações destinadas à valorização, capacitação e bem estar do conjunto de trabalhadores do museu, independentemente do tipo de contratação, assim como aponta um diagnóstico da situação funcional existente e das necessidades de ampliação do quadro de pessoal, incluindo estagiários e servidores.

Elaboração de organograma funcional visando atribuições especificas de cada área e atividade. Estarão previstos prestadores de serviços e estagiários para complementar a execução das tarefas.

3.1. **Competências e atribuições**

3.1.1. Da Coordenação geral do MESC:

- Coordenar o sistema de funcionamento do Museu da Escola Catarinense;
- Coordenar todas as atividades do Museu que visam promover a inclusão social e *étnica*, respeitando a diversidade cultural;
- Estabelecer parcerias sólidas com a comunidade, sociedade e com amigos do museu;
- Aceitar subvenções, doações, legados e cooperação financeira, provendo recursos para sua viabilização;
- Buscar a garantia da autonomia patrimonial e gestão financeira própria, com conta bancaria integrada ao Sistema Financeiro da Udesc e supervisionado pela Reitoria e pelo Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina;
- Exercer outras atribuições no âmbito de sua competência ou que lhe forem delegados por seu superior hierárquico.

3.1.2. Da coordenação técnica:

- Coordenar, planejar e supervisionar a execução das atividades de pesquisa, organização, preservação exposição e comunicação dos acervos museológicos, documentais e bibliográficos.

3.1.3. Da coordenação de comunicação/divulgação:

- Promover a comunicação interna e externa do museu;
- Divulgar as atividades;
- Empreender lançamento de editais para ocupação do espaço;
- Cuidar da agenda do Museu.

3.1.4. Da coordenação administrativa

Planejar, coordenar supervisionar as atividades relativas a área de recursos humanos, contabilidade, orçamento, material, compras, documentação, protocolo, manutenção, vigilância, serviços gerais.

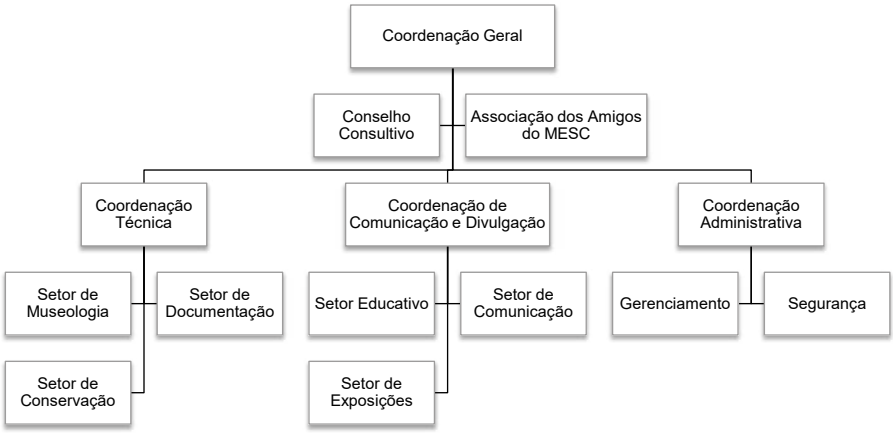
3.1.5. Do conselho consultivo

- Estimular o desenvolvimento de programas e projetos e atividades no âmbito do MESC.
- Participar dos diagnósticos e planejamento anual.
- Deliberar sobre aquisições e descartes.
- Acompanhar as revisões do Plano Museológico.
- Analisar os relatórios anuais.

3.1.6. Da Associação dos Amigos do Museu

- Apoiar a manutenção e o incentivo às atividades dos MESC.

3.1.7. Organograma pretendido



3.2. **Contratação de quadro funcional**

Para possibilitar a execução das atividades básicas do museu tais como:

Museólogo atuando:

- No planejamento e execução de atividades de pesquisa sobre preservação dos acervos;
- Na preservação do acervo museológico (móvel e imóvel) sob sua guarda, a partir da política institucional de aquisição e descarte;
- Na colaboração de parecer sobre propostas de intervenção nos espaços do museu;
- Na Participação das comissões internas referentes às questões museológicas e ao acervo da instituição;
- Na supervisão e controle do acesso às áreas de exposição, de reserva técnica;
- Na Participação dos projetos de exposição bem como colaboração com sua pesquisa;
- Atuando em outras atividades que lhe forem designadas, pertinentes à sua área de competência.

Educadores atuando:

- Nas propostas e avaliações das ações e programas educativos e de divulgação, em consonância com as linhas definidas pela Coordenação;
- Na elaboração e orientação do plano de atendimento e supervisão de monitores e estagiários;
- Na participação de intercâmbios com instituições afins;
- Na participação das discussões de concepções dos projetos de pesquisa;
- Na laboração de cursos para professores e produção de material didático;
- Na organização de infraestrutura material e de recursos humanos necessários ao planejamento e execução dos programas educacionais e de divulgação, em conjunto;
- Na documentação e avaliação dos programas e atividades educacionais em andamento.

Conservadores e documentadores atuando:

- No registro, catalogação, conservação e manutenção do acervo sob sua guarda, segundo as normas museológicas, incluindo os procedimentos para empréstimo do acervo;
- Na elaboração de manuais de procedimentos para gestão dos acervos museológico e documental;
- Na organização e manutenção da documentação relativa ao acervo sob sua guarda, em qualquer suporte, seja textual ou informatizado;
- Na coordenação e orientação das atividades de manutenção técnica do acervo museológico e documental;
- No acompanhamento do transporte do acervo sob sua guarda, em caso de mudança ou empréstimo para exposições temporárias e itinerantes;
- Na atuação em outras atividades que lhe forem designadas, pertinentes à sua área de competência.

Além de recepcionista, secretária, serviços gerais, vigilantes e equipe de limpeza.

4. Programa de acervo

Organiza o gerenciamento dos diferentes tipos de acervos da instituição, incluindo os de origem arquivística e bibliográfica, podendo ser dividido em diferentes subprogramas, tais como: aquisição, documentação, conservação e restauração.

4.1. **Diretrizes gerais para acervos**

4.1.1. Museológico

O acervo museológico compreende objetos de mobiliário, peças de vestuário, materiais escolares de diferentes épocas, material das escolas étnicas, assim como das confessionais e particulares do estado.

- Prioridade de coleta observando
  Procedência – outras instituições, particulares
  Tipologia – pesquisa, pedagógicos, divulgação
- Estado de conservação
- Recursos humanos, financeiros e espaciais para o gerenciamento das coleções.

4.1.2. Documental

O acervo documental compreende documentos ligados a legislação, documentos em geral, livros didáticos, bancos de história oral, fitas de vídeo e CDs, mobiliários de escolas e objetos remanescentes de projetos de pesquisa e extensão já concluídos.

Critérios para aquisição de acervo documental

- Sem restrições quanto ao gênero (textual, iconográfico, sonoro), quanto ao suporte (papel, eletrônico, digital, magnético), que tenham relação com o conjunto
- Procedência – outras instituições, particulares
- Tipologia – pesquisa, pedagógicos, divulgação ou documentais
- Estado de conservação
- Recursos humanos, financeiros e espaciais para o gerenciamento das coleções.

4.1.3. Bibliográfico

Formado por publicações diversas, livros, folhetos, materiais de escola oriundos de secretarias acadêmicas, todavia, o material não está catalogado ainda.

Critérios para aquisição de acervo bibliográfico

- Doação e compra
  - Procedência – outras instituições, particulares
  - Tipologia – pesquisa, periódicos, produção interna, coleções
- Comodato – respeitando os parâmetros dados e com termo de cessão de uso a título de comodato entre o MESC e a instituição cedente
- Estado de conservação
- Recursos humanos, financeiros e espaciais para o gerenciamento das coleções.

4.2. **Aquisição e descarte**

4.2.1. Caracterização do acervo

- Histórico – observando a importância e relevância para o museu e sua proposta
- Dimensão - observando o acervo existente hoje em termos de volume e espaço de armazenagem

- Importância local, regional e nacional – observando a necessidade e representatividade dos objetos
- Definição da equipe responsável – coordenação Técnica - museologia e documentação.
- O acervo a ser incorporado deve estar em consonância com as finalidades e objetivos da instituição. Devem ser observados:
    1. certificar-se que o acervo oferecido não tenha sido ilegalmente obtido
    2. respeitar, nos processos de aquisição, os códigos de ética dos organismos nacionais e internacionais
    3. os custos de transferência, transporte, conservação, armazenamento e manutenção
    4. sua importância, relevância para o museu
    5. para qualquer tipo de aquisição deve ser encaminhado proposta com dossiê como maior número possível de informações sobre o documento ou objeto. Assim como um relatório da justificativa sobre a importância do acervo e sua documentação complementar.

4.2.2. Documentação

- Inventário e controle do acervo, com atualização dos registros
- Criação de bancos de dados
- Articulação e hierarquização dos bancos de dados

4.2.3. Conservação

A conservação do acervo museológico será realizada pela equipe técnica, através de procedimentos técnicos reconhecidos e de equipamentos apropriados, utilizando mão de obra qualificada e atualizada.

5. Programa de exposições

Segundo o MinC, este programa trata de todos os processos de exposição do museu dentro ou fora deste. Este programa também define o conceito e organização dos conteúdos, seleção de acervo, recursos empregados, informações etc.

5.1. **Exposições temporárias e itinerantes**

O programa de exposições temporárias e itinerantes deverá ser elaborado anualmente em um consenso com a direção e coordenação técni-

ca, podendo prever editais para cessão dos espaços a elas destinados.

5.2. **Exposições permanentes**

A exposição permanente do MESC deverá ser elaborada pela equipe do museu e equipe externa contratada ou em parceria com outras instituições.

6. Programa educativo e cultural

De acordo com a definição do Instituto Brasileiro de Museus, IBRAM – MinC, o programa educativo e cultural compreende os projetos e atividades educativo-culturais desenvolvidas pelo museu, destinado a diferentes públicos articulando com diferentes instituições.

O programa deverá ter capacitação para professores, atendimento a estudantes e pesquisadores, público em geral assim como turistas e outros segmentos.

Para atender as necessidades serão necessários projetos de:

- Capacitação de equipe de educadores
- Organização e planejamento das visitas escolares
- Organização e planejamento de atendimento às famílias
- Capacitação de professores
- Criação de material para mediação

7. Programa de pesquisa

Contempla o processamento e a disseminação de informações, destacando as linhas de pesquisa institucional e de projetos voltados para estudos de público, de patrimônio cultural, de museologia, de história institucional e de outros estudos.

O programa de pesquisa, desenvolvido pela equipe técnica e pesquisadores de fora, disponibilizará os resultados através do site ou publicação.

Concebida como ponto central que produz conhecimento sobre o acervo e que coloca novas questões para a História da Educação escolar geradas no contato com a materialidade.

O acervo do MESC já foi objeto de pesquisa para alguns trabalhos, tais como:

- Memórias do Museu da Escola catarinense – Vera Lúcia Gaspar da Silva e Maria Dagmar Nunes
- Memória docente: histórias de professores catarinenses (1890-

1950) – Vera Lúcia Gaspar da Silva e Dilce Schueroff
- Hóspedes do tempo, inquilinos da vida: um estudo sobre os livros escolares do acervo do Museu da Escola Catarinense – Maria Teresa Santos Cunha e Gladys Mary Ghizoni.

8. Programa Arquitetônico

Trata da identificação, da conservação e da adequação dos espaços livres e construídos, bem como das áreas de entorno da instituição, contendo descrição dos espaços e instalações, além de informar sobre os aspectos de acessibilidade, conforto ambiental, circulação, identidade visual e possibilidades de expansão.

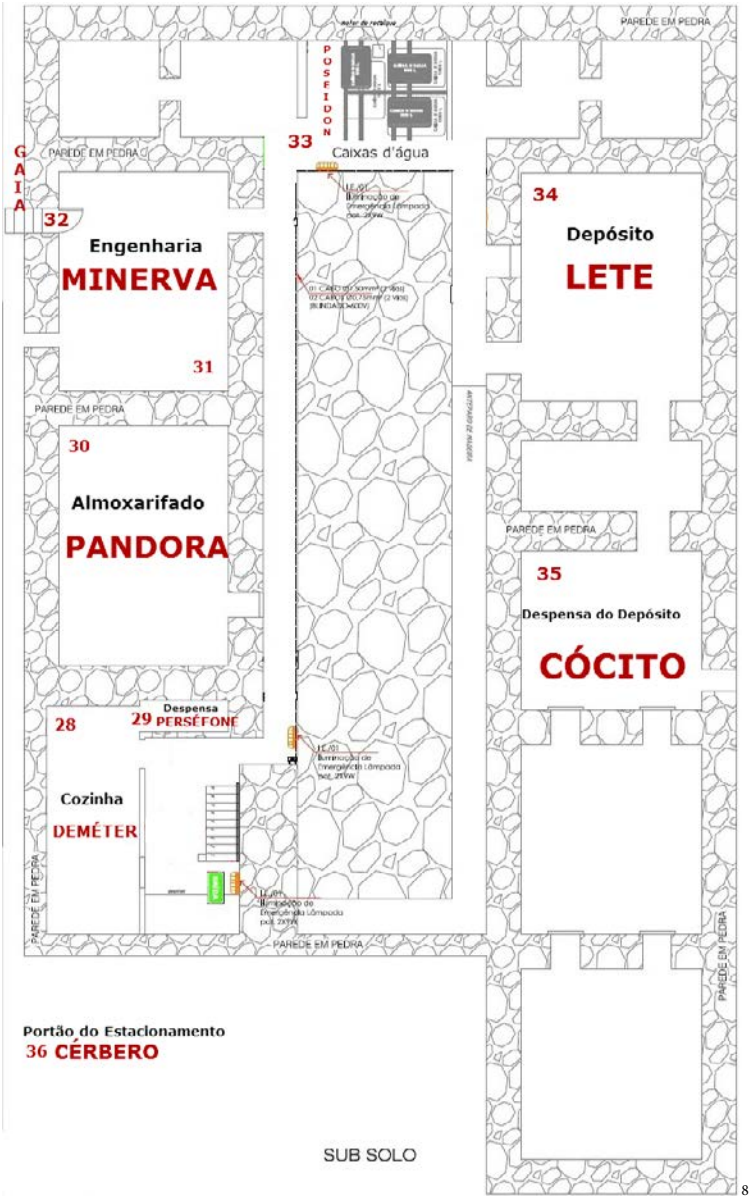
O programa prevê livraria, cafeteria e loja, teatro multiuso, auditorio e sala de projeções, biblioteca, salas para cursos, oficina de restauração, sala de consulta, além dos espaços destinados a exposições e sala de reunião e espaço para administração do museu. A definição contemplada neste plano Museológico se dá para a ocupação sem considerar o projeto de Restauração. Após o restauro, algumas modificações serão realizadas. Por exemplo, o espaço 39 – espaço Harmonia - Mezanino, deixará de existir, retornando à forma arquitetônica original da edificação.

A denominação das salas do Museu recebe os nomes de educadores de Santa Catarina e de personagens da mitologia grega, com uma exceção ao artista Victor Meirelles, por conta da vizinhança com o Museu Victor Meirelles e do projeto de sala que ficou como benfeitoria da Mostra Casa Nova, com projeto do arquiteto Sidnei Machado.

sala	Nome	Descrição
1	**Café do Museu**	**Café do Museu**
2	**CLIO**	Sala de restauro
3	**VITOR LIMA**	Biblioteca
4	**ANIBAL NUNES PIRES**	Sala de apoio eventos/exposição
5	**HERA**	Banheiro Feminino
6	**OFICINA I**	**Espaço Aldo Nunes**
7	**OFICINA II**	**Espaço Aldo Nunes**
8	**CRONO**	Banheiro Masculino
9	**VICTOR MEIRELLES**	Sala de reuniões
10	**ELPÍDIO BARBOSA**	Sala apoio/biblioteca/expositivo
11	**ATENA**	Sala da administração do Museu
12	**Loja Do Museu**	**Loja Do Museu**
13	**MUTAÇÕES**	**Espaço Expositivo 1**
14	**APOLO**	Banheiro Masculino/ camarim
15	**CASSANDRA**	Sala de apoio para eventos e poltronas Cimo.
16	**EUTERPE**	Sala de aula e apoio para eventos
17	**MARIA DA GRACA VANDRESEN**	Sala expositiva acervo
18	**OSVALDO RODRIGUES CABRAL**	Sala Expositiva acervo
19	**ORFEU**	Acesso Sala 18 - 20
20	**NILSON PAULO**	Sala Expositiva acervo
21	**PERSEU**	Acesso Sala 20 - 22
22	**OSVALDO FERREIRA DE MELO**	Sala Coordenação /Administrativa
23	**TESEU**	Acesso Sala 22 - 24
24	**URÂNIA**	Sala de estar do Café.
25	**SELENE**	Sala expositiva acervo
26	**MNEMÓSINE**	Auditório
27	**TÁLIA**	Banheiro Feminino/Camarim
28	**DEMÉTER**	Cozinha
29	**PERSÉFONE**	Despensa da Cozinha
30	**PANDORA**	Almoxarifado
31	**MINERVA**	Engenharia
32	**GAIA**	Acesso estacionamento
33	**POSEIDON**	Caixas d'água
34	**LETE**	Depósito
35	**CÓCITO**	Despesa do Depósito
36	**CÉRBERO**	Portão do Estacionamento
37	**JANO**	**PORTA PRINCIPAL 1**
38	**HEBE**	**PORTA PRINCIPAL 2**
39	**HARMONIA**	Espaço expositivo 2
40	**ÍTACA**	Espaço do Hall Central

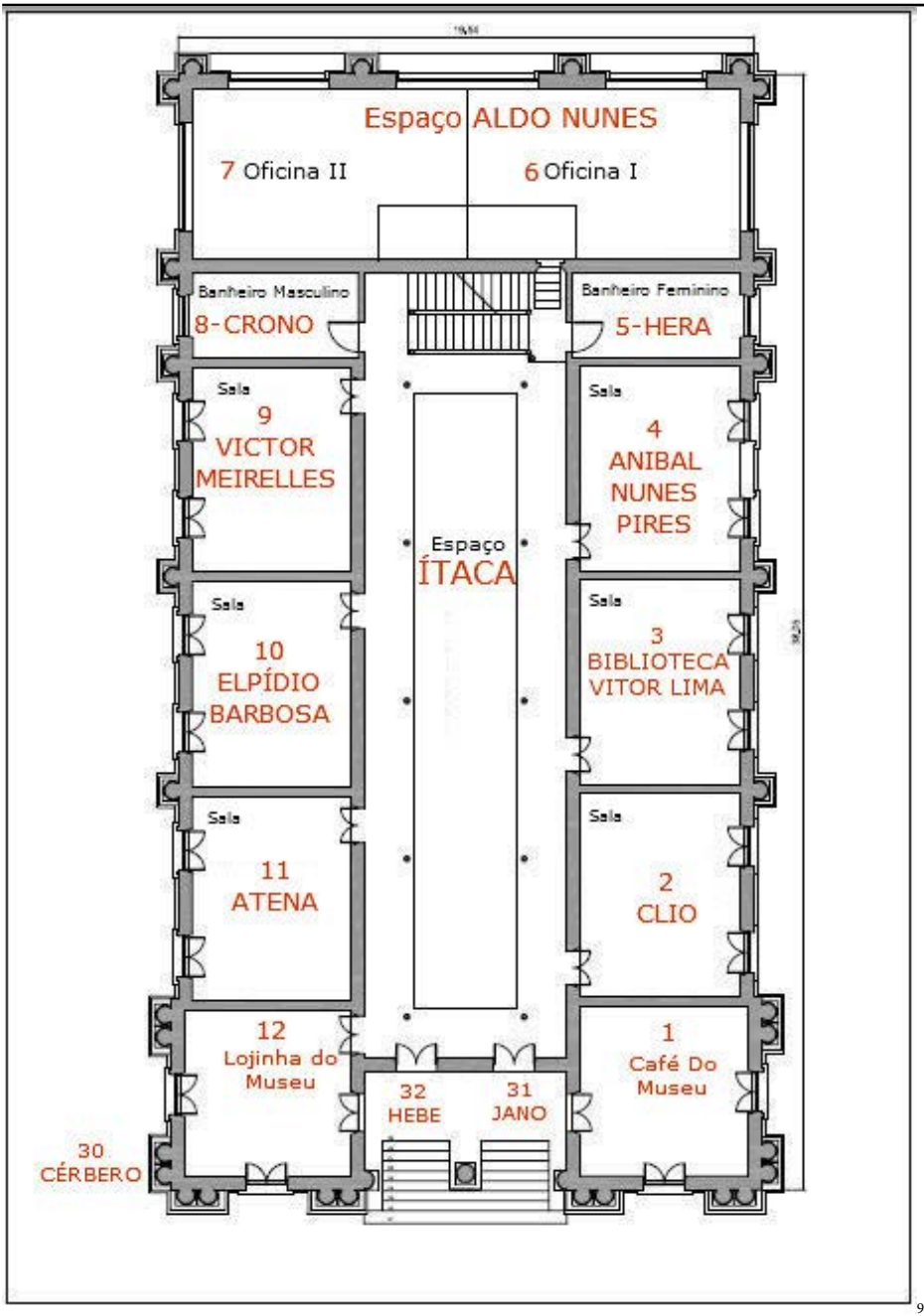
O desenho abaixo é apenas esquemático, para melhor visualização do mezanino, numerado como 11b, sem obedecer a numeração atual das salas e envolvendo apenas os pisos térreo e superior.

A seguir, a proposta de utilização dos espaços até a restauração do prédio:



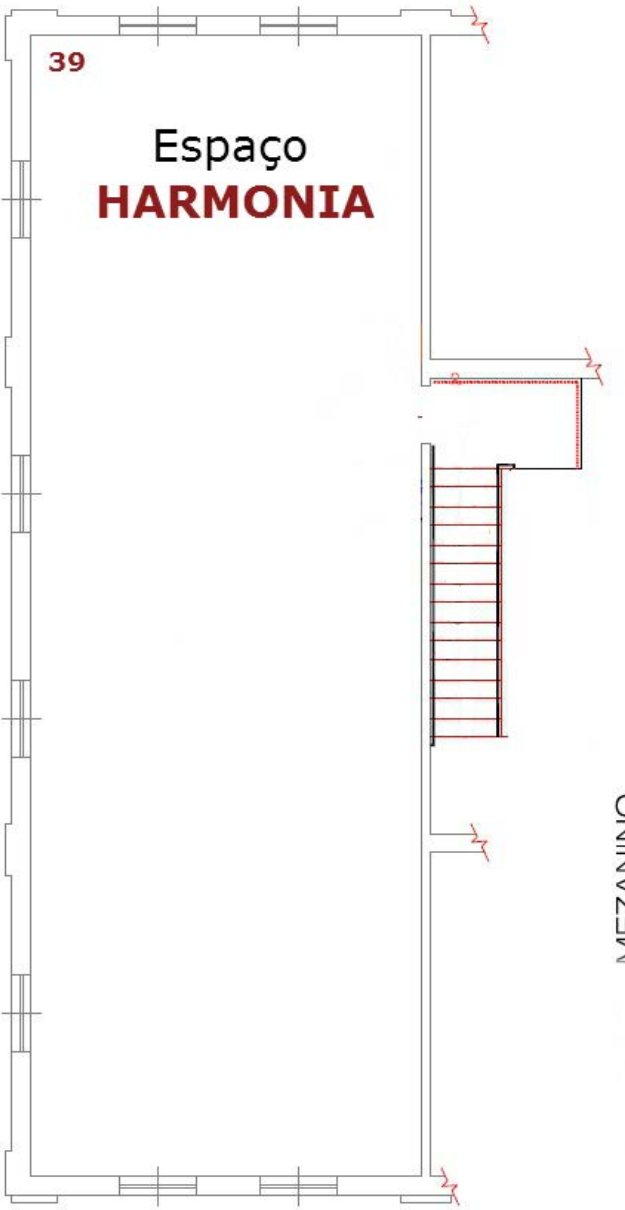
8

8 SUBSOLO



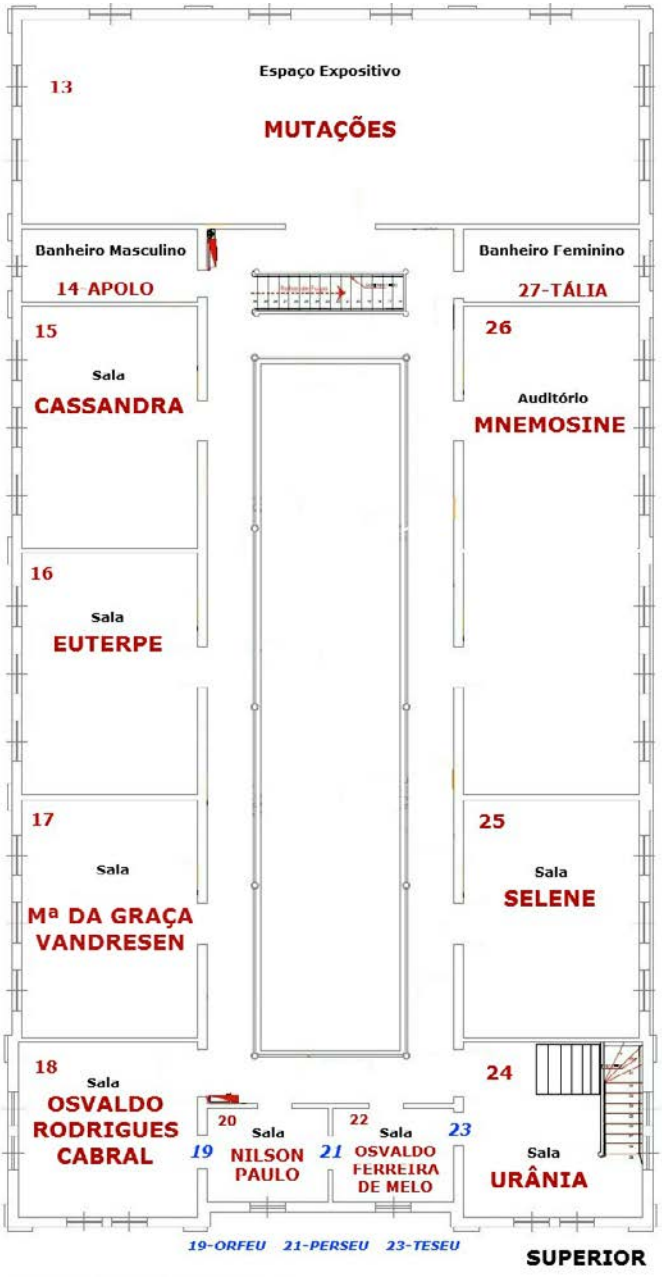
9

9 PISO TERREO



10

10 MEZANINO- No projeto de restauro, este espaço deixará de existir.



11

11 PISO SUPERIOR

Denominação dos espaços segundo a Planta

8.1. **Pavimento térreo**

espaço 1 | Cafeteria museu
área: 33,12m2
mobiliário/ equipamentos: já está equipada. Benfeitoria da Mostra Casa Nova, com projeto do escritório de arquitetura "Beatriz Kubelka", **aprovado** e executado sob a supervisão de Ipuf/ Sephan e FCC.
função: abrigar uma cafeteria do museu.

espaço 2 | Clio- Sala de Restauração e Reserva técnica
área: 37,93 m2
mobiliário/ equipamentos: mesas de trabalho, armários, computador.
função: usadas para restauração de obras e peças do museu e sala de reserva técnica.

espaço 3 | Vitor Lima – Biblioteca, pesquisa e leitura.
área: 37,93 m2
mobiliário/ equipamentos: mesas de consulta, cadeiras.
função: biblioteca especializada em acervos de educadores, como Elpídio Barbosa e Osvaldo Rodrigues Cabral. Os livros do museu precisam ser higienizados, catalogados.

espaço 4 | Sala Anibal Nunes Pires – Apoio de eventos ou segunda biblioteca
área: 37,93 m2
mobiliário/ equipamentos:
função: ainda não definida, podendo ser usada como mais um espaço da biblioteca, ou, como sala de exposições ou sala de apoio para eventos.

espaços 5 | Hera – Sanitário feminino
área: 16,18 m2
mobiliário/ equipamentos: sanitários e decoração com projeto mobiliário/ equipamentos. Já está equipado. Benfeitoria da Mostra Casa Nova, com projeto da arquiteta Maria Eduarda Bilbao _ Tratto Engenharia Ltda, aprovado e executado sob a supervisão de Ipuf/ Sephan e FCC.
função: atendimento aos visitantes do pavimento térreo

espaço 6 | espaço Aldo Nunes - Oficina I
área: 55,00 m2
mobiliário/ equipamentos: mesas, cadeiras, banquetas.
função: salas de oficinas diversas
espaço 7 | espaço Aldo Nunes - Oficina I I
área: 54,31 m2
mobiliário/ equipamentos: mesas, cadeiras, banquetas.
função: salas de oficinas diversas
espaços 8 | Crono – Sanitário Masculino
área: 16,18 m2
mobiliário/ equipamentos: sanitários e decoração com projeto mobiliário/ equipamentos. Já está equipado. Benfeitoria da Mostra Casa Nova, com projeto da arquiteta Maria Eduarda Bilbao _ Tratto Engenharia Ltda, aprovado e executado sob a supervisão de Ipuf/ Sephan e FCC.
função: atendimento aos visitantes do pavimento térreo
espaço 9 | Sala Victor Meirelles – Sala de reuniões
área: 37,80 m2
mobiliário/ equipamentos: mesa de reuniões, cadeiras, poltronas, mesa de centro, painel de Victor Meirelles (cópia). Benfeitoria da Mostra Casa Nova, com projeto do arquiteto Sidnei Machado, aprovado e executado sob a supervisão de Ipuf/ Sephan e FCC. Falta ainda finalizar aquisição de mobiliário.
função: sala de reuniões. Uso interno da instituição e uso externo.
espaço 10 | Sala Elpidio Barbosa – Apoio a eventos /segunda biblioteca/espaço expositivo.
área: 37,80 m2
mobiliário/ equipamentos:
função: ainda não definida, podendo ser usada como mais um espaço da biblioteca, ou, como sala de exposições sem interferências, cubo branco ou sala de apoio para eventos.
espaço 11 | Sala Atena – sala da administração do museu
área: 37,80 m2
mobiliário/ equipamentos: mesas, cadeiras, armários, computadores
função: abrigará a administração do museu. Uso interno da instituição.

espaço 12 | Lojinha do Museu
área: 32,03 m2
mobiliário/ equipamentos: já está equipada. Benfeitoria da Mostra Casa Nova, com projeto do escritório de arquitetura "Marchetti Bonetti", aprovado e executado sob a supervisão de Ipuf/ Sephan e FCC.
função: abrigar uma lojinha com livros e lembranças do museu.
espaço Central | Itaca – Hall
área: 184,97 m2
mobiliário/ equipamentos: Hall livre
função: espaço expositivo, auditório, grande área que pode ser utilizada para eventos de diversas naturezas. Recomenda plateia com cadeiras móveis, que podem ser rearranjadas para encontros, exposições e outros eventos.

8.2. espaço 39 | Mezanino - Harmonia : espaço expositivo 2
área: 109,31 m2
mobiliário/ equipamentos: sala expositiva
função: espaço expositivo 2 para exposições de menor duração e grande área que pode ser agregado aos bastidores de um palco. Com a divisão do palco e instalação de uma cortina, o espaço fica apto para apresentações teatrais e de música. Recomenda plateia com cadeiras móveis, que podem ser rearranjadas para encontros de capacitação e outros eventos.

8.3 Pavimento superior
espaço 13 | Mutações – Espaço Expositivo 1
área: 109,31 m2
mobiliário/ equipamentos: painéis, placas de gesso cartonado.
função: exposição de maior duração, ate um mês. Usadas como espaço para mostras de arte contemporânea que dialoguem com a estrutura do prédio e da sala de exposição.
espaço 14 |Apolo – Sanitário Masculino / Camarim
área: 16,18 m2
mobiliário/ equipamentos: sanitários e decoração com projeto
mobiliário/ equipamentos. Já está equipado. Benfeitoria da Mostra

Casa Nova, com projeto do decorador Alex Araújo, aprovado e executado sob a supervisão de Ipuf/ Sephan e FCC.
função: atendimento aos visitantes do pavimento superior.

espaço 15 | Cassandra - Apoio de eventos e mini–auditório.
área: 39,88 m2
mobiliário/ equipamentos: Poltronas Cimo. Mini auditório. Exposição dos painéis da Academia do Comércio. Piano.
função: Apoio para eventos, reuniões.

espaço 16 | Euterpe – Sala de aula
área: 39,88 m2
mobiliário/ equipamentos: Mesa de professor, cadeiras, poltronas para estudantes.
função: sala de aula para cursos de capacitação nas áreas de arte, administração museológica, educação e outros.

espaço 17 | Sala Maria da Graça Vandresen – Espaço expositivo (acervo)
área: 39,88 m2
mobiliário/ equipamentos: mobiliário/ equipamentos: bancos escolares, cartazes, quadro negro, relógio.
função: exposição de longa duração com uma ambientação de sala de aula típica dos anos 40, nos tempos de Getúlio Vargas.

espaço 18 | Sala Osvaldo Rodrigues Cabral – Espaço expositivo (acervo)
área: 34,55 m2
mobiliário/ equipamentos: Exposição de painéis da história de escolas de Santa Catarina. Painéis da Escola do Comércio.
função: exposição de longa duração com objetos de acervo do museu.

espaço 20 | Sala Nilson Paulo – Espaço expositivo (acervo)
área: 12,94 m2
mobiliário/ equipamentos: montagem do cenário das tradicionais fotografias escolares com o mapa a bandeira do Estado, um globo e livros. Carteira de estudante. Utensílios.
função: exposição de longa duração com objetos de acervo do museu.

espaço 22 | Sala Osvaldo Ferreira de Melo – sala da Coordenação administrativa
área: 12,94 m2
mobiliário/ equipamentos: Mesa, cadeiras, armário, computador.
função: sala da coordenação do Museu. Uso interno da instituição
espaço 24 | Sala Urania – sala de estar do café.
área: 35,68 m2
mobiliário/ equipamentos: Mesas, cadeiras, sofás, poltronas.
função: sala de estar do café do Museu, para usos diversos. Ligada ao andar de baixo destinado a cafeteria por escadaria de madeira.
espaço 25 | Sala Selene – Espaço expositivo (acervo)
área: 40,00 m2
mobiliário/ equipamentos: Mobiliário de escolas de Santa Catarina, carteiras e bancos escolares, expositores com objetos da escola. Móveis que pertenceram a Antonieta de Barros, a coleção de brinquedos do ex-diretor do Instituto Estadual de Educação e restaurador Aldo Nunes.
função: exposição de longa duração com objetos de acervo do museu.
espaço 26 | Mnemosine Auditório e sala de projeções
área: 81,87 m2
mobiliário/ equipamentos: Auditório com capacidade para 70 poltronas , mesa e cadeiras para palestrantes.
função: auditório maior com sala de projeção, também usado para exibição de filmes e vídeos. A sala pode ser usada para eventos de cinema e conferências de outras áreas.
espaço 27 |Tália – Sanitário feminino / Camarim
área: 16,18 m2
mobiliário/ equipamentos: sanitários e decoração com projeto mobiliário/ equipamentos. Já está equipado. Benfeitoria da Mostra Casa Nova, com projeto da decoradora Adriana Tezzi, aprovado e executado sob a supervisão de Ipuf/ Sephan e FCC.
função: atendimento aos visitantes do pavimento superior.

8.4 Subsolo- Originalmente usado como calabouços. Adequação desse espaço para visitação, semelhante subsolos como Museu do Louvre,

em Paris, ou do Mercado Modelo de Salvador.

espaço 28 | Deméter – Cozinha

área: 13,95 m2 (2,25 x 6,2)

mobiliário/ equipamentos: geladeira, forno, micro-ondas, mesa e cadeiras.

função: usadas como pequena cozinha para os funcionários.

espaço 29 | Perséfone – Despensa

área: 2,11 m2 (0,86 x 2,45)

mobiliário/ equipamentos: prateleiras

função: usada como pequena despensa da cozinha para os funcionários.

espaço 30 | Pandora- Almoxarifado

área: 29,00 m2 (6,25 x 4,64)

mobiliário/ equipamentos: estantes, armários.

função: usada como almoxarifado da Instituição e local possível para reserva técnica.

espaço 31 | Minerva – sala da engenharia

área: 27,99 m2 (4,65 x 6,02)

mobiliário/ equipamentos: -

função: local de objetos para manutenção do museu, escadas, local de trabalho para serrar equipamentos, deixar objetos para descarte, depósito de objetos temporários.

espaço 33 | Poseidon – caixas d água – material de limpeza

área: sem medidas - m2

mobiliário/ equipamentos: caixas d' água. Preventivo de incêndio. Varal, vassouras, baldes, tanque.

função: usada como local para armazenamento de objetos para limpeza do prédio, pelos funcionários.

espaço 34 | Lete – Depósito de material de construção, obras. Madeiras para restauro.

área: 30,95 m2 (4,92 x 6,29)

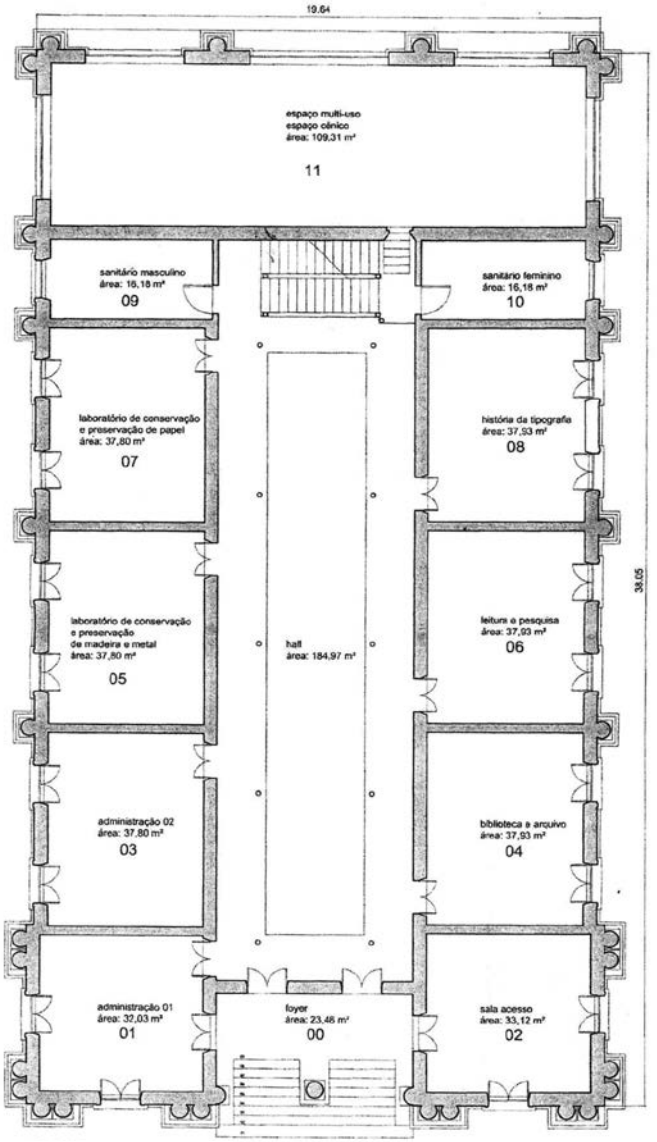
mobiliário/ equipamentos: prateleiras

função: usada como depósito de material de construção, obras. Madeiras para restauro.

espaço 35 | Cócito – Despensa do depósito – pode ficar como espaço de reserva técnica de mobiliário do museu.

área: 9,65 m2 (4,95 x 1,95).
mobiliário/ equipamentos: área livre
função: usada como despensa do depósito . Reserva técnica de mobiliário do museu.

Plantas existentes para visualização da metragem por sala:

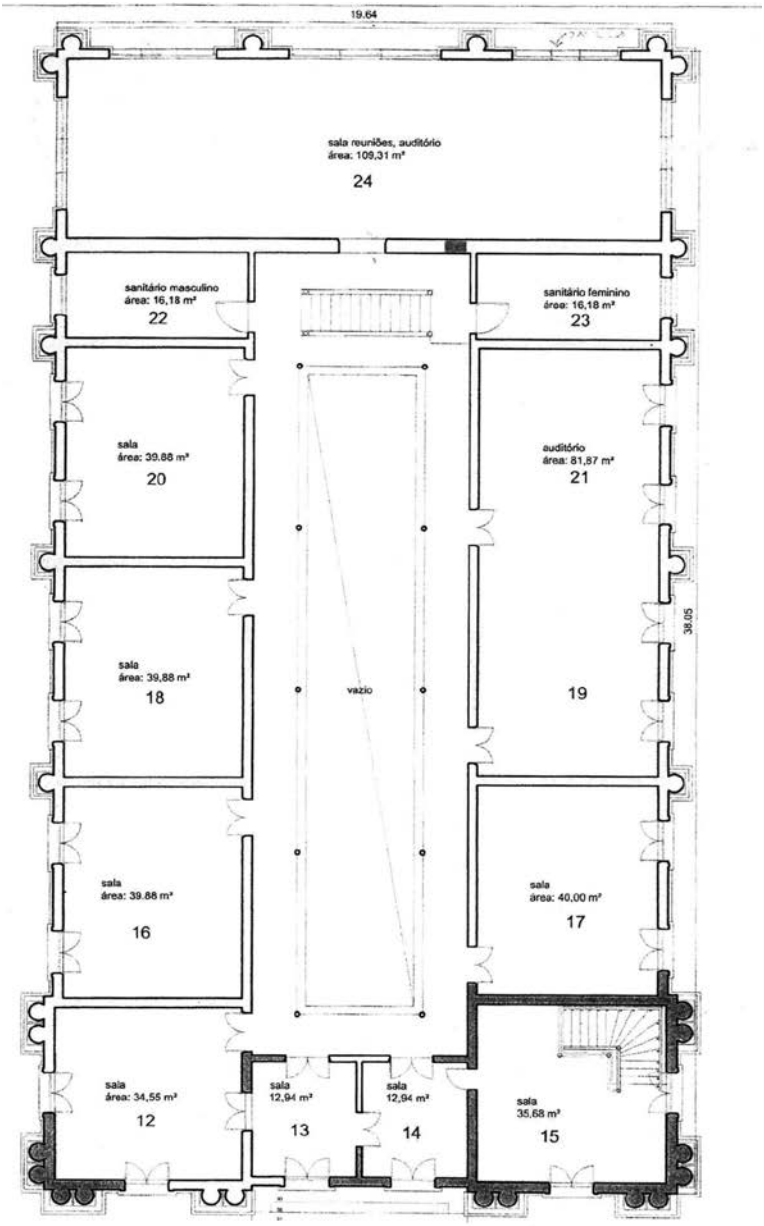


Planta pavimento Térreo

Museu da Escola Catarinense
UDESC

12

12 Desenho de planta conforme projeto museológico anterior, com as medidas das salas.



Planta pavimento superior

9. Programa de segurança

Trata de todos os aspectos relacionados à segurança do museu, da edificação, do acervo e dos públicos interno e externo, incluindo além de sistemas, equipamentos e instalações, a definição de rotinas de segurança e estratégias de emergência.

O programa de segurança se relaciona diretamente com o projeto do museu e seu projeto arquitetônico. Neste são previstos aspectos tais como acessibilidade, área de escape, zoneamento de atividades, instalações etc.

A segurança no museu também envolve seu acervo. De uma maneira geral é garantida a partir de uma conservação preventiva e documentação do acervo, com esta questão, a segurança estará ligada diretamente ao programa de acervos.

Sistemas a serem adotados no museu

- Sistema de detecção de incêndio – atendendo as normas do corpo de bombeiros
- Circuito fechado de tv – armazenando imagens por pelo menos 30 dias
- Sistema de controle da edificação – supervisiona o funcionamento de todos os equipamentos no edifício
- Controle de acesso - portaria.

10. Programa de difusão e divulgação

Trata da divulgação e popularização dos projetos e atividades da instituição, além da disseminação, difusão e consolidação da imagem institucional nos âmbitos local, regional, nacional e internacional; podendo ser dividido em diferentes subprogramas, tais como: editorial, de intercâmbio institucional, de comunicação social, de comunicação visual e outros.

Estabelece canal de comunicação com o público e está ligado diretamente aos programas de Educação do museu. Deve ser focado no público a partir da definição dos diferentes públicos do museu. Este perfil é levantado através de pesquisas e avaliações junto aos visitantes.

Este programa requer constante estudo de avaliação das exposições permanente e temporárias. Um programa educativo dinâmico divulga o museu por permitir maior interação do público e com isso a divulgação pessoal através do visitante.

Elaboração de site, folhetos, guias e catálogos.
Neste item, o Museu já conta com logomarca com estudo de suas aplicações, conforme segue. A logomarca foi uma das benfeitorias da Mostra Casa Nova, que ficou como legado. O projeto foi desenvolvido por iniciativa do escritório de arquitetura de Marchetti-Bonetti, que ao fazer o projeto do espaço da lojinha do museu, contou com o projeto gráfico desenvolvido por NUOVO DESIGN, escritório de Rodrigo Mendonça (www.nuovo.com.br), que constituem a papelaria Museu / MESC / Marca.

1. MARCA

2. Cartão de visitas- Frente

3. Cartão de visitas – verso

4. Envelope ofício

5. Papel ofício

1. Eixos estratégicos (as datas referem-se ao inicio dos trabalhos).

1.1. **Gestão**

Projeto 1: Definir o processo de gestão
meta 1 – 2016
realizar um plano de otimização do fluxo administrativo
meta 2 – 2016
implantar o plano de fluxo administrativo
Projeto 2: Associação dos Amigos do Museu
meta 1 – 2015
revisar a proposta inicial
meta 2 - 2015
criar a AAMESC
Projeto 3: Conselho Consultivo
meta 1 – 2015 e 2016
selecionar pessoas destacadas da área
meta 2 - 2015 e 2016
implantar o Conselho Consultivo

1.2. **Espaço físico e instalações – por etapas, iniciando com a recuperação dos forros de madeira, em 2015.**
Projeto 1: preservação do patrimônio arquitetônico do museu
meta 1 – 2015
concluir e aprovar o projeto de restauração
meta 2 - inicio em 2015 e com prazo de 5 (cinco) anos, até 2020.
implementar a execução da restauração
Projeto 2: definição de uso dos espaços
meta 1 – 2015
elaboração de projeto de adequação espacial para o novo uso
meta 2 – 2015
implantação do projeto de adequação espacial

1.3. **Gestão de pessoas**
Projeto 1: contratação de quadro funcional
meta1 - 2016
contratação de profissionais para dar start nos trabalhos -
meta 2 - 2016
Elaboração de mecanismos para contratação para o quadro fixo

Projeto 2: elaboração de propostas para as diversas áreas – 2015 a 2020
meta1 - 2016
elaboração de propostas para setor de museologia - 2016
meta 2 - 2015
elaboração de propostas para o setor de documentação - 2015
meta 3 - 2015
elaboração de propostas para o setor de conservação – 2015
meta 4 – 2016
elaboração de propostas para o setor educativo – 2016

1.4. **Acervo – 2016**
Projeto 1: preservação do acervo do museu
meta 1 - 2015
elaborar projeto de conservação do acervo - 2015
meta 2 - 2016
implementar a execução do projeto de conservação do acervo - 2016
Projeto 2: documentação do acervo
meta 1 -2015
elaborar projeto de documentação do acervo - 2015
meta 2 – 2016
implementar a execução do projeto de documentação do acervo - 2016
Projeto 3: acondicionamento
meta 1 - 2015
elaboração de projeto de acondicionamento e armazenamento do acervo – 2015
meta 2 - 2016
implementar a execução do projeto de acondicionamento e armazenamento do acervo – 2016.

1.5. **Exposições**
Projeto 1: exposições externas
meta 1 – 2015 e 2016
organizar espaço para exposições temporárias – 2015 e 2016
meta 2 - 2015
criar calendário para divulgação – 2015

1.6. **Educativo e Cultural**

Projeto 1: criação de programas educacionais

meta 1 - 2016

elaboração de programa de visitação de escolas - 2016

meta 2 - 2016

elaboração de material a ser trabalhado durante as visitas – 2016

meta 3 - 2016

criação e treinamento de equipe para atender as visitas – 2016

1.7. **Pesquisa**

Projeto 1: desenvolvimento de pesquisa

meta 1 - 2017

criar programa de cooperação institucional - 2017

meta 2 - 2016

implementar pesquisas na área vinculadas aos diversos cursos da UDESC – 2016

1.8. **Arquitetônico**

Projeto 1: elaboração de proposta para o museu

meta 1 - 2015

elaboração de quadro de necessidades – 2015

meta 2 - 2015

dimensionamento dos espaços – 2015

meta 3 - 2015

estudo das circulações – 2015

meta 4 - 2015

formular material com o escopo do projeto – 2015

1.9. **Segurança**

Projeto 1: implantação de projeto de segurança

meta 1 - 2016

identificação dos perigos, avaliação dos riscos de maneira ampla – edifício, acervo, pessoal do museu e visitantes – 2016

meta 2 - 2016

elaborar documento com registros das informações – 2016

meta 3 - 2016

elaboração de plano de ação para proteção do museu - 2016
meta 4 - 2016
implantar o projeto de segurança - 2016

1.10. **Comunicação e difusão**
Projeto 1: criar estrutura de atendimento ao público
meta 1 - 2016
Criação de recepção eficiente – 2016
meta 2 - 2016
implantação de monitoria para atender ao público - 2016
Projeto 2: criar ações de comunicação
meta 1 – 2015
elaboração de site – 2015
meta 2 – 2017
elaboração de projeto para criação de publicação para os trabalhos desenvolvidos a partir do acervo – 2017

Considerações finais

O plano Museológico de MESC período 2014/2019 dá continuidade às propostas do plano anterior e permite uma melhor elaboração de suas metas e implantação das ações necessárias para seu bom funcionamento e consolidação da instituição na preservação do acervo e sua divulgação. Além disso, tenta dimensionar suas atividades para poder dar continuidade às suas ações em uma instituição que ainda não conta em seu plano de cargos e salários, com museólogo, restaurador, entre outros. A meta deste plano é viabilizar a manutenção e correta guarda de seu acervo, permitir o uso do espaço enquanto aguarda a restauração do prédio, bem como recuperar o mobiliário que constituirá o acervo expositivo. Pretende ainda, equipar o Museu, com mobiliário, equipamentos, equipe de pessoal e garantir a elaboração de projetos complementares ao projeto de restauro, como os projetos: elétrico; de comunicação e iluminação cênica; ar condicionado e hidro sanitário. Pretende ainda colocar em pleno funcionamento a lojinha do Museu e consagrar o espaço do Café do Museu. Como o Museu da Escola Catarinense encontra-se em fase de adequação física e revisão de sua missão, sugerimos revisão ao longo de sua estruturação.

A aventura de inventariar:
uma experiência no Museu da Escola Catarinense*

Vera Lucia Gaspar da Silva**
Marília Gabriela Petry***

Artigo publicado originalmente em: Revista Brasileira de História da Educação (RBHE). Campinas-sP, v. 11, n. 1 (25), p. 19-41, jan./abr. 2011. Disponível em < http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38505/20036>. Acesso em 04 dez.2018

Resumo: o trabalho que se apresenta é resultado de uma experiência de inventário de parte do acervo do Museu da Escola catarinense. Iniciamos o texto com uma reflexão a respeito do trabalho de inventário, compartilhamos alguns desejos, limites e dúvidas e discorremos brevemente sobre informação museológica. Na sequência, tratamos da trajetória do museu até o momento de realização do inventário do acervo e criação do banco de dados para abrigar informações, e socializamos os caminhos percorridos nessa "aventura". A principal motivação deste registro foi a escassez de material subsidiário com que nos deparamos no momento de realizar a tarefa e o desejo de socializar a experiência, mesmo reconhecendo seus limites.

Palavras-chave: *inventário; objetos da escola; cultura material da escola; banco de dados; Museu da Escola Catarinense.*

*. Versão atualizada do trabalho "A aventura de inventariar: contar, classificar, descobrir", apresentado na "Mesa coordenada: Preservação da Herança Educativa: Entre o Arquivo, a Biblioteca e o Museu", coordenada por Margarida Louro Felgueiras – Eixo Temático: 8. Historiografia, métodos, fontes e museologia, durante o VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Cultura Escolar, Migrações e cidadania, realizado na cidade do Porto (Portugal), em julho de 2008.

**. Doutora em educação: história da educação e historiografia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Professora associada da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (FAED/UDESC). Sócia fundadora da sociedade Brasileira de História da Educação.

***. Pedagoga formada pela FAUD/UDESC. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da UDESC, linha de pesquisa História e Historiografia da Educação. Desenvolve pesquisas sobre museus escolares e cultura material escolar.

An aventure taking inventory:
an experience at the Santa Catarina School Museum

Vera Lucia Gaspar da Silva
Marília Gabriela Petry

Abstract: this study is the result of an experiment with an inventory of part of the archives of the Santa Catarina School Museum. We begin with a reflection about the work of taking inventory, share some desires, limits and doubts, and briefly discuss museological information. We then offer a trajectory of the museum until the moment of realization of the inventory of its archives and the creation of a data base to store information and present the routes taken in this "adventure". The principal motivation of this registration was the scarce support material found upon conducting the task and the desire to share the experience, while recognizing its limitations.

Keywords: *inventory; objectives of the school; material culture of the school; Santa Catarina School Museum.*

1. A aventura de inventariar: algumas bases da reflexão

"A aventura de inventariar" expressa parte do sentimento com o qual nos defrontamos no processo de inventariar o acervo do Museu da Escola Catarinense; aquele prazer quase físico diante das descobertas de que fala Mário de Andrade (apud Frota, 1981), intermediado por um conjunto de questionamentos que levam a mobilizar esforços no desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar. É no cruzamento de olhares construídos em diferentes áreas que se estabelece a possibilidade de apreensão da complexidade necessária à descoberta do objeto no sentido de desvendar e descrever aspectos estéticos, materiais e formas que lhes dão concretude, técnicas construtivas e estado de conservação, elementos fundamentais na prática de inventariar. Como incorporar num registro sistematizado materiais pedagógicos, documentos e registros iconográficos, expressões do fazer ordinário da escola, sem esterilizá-los, sem transformá-los em objeto qualquer que sofre os efeitos do registro burocrático, da pura contagem e classificação? Como fazer esse trabalho sem aprisionar os objetos, dando espaço para que se avive a riqueza de práticas inscritas nessa materialidade? Nossa inquietação não é original nem solitária; ela permeia um dos grandes desafios dos trabalhos da área: o de preservar o objeto e a possibilidade de informação nele contida e que o qualifica como documento histórico. Aqui a preservação é compreendida não como um fim, mas como um meio de se instaurarem processos de comunicação, já que "[…] é pela comunicação homem/bem cultural preservado que a condição de documento emerge […]" (Chagas apud Cândido, 2006, p. 34).

Acompanhando reflexão proposta por Ana Lúcia Siaines de Castro (1999), compreendemos a informação museológica partindo do princípio do objeto como agente de informação e construtor de significados, e do espaço museológico como narrador deste. A análise informacional limita-se, muitas vezes, às características visíveis do acervo, tais como técnica, dimensão, além de dados referentes a aquisição, autoria, entre outros, o que, para Castro (1999), reforça o imaginário do senso comum de museu como um local de velharia. Isso implica considerar que o objeto fala por si só e o seu valor museal contém todo seu significado, deixando-se de pensar no acervo como documento cultural, o que lhe garante inserção sociocultural. Soma-se aqui a distância evidenciada entre os profissionais que trabalham

em museus e os estudos das propriedades de informação. Dessa maneira, é necessário que se identifiquem informações intrínsecas e extrínsecas ao objeto, e não se registre a informação apenas como aspecto de preservação, o que acaba por reduzir a contribuição do bem. É preciso haver sentido simbólico e material na informação para que esta seja apropriada significativamente e possa agir como "mediadora na produção de conhecimento" (Barreto apud Castro, 1999, p. 26). O desafio que está posto se centra na tentativa de transformar a informação científica em conhecimento, sendo que esta se constitui como ponto de partida. É preciso provocar a comunicação, como dispositivo de ativação da informação, pois o depósito de informação, por mais bem estruturado e organizado que esteja, não deixa de ser estático e incapaz, isoladamente, de produzir conhecimento. Isso ajuda a dimensionar acerca da importância da transferência dessa informação, entre "estoque de informação" (expressão cunhada por Barreto) e receptor. Como observa Gómez (apud Castro, 1999), a informação passa a assumir novo papel no mundo contemporâneo, auxiliando na diminuição das diferenças e dos conflitos, haja vista que sua redistribuição funciona como vetor de transformação. Gómez ainda ressalta a necessidade de se perceber o conhecimento como ato de pensamento, definindo o seu processo na efetivação de "formações objetivas" – criadas simbolicamente – e "formações subjetivas", do próprio ato de pensar.

A informação envolve elementos de natureza semântica e estética, nos quais estão presentes informações cunhadas pelos sentidos histórico-sociais atribuídos ao objeto. Ela difere de acordo com cada pessoa e com o sentido que o objeto adquire para posterior absorção em conjunto com os conhecimentos pessoais. Aqui percebemos a importância de educar para sensibilizar: a comunicação entre fonte e receptor envolve um conjunto de elementos que vão além da informação "bruta" e exige ferramentas que podem e devem ser disponibilizadas em ações educativas, seja dentro dos museus, arquivos ou afins, seja pela escola; ações que visem sensibilizar para sensibilizar-se. Nesse trabalho ganham importância singular os processos de estruturação e democratização da informação. Deparamo-nos, em relação ao museu, com um espaço entrecruzado, onde, ao mesmo tempo em que se evidenciam políticas de aprimoramento dos dispositivos de informação, não se consegue englobar todas as pessoas, o que reafirma o desafio de democratização da informação e do acesso. Essa realidade é

expressão do lugar que os espaços de memória ocupam dentro do cenário social, em sua formação cultural e em seu cotidiano. Ela também deve ser considerada quando se concebem, instalam ou desenvolvem trabalhos ligados à área museológica. O trabalho de inventário coloca-se nessa esteira. A forma de "descobrir" o objeto, descrevê-lo, registrá-lo, dá contornos à informação que será socializada. Contudo, mesmo que se trabalhe com o conjunto de parâmetros já legitimados pela área, é forçoso recorrer que a subjetividade sempre estará presente. Mesmo quando as definições gerais são tomadas em equipe, há decisões (conscientes ou inconscientes) do inventariante que acabam por interferir na construção da informação que será disponibilizada.

Estes apontamentos iniciais informam acerca do terreno no qual nos movemos.

2. Contar: o museu, o acervo e as atividades

O Museu da Escola Catarinense[1] encontra-se em fase de instalação em sua sede própria, definida desde 1998, mas só ocupada em 2007. Este momento (ano de 2008) coincide com um conjunto de ações paralelas, como a elaboração do projeto de implantação do museu em bases adequadas e registro e inventário de seu acervo. É esta última que serve de base para as reflexões aqui tecidas.

Entre as estratégias desenvolvidas no intuito de favorecer a comunicação entre o acervo e o público, está o desenvolvimento de um banco de dados, que abriga o registro e inventário de todo o acervo e deverá servir como canal de comunicação com o público in loco, ou pelo acesso ao site (www.musedaescola.udesc.br).

Além de móveis em madeira e objetos, o acervo contempla uma co-

1 A edificação que, a partir do mês de agosto de 2007, passou a abrigar o Museu da Escola Catarinense foi construída especialmente para abrigar a Escola normal Catharinense, criada nos últimos anos do século XIX sem sede própria. Inaugurada no início dos anos de 1920, a edificação compôs o projeto urbanístico modernizador concebido pelo Estado, que incluiu a construção da Ponte Hercílio Luz (primeira ligação da ilha com o continente), a remodelação do Palácio do Governo (hoje Museu Cruz e Souza) e a construção da ala sul do Mercado Público. Em 1963, passou a abrigar a Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, transferida para nova sede em julho de 2007, embalada pela ampliação de matrículas e serviços do hoje Centro de Ciências Humanas e da Educação. A entrega simbólica das chaves do prédio foi realizada no dia 4 de julho de 2007, momento em que se realizou também a cerimônia de lançamento oficial do *site* do museu.

leção de brinquedos, documentos, livros, fotografias e registros de história oral, são "objetos antigos", os quais, ao contrário dos modernos, que têm uma funcionalidade[2], respondem ao propósito do testemunho, lembrança, nostalgia e evasão (cf. Baudrillard, 2006). Embora esses também façam parte da modernidade, a funcionalidade torna-se *historicidade*, exercendo função de signo, presente para significar, e não mais para sua utilidade prática. O objeto significa o tempo.

Enquanto as concepções acerca da museologia vão modificando-se, os museus precisam trabalhar e conciliar transições, (re)pensar seu papel, objetivos e ações concretas. Embora o Museu da Escola Catarinense já exista no interior da UDESC há quase 15 anos, por meio de projetos de pesquisa e extensão que até aqui representaram seu principal núcleo, a ocupação da sede definitiva e a reunião do acervo são recentes (julho de 2007). A ocupação do prédio e a reunião do acervo revestem-se de significados, reforçados pelo fato de o próprio prédio constituir-se em peça do acervo. A necessidade de definição das atividades pós-abertura – como tipo de acervo que ele pode e deve receber, sua disposição dentro do espaço físico e, acima de tudo, a estruturação desse espaço – articula-se ao trabalho de mapeamento e registro do acervo existente, bem como de definições acerca das incorporações posteriores.

> Ao mesmo tempo em que tem acrescida à sua dimensão funcional a instância de documento, em dimensão histórica, o objeto torna-se passível de ser recoberto pela camada museal […] passa a ser expressão museológica, exemplar de sustentação da verdade conferida pelo museu no processo de seleção que o distingue dos demais que não alcançaram tal categoria […] isto posto, seria ingenuidade admitir que o museu, instituição legitimadora de valores, aceitasse qualquer objeto para fazer parte de seu acervo […] (Castro, 1999, p. 22).

A afinidade com essa premissa impõe a necessidade de se estabelecer uma política de constituição e conservação do acervo. Entretanto, convivemos com o possível desaparecimento de muitos objetos potencial-

2 "[…] aquilo que se adapta a uma ordem ou a um sistema: a funcionalidade é a faculdade de se integrar em um conjunto […]" (Baudrillard, 2006, p. 70).

mente "musealizáveis". Dessa forma, diante de ofertas de peças "estranhas à temática", considera-se pertinente analisar a capacidade de quem as oferece de preservar o patrimônio, ou se a incorporação ao acervo do museu se constitui em alternativa de preservação do bem. No caso de artigos de natureza muito diversa daquela de que a instituição se ocupa, cabe a tarefa de indicar destinos mais apropriados, tentando contribuir com a preservação do patrimônio histórico e o fortalecimento de espaços de guarda de memória. Essa relação pode ser favorecida com a inserção da instituição museológica nos sistemas que congregam os museus e que se configuram como redes de comunicação e cooperação[3].

Espelhando uma realidade de grande parte de instituições brasileiras dessa natureza, até 2006 o Museu da Escola Catarinense não dispunha de um registro sistemático do acervo, capaz de revelar a quantidade de peças, seu estado de conservação e necessidades de intervenção, origem, data de fabricação, enfim, um conjunto de informações capaz de caracterizar cada peça. Como aspecto agravante desse quadro, até julho de 2007 as peças se encontravam depositadas em diferentes lugares dentro da UDESC e em depósito locado. Tendo em vista a necessidade do registro do acervo – que em sua maioria se encontra sob guarda do museu desde a sua criação, há 15 anos, sem que houvesse sido registrado totalmente[4] –, era fundamental estabelecer uma ficha de catalogação que contemplasse pontos necessários à sua caracterização. Sendo assim, passou-se por uma etapa de pesquisa em *sites* e catálogos para determinar o melhor tipo de registro. Optou-se, com base em um longo processo de pesquisa e discussões entre os membros da equipe, por construir um banco de dados próprio, que pudesse ser acessado por meio do próprio site do museu[5]. Enquanto o *site* tem a função de informar sobre o museu, seus projetos, sua história, exposições, entre outros, o banco de dados é o instrumento para fazer o link com o acervo material no formato digital. O seu papel não é o de substituir o acervo físico, mas de ampliar possibilidades. O processo de digitalização permite divulgar imagens de todo o acervo, além das informações textuais.

Na realidade, o banco de dados nada mais é do que um programa

3 No cenário brasileiro, conta-se hoje com o Sistema Nacional de Museu e os Sistemas Estaduais.

4 O registro inicial foi organizado com forte apoio na memória de sua idealizadora, tendo como produto pistas muitas vezes difusas para quem dele se ocupa atualmente.

5 Desenvolvido a partir do projeto de pesquisa "Comunicação e Memória: o tempo sensível da função e do conteúdo", coordenado pela professora Ademilde Silveira Sartori.

de gerenciamento de informações, mas que podem ser exploradas de diferentes formas através dos filtros estabelecidos para a pesquisa e do quão visível o tornarmos dentro do *site*. Além do mais, possibilita uma interação com dados de natureza diversa, tais como fotos, textos, áudio e vídeo.

Assim, o registro de todo o acervo permite visualizar esse universo, mapear coleções, localizar informações técnicas acerca de cada peça, estabelecer políticas de conservação, restauro e aquisição.

3. Classificar: o trabalho de inventário

No intuito de sintonizar o máximo possível o processo de institucionalização do Museu da Escola Catarinense com a política nacional de museus, adotou-se como base metodológica para elaboração do Banco de Dados as convenções estabelecidas no Caderno de Diretrizes Museológicas do IPHAN. Tal metodologia consiste em inventariar e catalogar o acervo, além de registrar os dados históricos de cada objeto, processos que se entrecruzam, já que a continuidade de um depende de informações do outro. Segundo os parâmetros adotados pela equipe envolvida nessa tarefa[6], o inventário refere-se à quantidade de objetos presentes no acervo, à sua numeração, à fotografia e à descrição minuciosa da peça, acrescida de seu histórico. A despeito das discussões da área no tocante à delimitação de territórios entre inventário, cadastro e catalogação, fez-se aqui uma opção por conceber esta como uma prática de inventariar, agregando o maior número possível de informações acerca de cada objeto. A partir da adoção da "política" acima anunciada, passou-se para a etapa de construção efetiva do sistema materializada no Banco de dados[7]. Fez-se a opção por inserir informações, registrar e operar correções de ordem prática mesmo antes de ter o formato final definido, no intuito de buscar melhorias ao mesmo tempo em que o trabalho se ia efetivando.

Esta estratégia foi adotada por considerarmos que muitos dos limites só seriam percebidos durante a manipulação da ferramenta.

6 Esta equipe manteve reuniões sistemáticas e foi composta pelas autoras deste trabalho, além de Gisela Eggert-Steindel (docente da FAED-UDESC, com formação em biblioteconomia), Susana Aparecida Cardoso (especialista em restauro) e Bernadete Roschini (bibliotecária especialista em inventários).

7 Concebido em linguagem "php", tem como criador técnico Moisés da Silva de Oliveira e colaboração na fase inicial de Greyce Lemos, acadêmica do curso de pedagogia da UDESC.

A forma como o banco de dados foi concebido e apresenta-se hoje representa um avanço se comparada à realidade de grande parte dos museus brasileiros, pois existe uma grande dificuldade em se coordenar conjuntamente essas ações. Além disso, poucas são as ferramentas disponíveis[8]. Na versão atual (que pode ser visualizada a seguir), o Banco de dados do Museu da Escola Catarinense caracteriza-se como ferramenta cuja finalidade é agrupar e organizar informações. Essa versão foi concebida somente para a primeira etapa; quando todas as informações disponíveis forem inseridas, o atual layout deverá ser alterado para facilitar e estimular as visitas e pesquisas. Contudo, entende-se que não há necessidade de se disponibilizarem todas as informações ao público; algumas delas, de ordem técnica, são úteis apenas para o gerenciamento do acervo, devendo permanecer com acesso restrito.

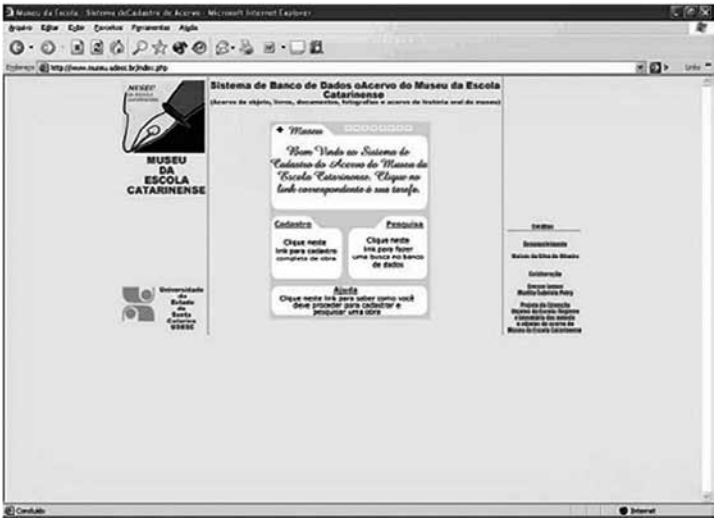


Figura 1: Página inicial do banco de dados

Seguindo o manual do IPHAN, já referido, foram mantidos os 37 campos do cadastro e espaço para inserção de foto digitalizada, evidencian-

8 Importante ação está efetivando-se através de trabalho de cooperação Brasil-Portugal, com o desenvolvimento da Base de dados docMusABR – que funciona com linguagem Access. trata-se da Base de dados Museológica – versão Beta – desenvolvida no quadro do protocolo existente entre o Ministério da Cultura do Brasil e o centro de Estudos de sociomuseologia da universidade Lusófona. Essa base de dados contém ficha de inventário com diversos campos e funções de Relatório Geral e outros Relatório e consultas (Relatório de Empréstimos, Relatório de Restauro, Lista de Empréstimos Ativos e Lista de Peças em Restauro).

do as especificidades de cada peça, e mostrando-a de diferentes ângulos. Um dos desafios da realização desta tarefa consiste na autoria necessária ao preenchimento dos campos, traduzida na responsabilidade de estabelecer categorias de acordo com o acervo, criar um número de inventário a partir da quantidade de objetos disponíveis, assim como classificar, descrever, fotografar e avaliar as condições de conservação. Aqui, considerando a natureza do acervo do qual nos ocupamos, conhecimentos das áreas de história da educação, museologia e arquivística foram mobilizados, além de se recorrer à interlocução com outras equipes.

No caso específico do formato da "ficha de catalogação" adotada, existe, como já indicado, um limite no preenchimento pela precariedade e escassez de informações sobre cada peça. Isso implica o registro do "possível", apostando na possibilidade de completar os campos a partir de informações levantadas em projetos de pesquisa[9]. Mesmo assim, optou-se pelo registro de todos os objetos no intuito de tornar mais precisa a construção de séries que compõem a numeração de inventário, bem como facilitar o controle e visualizar o universo material que em abril de 2008 correspondia ao seguinte. Brinquedos: 2 pombinhas em madeira, 1 carinho carrossel, 1 galinha na roda, 4 bilboquês, 1 diabôlo, 1 bolinha cativa, 2 reco-reco, 1 oricongo, 1 violão, 2 chocalhos, 2 trapézios, 1 carrinho de carretel, 1 piorra, 6 piões, 2 locomotivas, 1 caminhão, 1 rato no lenço, 7 apitos, 2 ioiôs, 1 bolinha bate-bate, 1 gaita de boca, 4 corrupios, 1 hélice, 1 carretel com barbante, 1 bolinha-chocalho, 1 caleidoscópio, 1 boneca de pano, 1 raquete, 2 bolas de meia, 3 petecas, 2 cata-ventos, 2 balões em papel, 1 jogo para fazer bola de sabão, 1 matraca, 1 máquina fotográfica, 1 telefone sem fio, 3 aviões, 2 compressores, 1 carrinho de lata, 1 pé de lata, 1 volante, 1 chapa, 1 corneta, 1 pirâmide, 1 carretel vermelho, 1 iaiá, 1 cavalinho em madeira, 1 xanxeta (jogo de moedas), 1 "boca" para jogar bola de gude, 1 jogo de seis marias brancas, 1 jogo de seis marias com saquinho, 1 jogo de bola de gude, diversos rolinhos de papelão, tampinhas de metal, bastões em madeira, quadrados em madeira, caixas de fósforo, botões, bolinhas de barro. Mobília e demais objetos da escola: 3 cadeiras, 1 púlpito, 3 porta-bandeiras, 4 escrivaninhas sem pintura, 2 carteiras com baú, 3 cadeiras com ripas, 3 cadeiras com abertura no encosto, 3 cadeiras com braço, 4 mesas, 6 escrivaninhas para uma pessoa,

9 Um exemplo é o projeto de pesquisa "objetos da escola: cultura material da escola graduada (1870-1950)", concebido como desdobramento da atividade aqui relatada e em desenvolvimento desde 2008 na FAED/UDESC.

1 armário com portas de vidro, 1 cadeira que pertenceu a Antonieta de Barros, 1 mesa que pertenceu a Antonieta de Barros, 2 Arquivos em madeira, 1 piano, 13 quadros de formatura, 48 carteiras duplas, 71 lápis, 2 pedestais para medir alunos, 4 placas, 3 máquinas de escrever, 10 quadros, diversas pinturas, desenhos, fotografias, 1 projetor de *slides*, 1 mimeógrafo, 3 carimbos, 1 grampeador, 1 relógio cuco, 1 globo terrestre, 4 canetas com ponta de metal, 12 cadernos em branco, 1 mata-borrão, 2 réplicas de lousa, 1 lousa original, 1 normógrafo, 1 tinteiro de vidro, 1 porta-caneta, 1 mapa de santa catarina, 1 ábaco, 1 medalha e chaveiro, 1 medalha, 1 gravura em metal da Academia de Comércio de Santa Catarina, 5 pedaços de tecido com símbolo da Academia de Comércio de Santa Catarina, 1 mapa do Brasil em metal e relevo, 2 coleções de *slides*, 12 quadros expositivos. Não estão inseridos aqui os dados referentes ao acervo de livros, documentos, fotografias e entrevistas.

O processo de definição da numeração e de como proceder quanto a cada tipo de acervo já vinha sendo discutido pela equipe que buscou interlocutores. Ao longo dos trabalhos, foi-se tomando consciência de quão difícil e desafiadora é a tarefa de inventariar, ainda mais por termos à nossa frente objetos de natureza muito diversa, como, por exemplo, uma coleção de bolinhas de gude, que, apesar de juntas formarem um jogo, se constituem sozinhas como únicas e como elemento fundamental do acervo.

Figura 2: Pião em madeira, bolas de gude e jogo de seis marias
Fonte: Acervo do Museu da Escola Catarinense

No intuito de determinar um número de registro que não possibilite apenas a contagem de peças, mas que ofereça informações, elaborou-se um "código" na forma de sequência que se inicia com a sigla do museu, seguida por cinco campos: MEC2008.000.000.0000.000000. O primeiro refere-se ao ano de inventário[10], seguido pelo número da coleção à qual o objeto pertence, o número do tipo de objeto, número da quantidade daquele mesmo objeto dentro da série tipo de acervo e, por último, o número do objeto no universo geral do inventário. No caso de peças desmembradas, ou seja, que possuem mais de uma parte, como um jogo de "seis marias" (saquinhos de tecido preenchidos com arroz), definiu-se por, após o número geral, inserir a referência à parte, numa sequência também numérica, que informa o número do membro e quantos além dele integram a peça. Para o caso de um objeto com cinco partes, teríamos 1-5, 2-5, 3-5, 4-5, 5-5. Esse formato permite que se identifiquem mais rapidamente partes de um mesmo objeto, especialmente nos casos de extravio, além de desempenhar função de controle e segurança.

A princípio, a reação diante do formato apresentado pode ser de surpresa quanto à quantidade de números. Embora compartilhemos dessa sensação, essa numeração nos dá uma ideia mais espe- cífica do acervo. Tomemos como exemplo a seguinte sequência: MEC2008.001.001.0060.000310. Dentro da opção adotada e estabelecidas as relações, quando nos deparamos com uma peça cujo número de registro traz como primeiros dígitos 001, sabe-se que se trata de um objeto da coleção 001 (que, dentro do acervo do museu, foi definida como coleção Aldo Nunes); seguindo-se com a sequência de números 001, sabe-se que se trata de um brinquedo; se fosse 002, seria um desenho. A terceira parte da numeração – 0060 – permite saber que já existem outros 59 brinquedos desta coleção, e, por fim, 000310 corresponde ao número da peça no universo do acervo, indicando a existência de outros 309 objetos cadastrados, independente da natureza.

Quanto à marcação, a fim de não comprometer excessivamente o objeto, optou-se por inscrever na peça apenas a sigla do museu e o número geral. Essa numeração maior pode ser encontrada nas fichas de registro

10 Algumas orientações museológicas indicam como adequado inserir o ano de fabricação da peça. Esse procedimento não seria possível no caso do acervo em foco, já que não se dispõe dessa informação para a maior parte das peças.

que compõem o dossiê da peça, no banco de dados e nas fotos[11]. Estabelecidas as diretrizes antes enunciadas, deu-se início ao trabalho manual de medir cada peça (na sequência: altura, largura e espessura), fotografar (frente, esquerda, atrás, direita, superior, inferior, alguma inscrição ou marca particular), numerar, analisar, descrever as características mais visíveis e emitir um parecer técnico em relação ao estado de conservação, efetivando-se uma avaliação pormenorizada das peças em visível estado de deterioração. As informações são lançadas numa ficha que integra o dossiê e posteriormente inseridas no banco de dados. Finalmente, uma etiqueta de papel com o número geral é anexada ao objeto. No momento em que se conclui o processo com as peças de um mesmo conjunto (brinquedos, móveis, livros), faz-se a inscrição do número no objeto, cortando-se as etiquetas anteriormente anexadas. No caso de peças em madeira, metal e vidro, passa-se uma base transparente e escreve-se o número com tinta nanquim; em peças escuras, usa-se a cor branca e nas claras, a cor preta; a seguir, acrescenta-se um revestimento com base para proteção. Já em suportes de papel, usa-se lápis 6B e os objetos em tecido devem ter a numeração bordada com linha de seda.

Com relação aos dados gerais das peças, o preenchimento de alguns campos foi possível devido ao resgate de documentos de doação que informam a procedência do objeto; entretanto, levando em consideração o longo período de existência do museu, pode-se considerar extremamente reduzido o número de registros dessa natureza. Em todo período, creditou-se muito à memória das pessoas envolvidas no trabalho de recolha e seus registros pessoais. Na tentativa de recuperar esses elementos, recorremos à professora Maria da Graça Vandressen, idealizadora do museu, e a outras pessoas que em algum momento estiveram envolvidas nessa tarefa. Esse limite das instituições museológicas já preocupava Mário de Andrade nos anos de 1930. É dele o desabafo: "[…] o que nos prejudica muito em nossos museus é que suas coleções, por vezes preciosas como documentação etnográfica, foram muito mal recolhidas, de maneira antiquada, deficiente e amadorística […]" (em Frota, 1981, p. 27, excerto da correspondência de Mário de Andrade com Rodrigo de Mello Franco de Andrade).

Certamente que não se faz aqui uma crítica ao valioso trabalho de re-

11 Para facilitar a utilização das fotos do inventário inclusive em publicações, optou-se por duplicá-las, sendo que um exemplar em formato digital contém o número do inventário e outro não.

colha já feito. O que se busca é uma forma de lidar com os desafios que uma ação não sistematizada coloca à equipe que se ocupa dessa sistematização. Registra-se, também, além do reconhecimento ao valioso trabalho de localização e recolha, o reconhecimento de que, provavelmente, sem essa ação "desprovida de sistematização" muitas das peças não teriam sobrevivido. Sobrevivendo a peça, é possível superar a fragilidade de informações que a envolve.

O trabalho de inventário exige também a classificação das peças. Entende-se que essa classificação não pode ser rígida, dada a mobilidade que um objeto pode ter dentro do acervo, mas é um procedimento necessário de organização e gerenciamento. Assim, alguns objetos acabam ficando dentro de uma determinada classificação, quando também poderiam fazer parte de outra, como é o caso da coleção de quadros demonstrativos (ver figura 3), que são quadros didáticos, então materiais didáticos, e ao mesmo tempo são quadros expositivos ou elementos que compõem o acervo da já extinta Academia de Comércio.

Na primeira etapa, que foi por nós realizada[12], ocupamo-nos especialmente do registro e inventário da parte do acervo que convencionamos chamar de "objetos da escola". O acervo em suporte de papel como livros e documentos esteve, até dezembro de 2008, sob os cuidados do Projeto de Extensão "Entre papéis: preservação física do acervo bibliográfico e documental do Museu da Escola catarinense"[13].

Os dados levantados permitem representar esse acervo na forma a seguir, mas, considerando-se que essa é uma ação em andamento, essa representação deverá sofrer alterações.

12 No segundo semestre de 2008, tendo em vista uma troca de equipe na Reitoria da UDESC, afastamo-nos das atividades do Museu da Escola Catarinense.

13 Coordenado pela professora doutora Gisela Eggert Steindel, "Entre papéis" ocupou-se especialmente da recuperação e conservação de documentos e livros que integram o acervo do Museu da Escola Catarinense. Com essa ação foi possível instalar um pequeno Laboratório de Higienização no qual também se podem realizar alguns procedimentos de restauro.

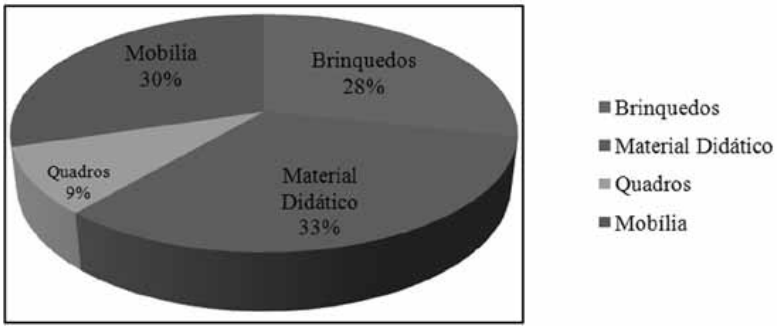


Figura 3: Gráfico representativo do acervo de objetos

Note-se que ainda não estão representadas as peças que compõem o acervo histórico bibliográfico, documental, fotográfico e de história oral, os quais serão incorporados posteriormente.

Na figura 3, pode-se verificar que o tipo de material com maior proporção dentro do universo dos objetos é justamente o material didático. Esse grupo envolve, entre outras coisas, lousas de ardósia com moldura em madeira, canetas tinteiro, mata-borrão, ábaco, lápis e cadernos. Em segundo lugar, encontra-se a mobília, correspondendo a escrivaninhas, carteiras, cadeiras, arquivos, porta-bandeiras, quadro-negro, entre outros, além de peças em suporte de madeira, materiais que, para Jean Baudrillard (2006), também são um "ser", pois conservam o tempo em suas fibras, têm odor, envelhecem e têm seus próprios parasitas. A terceira coleção com maior número de peças é composta de brinquedos[14], muitos dos quais confeccionados manualmente pelo professor Aldo Nunes, ex-aluno e ex-professor da Escola Normal Catharinense, razão pela qual a coleção leva o seu nome. Essa é a primeira coleção definida dentro do museu. E, por último, encontram-se os quadros representando 9% do total; nesse agrupamento estão os quadros de formaturas, pinturas e quadros expositivos de produtos agrícolas.

Embora já se tenha estabelecido um conjunto de parâmetros para o inventário desses artefatos da escola, há necessidade de aprofundamento teórico que sustente as discussões e definições. Aqui os trabalhos de história da educação que versam sobre cultura material da escola têm um papel ímpar.

14 Essa coleção foi objeto da elaboração do primeiro catálogo impresso do Museu da Escola Catarinense, intitulado "Brinquedos da minha infância: coleção Aldo Nunes". A experiência encontra-se registrada no trabalho "Brinquedos da minha infância: socialização de um acervo", apresentado no Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado em Aracaju, em novembro de 2008.

4. Descobrir: o trabalho da pesquisa

As descobertas mais significativas acerca dos objetos que compõem o acervo, aquelas que, nas já citadas palavras de Mário de Andrade, geram um prazer quase físico, estão vinculadas a projetos de pesquisa. Alguns dados foram obtidos como resultados iniciais do projeto "objetos da escola: origens e usos dos objetos escolares que compõem o acervo do Museu da Escola Catarinense". Inicialmente, definiu-se que este se ocuparia da localização de informações acerca da origem e dos usos das peças que compõem o acervo do museu, além de desenvolver ações para qualificar e complementar o trabalho de registro. Encaminhamentos institucionais e articulações acadêmicas levaram à fusão deste com o já indicado projeto de pesquisa "Objetos da Escola: cultura material da escola graduada (1870-1950)"[15], iniciado em agosto de 2008. A experiência resultante dos encaminhamentos que levaram à segunda pesquisa nomeada ajudou a construir um olhar mais acurado das fontes e dos objetos.

Ao perseguir a trajetória dos objetos, neste caso escolar, descobrem-se diferentes usos de artefatos fabricados para ter uma utilidade bastante similar. Valdeniza Maria da Barra (2007) é uma das autoras que tem contribuído com esta reflexão. Em um de seus trabalhos, confronta o conteúdo de documentos redigidos pela Inspetoria Geral de Instrução Pública de São Paulo com documentos redigidos por uma professora de primeiras letras do sexo feminino da cidade de Capivari, interior desse estado. No decorrer do texto, evidencia-se a dificuldade na definição dos materiais que seriam disponibilizados à escola para uso das alunas e professora, e o quanto isso repercutiu e repercute na metodologia para ensinar e a relação entre método e material, apesar de nem sempre isso aparecer claramente. Sendo assim, a professora fez uso dos materiais de que dispunha dentro das possibilidades existentes.

Ainda com relação ao material didático usado nas escolas no início do século passado, faz parte do acervo uma coleção de quadros demonstrativos, oriundos da extinta Academia de Comércio de Santa Catarina. Alguns dados estão registrados nos próprios quadros, como autoria e origem, além da data de aquisição e um documento simbólico elaborado pelo

15 Essa proposta constitui um desdobramento local articulado ao Projeto Nacional de Pesquisa "Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1950)".

diretor da instituição por ocasião da doação em 1996; simbólico, porque não atende às normas museológicas próprias para termos de doação.

Figura 4: Mostruário de produtos agrícolas
Fonte: Acervo do Museu da Escola catarinense

Esses quadros são mostruários de produtos agrícolas nacionais, tais como café, arroz, feijão, algodão, seda, entre outros. Contêm fotografias, colagens de sementes, vidrinhos de substâncias como óleo e textos instrutivos. Resta-nos "descobrir" se tinham circulação nacional, por quem eram fornecidos, em que aulas eram utilizados, enfim, explorar práticas que os tiveram por suporte material. No caso específico dos aqui citados, também é necessário apurar acerca de sua trajetória até chegar à Academia de Comércio, de onde seguiram para o acervo do museu.

Outro objeto de grande valor, e que tem sido solicitado a compor cenários para documentários e filmes, é a escrivaninha que serviu de suporte ao trabalho da Diretora do Instituto de Educação de Santa Catarina (antiga Escola Normal Catharinense), Antonieta de Barros, educadora de grande expressão, escritora e primeira mulher a ser eleita parlamentar em Santa Catarina.

5. Algumas considerações

Cientes de que a construção do banco de dados marca apenas o início do processo de cadastramento e inventário do acervo, considera-se que esse trabalho deverá ser contínuo dentro das atividades do museu, pois sempre surgirão novos dados a serem registrados. o acervo físico já se constitui

como material de pesquisa e o banco de dados deverá ser disponibilizado como ferramenta de consulta ao público. Acredita-se, ainda, que o funcionamento do banco de dados irá facilitar as pesquisas, caracterizando-se talvez como maior objetivo do projeto que lhe deu origem, não desmerecendo a importância deste como ferramenta de mapeamento e controle técnico.

> […] o processo de investigação amplia as possibilidades de comunicação do bem cultural e dá sentido à preservação […] A pesquisa é a garantia da possibilidade de uma visão crítica sobre a área da documentação, envolvendo a relação homem-documento-espaço, o patrimônio cultural, a memória, a preservação e a comunicação (Chagas apud Cândido, 2006, p. 34).

Justamente por essa preocupação em possibilitar e expandir a comunicação do acervo com o público é que não se pensou apenas naqueles que porventura terão a oportunidade de conhecer o acervo físico, mas também naqueles que se localizam em diferentes lugares e que se ocupam do estudo da cultura material da escola, ou são sensíveis a esses objetos que expressam parte do cotidiano escolar do século XX.

Nesta aventura, a cada dia nos damos conta de quão importante é o trabalho interdisciplinar e de como ele vem ajudando-nos a construir as ações até aqui descritas. Muito provavelmente, esta é a resposta à nossa angústia e tentativa de não aprisionar o objeto; são olhares diversos sobre um acervo altamente diversificado e é nesse diálogo quase diário que se buscam soluções conjuntas, ao invés de se realizarem desejos pessoais. Por fim, a vontade de ver o museu de portas abertas e tornar o seu acervo conhecido impulsionou as tarefas práticas, embaladas pela consciência de que o registro não deve ser tratado como mero registro.

Referências bibliográficas

BARRA, Valdeniza Maria Lopes da. Possíveis relações entre aspectos materiais (espaço, mobiliário e utensílios), modos de organização da escola e intervenções de ensino. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas: Editora Autores Associados; Sociedade Brasileira de História da Educação, n. 14, p. 15-36, maio-ago. 2007.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. 4. ed. tradução Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 2006.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. in: *Cadernos de Diretrizes Museológicas* (2006). 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais; Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. p. 33-92.

CASTRO, Ana Lucia Siaines de Informação museológica: uma proposição teórica a partir da ciência da informação. in: Pinheiro, Lena Vania Ribeiro (org.). *Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade*. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT, 1999. p. 13-31.

ESCOLANO, Agustín Benito. *La memoria y el deseo*: cultura de la escuela y educación deseada. Valencia: tirant lo Blanch, 2002.

FERNANDES, Rogério; FELGUEIRAS, Margarida Louro (org.) *A Escola Primária*: entre a imagem e a memória. Porto/Portugal, 2000 (Projeto "Museu vivo da Escola Primária").

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da Cultura Escolar: A importância da Museologia na Conservação/Comunicação da Herança Educativa. *PRO-Posições* – Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas/SP, dossiê: Cultura Escolar e Cultura Material Escolar: Entre Arquivos e Museus, v. 16, n. 1 (46), p. 87-102, jan.-abr. 2005.

FERREZ, Helena Dodd; Peixoto, Maria Elizabete Santos (comp.). *Manual de Catalogação*: Pintura, Escultura, desenho, gravura. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1995.

FROTA, Lélia Coelho. Mário de Andrade: Uma Vocação de Escritor Público. in: Andrade, *Mário de. Mário de Andrade*: Cartas de Trabalho (correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade – 1936-1945). Brasília: MEC/SPHAN/ Fundação Nacional Pró-Memória, 1981. p. 21-37.

MATA, Maria Margarete Sell da (org.). *Catalogação*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. [s.d.]. Mimeografado.

MENEZES, Maria Cristina (org.). *Educação, Memória, História*: Possibilidades, Leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

_____ (org.). *Dossiê*: cultura escolar e cultura material escolar: entre arquivos e museus. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. (org).

MOGARRO, Maria João. Os arquivos Escolares nas Instituições Educativas Portuguesas: preservar a informação, construir a memória. *PRO-Posições* – Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas/SP, dossiê: Cultura Escolar e Cultura Material Escolar: entre arquivos e museus, v. 16, n. 1 (46), p. 103-116, jan.-abr. 2005.

MORAES, Carmen S. V.; Alves, Júlia F. (org.) *Inventário de fontes documentais*. São Paulo: Centro Paula Souza, 2002.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; Zaia, Iomar Barbosa; Vendrameto, Maria Cristina. Arquivos escolares e pesquisa histórica: fontes para o estudo da educação brasileira. *PRO-Posições* – Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas/SP, dossiê: Cultura

Escolar e Cultura Material Escolar: Entre Arquivos e Museus, v. 16, n. 1 (46), p. 117-133, jan.-abr. 2005.

Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia. Rio de Janeiro: IPHAN, n. 3, 2007.

RODRIGUES, Marly. O Condephaat: As Práticas Definem a Política. In: . *Imagens do Passado*: A Instituição do Patrimônio em São Paulo, 1969-1987. São Paulo: Editora da Unesp; Fapesp; Imesp; Condephaat, 2000. p. 57-144.

SALES, Fernanda de (org.). *Revisão* – Representação descritiva i. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina. 2005. Mimeografado.

SOUZA, Rosa Fátima de. Vestígios da cultura material escolar. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas: Editora Autores Associados; Sociedade Brasileira de História da Educação, n. 14, p. 11-14, maio-ago. 2007.

VIDAL, Diana; Zaia, Iomar B. de, Arquivo Morto a Permanente: o arquivo escolar e a Construção da Cidadania. in: MORAES, Carmen S. V.; Alves, Júlia F. (org.). *Inventário de Fontes Documentais*. São Paulo: Centro Paula Souza, 2002. p. 33-42.

MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE DE SANTA CATARINA - BRASIL:

UMA BIOGRAFIA

THE SCHOOL MUSEUM OF SANTA CATARINA STATE – BRAZIL:

A BIOGRAPHY*

Vera Lucia Gaspar da Silva
Gisela Eggert-Steindel

Artigo publicado originalmente em: Revista Pedagógica - UNOCHAPECÓ - Ano 16 - n. 29, p. 381-420, vol. 02 - jul./dez. 2012. Disponivel em < https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/1457>. Acesso em 04 dez.2018

Resumo: A intenção deste artigo é reunir informações que favoreçam a visibilidade de parte das muitas ações já desenvolvidas pelo e no Museu da Escola Catarinense desde sua criação e um pouco do volume de recursos públicos e humanos investidos. Mesmo assim, há muitas lacunas. Contudo, o que se pode reunir dá mostras da fertilidade de projetos de pesquisa, extensão e ensino, do valor da memória educativa como mote para se articular ações deste gênero e, acima de tudo, da necessidade de, enquanto instituição de ensino superior do estado de Santa Catarina, gerida com recursos públicos, assumir a responsabilidade pela guarda da memória da educação deste estado. São móveis, fotografias, quadros, livros, registros documentais e o próprio prédio que, cada um a seu modo, falam um pouco de nossa história. Preservar esta memória, mais que um desejo, é nossa obrigação.

Palavras-chave: *Museu da Escola Catarinense. Cultura Material Escolar. Educação e Memória. História da Educação – Museu.*

Abstract: This article aims to gather information that could enhance the visibility of some of the many actions already undertaken by and at the School Museum of Santa Catarina State – Brazil since its creation, and also of some of the public and human resources that have been invested in it. Even so, there are many gaps. However, what we can gather shows the fertility of research, extension and education projects, the value of educational memory as a motto to articulate actions of this kind and, above all, of the need to, as an institution of higher education of the State of Santa Catarina (run with public funds), take responsibility for keeping the memory of the education of this State. Objects as fornitures, photographs, paintings, books, documentary records as well as the building, which, each in its own way, tell us a little bit about our history. To preserve this memory is, more than a wish, our obligation.

Keywords: School Museum of Santa Catarina State. School Material Culture. Educa*tion and Memory. History of Education – Museum.*

Com este artigo desejamos registrar parte da trajetória do Museu da Escola Catarinense – como sugere o título esta é uma biografia, não a biografia – concebido nos anos 90 do século XX para ocupar o espaço edificado na segunda década deste mesmo século para abrigar a Escola Normal Catharinense. Instigadas a este registro retomamos parte de nossa própria trajetória que, durante quatro anos se misturou a trajetória deste museu. Nossa opção é por um quase relato, um registro de experiências que pretende recompor um "perfil biográfico".

Figura 1 – Escola Normal Catharinense
Fonte: Acervo do Museu da Escola Catarinense.

Esta imponente edificação (figura 1) foi construída especialmente para abrigar a Escola Normal Catharinense (criada nos últimos anos do século XIX, sem sede própria) e inaugurada no início dos anos 20 do século passado, compondo o projeto urbanístico modernizador concebido pelo Estado, que incluiu a construção da Ponte Hercílio Luz (primeira ligação da ilha com o continente), a remodelação do Palácio do Governo (hoje Museu Cruz e Souza) e a ampliação do Mercado Público. Em 1963, passou a abrigar a Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. A ampliação de matrículas e serviços do hoje Centro de Ciências Humanas e da Educação levou a ações no sentido de se construir uma nova edificação no *campus* 1 da Udesc, no bairro Itacorubi. Os planos de transferência da sede da FAED levaram à tramitação institucional para que se resguardasse a destinação do prédio para a instalação definitiva do Museu

da Escola Catarinense, aprovado pela Resolução n. 006 do Conselho Superior Universitário (Consuni), em 11 de maio de 2000.

O projeto arquitetônico garante ao espaço interno da edificação a circulação em torno de um átrio aberto e iluminado por claraboia[1]; um desenho muito utilizado em instituições de ensino e em mercados públicos. Toda a estrutura interna – colunas, vigas, guarda corpo da escada e circulação superior, este último todo trabalhado com desenhos de influência art déco – é de ferro[2] (figura 2).

Figura 2 – Estrutura interna da Escola Normal Catharinense
Fonte: Acervo do Museu da Escola Catarinense.

Como subsídio para a recomposição dos primeiros passos deste texto lançamos mão de dados coletados através de um conjunto de trabalhos, especialmente aqueles vinculados ao projeto de extensão "Memórias do Museu da Escola Catarinense" (agosto de 2004 e 31 de julho de 2006). Tal projeto mobilizou fontes diversas disponíveis no próprio museu: correspondências recebidas e expedidas, relatórios e projetos de pesquisa e extensão, livros de registros de pesquisas no acervo, cadernos de resumo de jornadas acadêmicas, resoluções de instâncias da universidade, registros de viagens,

de doações de objetos, de exposições, de oficinas, de participação em eventos, de cursos, de relatórios, de entrevistas com professores, de vídeos, de eventos promovidos pelo museu, entre outros.

Além das atividades acima citadas foram examinados documentos arquivados na Direção Assistente de Pesquisa e Extensão[3] (Praça Getúlio Vargas). São documentos da rotina universitária, cujo exame permitiu visualizar ações efetivamente realizadas e alguns resultados. Como tem sido comum em investimentos como este, a falta de cultura no trato da memória das instituições públicas constituiu o principal limite do trabalho. A dificuldade de acesso a arquivos, a ausência de sistematização e de práticas arquivísticas e procedimentos desta natureza limitam sobremaneira a "escrita da memória". Muitos documentos são recuperados de forma fragmentada; outros, em precário estado de conservação, enquanto outros somem pela ação do tempo e das pessoas. Isto revela um dos paradoxos desta instituição: a excessiva carga burocrática materializa-se num poderoso componente do controle institucional e não em elemento norteador de políticas ou de preservação da memória.

Através da sistematização dos dados, foi possível estabelecer uma espécie de linha do tempo deste museu e com isso conhecer, ainda que com lacunas, a sequência dos diversos projetos desenvolvidos e sua vinculação com os projetos chaves que marcam sua origem: "Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense" (Pesquisa) e "Museu da Escola Catarinense" (Extensão), ambos concebidos e coordenados pela professora Maria da Graça Machado Vandresen, idealizadora deste museu.

O Projeto "Memórias do Museu da Escola Catarinense" desenvolveu, em sua última etapa, uma oficina de orientação a higienização – suporte papel por especialista da área como forma de reativar, ainda que parcialmente, o minilaboratório de conservação e restauro que se encontrava desativado[4]. Ainda nesta etapa fez-se uma primeira organização da documentação de posse do museu, buscando dar certa organicidade aos documentos encontrados, porém sem uma orientação arquivista. São documentos que tratam de projetos de pesquisa e extensão, convites para eventos, correspondências, textos, relatórios, etc. Paralelamente, embora não prevista no projeto original, desenvolveu-se a construção de um *website* (figuras 3 e 4) como meio de divulgação do trabalho realizado no Museu da Escola Catarinense. O *website* foi apresentado como resultado do projeto "Comunicação e Memória: o tempo sensível da função e do conteúdo", coordenado pela professora Ademilde Sartori, da FAED.

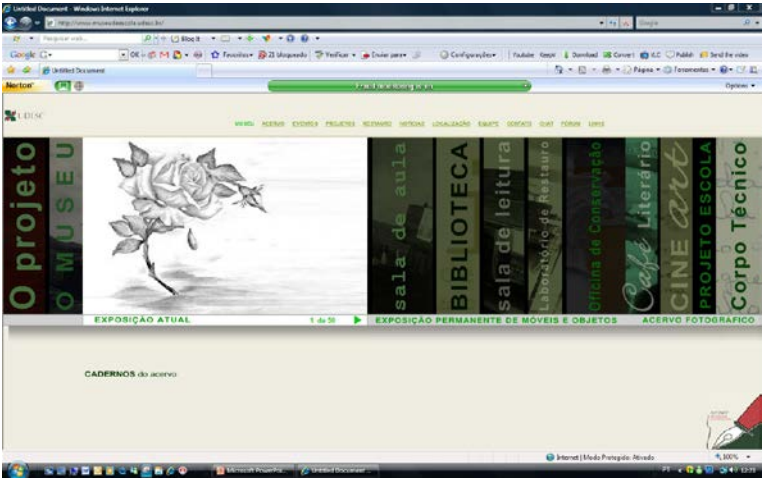


Figura 3 – Página inicial do primeiro *website* do Museu da Escola Catarinense
Fonte: Projeto de Pesquisa "Comunicação e Memória: o tempo sensível da função e do conteúdo".

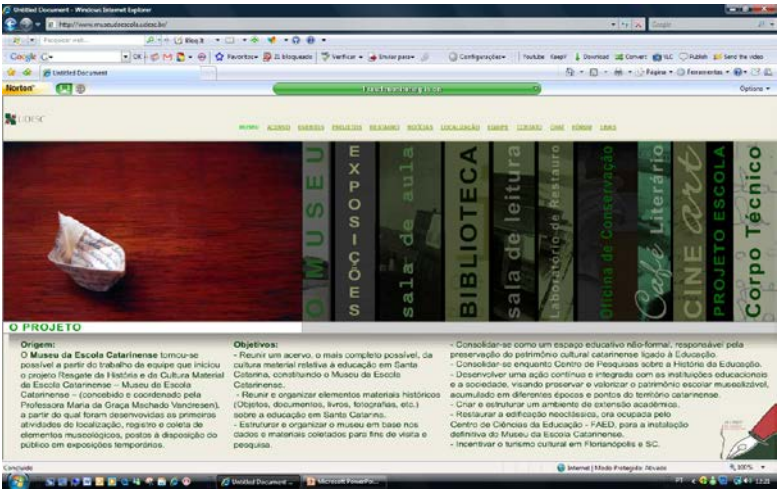


Figura 4 – Página do primeiro *website* do Museu da Escola Catarinense
Fonte: Projeto de Pesquisa "Comunicação e Memória: o tempo sensível da função e do conteúdo".

Como pode ser observado, o Museu, nascido nas malhas de uma instituição universitária, vai surgindo com ações sustentadas em projetos de extensão e pesquisa (e por vezes de ensino) que, reunindo pessoas e informações que vão lhe atribuindo forma.

Da condição de Projeto de extensão à constituição legal do museu

A origem do Museu da Escola Catarinense está ligada a proposição e desenvolvimento de vários projetos quer de ensino, quer de pesquisa, quer de extensão, como já indicado. No que tange aos recônditos de sua criação a maior parte dos documentos registra que o primeiro projeto de extensão foi iniciado 16 de novembro de 1992. As atividades de pesquisa e extensão tiveram início em março de 1993 e foram tornadas possíveis, como já informado, a partir do trabalho – idealizado e coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen – que iniciou o projeto Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense – Museu da Escola Catarinense –, através do qual foram desenvolvidas as primeiras atividades de localização, registro e coleta de elementos museológicos ligados à educação. Entre os produtos gerados destacamos o *Guia dos Documentos Encontrados nas Escolas da Grande Florianópolis* (figura 5), publicado em 1998, com o objetivo de apresentar um "levantamento de documentos e fotos nas escolas construídas até 1965", pertencentes a 1ª e 26ª CRE[5].

Figura 5 – Capa do Guia dos Documentos encontrados nas Escolas da Grande Florianópolis

Além da recolha e guarda de materiais (acervo documental, iconográfico, objetos e o acervo de história oral) outras ações foram empreendidas no sentido de assegurar sua instalação em espaço adequado. Assim, através de Resolução (n. 006/2000) do Conselho Universitário Superior (Consuni), o prédio que então sediava o Centro de Ciências da Educação foi destinado como sede do Museu, logo que ficassem prontas as novas instalações deste Centro no *Campus* I Itacorubi.

Em 2006, com a aprovação do novo Estatuto da Udesc[6] deflagra-se a elaboração do novo Regimento Geral[7], aprovado em 2007, no qual o Museu assumiu a condição de Órgão Suplementar Superior vinculado à Reitoria. É necessário destacar que o estatuto e o regimento da Universidade assumem em sua agenda de gestão o Museu como unidade de difusão de informação e conhecimento, instaurando sua forma de gestão. Em outras palavras, o Museu tem legitimidade legal; o reconhecimento político, social e científico se dará com as atividades nele desenvolvidas.

Quanto ao espólio o acervo documental, bibliográfico, fotográfico e parte dos objetos provindos de doações de escolas, de particulares e de instituições públicas e privadas, ficaram armazenados em espaço locado pelo CCE/FAED para abrigar setores de pesquisa e extensão (Rua Deodoro, n. 264, Edifício Manoel Maria – 3º andar – sala 47) até a desocupação do prédio da Saldanha Marinho, em 2007. Um banco de dados com catalogação do acervo documental e de objetos começou a ser montado em agosto de 2006 através dos projetos "Objetos da Escola: registro e inventário dos móveis e objetos do acervo do Museu da Escola Catarinense"[8] e "Entre Papéis: preservação física do acervo bibliográfico e documental do Museu da Escola Catarinense"[9], com estas ações pretendíamos ter uma ideia mais precisa do acervo e das condições de cada peça. Voltaremos a este tema mais adiante. Já o acervo bibliográfico depositado até 2006 recebeu um catálogo digital, fruto do projeto de pesquisa "Hóspedes do Tempo, Inquilinos da Vida: um estudo sobre livros escolares do acervo do Museu da Escola Catarinense (1800-1970)", idealizado e coordenado por Maria Teresa Santos Cunha. Produção impressa versando sobre este acervo foi lançada pela autora em 2009 com o título "Uma biblioteca anotada: caminhos do leitor no acervo de livros escolares no Museu da Escola Catarinense (década de 20 a 60/século XX)" (figura 6).

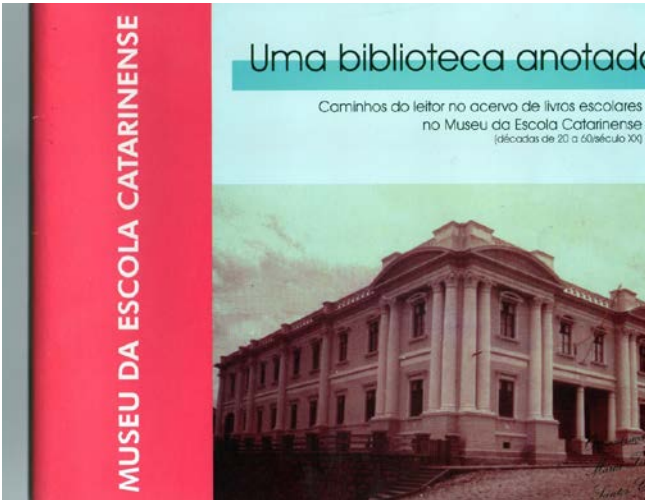


Figura 6 – Imagem da capa da publicação "Uma biblioteca anotada: caminhos do leitor no acervo de livros escolares no museu da Escola Catarinense (década de 20 a 60/século XX)"

A coleção de brinquedo (figura 7) Aldo Nunes também recebeu tratamento exemplar que culminou na elaboração do catálogo[10] (figuras 8 e 9) cuja imagem de capa e de página interna segue abaixo.

Figura 7 – Peças da coleção de brinquedos Aldo Nunes que integra o acervo do museu da Escola Catarinense

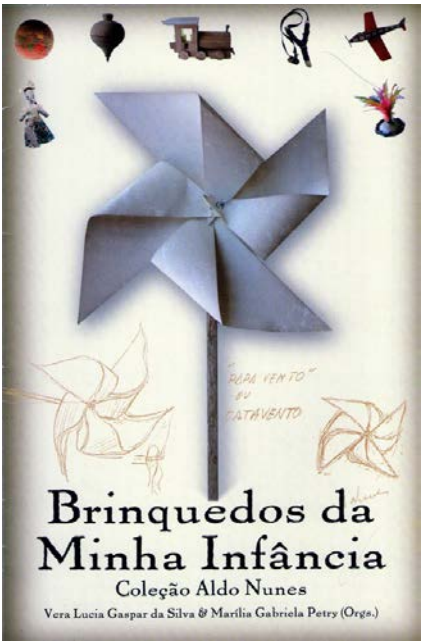


Figura 8 – Imagem da capa do catálogo Brinquedos da Minha Infância

Figura 9 – Imagem de página interna do Catálogo Brinquedos da Minha Infância

Ainda quanto ao acervo, a parte de objetos de maior porte (carteiras, armários, quadros de formatura [figura 10] etc.) ficou depositada durante bom tempo em outro espaço locado, desta vez um depósito, sendo transferida para a sede também em 2007. Muitas das peças apresentavam comprometimento pela ação do tempo, infestação ou condições de armazenamento o que motivou a apresentação de vários projetos a instâncias como MINC[11], Petrobrás[12], IPHAN[13] e CNPq[14]. Parte deste material integrou exposições esporádicas, que aconteceram com certa regularidade até 2005, principalmente no hall da FAED.

Figura 10 – Quadros de Formatura que integram o acervo do Museu da Escola Catarinense
Fonte: Acervo do Museu da Escola Catarinense.

O museu conta, ainda, com um acervo de história oral composto por um conjunto de cerca de cem entrevistas[15] concedidas por profissionais que atuaram no ensino catarinense até os anos 60 do século passado. Muitos dos entrevistados são ex-alunos da escola normal. O contato com estes normalista motivou a organização de encontros que promoveram cenas (figura 11) como a que segue.

Figura 11 – Encontros com ex-alunos da Escola Normal Catharinense
Fonte: Acervo do Museu da Escola Catarinense. Fotos de Pedro Paulo Gaspar da Silva.

O acervo de história oral tem servido como fonte de pesquisa a professores e acadêmicos em diversas atividades de levantamento de dados sobre História da Educação. Parte deste acervo serviu de base para a organização do livro "Memória Docente: histórias de professores catarinenses (1890-1950)" (organizado por Vera Lucia Gaspar da Silva e Dilce Schüeroff e publi-

cado em 2010 pela Editora da Udesc – figura 12), que apresenta em forma de narrativa, parte das entrevistas. Versão digital deste livro pode ser acessada no endereço <http://seminarioculturamaterialescolar.blogspot.com.br/>.

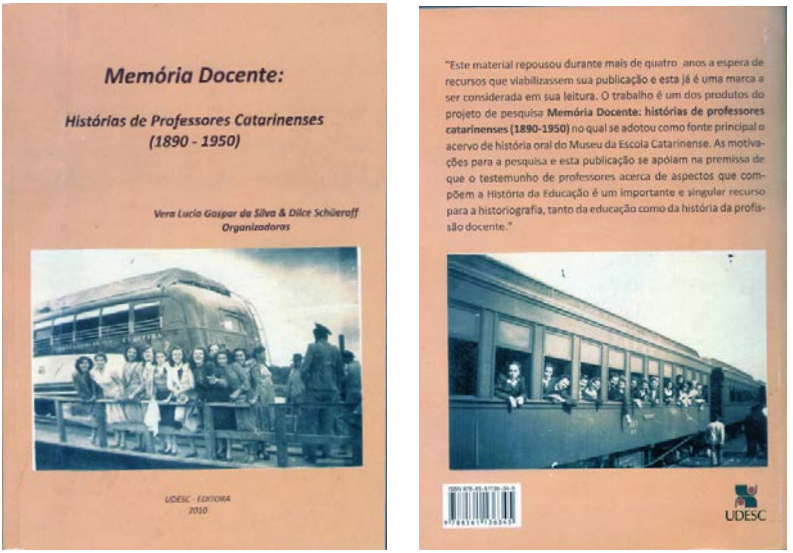


Figura 12 – Imagem de capa do livro *Memória Docente: histórias de professores catarinenses (1890-1950)*

Das finalidades do museu: o que revelam os documentos

Quanto aos objetivos do Museu da Escola Catarinense, em documentação que registra parte de sua história, foram localizados três diferentes textos, anunciados, em diferentes momentos, como "objetivo geral ou principal". Em alguns momentos, aparece como objetivo principal consolidar "um espaço educativo não-formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado à educação". Nesta perspectiva, deveria envolver uma ação contínua e integrada com as instituições educacionais e com a sociedade, visando preservar e valorizar o patrimônio escolar potencialmente "musealizável" acumulado em diferentes épocas e pontos do território catarinense. Anuncia-se, também, como objetivo principal a guarda e disponibilização, para a comunidade e pesquisadores, de objetos e documentos que retratam a história da educação deste estado. Há ainda documentos que anunciam como

objetivo principal reunir um acervo, o mais completo possível, da cultura material relativa à educação em Santa Catarina. Nos registros há consenso a respeito deste espaço no sentido de que se consolide como Centro de Pesquisa sobre a história da educação catarinense, vinculado à linha de pesquisa "História e Historiografia da Educação", do Programa de Pós-Graduação em Educação do CCE/FAED, oferecendo condições para um amplo espectro de pesquisas, reunindo legislação, trabalhos sobre a educação catarinense, manuais utilizados em diferentes épocas, acervo de história oral organizado a partir de entrevistas com profissionais da educação de Santa Catarina, acervo fotográfico e bibliográfico etc. Assim, seguindo o registrado na massa documental, o espaço físico do museu deveria ser também um *lócus* para a discussão e pesquisa da história da educação, particularmente a catarinense.

As informações advindas do mapeamento na documentação das finalidades do Museu apontaram para a necessidade de instalação de um fórum para discussão das linhas gerais que deveriam nortear o projeto, com vistas à sua instalação definitiva, prevista para acontecer quando as novas instalações do Centro de Ciências Humanas e da Educação estivessem prontas. As indicações referidas levaram a equipe responsável pelo projeto a desencadear ações que conduziram a instalação, em junho de 2005, de uma espécie de fórum composto por representantes de museus, arquivos históricos e instituições desta natureza sediadas em Florianópolis. O fórum foi uma iniciativa da Coordenação do Museu da Escola Catarinense e reuniu instituições afinadas com a temática e situadas no centro de Florianópolis como Casa da Memória, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Museu Victor Meirelles. As integrantes da Comissão foram indicadas pelos presentes tendo-se definido pela seguinte composição: Lourdes Rossetto representando o IPHAN e o Museu Victor Meirelles, Neide de Almeida Fiori representando a Unisul e Maria Teresa Santos Cunha, Gisela Eggert-Steindel e Vera Lucia Gaspar da Silva professoras vinculadas a área de História da Educação e ao Museu da Escola Catarinense. Esta comissão iniciou suas atividades em 2006 e recebeu duas nomeações: a primeira através de Portaria assinada pelo Diretor Geral da FAED enquanto o Museu esteve vinculado a este Centro de Ensino. A segunda nomeação se deu através da Portaria 011/08 publicada em 17 de janeiro de 2008, assinada pelo reitor da Udesc tendo em vista a nova vinculação institucional que passou a caracterizar o Museu da Escola Catarinense dentro da estrutura administrativa desta Universidade.

Desde sua criação a Comissão desenvolveu uma agenda de reuniões, as quais foram intensificadas a partir de agosto de 2007 quando o Museu passou a ocupar sua sede, o prédio da Saldanha Marinho, 196 que até então abrigava a FAED. Tal Comissão atuou como fórum consultivo e deliberativo das ações da coordenação do Museu. O trabalho esteve voltado para sua institucionalização do ponto de vista museológico e de sua vinculação institucional dentro da estrutura administrativa da Udesc. As ações abaixo arroladas foram efetivadas, então, com a participação e aprovação desta Comissão.

O museu nos documentos da Universidade, Instituições e Redes

Conforme já indicado, a partir do novo regimento o Museu passou a ser um Órgão Suplementar Superior vinculado diretamente à Reitoria.

De acordo com Art. 38. Do Estatuto da Universidade do Estado de Santa Catarina "Os Órgãos Suplementares Superiores destinam-se a dar suporte às atividades específicas em matéria administrativa, técnica, jurídica, de ensino, pesquisa e extensão, de informação, comunicação e marketing, de difusão, de cooperação e intercâmbio, de assessoramento e de complementação, aperfeiçoamento e modernização dos serviços da Udesc com a finalidade de atender à Administração Superior e aos Centros, sendo criados e constituídos por deliberação do Conselho Universitário e regulamentados pelo Regimento Geral". Nessa direção o Regimento Geral em seu Art. 40 estabelece que o Museu da Escola Catarinense é um órgão suplementar superior vinculado à Reitoria, com um coordenador nomeado pelo Reitor. Já no seu Art. 41 o museu tem por finalidade reunir informações e elementos materiais e simbólicos sobre as escolas do Estado com o objetivo de preservar objetos, artefatos, documentos e imagens de valor histórico relacionados à cultura escolar e à educação catarinense. Para tanto no Art. 42. Cabe ao Museu da Escola Catarinense: I – preservar a memória da escola catarinense; II – coletar informações e elementos materiais sobre as escolas do Estado; III – coordenar as ações de salvaguarda e comunicação do acervo; IV – oferecer suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas aos seus objetivos; V – exercer outras atribuições no âmbito de sua competência ou que lhe forem delegadas.

Outra ação na qual se investiu foi a reativação da **Associação Amigos do Museu da Escola Catarinense** através de assembleia geral, legalização junto a receita federal e órgãos afins.

Fez-se também, a inserção no Cadastro Nacional e Adesão ao **Sistema Nacional de Museus** em 2006, ação fundamental para conectar os trabalhos às ações do então Departamento Nacional dos Museus (DEMU), vinculado ao IPHAN. Não menos importante foi o cadastro para Adesão ao **Sistema Estadual de Museus** levada a efeito em 2007 e a adesão a Red Iberoamericana para la investigación y difusión del patrimonio histórico-educativo (RIDPHE).

Esforço significativo foi feito também para viabilizar a criação do *site* do Museu.

No intuito de constituir uma equipe de implantação fez-se solicitação de disponibilidade da arquiteta Lílian Mendonça da Fundação Catarinense de Cultura e do técnico em assuntos universitários da Reitoria Anthony Wilson Alano, que passaram a integrar a equipe.

Ainda conforme já indicado, investiu-se na criação do **Banco de Dados**, elaborado dentro das Diretrizes Museológicas do IPHAN, no qual foi organizado e armazenado o inventário do acervo (o banco de dados encontra-se hoje desativado). Para esta tarefa foi constituída uma comissão interdisciplinar composta por Gisela Eggert-Steindel (docente da FAED-UDESC, com formação em biblioteconomia), Susana Aparecida Cardoso (especialista em restauro), Bernadete Ros Chini (bibliotecária especialista em inventários), Vera Gaspar (representando a área de história da educação) e Marilia Gabriela Petry (bolsista de iniciação científica).

> No intuito de sintonizar o máximo possível o processo de institucionalização do Museu da Escola Catarinense com a política nacional de museus, adotou-se como base metodológica para elaboração do Banco de Dados as convenções estabelecidas no Caderno de Diretrizes Museológicas do IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Tal metodologia consiste em inventariar e catalogar o acervo, além de registrar os dados históricos de cada objeto, processos que se entrecruzam, já que a continuidade de um depende de informações do outro. Segundo os parâmetros adotados pela

> equipe envolvida nesta tarefa, o inventário refere-se à quantidade de objetos presentes no acervo, à sua numeração, à fotografia e à descrição minuciosa da peça, acrescida de seu histórico. A despeito das discussões da área no tocante a delimitação de territórios entre inventário, cadastro e catalogação, fez-se aqui uma opção por conceber esta como uma prática de inventariar, agregando o maior número possível de informações acerca de cada objeto. (Gaspar da Silva; Petry, 2011, p. 27).

A forma como o banco de dados (figuras 13 e 14) foi concebido e operacionalizado representou um avanço se comparado à realidade de grande parte dos museus brasileiros ainda hoje, pois existe uma grande dificuldade em se coordenar conjuntamente essas ações. Além disso, poucas são as ferramentas disponíveis[16].

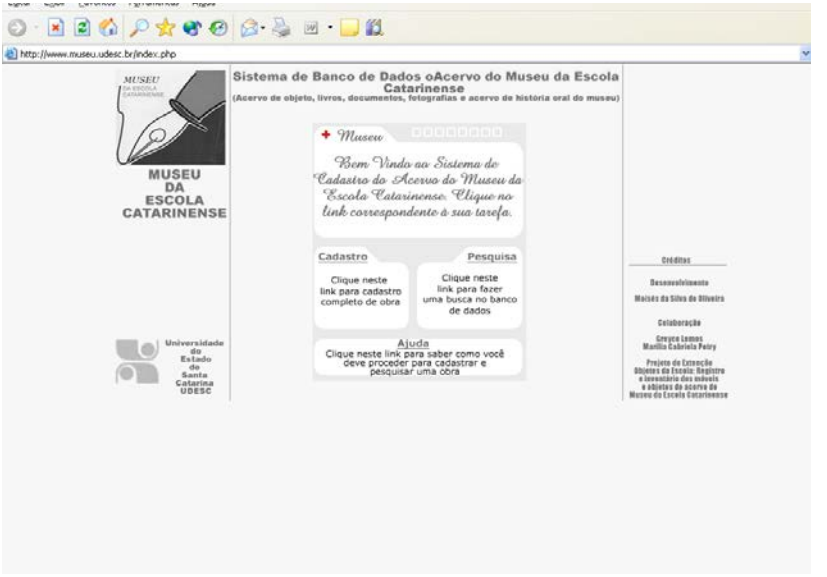


Figura 13 – Imagem da página de abertura do Sistema de Banco de Dados do Acervo do Museu da Escola Catarinense

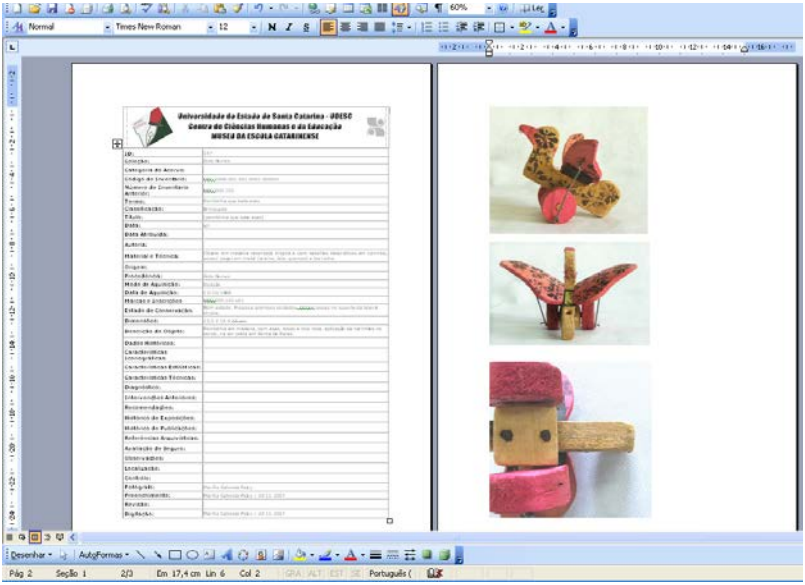


Figura 14 – Imagem da ficha catalográfica do Sistema de Banco de Dados do Acervo do Museu da Escola Catarinense

Outra ação não menos importante foi o Inventário da Edificação e levantamento documental (figuras 15, 16, 17 e 18), levantamento cadastral arquitetônico, diagnóstico das patologias e estado de conservação, ação coordenada pela arquiteta Lilian Mendonça e que levou a localização de importantes documentos como os das imagens que seguem.

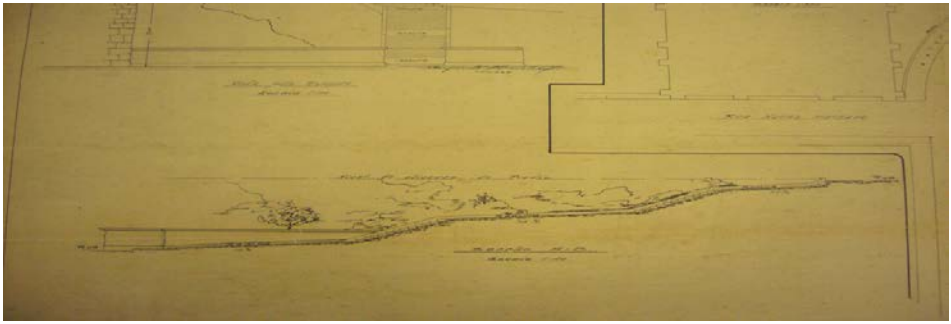


Figura 15 – Registro topográfico
Fonte: Planta localizada por Lilian Mendonça no acervo do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF).

Figura 16 – Projeto de muro para a Escola Normal Catharinense (não se tem registro de sua execução)
Fonte: Planta localizada por Lilian Mendonça no acervo do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF).

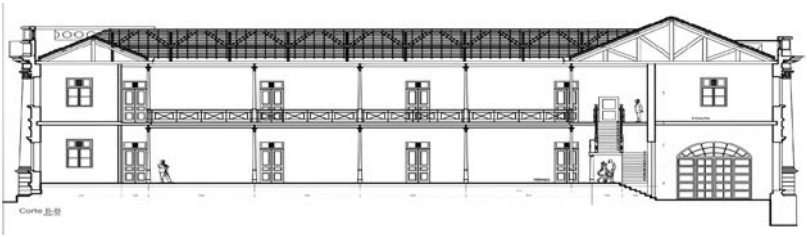


Figura 17 – Recorte interno
Fonte: Plantas do acervo do Museu da Escola Catarinense.

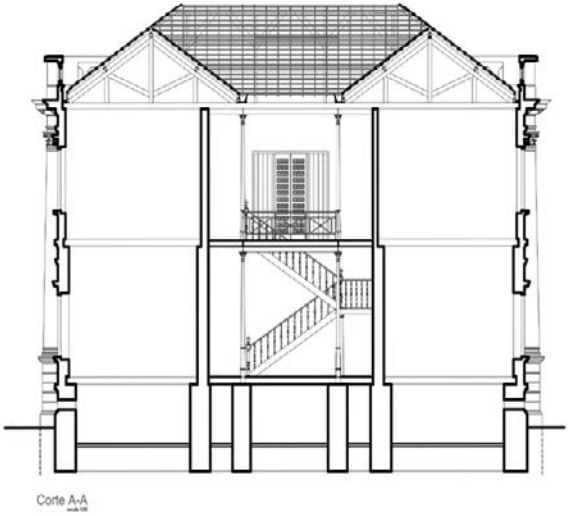


Figura 18 – Recorte interno
Fonte: Plantas do acervo do Museu da Escola Catarinense.

Já a elaboração de uma primeira versão do **Plano Museológico** envolveu uma série de discussões levadas a cabo a partir de uma primeira versão sistematizada pela equipe do Museu. Este trabalho, como muitas das ações aqui relatadas, foi interrompido em março de 2008 em função da nova composição da equipe diretiva da Udesc e do Museu.

Considerando a filiação institucional do Museu, fez-se contatos com diferentes áreas do Centro de Artes da Udesc para a consolidação de parcerias, particularmente com trabalhos vinculados as artes cênicas, música e fotografia. Este trabalho contou com a participação efetiva dos professores Sérgio Ferreira e André Carreira que dedicaram muitas horas para a qualificação do projeto.

Além da captação de recursos internos, operada através de projetos de extensão, programas de extensão e projetos de pesquisa foram elaborados vários projetos com vistas a captação de recursos externos, entre eles**:**

1º Projeto: "Implantação do Museu da Escola Catarinense" – Etapa Inicial o qual compreendendo três eixos estruturadores:
Obras de serviços emergenciais na edificação;

1. Contratação de Comissão Consultiva Interdisciplinar para elaboração dos projetos globais de instalação definitiva do Museu;
2. Instalação de atelier de conservação e restauro de objetos em madeira e metal do acervo.
3. Instalação de atelier de conservação e restauro de objetos em madeira e metal do acervo.

Este Projeto foi encaminhado ao Funcultural do Governo do Estado de Santa Catarina e ao PRONAC.

2º Projeto: "Artes e Ofícios no Museu: Modernização do Laboratório de Conservação e Restauro do Acervo em Madeira e Metal" – Encaminhado ao IPHAN através do Edital de Modernização de Museus.

3º Projeto "Entre Papéis: popularização da cultura científica no Museu da Escola Catarinense".

4º Projeto "Objetos da Escola: Origens e usos dos objetos escolares que compõem o acervo do Museu da Escola Catarinense" Encaminhado à

FAPESC e ao CNPq. Um dos produtos deste projeto é o livro representado na imagem abaixo (figura 19).

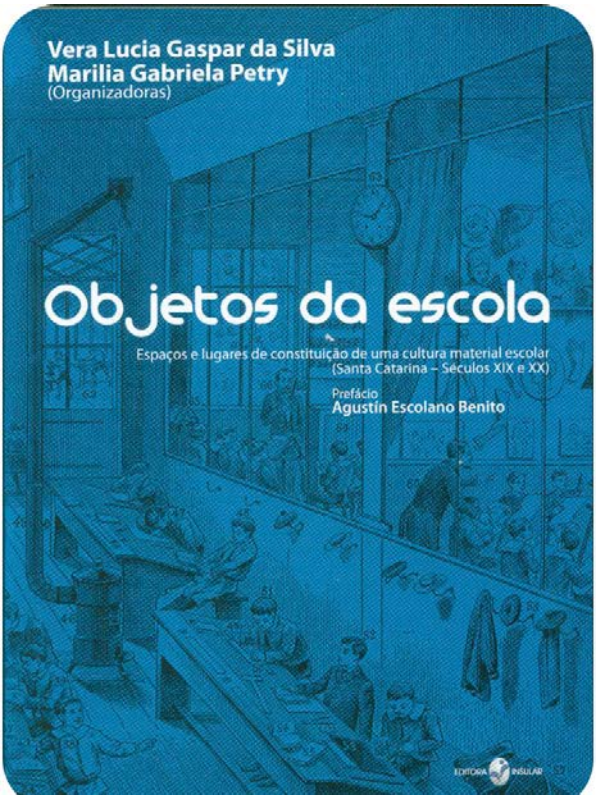


Figura 19 – Imagem da capa do livro *Objetos da Escola: Espaços e lugares de constituição de uma cultura material (Santa Catarina – séculos XIX e XX)*

Por fim, antes de sua recomposição da Comissão de coordenação do Museu foi aprovada a programação do Evento "Pré-Visões do Museu da Escola Catarinense", que deveria integrar a Semana Nacional de Museus.

O projeto concebido apresenta uma proposta de distribuição e ocupação dos espaços (figuras 20 e 21) que foi bastante amadurecida. Dos estudos realizados e coordenados pela arquiteta Lilian Mendonça chegou-se ao seguinte mapa.

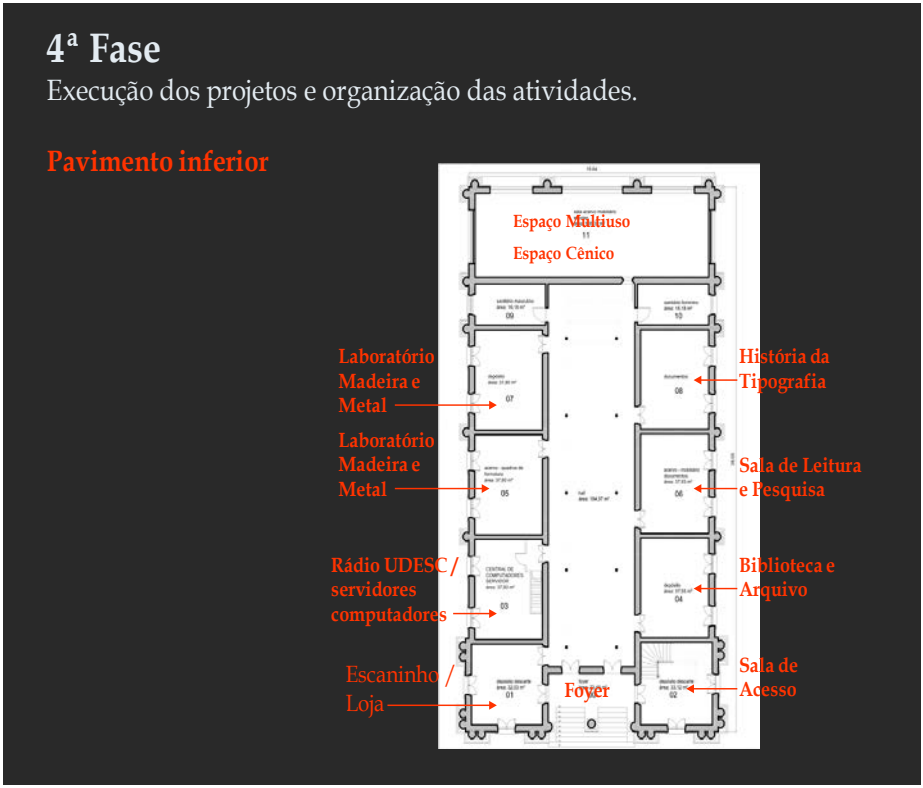


Figura 20 – Proposta de distribuição e ocupação dos espaços do Museu da Escola Catarinense – Pavimento Inferior

Conforme projetado, as atividades referentes a preservação de acervo impresso integrariam os espaços destinados a História da Tipografia, Sala de Leitura, Pesquisa e Biblioteca e Arquivo. Esta distribuição foi pensada de modo a sensibilizar o usuário e colocá-lo em contato com o trabalho de preservação.

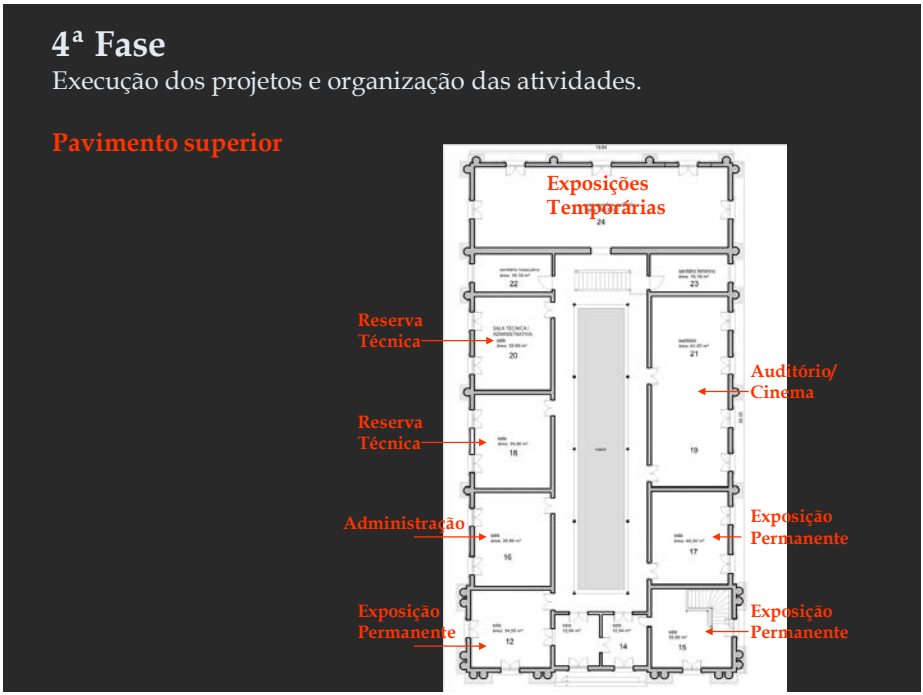


Figura 21 – Proposta de distribuição e ocupação dos espaços do Museu da Escola Catarinense – Pavimento Superior

Muitos destes objetivos inicialmente projetados ainda não se materializaram. A equipe que se ocupou dos trabalhos até 2008 organizou-os em cinco etapas, a saber:

1ª Fase

Idealizado o museu, os trabalhos foram desenvolvidos baseados no tripé de estruturação das atividades universitárias: Ensino, Pesquisa e Extensão, acompanhados dos encaminhamentos administrativos.

O primeiro Projeto denominado "Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense" foi aprovado em 16 de novembro de 1992 e as atividades de pesquisa e extensão tiveram início em março de 1993.

Ensino

Curso de Especialização em Museologia (2000/2001). Articulação junto aos Cursos de Graduação no sentido de ampliar o espaço da área de História da Educação nos Currículos. Até 2012 o curso de Pedagogia contou com três disciplinas dedicadas a História da Educação. Novo arranjo curricular reduziu a oferta para duas disciplinas. Contudo, a área se mantém fortalecida através de uma das linhas de pesquisa que compõem o Programa de Pós-graduação em Educação e que atua nos cursos de mestrado e doutorado.

Projetos de Pesquisa

Entre os projetos de pesquisa registramos o desenvolvimento até 2008 dos que seguem: "Projeto de Pesquisa Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense – Museu da Escola Catarinense", coordenado por Maria da Graça Machado Vandresen.

"Memória Docente: Histórias de Professores Catarinenses (1890-1950)", coordenado por Vera Gaspar.

"Tenha Modos! Educação e sociabilidades em Manuais de Civilidade e Etiqueta (1900-1960)", coordenado por Maria Teresa Santos Cunha.

"Comunicação e Memória: o tempo sensível da função e do conteúdo", coordenado por Ademilde Sartori.

"Justiça, êxito e fracasso na escola: O impacto sobre os processos de socialização e de construção das identidades profissionais dos professores catarinenses (1950-2005)", Projeto Interinstitucional Udesc/UFSC, coordenado por Vera Gaspar (Udesc) e Ione Ribeiro Valle (UFSC).

"O Estudo de um Acervo Bibliográfico – indícios da biblioteca escolar catarinense", coordenado por Gisela Eggert-Steindel.

"As Lições dos Grupos Escolares: Um estudo sobre a incorporação do método de ensino intuitivo ou lições de coisas na cultura escolar dos primeiros grupos escolares catarinenses – 1911/1935", coordenado por Gladys Mary Ghizoni Teive.

"Objetos da Escola: Cultura material da escola graduada (1870-1950)" iniciado em 2008 e em desenvolvimento através de uma segunda edição. Projeto coordenado por Vera Gaspar.

Projetos de Extensão

Entre os objetivos de ações desta natureza agregadas ao museu destacam-se: Sensibilização – através de reuniões com a comunidade de educadores, particularmente as vinculadas as organizações regionais de ensino da rede pública; Recolha – com a recolha de peças para o acervo; Intervenções emergenciais – realizadas em peças recolhidas e que se encontravam em avançado estado de deterioração; Encontros – turmas de ex-alunos da Escola Normal Catharinense.

Entre os projetos institucionais registrados como ação de extensão localizamos os que seguem:

"Entre Papéis: Preservação física do acervo bibliográfico do Museu da Escola Catarinense" (figura 22), coordenado por Gisela Eggert-Steindel.

Figura 22 – Dados sobre o Projeto de Extensão "Entre Papéis: Preservação física do acervo bibliográfico do Museu da Escola Catarinense"

"Objetos da Escola: Registro e inventário dos móveis e objetos do acervo do Museu da Escola Catarinense", coordenado por Vera Gaspar.

Universidade do Estado de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Museu da Escola Catarinense

Objetos da Escola: Registro e inventário dos móveis e objetos do acervo do Museu da Escola Catarinense"
Área Temática: Cultura

Bolsista: Marilia Gabriela Petry
Coordenadora: Vera Gaspar.

Figura 23 – Dados sobre o Projeto de Extensão "Objetos da Escola: Registro e inventário dos móveis e objetos do acervo do Museu da Escola Catarinense"

Ações Administrativas

Tramitação institucional para assegurar o prédio da FAED como sede do Museu da Escola Catarinense. Criação da Associação de Amigos do Museu da Escola Catarinense.

Criação do *site* www.museudaescola.udesc.br

2ª Fase

Consolidação do Museu em Bases Museológicas: Criação da **Comissão** responsável pela implantação do **Museu da Escola Catarinense** – julho de 2006. Constitui-se em um fórum permanente consultivo e deliberativo das ações tendo por objetivo a elaboração do **Plano Museológico** e a constante avaliação e reflexão metodológica do conceito norteador do **Museu da Escola Catarinense.**

Inserção do Museu da Escola Catarinense no Regimento Geral da Udesc, elaboração pela Comissão Estatuinte, entre 2005 e 2006. A partir do novo regimento o Museu passa a ser um Órgão Suplementar Superior vinculado diretamente à Reitoria.

Reativação da Associação Amigos do Museu da Escola Catarinense.

3ª Fase

Elaboração de **Projetos Culturais para Captação de Recursos**

1º Projeto: "Implantação do Museu da Escola Catarinense" – Etapa Inicial

O Projeto encaminhado ao Funcultural do Governo do Estado de Santa Catarina, compreende três eixos estruturadores: 1. Obras de serviços emergenciais na edificação; 2. Contratação de Comissão Consultiva Interdisciplinar para elaboração dos projetos globais de instalação definitiva do Museu; 3. Instalação de atelier de conservação e restauro de objetos em madeira e metal do acervo.

Equipe Multidisciplinar idealizada nos projetos de captação de recursos:

- Consultoria na área de conservação arquitetônica;

- Projeto arquitetônico executivo de adequação da área para Museu – inserção em edifícios históricos, incluindo mobiliário;
- Projeto de controle ambiental e acústico;
- Projeto elétrico e luminotécnico;
- Projeto estrutural, hidrossanitário e drenagem;
- Projeto de sistema de comunicação e automação;
- Projeto de acessibilidade plena;
- Projeto de segurança do Museu – contra roubo, incêndio, intempéries e conservação preventiva do acervo e da edificação;
- Projeto Museográfico;
- Projeto Expográfico;
- Projeto de Ação Educativa;
- Conservador e restaurador de acervo;
- Projeto de gestão do Museu;
- Curador;

- Pesquisador da área da história da educação;
- Orçamentista.

Eventos

Introdução à Tipografia: História da Impressão
Ministrante: Cleber Teixeira
Seminários de Aprofundamento Teórico: Justiça, Êxito e Fracasso na Escola – 3 Edições (desde 2005)
Conferência: O Museu da Escola do Porto
Conferencista: Margarida Felgueiras – Universidade do Porto

Proposta

Museu interativo, instigante, dinâmico, que atraia o interesse das diversas faixas etárias e grupos sociais e temáticos. Deverá desenvolver atividades nas várias áreas do conhecimento e de manifestações culturais, abrigando espaços de uso do cotidiano tais como o Café Literário, ponto de encontro de ex-alunos, ex-professores, espaço multiuso para apresentações musicais, cênicas, exposições de curta, média e longa duração, laboratórios de conservação do acervo, ateliers, enfim, um espaço universal de comunhão e de acesso pleno.

A equipe que integramos se despediu antes de colocar em ação o projetado para a 4ª e a 5ª fase, a saber:

4ª Fase

Execução dos projetos e organização das atividades.

5ª Fase

Conexão com escolas do Estado para consolidação de uma rede e assessoria na organização de "Centros de Memória".

Considerações Finais

A exemplo de muitos trabalhos gerados por instituições de ensino superior, o Museu da Escola Catarinense precisa ser compreendido como iniciativa institucional, com relevância social que supera a tradição que marca projetos de origem semelhante à deste museu, o personalismo. Este projeto, gerado e gerido com recursos públicos, necessita de visibilidade e de parcerias, seja para sua estruturação efetiva, seja para o desenvolvimento de ações e pesquisas relacionadas à área.

Se à época no projeto de extensão "Memórias do Museu da Escola Catarinense" foi estabelecido como objetivo geral "reunir informações que permitissem o registro das ações desenvolvidas pelo Museu desde sua criação, registrando sua história", encerrado este projeto concluiu-se que a história deste museu estava por ser escrita. O que se pretendeu aqui foi reunir informações que pudessem dar visibilidade de seu percurso e registrar um pouco do volume de recursos públicos e humanos investidos. Mesmo assim, há muitas lacunas.

Pela forma como está organizada a universidade, a burocracia institucional não favorece um levantamento ágil de dados para uma maior incursão nos registros produzidos pelas atividades de ensino, pesquisa e extensão voltados a criação, implantação e consolidação de projetos institucionais. Acrescente-se aqui o fato de que, a exemplo da maior parte dos núcleos, laboratórios e similares da FAED-Udesc, o museu quando criado não recebeu um quadro de pessoal com o mínimo de estabilidade. As ações foram desenvolvidas basicamente dentro de horas alocadas para pesquisa e extensão bem como pelo valioso trabalho de acadêmicos articulados através de bolsas de iniciação científica e de extensão. Contudo, as bolsas que oferecem a possibilidade de se lançar mão do "trabalho" de acadêmicos não permitem que as atividades sejam desenvolvidas em trabalhos de natureza burocrática, demanda exaustiva desta instituição.

Ao longo do desenvolvimento dos projetos aqui nomeados e agora nessa escrita, foi possível traçar uma espécie de esboço do percurso institucional e social do Museu da Escola Catarinense, o que servirá de subsídio para as próximas ações. Foi possível reunir informações acerca de projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos e propostos até 2008. Também foram levantadas informações acerca de eventos realizados, bem como sobre a

participação de profissionais com algum vínculo com o museu em eventos acadêmicos, o que lhe confere certa visibilidade.

Do rastreamento feito em relação às ações acima referidas, considera-se como mais limitado aquele que reúne informações sobre a participação em eventos e publicações de trabalhos que utilizaram o acervo do museu como fonte. Este levantamento poderá ser feito, em parte, através de buscas nos currículos disponíveis na Plataforma Lattes do CNPq.

Quanto à meta da visualização do conjunto do acervo, é possível considerá-la em parte atingida. Trabalho sistemático nesta área foi gerado através de dois projetos de extensão – **Objetos da Escola**: registro e inventário dos móveis e objetos do acervo do Museu da Escola Catarinense" e "**Entre Papéis:** preservação física do acervo bibliográfico e documental do Museu da Escola Catarinense". Mas, para atuar neste acervos são necessários recursos volumosos, o que envolvem a captação de recursos externos. Algumas tentativas já foram feitas, muitas sem êxito. Observe-se que esta é uma modalidade de ação que exige investimento em pessoal especializado.

Nossa experiência, em parte aqui registrada, indicou a necessidade de estreitar vínculos entre os cursos de graduação e pós-graduação, e o envolvimento de diferentes segmentos através de projetos de pesquisa e extensão que envolvam diferentes instâncias da Universidade. Neste cenário o museu desempenharia a importante função de espaço aglutinador de profissionais e pesquisadores, particularmente da área de história da educação, biblioteconomia e patrimônio. Embora ainda não se tenha atingido a articulação almejada, o que se conseguiu já pode ser considerado um sucesso. As disciplinas das áreas que integram os cursos de graduação da FAED (História da Educação I, II – Curso de Pedagogia; Patrimônio – Curso de História e História do Livro e da Biblioteca – Curso de Biblioteconomia) consolidaram um vínculo bastante promissor com o museu. Também foram empreendidos esforços para estreitar as relações com a pós-graduação, utilizando-se como canal o Grupo de Pesquisa Sociedade, Memória e Educação e a linha de pesquisa História da Educação e Historiografia que integra os cursos de mestrado e doutorado do programa de Pós-Graduação em Educação da Udesc. Fica o desafio de mantê-las.

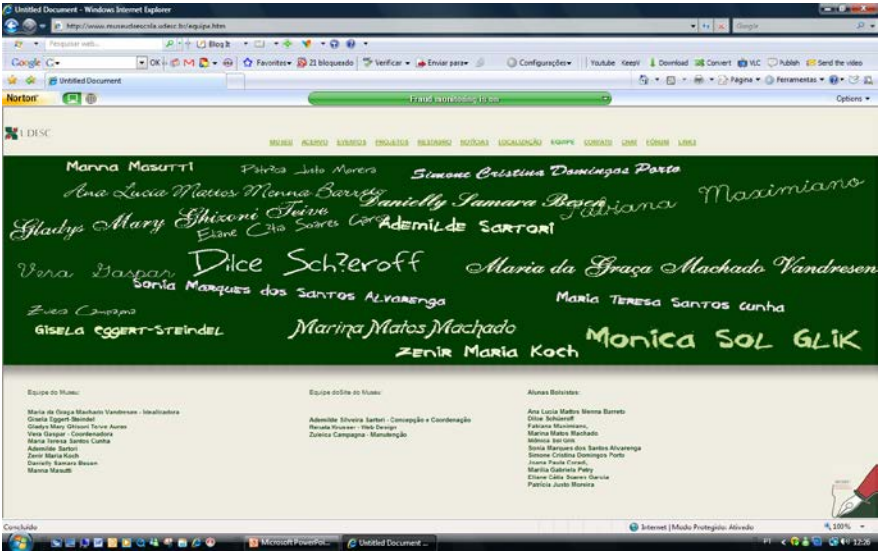


Figura 24 – Imagem do primeiro *site* do museu da Escola Catarinense que registra o nome de integrantes de projetos vinculados ao Museu

Referências

ARIÈS, Philippe. **O Tempo da História**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

BASTOS, Rossano Lopes. **Patrimônio arqueológico, preservação e representações sociais**: uma proposta para o país através da análise da situação do litoral Sul de Santa Catarina. 2002. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2002.

BATISTA, Jane Beatriz (Ed.). **Educação e patrimônio histórico-cultural**. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, 2000.

BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Orgs.). **Passados Recompostos**: Campos e Canteiros da História. Tradução de Marcella Mortara & Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.

BRASIL. Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Restauração e revitalização de núcleos históricos**: análise face a experiência francesa. Brasília: SPHAN, 1980.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002.

CORADI, Joana Paula; EGGERT-STEINDEL, Gisela. **Técnicas básicas de conservação e preservação de acervos bibliográficos**. Revista ACB, Florianópolis, v. 13, p. 347-363, 2008.

EGGERT-STEINDEL, Gisela. **Possíveis indícios da biblioteca escolar na rede pública do estado de Santa Catarina:** estudo de um acervo bibliográfico museológico. Revista ACB, Florianópolis, v. 11, p. 129-12, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GASPAR DA SILVA, Vera Lucia; PETRY, Marília Gabriela. **A Aventura de Inventariar:** Uma experiência no Museu da Escola Catarinense. Revista Brasileira de História da Educação, v. 25, p. 19-41, 2011.

GOMES, G.; NOGUEIRA, I.; ABRUNHOSA, J. J. **Técnicas Modernas de Preservação & Recuperação de Acervos Bibliográficos**. Nova Friburgo: Êxito Brasil, 2006.

GUIMARÃES, L. **Preservação de obras raras**. Curso Segurança de Acervos Culturais. [S.I]: [s.n], 2003. (Mimeografado).

SOUZA, Maria Cecília; CORTEZ Christiano de. **A escola e a memória**. Bragança Paulista: EDUSF, 2004. (Estudos CDAPH. Série Memória).

Fontes documentais consultadas

EGGERT-STEINDEL, G. **Entre papéis:** preservação física do acervo bibliográfico e documental do Museu da Escola Catarinense. Florianópolis: Udesc, 2007. (Relatório de extensão).

_____. **O estudo de um acervo bibliográfico**: indícios da biblioteca escolar (julho de 2005 a julho de 2007). Florianópolis: Udesc, 2005. (Projeto de pesquisa).

GASPAR DA SILVA, Vera Lucia. **"Memórias do Museu da Escola Catarinense"** (agosto de 2004 e 31 de julho de 2006). Florianópolis: Udesc, 2005. (Projeto de extensão).

VANDRESEN, Maria da Graça e tal. **Guia dos Documentos Encontrados nas Escolas da Grande Florianópolis**. Florianópolis: Udesc, 1998.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Estatuto da Universidade do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis, 2006.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Regimento Geral da Universidade do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis, 2007.

* Para a elaboração deste artigo retomamos várias produções, incluindo o texto "Memórias do Museu da Escola Catarinense", elaborado por Vera Lucia Gaspar da Silva, Gisela Eggert-Steindel e Marina Matos Machado e apresentado no 3º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária realizado na UFSC, em Florianópolis, no ano de 2006.

** FAEd-Udesc. E-mail: <vera.gaspar@floripa.com.br>.

*** FAEd-Udesc. E-mail: <f9giza@gmail.com>.

[1] Estrutura já alterada.

[2] A descrição física do prédio é baseada em relato do professor Edy Genovez Luft, da FAEd-Udesc, relator no CONCENTRO da FAEd do Projeto de criação do Museu da Escola Catarinense.

[3] A partir de 2007 denominada Direção de Pesquisa e Pós-Graduação.

[4] Outras iniciativas, também com o intuito de reativar e manter tal Laboratório, foram levadas a efeito com ações realizadas em 2011 e 2012. A primeira intitulada "**Laboratório de Preservação de Bens Culturais"** e coordenada pelas Professoras Gisela Eggert-Stendeil e Vera Lucia Gaspar da Silva recebeu financiamento do FINEP (Projeto 2008 – 2009). A segunda encontra-se em fase de implantação com a aprovação do Projeto "Museu da Escola Catarinense: memórias da escola, preservação bibliográfica e documental", no Edital 04/2011 da Chamada Pública Apoio a Infra-estrutura de CT&I para Jovens Pesquisadores FAPESC/Coordenação Gisela Eggert-Stendeil.

[5] Coordenadorias Regionais de Ensino vinculadas a Secretaria de Estado da Educação.

[6] Através do Decreto n. 4.184, de 6 de abril de 2006, publicado no Diário Oficial do Estado de SC n. 17.859, de 6 de abril de 2006.

[7] Aprovado pela Resolução n. 044/2007-CONSUNI, de 1º de junho de 2007.

[8] Atuaram neste projeto as acadêmicas Danielly Samara Besen, Marina Masutti Pereira, Marília Gabriela Petry e Patrícia Broch. A experiência está registrada no artigo "A Aventura de Inventariar: Uma experiência no Museu da Escola Catarinense" de autoria de Vera Lucia Gaspar da Silva e Marília Gabriela Petry, publicado na Revista Brasileira de História da Educação, v. 25, 2011 (p. 19-41). Formato on-line pode ser acessado no site da revista através do endereço <http:// www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/13>.

[9] Atuaram neste projeto os acadêmicos Joana Paula Coradi, Tobias Nunes Córdova e Vivien Aguiar e Silva.

[10] Atuaram neste projeto os acadêmicos Joana Paula Coradi, Tobias Nunes Córdova e Vivien Aguiar e Silva.

[11] Apresentação do Projeto "Biblioteca Virtual do Museu da Escola Catarinense".

[12] Projetos "Preservar a Memória da Escola Catarinense" e "Preservação, Conservação e Difusão do Acervo Bibliográfico e Documental do Museu da Escola Catarinense", apresentados ao Programa Petrobras Cultural em dezembro de 2004 e em dezembro de 2005, respectivamente.

[13] Projeto "Artes e Ofícios no Museu: Modernização do Laboratório de Conservação e Restauro do Acervo em Madeira e Metal", submetido ao Edital Modernização de Museus 2007/2008.

[14] Projeto "Entre Papéis: popularização da cultura científica no Museu da Escola Catarinense", submetido ao Edital CNPq 42 /2007.

[15] Inicialmente armazenadas em fitas K7, estas entrevistas foram emuladas para compact disc com o objetivo de preservação a ação do tempo. O conteúdo das entrevistas está disponível, também, em suporte impresso.

[16] Importante ação está se efetivando através de trabalho de cooperação Brasil - Portugal, com o desenvolvimento da Base de Dados DOCMUSABR – que funciona com linguagem Access. Trata-se da Base de Dados Museológica Versão Beta – desenvolvida no quadro do protocolo existente entre o Ministério da Cultura do Brasil e o Centro de Estudos de Sociomuseologia da Universidade Lusófona. Esta base de dados contém ficha de inventário com diversos campos e funções de Relatório Geral e outros Relatório e Consultas (Relatório de Empréstimos, Relatório de Restauro, Lista de Empréstimos Ativos e Lista de Peças em Restauro).

Rastros de leituras: um estudo no acervo de livros do Museu da Escola Catarinense (décadas de 20 a 60 do século XX)

Tracks of readings: a study in the archive of books of the Museu da Escola Catarinense (decades of 20 to 60 of the century XX)

Maria Teresa Santos Cunha [1]

Artigo publicado originalmente na Revista Educação/PUCRS,v.35, nº 1, 2012.
Disponível em:< http://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/ojs/index.php/faced/article/view/10347 /7537 >.
Acesso em 4 dez.2018

RESUMO – Este estudo pretende analisar a presença leitora em livros que compõem o acervo, já catalogado, do Museu da Escola Catarinense, em Florianópolis, Santa Catarina. O trabalho trata de repertoriar o acervo e evidenciar rastros de práticas leitoras caracterizados pelos objetos-relíquia que foram guardados em seu interior; pelas anotações feitas em suas margens; pelas dedicatórias deixadas em suas páginas, usos que sinalizam para uma história cultural da educação pela via dos livros e seus leitores. Conhecer mais sobre os livros escolares abre possibilidades para futuras pesquisas sobre a cultura material escolar em interface com a história cultural da leitura, o que permite apontar temas e significações capazes de contribuir para o conhecimento de uma determinada fração da sociedade escolarizada, no momento em que o Estado fez da leitura um saber escolar e deu à escola a responsabilidade de formar leitores e leitoras.

Palavras-chave – livros escolares; cultura material escolar; museu da escola catarinense; história da leitura

ABSTRACT – This study it intends to analyze the reading presence in books that they compose the quantity, already catalogued, of the *Museu da Escola Catarinense*, in Florianópolis (SC). The work it has for objective know the quantity and evidencing tracks of practical readers characterized for the object-relic who had been kept in its interior; for the notations made in its edges and for the dedications left in its pages, uses that the way of books and its readers signal

1 Doutora em Educação/História e Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (SP, Brasil) e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (SC, Brasil). *E-mail:* <mariatsc@gmail.com>.

Artigo recebido em novembro e aprovado em dezembro de 2011.

for a cultural history of the education. To know more on pertaining to school books opens possibilities for future research on the pertaining to school material culture in interface with the cultural history of the reading that allows to point subjects and meanings that can contribute for the knowledge of one determined fraction of the society schooling at the moment where the State made of the reading one to know pertaining to school and gave to the School the responsibility to form readers and readers.

Keywords – school books; school material culture; museu da escola catarinense school; history of the reading

> Todo livro é um livro da vida. Livros de poesia controlam a azia. Livros de história fortalecem a memória. Livros de viagem aperfeiçoam a paisagem. Livros de religião aumentam a devoção. Livros de química servem pra misturar. Livros de teste, pra confundir. Livros de lógica, pra entender. Livros didáticos, pra explicar. [...] Mas... com quantos livros se faz uma pessoa?
>
> (Fernando Bonassi)[1]

Livros, cadernos, objetos escolares, registros visuais, escritos, sejam sonoros e iconográficos, que contam uma parte da história da escola e da cultura material escolar em Santa Catarina e no Brasil, desde as primeiras décadas do século XX até a década de 1970, constituem o acervo do Museu da Escola Catarinense.[2] O projeto Museu da Escola Catarinense[3] é "um espaço educativo não formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado à educação". Esse acervo reúne variados materiais relativos aos processos da escolarização formal em Santa Catarina e vem merecendo investigações por parte de pesquisadores da História da Educação, em especial daqueles que se dedicam à história dos livros e da leitura escolar, que procuram compreender o complexo processo estendido dos livros (produção, circulação e consumo) para a leitura como uma prática simbólica, a qual escapa dos limites do terreno escolar e não se esgota em seus bancos: estende-se a toda prática social, a uma experiência literária.

Os livros que se hospedam silenciosos em prateleiras do Museu da

Escola Catarinense formam o acervo sobre o qual este estudo debruçou-se. Mensageiros de discursos variados, alimentadores de imaginários, são fontes para o estudo da escola e da cultura escolar, haja vista sua circulação no contexto da institucionalização da educação elementar, em Santa Catarina, a partir das primeiras décadas do século XX. Portadores de marcas deixadas pelos leitores, eles trazem, em suas páginas, fragmentos da presença leitora, como o nome do dono, os carimbos de compra, as anotações à margem, as dedicatórias e mesmo os objetos pessoais (santinhos, flores secas, bilhetes, etc.), vestígios que indicam rastros e caminhos percorridos durante o ato da leitura.

Perseguir tais anotações singulares, depositadas nas margens e nas entranhas dos livros que compõem o acervo do Museu da Escola Catarinense, e extrair alguma significação desse material foi tarefa possível a partir de diálogos teóricos com uma história cultural de cunho etnográfico (DARNTON, 1986), que se dedica ao "ciclo de vida" dos livros e que é alimentada pela análise de práticas e objetos culturais de sujeitos, os quais ajudam a construir uma história do livro e da leitura relativa tanto à materialidade dos impressos como às marcas de leitura (CHARTIER, 2007).

A pesquisa realizada sistematizou (identificação, classificação, organização) um acervo composto por 277 livros escolares, depositado nas dependências do Museu da Escola Catarinense, em Florianópolis, Santa Catarina.[4] Tais livros são oriundos de doações feitas por ex-professores, ex-alunos e pessoas comuns que se sensibilizaram com a criação do Museu. Ao que tudo indica, eram utilizados por essas pessoas no exercício do magistério e, em menor número, eram integrantes de bibliotecas privadas. A doação também pode ser entendida na clave de que os livros perderam seu valor de uso; assim, o fato de estarem depositados em um Museu da Escola assegura um valor de conhecimento, pois são alvo de pesquisas, por intermédio das quais se pode entender mais a sociedade que os produziu e foi por eles produzida.

Pelo mapeamento realizado, encontrou-se, em 90 exemplares, a presença efetiva de leitores, constatada pelas diferentes marcas em suas páginas, as quais evidenciaram os caminhos percorridos nos livros. Esse público estava materializado por diferentes presenças: assinaturas manuscritas, carimbos dos proprietários e/ ou locais de compra, anotações nas margens (conhecidas como *marginálias*), dedicatórias e, ainda, objetos esquecidos dentre as páginas, tais como flores secas, fotografias, santinhos

religiosos, bilhetes, considerados como "objetos-relíquia" que estão sendo analisados como "dotados do poder de lembrar os amores e as amizades; registros de anotações íntimas e particulares, muitas vezes conservados pela escrita" (RANUM, 1991, p. 215).

Com ancoragem nessa documentação polissêmica, foram levantadas algumas possibilidades para uma operação historiográfica que permitisse produzir um discurso e selecionar diálogos teórico-metodológicos para iluminar as seguintes indagações: que marcas os leitores deixaram materialmente nos livros? O que poderiam evidenciar diferentes marcas deixadas nos livros sobre os processos de leitura? Assinar o nome, escrever comentários em um livro, poderiam ser atos de apropriação, necessidades de possuidor? As dedicatórias, majoritariamente presentes, as relíquias pessoais deixadas, as anotações feitas às margens, as frases sublinhadas, poderiam ser entendidas no umbral da relação leitura e escrita como práticas leitoras? Enfim, como os leitores caminham pelos textos...

É bem provável que todas essas indagações não sejam totalmente respondidas; entretanto, acercar-se delas, produzir conhecimentos, contribuir criticamente com questões singulares ligadas à História da Leitura e suas práticas, tudo se configura como um modo privilegiado de acesso a vestígios de sensibilidades, de encenação de atos rituais, de reconhecimento de sociabilidades geracionais ligadas aos livros e às suas práticas de leitura. Trilhar esses caminhos "predispõe à aventura da pesquisa, da descoberta [...] e faz do historiador um construtor do passado nas andanças do presente" (ALBUQUERQUE, 2007, p. 250-254).

Dos livros do acervo

O acervo de livros escolares do Museu da Escola Catarinense reúne materiais relativos aos processos da escolarização formal, em Santa Catarina, e vem merecendo investigações por parte de pesquisadores da História da Educação. Portadores de discursos variados, formadores de imaginários, são fontes para o estudo da escola e da cultura escolar haja vista sua circulação no contexto da institucionalização da educação elementar, em Santa Catarina, a partir dos finais do século XIX.[5] Considerados dispositivos textuais, os livros escolares "produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ele menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a

justificar para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas" (CHARTIER, 1989, p. 17).

Dentre as várias formas que simbolizam as aprendizagens, o livro escolar ocupa relevante papel; seu uso sinaliza, igualmente, para um entendimento das práticas de leitura e escrita na educação escolarizada. Na perspectiva da História Cultural, os livros escolares não são simples objetos ou meios técnicos para implementar uma proposta pedagógica; são espaços de memória que representam códigos de vida das instituições e dos homens que as conformam. A ideia de educar sujeitos leitores foi sendo produzida gradativamente nas formas de ensinar e exercitar a leitura, na divulgação do material impresso e até nos discursos de intelectuais interessados na educação de crianças e jovens.[6] Para essa empreitada, o objeto livro figura com excelência, ocupando um lugar decisivo na experiência humana. Ele também funciona como uma possibilidade estetizante, como propagador de um conjunto de valores, perspectivas e experiências que compõem os rituais de práticas leitoras. Tais reflexões vêm sendo feitas pelos historiadores da educação, preocupados em decifrar o universo leitor que gerou formadores de opinião para atuarem em escolas.

Tabela 1 – Classificação do acervo por período: data da edição

Década	Quantidade de exemplares	Participação no acervo (%)
1800	4	1
1900	3	1
1910	8	3
1920	20	7
1930	17	6
1940	35	13
1950	46	17
1960	38	14
1970	18	6
1980	6	2
1990	32	12
Não consta	50	18
Total	277	100

Fonte: Acervo dos livros do Museu da Escola Catarinense (2005/2006).

A partir desse acervo, ainda pouco estudado, do ponto de vista de estudos históricos, procurar-se-á mostrar uma catalogação dos livros por período (Tabela 1) e empreender interpretações sobre os caminhos que os leitores faziam com os livros nas mãos, colhendo, nessas pistas, as maneiras de ler e as formas como essas pessoas habitavam o mundo dos livros.

O levantamento do acervo identificou 277 exemplares. Os livros, para efeitos de pesquisa, foram classificados segundo a época de sua edição. A pesquisa evidenciou que, entre as décadas de 1930 e 1950, há maior

número de exemplares disponíveis. Tal dado nos permite inferir que esse período coincide com a consolidação da leitura e dos livros escolares, tanto pela ampliação do parque gráfico nacional (que barateou o preço dos livros), como pelo incentivo à formação de leitores pela escola, a qual estimulava, em suas práticas, a leitura, consolidando-a como um saber escolar. A periodização corresponde a um momento relativamente estável de construção, consolidação e transformação do livro escolar em Santa Catarina, marcado por sua nacionalização, pelo investimento em políticas governamentais para sua disseminação e pelo fortalecimento feito pela educação escolarizada nas práticas de leitura para "formar o cidadão".

As doações foram feitas nas décadas de 1990/2000, e pode-se pensar que seus doadores – ex-professores, ex-alunos e suas famílias – quisessem garantir espaço para conservação e salvaguarda desses materiais, que custaram vidas, tiveram preço e foram, muitas vezes, considerados como *ordinários,* sem valor de troca. Ademais, sua presença em um Museu conferiria significado, ilusão de perenidade e permitiria um nexo entre o presente e o pretérito e até um esforço desesperado para escapar do desaparecimento, da trituração do tempo. Geralmente sobreviventes salvos do fogo ou do lixo, os livros doados são "quase todos pequenos santuários de diferentes passados, fugas do presente" (BLOM, 2003, p. 188). O número relativamente elevado de livros doados (32 exemplares), cujas edições datam da década de 1990, ao que as pesquisas mostram, está associado à presença de séries didáticas, muitas das quais distribuídas gratuitamente pelo governo.

Prosseguindo o estudo, uma segunda tabela mostra a área de conhecimento dos livros e o número de exemplares (Tabela 2).

Fazendo jus ao tipo de acervo que privilegia objetos e materiais relacionados à escola, a temática dos livros contempla majoritariamente a área de educação (didática e pedagogia), o que pode ser um indício da composição de bibliotecas profissionais (no caso, de professores), ideia reforçada pela própria identidade/profissão dos doadores identificados. A presença, em segundo lugar, de temáticas relacionadas à história/biografias sinaliza para uma tipologia de escrita da História, respaldada em um estilo laudatório de culto ao passado e com caráter edificante e de exemplaridade, em voga entre as décadas de 1930 a 1960 especialmente. Leituras românticas respondem por um número significativo de exemplares (28, compondo 10% do acervo). Elementos de sociabilidade, construtores e alimentadores de imaginá-

rios, os romances sinalizam para práticas de leitura de uma época, fazendo pressupor um público leitor e doador feminino.[7] Nessa categoria ampla, denominada aqui genericamente de *romance*, há autores clássicos, como Machado de Assis, José de Alencar e Monteiro Lobato, em edições baratas (papel jornal, por exemplo), distribuídas como produções de cunho didático e veiculadas pelas editoras entre os professores da área de Letras. Não por acaso, encontra-se um mesmo percentual de livros relativos ao ensino de língua e literatura. Num breve olhar sobre as obras doadas nas duas áreas, identificaram-se três doadores comuns – que entregaram para doação livros de literatura e manuais para o ensino de línguas. Os livros da área de política, economia e sociologia, apresentados em forma de compêndios e datados das décadas de 1950 e 1960, sinalizam para a emergência dessas disciplinas no campo curricular da Escola Normal. Enciclopédias, livros de matemática e de língua estrangeira compõem os chamados livros didáticos, de uso constante do professor e dos alunos, fazendo supor que sejam oriundos de bibliotecas pessoais de ex-professores e ex-alunos e usados em atividades de aula cotidianas.[8]

Tabela 2 – Número de exemplares/área de conhecimento

Área de conhecimento	Número de exemplares	Participação (%)
Didática, pedagogia, educação	62	22%
História, biografias	33	12%
Romance	28	10%
Português, literatura	28	10%
Economia, política, sociologia	20	7%
Matemática	13	5%
Enciclopédias (volumes)	14	5%
Ensino/línguas estrangeiras	12	4%
Edições/línguas estrangeiras	12	4%
Latim	12	4%
Anuários, boletins	9	3%
Acervos, museus	8	3%
Dicionários	6	2%
Geografia	6	2%
Desenho	4	1,5%
Música	4	1,5%
Ciências	4	1,5%
Municípios	3	1%
Religiões	2	0,7%
Oratória	2	0,7%
Total de exemplares	277	100

Fonte: Acervo do Museu da Escola Catarinense (2005/2006).

Na Tabela 3, constituída a partir do total de 277 exemplares pesquisados e catalogados, identificaram-se, em 90 exemplares, marcas de leitura.

A tabela anterior indica a presença majoritária de exemplares com dedicatórias, fato que reforça o argumento de que muitas doações tenham vindo de biblio-

Tabela 3 – Classificação do acervo que indica a presença de leitores(as)

Tipo	Quantidade	Participação (%)
Dedicatórias	39	43,4%
Anotações, marginálias	24	26,6%
Objetos esquecidos	15	16,6%
Assinaturas, carimbos	12	13,4%
Total	90	100%

Fonte: Acervo dos livros do Museu da Escola Catarinense (2005/2006).

tecas pessoais. Se ainda não foi possível flagrar leitores, "alguém que tivesse deixado uma carta, um diário, um bilhete, dizendo o que sentiu e pensou ao ler certo livro" (ABREU, 2003, p. 16), foi gratificante encontrar seguros indícios de leitura (livros assinados e carimbados, textos sublinhados, margens com anotações, presença de objetos esquecidos) para organizar a tessitura de uma rede de relações e, sobre esse material, construir uma versão dos usos dos livros e caminhos dos leitores. Mesmo com os limites da documentação, este estudo rastreou o modo como leitores antigos encontravam e interagiam com o lido e o escrito. Sua presença simbólica evoca passados pessoais e coletivos, mãos que folhearam páginas, olhos que leram linhas, gestos que marcaram espaços por meio da escrita, da posse pelo nome, das dedicatórias e dos objetos-relíquia ali esquecidos e depositados. O olhar de hoje para esse material "compara os leitores implícitos dos textos com os leitores reais do passado e o trabalho do historiador quer mostrar que as leituras realmente existiram e ocorreram dentro dos limites de um corpo imperfeito de evidências" (DARNTON, 1992, p. 229). O seu mapeamento, neste estudo, contribui para evocar vestígios e símbolos de objetos e práticas culturais envolvidos no ato de ler.

O cruzamento dessas tabelas permitiu verificar a incidência de assuntos em alguns períodos, evidenciando a predominância dos livros de educação (livros escolares, cartilhas e séries de leitura graduada), muitos dos quais de uso obrigatório na escola primária catarinense.[9] Esse dado é relevante por abranger um período da nacionalização do ensino no Sul do Brasil e sinalizar para o investimento do Estado na formação de um cidadão "civilizado" e patriota, que tinha na leitura uma prática escolar civilizadora.

Os dados sobre os livros escolares desse acervo, ainda que modestos, indicam uma escola que se institucionalizava, com espaços, tempos, métodos e saberes melhores definidos, onde os livros também se especializavam, constituindo-se como sistematizadores dos saberes para os diferentes campos de conhecimento. Nos textos dos livros, os conteúdos não se ofereciam somente à memorização, pois traziam propostas de ampliação das competências para além de decorar, por meio de ilustrações, leituras amenas e edificantes e de novos saberes, como leituras de higiene, civilidades, etc. Com esse expediente, outras formas para sua representação eram instituídas; de simples depositários de cultura universal, passavam a ser fontes de lazer (com as ilustrações, por exemplo) e manancial para aprendizagem de outras experiências.

A maior incidência de livros relacionados ao campo educacional pode ser entendida na clave dos seus doadores, afinal, tudo indica que utilizados para o trabalho. Ainda sobre a presença de livros de biografias, de história e de literatura (romances), pode-se creditar a uma leitura de lazer, porque as obras que o constituem sinalizam, por vestígios deixados em seu interior, leitura de seus possuidores originais. No campo da literatura, a presença de obras ditas como clássicas,[10] mesmo que não autorize a considerá-las como reais experiências literárias daquele passado, permite inferir que poderiam ser uma forma de o proprietário distinguir-se socialmente pela posse do exemplar. Os estudos de Leila Mezan Algranti (2009, p. 9-11), ainda que referentes aos séculos XVIII e XIX, mostram que escrever uma História da Leitura

> [...] é uma atitude, ao mesmo tempo, ousada e revolucionária. Ousada por pressupor que a leitura era uma prática cotidiana acessível a um bom número de pessoas [...] [e] revolucionária por entender que a leitura vai além do próprio livro.

Este trabalho, ao destacar marcas de leitura e procurar caminhos feitos pelos leitores, pretende traçar certo itinerário de leitura perceptível nos interiores dos livros e materialmente presente por indicações de seus usos, formas de apresentação, marcas de seus leitores ao longo do tempo. É também uma maneira indiciária de intuir sobre a presença de livros, leituras e leitores na educação escolarizada (ou não) do período, de compreender melhor alguns sentidos conferidos às experiências de leituras, ou seja, pelos livros, leitores e marcas deixadas, é possível divisar prescrições e contornos da leitura circulante, desejada, recomendada pela escola e fora dela. Esses pequenos escritos possuem a marca simbólica da pessoa que os fez, carregam consigo uma memória que demarca a obra com a dimensão da relíquia e concedem certa permissão para historicizar as marcas do leitor no impresso. Procurar essas marcas significa considerar que o tempo não danificou totalmente a presença do leitor, pelo contrário, é ele quem permite sua fixação imperecível sob a forma de uma memória.

Para a interpretação desse material, buscou-se dialogar com várias linguagens, pois essas práticas e objetos mais recortados, ainda que associados à História da Leitura, "começam a vislumbrar-se não como um tema típico de uma disciplina em particular, mas como um espaço de encontro de diversas abordagens, capaz de superar reduções prévias" (CUCUZZA, 2002, p. 14).[11]

DO LEITOR NOS LIVROS

> Pegar um livro e abri-lo guarda a possibilidade do fato estético. O que é um livro se não o abrimos? Sim- plesmente um cubo de papel e couro com folhas, mas se o lemos ocorre algo raro: creio que muda cada vez.
>
> (Jorge Luis Borges, 1984)

Folhear os livros à cata de rastros de leitores permite confrontar-se com variados objetos e diferentes formas de marcar os impressos lidos, pois, "na intimidade da maioria, o impresso penetra, mobilizando as afetividades, fixando a memória, guiando as práticas" (CHARTIER, 2004, p. 227). Estudar as marcas deixadas pelos leitores permite inferir suas relações com os livros para além dos usos autorizados. Parece evidente que só podemos fazer aproximações, mas tais registros sinalizam para uma convivência mais aprofundada com o impresso.Nas margens ou fora delas, no texto, em papéis e relíquias guardados dentro dos livros, o leitor anuncia-se, e essas imagens fornecem indícios sobre a relação livro/leitor e a experiência de leitores comuns. São marcas que se mostram pelas marginálias (escritos ao longo das beiras das páginas, grifos de leitura ao longo do texto), pelas dedicatórias e pelos chamados objetos-relíquia (Figura 1).

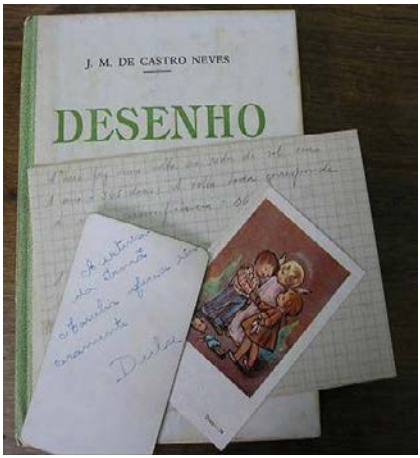


Figura 1 – Objetos encontrados no interior de um exemplar de 1955 (CASTRO NEVES, J. N. Desenho para 3ª e 4ª séries. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1955).

Fonte: Acervo do Museu da Escola Catarinense, UDESC, Florianópolis (Acervo: 99 A1).

O material foi digitalizado e catalogado numericamente para facilitar pesquisas, em especial aquelas vinculadas à perspectiva da História da Leitura, pois, como afirma Darnton (1992, p. 200), "a leitura tem uma história". Ela não se desenvolveu de igual maneira nos lugares, e a escrita dessa história trata de "associar o conhecimento sobre a presença do livro com a análise sobre as maneiras de ler, nas quais tomam parte a materialidade dos livros e a corporalidade dos leitores" (CHARTIER, 2003, p. 11).

Assinaturas e anotações nas margens – marginálias

> Sempre escrevo em meus livros.
> (Alberto Manguel, 2005, p. 65)

> Sempre leio acompanhado de um lápis, grifando os textos importantes, fazendo comentários à margem.
> (Miguel Sanches Neto, 2004, p. 47)

No universo pesquisado, um total de 32,4% dos livros do acervo apresentou marcas variadas que evidenciaram presença de leitores. Se não é possível afirmar, como os escritores Alberto Manguel e Miguel Sanches Neto, antes referidos, que a escrita nos exemplares é constante, é admissível considerar uma relação entre leitura e escrita, entre o manuscrito e o impresso. São atos que anunciam um nível de competência gráfica dos seus proprietários, quer pela assinatura desenhada, quer pela presença de letras rebuscadas que exigem domínio da mão sobre o papel e mesmo pela exatidão ortográfica e equilíbrio das formas escritas na página em branco. Macular "a página em branco, pela atividade concreta da escrita, circunscreve um lugar de produção que marca a presença do sujeito [...] nesse lugar desenfeitiçado das ambiguidades do mundo" (CERTEAU, 1994, p. 225). Em alguns casos, a maneira de utilização desses artefatos descritos e dados a ver por meio do uso da palavra escrita, como, por exemplo, a ordem da caligrafia de forma inclinada, pode ser considerada um indicativo de distinção e de convivência com formas sofisticadas de cultura escrita.[12]

Alguns livros trazem assinaturas de seus donos, o que indica uma

relação de propriedade e de perpetuação para além da posse física do exemplar. Como o acervo é oriundo de bibliotecas pessoais, pensa-se em certo zelo e até mesmo na necessidade de marcar o possuidor, registrar a personificação da posse por meio do nome próprio escrito para fugir do anonimato. Nomes próprios escritos, na grande maioria, em letras desenhadas, quase sempre seguidas do local e da data da aquisição, insinuam que são "o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços (BOURDIEU, 1996, p. 187). Mesmo que, em dois casos, o papel tenha amarelado, a assinatura ainda está surpreendentemente legível, em tinta preta. Iniciais decoradas que simbolizavam os nomes dos donos aparecem em vários livros e são indícios de que eles foram abertos, quiçá lidos, e de que os seus possuidores firmaram, em cada um deles, sua autoridade de leitores individuais.

Há escritas inelegíveis feitas à mão nas margens dos próprios livros (correções de letras e frases sublinhadas), talvez sobre possíveis impressões obtidas pela leitura, embora ainda não seja possível encontrar legivelmente a coisa mais permanente que alguém pode deixar em um livro – as suas próprias palavras. Segundo estudos realizados por Chartier (2002, p. 94-96), essa inscrição pode-se chamar de *marginalias*:

> As anotações marginais foram compreendidas como um dos gestos e um dos momentos da técnica intelectual que governa as práticas de leitura e escrita [...]. As *marginálias* constituem de fato uma forma de encontrar as citações e exemplos que o leitor retém como modelos estilísticos [...] permitem a "digestão" do texto [...] traduzem uma apropriação pela escrita do livro lido.

As folhas manchadas e a aparência parecem falar de centenas de polegares que viraram suas páginas; ao mesmo tempo, os livros cuidadosamente encapados pareciam indicar leitores extremamente cuidadosos que os liam sem quebrar a lombada. De igual maneira, há o desenho infantil na contracapa imitando o herói da história, o marcador de papel com uma figura religiosa (um impresso conhecido como *santinhos*), como no livro de aritmética, exemplar datado de 1915 (Figura 2).

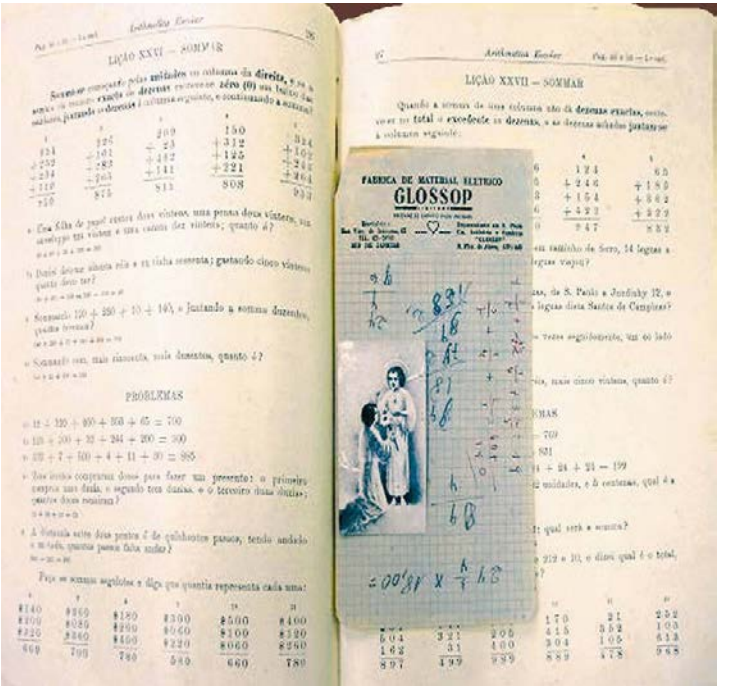


Figura 2 – BHROCA DORDAL, Ramon. Arithmética escolar. Rio de Janeiro, São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1915.

Fonte: Acervo de livros escolares do Museu da Escola Catarinense, UDESC (Acervo: 128ª1F).

Encontrou-se, também, um amuleto de sorte, como a flor chamada amor-perfeito, seca, entre as páginas de um romance; o cartão de felicitações que, aparentemente, não foi enviado; bilhetes e outros escritos e quinquilharias que não oferecem razão alguma e escapam da nossa compreensão plena, mas estão unidos pela sua condição de objetos-relíquia: são evidências da passagem do leitor pelo livro e parecem apontar as relações íntimas, complexas e delicadas entre eles. Há vincos de dobras, cheiros, sujidades, que recontam momentos e lugares passados. A esse respeito, vale rememorar recomendações feitas por Richard de Bury (1287-1345), em obra republicada em 2004, para quem "apenas uma pessoa asseada deve exercer o ministério dos livros [...] convém lavar as mãos quantas vezes saiam do refeitório para que dedos gordurosos não sujem a capa dos livros" (p. 147-148).

Dedicatórias: ritos e celebrações

> A dedicatória [...] [é] um verdadeiro rito. Ela pode ser, tratando-se de um impresso, a oferta de uma cópia manuscrita com bela caligrafia e ricamente ornamentada [...]. Na cena da dedicatória, a mão do autor transmite o livro à mão que o recebe, a do príncipe, do poderoso ou do ministro.
>
> (Roger Chartier)

As dedicatórias, nos livros estudados, eram espaços de celebração. Celebrava-se, por escrito, a amizade; cultuava-se a lembrança, o prazer da partilha, a emoção da dádiva. Esses sentimentos pareciam mover a escrita das dedicatórias e permitem considerar essa prática como formas simbólicas de poder e marcas de uma cultura da homenagem, até certo ponto laudatória. As dedicatórias mostravam o afeto do doador em palavras cordiais, na caligrafia desenhada, na cuidadosa ocupação do espaço na página branca: uma ordem que parece dignificar o texto a ser lido e aponta para o aguçamento de sensibilidades.

Espaços de memória. Registro de amizades. Lembranças. O prazer da partilha. Estratégias de consagração. Tessitura de uma rede de relações. Segundo Barthes (1985, p. 66), "a dedicatória é um episódio de linguagem, que acompanha todo presente [...] todo gesto, efetivo ou interior, pelo qual o sujeito dedica alguma coisa ao ser amado". Nos livros, esses sentimentos parecem mover o ato de fazer uma dedicatória, funcionando como mediadores do afeto que circulava entre amigos ou conhecidos. Tal situação é visível nos livros doados pela família da professora Antonieta de Barros,[13] cujas dedicatórias mostravam uma rede de sociabilidades que se caracterizava pela presença de encontros amistosos entre amigas. Os estudos realizados por Delmas (2007) mostram que os livros dedicados demonstravam prestígio e a importância do homenageado; são marcas de uma cultura que busca sofisticar suas relações e representações; são marcas distintivas da sociedade letrada.

Segundo Genette (2001, p. 109-110), a dedicatória ocupa um lugar canônico, sempre na primeira página do livro, na chamada folha de guarda ou folha de rosto, e sua destinação principal é ao suposto leitor, o verdadeiro destinatário da obra. Para esse autor,

> A dedicatória de uma obra destaca sempre a demonstração, a ostentação, a exibição: exibe uma relação intelectual, distintiva, real ou simbólica e esta exibição está sempre a serviço da obra como argumento de valorização ou tema de comentário (2001, p. 116).

A escrita registra, grava e conserva para as gerações futuras; assim, as dedicatórias expressam um desejo do doador de que o receptor compartilhe do texto escrito e que o leia. No acervo de livros escolares do Museu da Escola Catarinense, foram encontradas 39 dedicatórias (uma em cada exemplar). O material evidenciou que essa prática cultural obedecia ao cumprimento de determinados rituais (domínio de códigos linguísticos, letra esmerada, expressões afetuosas, redes de sociabilidades). Parte considerável das dedicatórias presentes nos livros do acervo salientou laços de amizade, relações de reciprocidade, algo como "dar um pouquinho de si, traduzir em palavras um tipo de afeto [...], estreitar laços já portadores de uma história afetiva", materializados em breves textos como "uma cordial lembrança, com gratidão e afeto, como prova de amizade e apreço, com desejo de que gostes da leitura" (MUAZE, 2006, p. 7-10). Pesquisa empreendida por Coradi (2007, p. 57) considerou que variadas intenções e sentimentos estão presentes no ato de dedicar um livro, "podendo partir da convenção social, [...] desejo de partilhar uma leitura com alguém querido [...] e até uma mensagem mais reveladora, caracterizada pelos sentimentos decodificados do dedicatário".

Como presente de Natal, datado de 1955, a dedicatória endereçada a um leitor infantil do livro *Robinson Suíço,* editado em São Paulo, pela Editora do Brasil, deseja

> Ao Nelson, com votos para que aproveites os bons exemplos deste livro e faças o firme propósito de um bom aproveitamento no próximo período escolar (Carlinda/Natal de 1955).

Nessa dedicatória (Figura 3), a relação é dada pelo tom exortativo para a leitura exemplar, considerada como índice e orientação de pensamento, e permite pensar em uma leitura *autorizada,* pela adesão/concordância a uma convicção. O desejo sublinhado pelo doador, em uma escrita

do presente, é um ato mágico e solidário no qual se quer materializar um desejo, uma projeção para o leitor do futuro. Ou seria uma ordem? Tais práticas, mais uma vez, soam como seguros indícios da passagem do leitor pelo livro, aqui conservada pela memória da escrita.

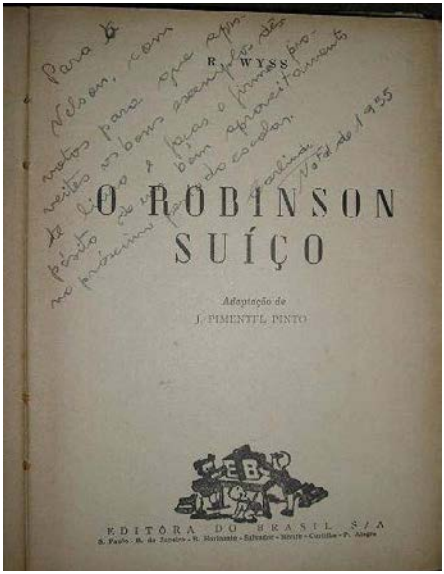


Figura 3 – Dedicatória datada em 1955, encontrada no exemplar de *O Robison suíço.* São Paulo: Editora do Brasil, 1955.
Fonte: Museu da Escola Catarinense, UDESC, Florianópolis (Acervo: 40 A1).

À **MANEIRA DE UM EPÍLOGO...**

Os resultados da pesquisa indicam que os leitores também "habitam" os livros, pois, por meio deles, é possível conhecer formas de intervenção do leitor "indicadas nas margens, como um lugar periférico com relação à autoridade" (CHARTIER, 1998, p. 88). Ainda, as marcas deixadas, que podem ser lidas como indícios da presença constante do leitor, dão vida a desconhecidos – dos que riscavam os livros com caneta aos que os encapavam para melhor preservá-los; dos que neles escreveram aos que nele esqueceram velhos papéis, relíquias. Oferecem pistas curiosas a respeito do universo cultural em que estavam inseridos leitores/doadores naqueles tempos. Tantas e tão diferentes marcas permitem imaginar o doador/

leitor pela dedicatória, atentar para as palavras sempre cordiais da oferta, reparar na cuidadosa organização gráfica com que se dispunha, na página em branco, a caligrafia nítida, por exemplo. Essa ordem parece antecipar o texto, anunciar um temperamento sensível não só no recurso infinito das palavras como na visibilidade imperiosa das letras desenhadas.

Hospedando-se nas estantes (ou em caixas), como inquilinos de vida, os livros do acervo, com suas marcas de uso, suas dedicatórias, seus objetos-relíquia marcam um tempo: as pessoas que se saudaram reconhecem-se como parceiros de uma aventura de leitura e de instantes eternizados pela magia e perenidade da escrita. Todas essas inscrições não são "somente uma operação abstrata do intelecto; elas são engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros" (CHARTIER, 1994, p. 17). São registros de afetos que permanecem como resíduos que, materializados em tinta, papel, figuras, desenhos, flores secas, enfrentam a velocidade e a fugacidade do tempo, eternizam momentos e emergem como lembranças. As ilustrações e inscrições, nos livros escolares, podem constituir um acervo relevante para futuras pesquisas sobre a leitura escolar e para história das instituições escolares e seus acervos de livros, além de permitirem ao historiador entender a produção silenciosa que é a atividade leitora.

Plenos de memórias de um tempo foram preservados para nos preservar, pois que nunca são apenas objetos; têm uma voz com a qual falam através do tempo e das vidas; "são, ao mesmo tempo, relíquias de uma época diferente e de pessoas, a partir de sua própria época" (BLOM, 2003, p. 228), mas estabelecendo conexões com o leitor/historiador atual. Incorporando esquemas escriturísticos ritualizados (como a inscrição do nome próprio, uma dedicatória emocionada ou uma correção ortográfica), as muitas marcas deixadas nos livros continuam preservadas, podendo-se considerar, por meio delas, uma relação delicada entre leitura e escrita.

Trabalhar com esse material, em acervos como os do Museu da Escola Catarinense, cria possibilidades para pensar, igualmente, em uma perspectiva ampliada de patrimônio cultural capaz de sensibilizar variadas instituições para a gestão e promoção dessas obras. Conhecer mais sobre como os livros eram produzidos, dados a ler e utilizados, é, pois, compreender como o Estado fez da leitura um saber escolar e deu à escola a responsabilidade de formar leitores e leitoras. Preservá-los de forma adequada é uma iniciativa que vem demandando esforços. É fundamental que se formu-

lem e se programem políticas com a finalidade de enriquecer a relação da sociedade com seus bens culturais, sem que se percam de vista os valores que justifiquem sua preservação.

Nesse sentido, a constituição e a manutenção de acervos escolares (notadamente os livrescos) revestem-se de importância como forma de "atribuir novos significados às práticas escolares como elementos constitutivos da vida social [...], uma perspectiva que impõe aos pesquisadores o desafio de preservação das fontes históricas em arquivos públicos e a constituição de arquivos escolares" (MORAES; ALVES, p. 25).

Os livros dessa *biblioteca anotada*,[14] por tanto tempo esquecidos, muitos deles cobertos de dejetos, mostraram padrões de sociabilidade, cunharam sensibilidades, marcaram subjetividades geracionais em nomes próprios, dedicatórias e relíquias deixadas em suas entranhas. O nome famoso ou anônimo na contracapa, a dedicatória que poderia despertar a vontade de ler, a relíquia esquecida ou abrigada em meio às páginas dos livros, abrem espaços para a aventura de conhecer, pelos objetos, modos de ler, maneiras de escrever; ao historiador, fornecem evidências de que não existem coisas banais, mas múltiplas possibilidades de questionar um passado selecionado para a construção deste presente.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB), São Paulo: FAPESP, 2003. (Coleções Histórias de Leitura)

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História:** A arte de inventar o passado. Bauru: EDUSC, 2007.

ALGRANTI, Leila Mezan; MEGIANI, Ana Paula. (Org.). **O império por escrito.** São Paulo: Alameda, 2009.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso.** 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

BLOM, Philipp. **Ter e manter.** Uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BORGES, Jorge Luis. **Borges oral.** Madrid: Bruguera. 1984

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Gomes Ferreira (Coord.). **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-191.

CASTILLO GOMÈZ, Antonio; BLASS, Verónica Sierra. (Org.). **Mis primeros pasos.** Alafabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (séculos XIX e XX). Astúrias, Espanha: Ediciones Trea, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **A ordem dos livros.** Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UnB, 1994.

_____. **Formas e sentido.** Cultura escrita: entre distinção e apropriação. São Paulo: ALB, Mercado de Letras, 2003.

_____. **História cultural.** Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1989.

_____. **La historia o la lectura del tiempo.** Barcelona: Gedisa, 2008.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime.** São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **Os desafios da escrita.** São Paulo: UNESP, 2002.

CORADI, Joana Paula. **A dedicatória como expressão:** um gesto das práticas de leituras. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia), Gestão da Informação, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2007.

CUCUZZA, Héctor Rubén; PINEAU, Pablo. (Org.). **Para uma historia de la enseñanza de la lectura y escritura en Argentina.** Del catecismo colonial a La Razón de Mi Vida. Buenos Aires: Mino y Dávila, 2002.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução.** Os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Um patriotismo são Lições de História para a Escola Primária. Um estudo na Série de Leitura Graduada Pedrinho de Lourenço Filho (décadas de 50 a 70 do século XX). **Linhas**, v. 12, p. 154-169, 2011.

DARNTON, Robert. **Boêmia literária e revolução.** O sub-mundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
_____. História da leitura. In: BURKE, P. **A escrita da história.** Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p. 199-236.
DELMAS, Ana Carolina Galante. "Do mais fiel e humilde vassalo": as dedicatórias impressas para os monarcas D. João VI e Dona Carlota Joaquina no Brasil. In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2007, UNISINOS, São Leopoldo, RS (CD Rom).
DENTRO de um livro/Contos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
GENETTE, Gérard. **Umbrales.** Buenos Aires: Siglo XXI, 2001.
GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros.** Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
MANGUEL, Alberto. **Os livros e os dias.** Um ano de leituras prazerosas. São Paulo: Companhia das Letras. 2005.
MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; ALVES, Julia Falivene. (Orgs.). **Inventário de fontes documentais.** Centro Paula Souza, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. São Paulo: [s.d].
MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Os guardados da viscondessa: fotografia e memória na coleção Ribeiro de Avellar. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 73-105, dez. 2006.
RANUM, Orest. **Refúgios da intimidade**. História da vida privada. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 211-265, v. 3.
BURY, Richard de. **Philobiblon.** Tradução e apresentação de Marcello Rollemberg. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
SANCHES NETO, Miguel. **Herdando uma biblioteca**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

NOTAS

[1] BONASSI, F. Texto para Leitura. In: Dentro de um livro/contos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. p. 55.
[2] Disponível em: <http://www.museudaescola.udesc.br>.
[3] Projeto de pesquisa História da cultura material da Escola Catarinense/ Museu da Escola Catarinense, concebido pela Prof.ª Maria da Graça Vandresen (1992). O Museu situa-se na Rua Saldanha Marinho, 196, Centro, Florianópolis, no prédio originalmente construído para Escola Normal, na década de 1920, que abrigou, até 2007, a Faculdade de Educação (FAED/UDESC). O projeto é atualmente executado pela Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Gaspar da Silva (FAED/UDESC).
[4] Projeto de pesquisa Hóspedes do tempo, inquilinos da vida. Um estudo sobre o acervo

de livros escolares do Museu da Escola Catarinense, coordenado por Maria Teresa Santos Cunha (UDESC).

[5] Este texto centrou a análise nos materiais produzidos na primeira metade do século XX.

[6] Manuel Bergström Lourenço Filho, um dos expoentes do movimento da Escola Nova. Já no início da década de 1930, manifestava a preocupação com a leitura, o que culminou, na década de 1950, na elaboração de uma Série de Leitura Graduada "Pedrinho" para a Escola Primária (CUNHA, 2011).

[7] Ver o estudo realizado sobre essa prática de leitura em: CUNHA, M. T. S. Armadilhas da sedução. Os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

[8] Os estudos com esses livros didáticos estão sendo levados a efeito no âmbito deste projeto.

[9] Destaque para a Série de Leitura Graduada Fontes (1920), de autoria do Prof. Henrique Fontes (SC).

[10] Obras da literatura nacional (José de Alencar, Machado de Assis, Monteiro Lobato).

[11] Tradução livre da autora.

[12] "À História da Cultura Escrita, interessam não só os aspectos gráficos que dão visibilidade aos diferentes níveis de alfabetização, mas também a disposição do escrito sobre o espaço gráfico; [...] a forma da letra empregada, a introdução de maiúsculas e sumários para organizar o discurso, a redação, os sublinhados, as marginálias, as dedicatórias, etc." (CASTILLO GOMÈZ; BLASS, V.S. (Org.). Mis primeros pasos. Alafabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (séculos XIX e XX). Astúrias, Espanha: Ediciones Trea, 2008. p. 15 (Tradução da autora).

[13] Antonieta de Barros (1901-1952), professora negra e primeira mulher deputada estadual de Santa Catarina e participante da Constituinte de 1934.

[14] Termo utilizado por Daniel Link (UBA/Argentina). Disponível em: <http://www.bnm.me.gov.ar>. Acesso em: 18 out. 2010.

O que é a Mostra Casa Nova e porque o Museu da Escola Catarinense irá sediá-la e suas consequências.

Por Sandra Makowiecky

Texto publicado na página oficial do Museu da Escola Catarinense, em 21 de maio de 2013, por ocasião dos preparativos para a realização da MOSTRA CASA NOVA, visando esclarecer a cessão de espaço por cinco meses, aprovada nos Conselhos Superiores da UDESC. Disponivel em < http://www1.udesc.br/?id=2415>. Acesso em 12 mai.2018.

SOBRE A MOSTRA - O Evento MOSTRA CASA NOVA, ocorrerá nos meses de setembro a outubro de 2013, atraindo grande público para o MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE e, consequentemente para o Centro Histórico de Florianópolis. O Secretário do Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de Florianópolis, Dalmo Vieira Filho, anunciou que o Centro Histórico está inserido no Projeto de Revitalização de Florianópolis, por isso, a MOSTRA CASA NOVA sediada no Museu da Escola Catarinense, contribuirá diretamente para a divulgação e inserção do Centro Histórico no circuito turístico de Florianópolis. O tema da 12ª Edição da referida Mostra cujo tema será Escola, Pinacoteca e Museu. A Mostra Casa Nova é o maior evento de decoração de Santa Catarina, onde arquitetos e decoradores compartilham conceitos e lançamentos do setor. Sediar tal evento possibilitaria ao Museu receber algumas melhorias que tanto precisa. Todavia, é bom salientar, são melhorias, não se trata de restauração. A restauração do imóvel será feita quando a Universidade conseguir viabilizar seu projeto, que está em trâmite no IPUF, sob a coordenação do professor Edy Genovez Luft, para avaliação e aprovação e dependerá, na sequência, de recursos externos e internos para sua viabilização.

SOBRE O PRÉDIO - Como é sabido, o prédio do MESC é bem imóvel tombado e classificado como P1, que significa Tombamento total, externo e interno e, portanto, quaisquer obras que venham a ser realizadas no mesmo, necessitam de autorização e supervisão da Fundação Catarinense de Cultura e do Instituto de Planejamento Urbano de Florianó-

polis, do SEPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município. A escolha do Museu da Escola Catarinense segue a linha desta Mostra, que pretende dar sua contribuição na realização de melhorias em prédios históricos tombados, a exemplo do que realizaram no ano de 2012, no Grupo Escolar Silveira de Souza, que merece uma visita. Aliás, é importante frisar que fomos procurados porque o SEPHAN nos indicou ao grupo que realiza a Mostra Casa Nova. Não entendo que façam uma interferência em prédios históricos, eles ajudam na recuperação destes monumentos, muitos relegados ao acaso. No caso do MESC, existe um plano de preservação arquitetônica, que será um dia executado. Espero que brevemente. O prédio é pouco conhecido, apesar de lindo e enorme. No momento, ele não dá visibilidade ao campo de pesquisa e memória pública, justamente porque poucos conhecem o Museu da Escola Catarinense, porque seu acervo não está em condições de ser consultado, sobretudo o documental e seu aspecto físico merece reparos urgentes e merece passar por uma complete restauração e preservação. Ele precisa de muita visibilidade. Ninguém preserva e gosta do que não conhece. Isso é ponto central nos afetos e na questão de preservação: "Quem gosta, cuida". Como profissional da educação e pesquisadora, defendo a preservação do acervo do museu, no aspecto documental e arquitetônico. O projeto de conservação e restauro sem sombra de dúvidas, se guiará por princípios da historiografia da educação, bem como por princípios da museologia. Eu sempre defendi a profissionalização das áreas de conhecimento. O leigo, por desconhecimento, pode cometer muitos erros.

SOBRE OS BENEFÍCIOS - O que conseguiremos no momento, centra-se na elaboração de projetos técnicos necessários para obtenção de licenças diversas (que o museu não possui até o presente momento) ; disponibilização de mão-de-obra e materiais para reforma parcial; reparo das imperfeições dos pisos; reparos das imperfeições e danos aparentes de reboco com argamassa mineral e pintura completa da fachada do imóvel; reforma de 04 (quatro) banheiros existentes no local para uso do público, sendo 02 (dois) banheiros no térreo e 02 (dois) no 2º (segundo) andar; caso houver instalação de aparelhos de ar-condicionado nas salas de exposição do evento, após a realização deste, ficará como benfeitoria toda a instalação das tubulações e farão ainda campanha de doação de

áreas funcionais, junto aos arquitetos expositores, para que deixem como legado algumas melhorias nos ambientes montados no imóvel, após o término do evento. A meu ver, são grandes ganhos para a cedência de espaço por pouco tempo. Fora o fato de que, com a Mostra, conseguiremos viabilizar como prioridade questões internas do Museu, como substituição de estruturas que estão seriamente danificadas, como janelas e vidraças, retirada de peças de madeira com cupins, tarefa a qual me dedico incansavelmente. Há muito que adiantar neste período e nada se dará por perdido, pois os ganhos são evidentes. Incluímos a obrigatoriedade de o Museu se equipar para receber portadores de necessidades especiais.

SOBRE O ACESSO À DOCUMENTAÇÃO - A respeito de argumentos possíveis de que com a recuperação do prédio, os pesquisadores ficarão privados de acesso à documentação, isso não procede. Neste um ano e quase meio que aqui estou, o acervo do Museu não tem sido procurado para consultas, a exceção da professora Maria Teresa Santos Cunha, que continuamente frequenta o Museu com seus alunos da disciplina Patrimônio Cultural, para a realização do estágio curricular. Assim sendo, neste caso, pedimos autorização da direção de pesquisa da Faed, para que pudesse receber o acervo do professor Elpídio Barbosa, para guarda específica do Dape e da pesquisadora, bem como ao departamento de história da UDESC. A professora e chefe do departamento de história da FAED, Cristiani Bereta da Silva, também concordou com a ida do acervo Elpídio Barbosa para guarda temporária na antiga DAPE. Assim, estas pesquisas não serão interrompidas. Nos demais casos, tudo está sendo guardado e mantido tal como se encontrava quando assumi o Museu, em abril de 2012. A rigor, por não ser da área de documentação, entrei em contato com as professoras Vera Lúcia Gaspar da Silva, Gisela Eggert Steindel e Maria Teresa Santos Cunha, mais a bibliotecária Iraci Borszcz, da BU, para que me ajudassem na seleção do material que deveria ser mantido ou não, para futuras pesquisas. Naquele momento, elas não dispunham de carga horária para tal tarefa. O que é compreensível, pois já estavam com seus planos de trabalho comprometidos. Solicitei ajuda da Biblioteca Universitária para cedência de um/a bibliotecário/a, o que também não foi possível, devido à escassez de material humano. Solicitei a chamada de concurso público de um bibliotecário/a apenas para atender ao Museu da

Escola Catarinense, o que também não foi possível, devido às restrições orçamentárias do ano de 2012, bem conhecida de todos. O que quero dizer é que os pesquisadores não serão privados de nada, pois o que aqui existe não está disponível de forma facilitada, com ou sem Mostra Casa Nova. Recordo da visita da professora Cristiani Bereta da Silva, que nos procurou, solicitando um documento que não encontramos, não porque não existisse, ao que ela nos afirmou, mas porque não havia como encontrar. Tudo necessita de guarda correta de acervo. O Museu não dispõe de museólogo/a, nem o plano de carreiras da UDESC previu este cargo, nem conta com bibliotecários/as. No momento, conseguimos contratar uma museóloga que irá nos ajudar a elaborar novo plano museológico. As professoras da FAED foram contatadas para esta tarefa, mas também não puderam assumir mais este encargo. Evidentemente que tenho toda a documentação referente a essas movimentações, pois parece que nada se faz ou fez. Não tem sido fácil administrar um Museu sem estrutura mínima, nem física, nem de recursos financeiros, nem de pessoal. Centramos então, em fazer, conforme noticiei em reportagem do Diário de Notícias, de 14 fevereiro de 2013, as seguintes metas: Contratação de profissional para elaborar plano museológico (autorizado em maio de 2013, profissional para auxiliar em projetos para concorrência em editais e programação cultural (autorizado em 2013), professional para higienização e restauração de acervo (em trâmite). Para a restauração dos painéis em madeira da Academia de Comércio, em estado deplorável e tomados integralmente por cupins (quando foram doados ao museu, já estavam plenamente contaminados), espero contar com professores do CEPLAN, que nos visitarão no dia 24 de maio, para saber se poderão dar conta da tarefa. Caso contrário, a UDESC terá que contratar também profissionais externos, pois é trabalho especializado. E também não sei se tais professores poderão dispor de cargas horárias em seus planos de trabalho.

Não existe documentação sendo removida sem formalização de política de guarda e preservação, pois tudo ficará no Museu, à exceção do acervo de Elpídio Barbosa. Os demais documentos permanecerão no MESC, em outras salas e devidamente embalados e protegidos, nas melhores condições de que dispomos e que todos sabem que não são as ideais, longe disso.

SOBRE A DIFICULDADE DE PRESERVACAO DESTA DOCUMENTAÇÃO - Sabemos que o que se refere à documentação das escolas públicas estaduais, devemos nos reportar ao que está referida na legislação estadual de arquivos, cabendo contato com os responsáveis pelo Sistema de Gestão Documental, na Secretaria de Estado da Administração. Todavia, não sei até que ponto esta legislação dá conta das especificidades. Não sei o que dizem as tabelas de temporalidade vigentes acerca da documentação escolar produzida em âmbito estadual. Até onde sei, existem poucos documentos iconográficos e textuais, aliado ao descarte de documentos, justamente por falta de uma política mais clara e definida para o assunto, portanto, me parece ser necessária uma política estadual de preservação do patrimônio escolar. Isso é urgente. No caso do Museu, enquanto isso não ocorre, guardamos tudo o que aqui se encontra para avaliação posterior.

No ano de 2012, recebemos, através do projeto da professora Gisele, um grupo que trabalhava sob a supervisão de Lia Canola, na recuperação de documentos da Escola Lauro Muller. Para tal projeto, cedemos o espaço do Museu, bem como nossas mínimas condições para a execução do trabalho, que finalizou em fevereiro de 2013. Atuaram no Museu por aproximadamente seis meses. Lamentavelmente este acervo, conforme me foi assegurado pela professora Gisela Eggert Steindel , deveria retornar para a Escola, o que deve ter sido feito, já que em fevereiro, conforme acordo realizado previamente, o trabalho seria encerrado e a sala emprestada seria retomada. Assim foi feito, mas lamentei a perda desse material. Todavia, a atual museologia defende que os objetos devem ficar no seu ambiente próprio e lá, devem ser preservados. Concordo com esta posição, vista por este prisma. Espero que a Escola Lauro Muller, já em posse de seu acervo, possa servir de local de pesquisas frutíferas para história da educação em Santa Catarina, mesmo sabendo que certamente enfrentarão e enfrentam os mesmos problemas com os quais lidamos no Museu da Escola Catarinense. No caso do MESC, devemos ter um plano de preservação documental que obedeça a legislação de área. Esse é um ponto bem problemático. Na falta de saber o que guardar e na impossibilidade de contar com profissionais da própria UDESC, nós guardamos tudo, mas estou consciente de que este não deve ser o caminho. Espero que as pessoas que trabalham na área se mobilizem cada vez mais, para que este sério e importante assunto seja posto na mesa de debates e busca de soluções.

SOBRE NOVOS USOS PARA O MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE - Imagino que alguns profissionais devam estar com receio de que estejamos pensando em dar outros usos para o espaço do Museu da Escola Catarinense. Afirmo que isso nunca esteve nos meus planos. Quero sim, realizar o que já constava dos planos iniciais do Museu, ou seja, um Museu adaptado para ser também um espaço cultural ativo. Nada mudou, ele foi assim concebido e assim será mantido. Assim está aprovado na Universidade e sou bastante legalista. Isso só será modificado se a Universidade assim o desejar. Não farei nenhum movimento neste sentido. E evidente está que o MUSEU não se tornará um centro de eventos de decoração, como podem insinuar.

Aos que me conhecem, tenho atuação na área de preservação e patrimônio e desta forma, não custa relembrar algumas de minhas publicações, reforçando minha persistência na preservação da memória, sobretudo em Florianópolis e no pensamento em geral.

A área da cultura é frágil e nos fragilizamos ainda mais, pois sempre existem resistências a qualquer coisa que se queira fazer. Sempre existe mais críticas do que estímulo, sempre existe mais desconfiança, sempre é mais fácil jogar pedras do que ajudar. Lamentavelmente é isso que ocorre. E nessas horas ninguém pensa que as pessoas que estão no comando de tais espaços ou ações querem o melhor para a Instituição, dentro de uma visão de vida pautada no assunto. As vezes merecemos crédito ou o benefício da dúvida, não?

Não existe contra, existe a FAVOR DO PATRIMÔNIO.

Museu da Escola Catarinense : a experiência de preservação do espaço e construção de um arquivo virtual

Educação Patrimonial e educação escolar[1]

Sandra Makowiecky[2]
Beatriz Goudard[3]

Artigo publicado originalmente como nos anais do IV Colóquio de História da Educação, 2016, Criciúma. Anais do IV Colóquio de História da Educação. Criciuma: UNESC, 2016. v. 1. p. 1-7. Disponível em:< < http://www.unesc.net/portal/resources/files/595/Museu%20da%20Escola%20Catarinense%20a%20experiência%20de%20preservação%20do%20espaço.pdf >. Acesso em 29 jul.2017

Introdução: Neste *IV Colóquio de História da Educação: Patrimônio Cultural, Lugares, Memórias e Identidades*, a escolha do eixo temático de *"Educação Patrimonial e educação escolar",* que busca contemplar estudos que alcançam iniciativas de construção de arquivos, museus e centros de memórias, bem como experiências de educação patrimonial relacionadas às memórias da educação, tentaremos mostrar um caso em que a busca pela preservação dos lugares de memória da educação, encontra lugar na construção de um museu - O Museu da Escola Catarinense (MESC) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), situado em Florianópolis, Brasil - que passou recentemente (de 2013 até hoje), por uma experiência de preservação de seu prédio e espaços físicos e bem como da experiência de construção de seus arquivos, também em forma virtual, com muito material disponibilizado em sua página, no site da Universidade do Estado de Santa Catarina, ambicionando que sua preservação e valorização possam

1 Disponivel em <http://www.unesc.net/portal/resources/files/595/Museu%20da%20Escola%20Catarinense%20a%20experiência%20de%20preservação%20do%20espaço.pdf>. Acesso em 29 jul.2017

2 Sandra Makowiecky – Professora Doutora, área de teoria e historia da arte, Universidade do Estado de Santa Catarina, coordenadora do Museu da Escola Catarinense. Centro de Artes.

3 Beatriz Goudard- Professora Doutora, área de engenharia civil, Universidade do Estado de Santa Catarina.

garantir que os trabalhos de memórias consigam legitimar identidades. Os museus funcionam como zonas de contato, espaços em que sujeitos que estavam separados no tempo e na geografia, por razões das mais variadas, têm a oportunidade de se encontrar, alargar a experiência de vida e ver que o mundo pode ser compartilhado e apreendido. O que se encontra em um museu gera um interesse que não se esgota na visualidade efêmera. Há outras implicações de natureza diversa: a informação e o conhecimento, os vínculos de subjetividade, inclusive identitários, que podem ser criados ou reativados, o exercício da imaginação.

1.Sobre a criação do MESC: A criação do Museu da Escola Catarinense teve como objetivo principal sua consolidação como espaço educativo não formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado a Educação. O Museu se restringe à Educação Escolar, delimitando com mais clareza seu objetivo e estabelecendo similaridade com outro museu desta natureza no Brasil, o Museu da Escola de Minas Gerais, primeiro no gênero no Brasil, que guarda a memória da educação escolar do Estado, com ênfase no trabalho do professor e no seu fazer cotidiano. O museu da Escola Catarinense (criado em 1992), está abrigado em edifício que foi construído para abrigar a *Escola Normal Catharinense* (1892 -1926). Trata-se de um edifício tombado como Patrimônio Histórico. Há uma seção destinada aos materiais de escola, sobretudo do início do século XX até os anos 70. Citamos: giz, cadernos, lápis, mata-borrão, palmatória, quadros miniatura, escrivaninhas, máquinas de escrever, mimeógrafo, apagador, livros de consulta, quadro negro, armários, carteiras. O armário porta-bandeira, o púlpito, quadros com amostras sementes de produtos agrícolas nacionais que recebiam o sugestivo nome de "museu escolar". Destacamos a presença frequente do relógio e crucifixo e de gravuras, mapas, coleções de insetos, globo terrestre, abecedários de madeira, esqueletos humanos, imagens de homens ilustres, obras de arte. Considerados indispensáveis à prática do método de ensino intuitivo ou lições de coisas, contribuíram para que a instituição escolar cumprisse a sua dupla tarefa de instruir e educar/moralizar/higienizar/civilizar. É na sala de aula que se compreende o macro universo existente à nossa volta, que está correlacionado ao nosso universo próprio. Visitar um museu desta natureza não é apenas "absorver" cultura.

Esse universo material, sensorial, é muito importante na nossa existência, respondem a valores, a interesses, a focos de conflitos e suportes de dominação. O acervo hoje existente leva à esta direção, podendo constituir-se como um Centro de Pesquisa sobre a história da educação escolar em Santa Catarina. O MESC integra oficialmente o Sistema Nacional de Museus, possui inscrição no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e fez adesão ao Sistema Estadual de Museus em 2007. O Museu também pretende contemplar um centro cultural que possa abrigar exposições de artes plásticas e de outras naturezas, cursos, apresentações cênicas e musicais, bem como eventos culturais de forma ampla. Atualmente o MESC tem sido espaço para cursos de capacitação da própria universidade e tem feito parcerias com instituições ligadas à arte e museologia, bem como abrigado diversas mostras culturais. O Plano Museológico do MESC foi elaborado por museóloga, juntamente com a equipe do Museu, em 2013.

2. Sobre a experiência de preservação do espaço: O Museu recebeu durante o ano de 2013 uma série de melhorias em sua estrutura física para sediar a 12ª edição da Mostra Casa Nova (evento de arquitetura). A Mostra buscou valorizar a rota cultural no Centro da Capital e contribuir com a preservação do patrimônio histórico. O edifício foi construído para abrigar a *Escola Normal Catharinense,* no final do século XIX (1892) e inaugurada no prédio do MESC em 1926. Foi a primeira Faculdade de Educação do Brasil e mais tarde, dessa iniciativa nasceu a UDESC. Criado em 1992, o museu foi instalado definitivamente no prédio a partir de 2007. O prédio do MESC é bem imóvel tombado e classificado como P1, que significa tombamento total, externo e interno e, portanto, quaisquer obras que venham a ser realizadas no mesmo, necessitam de autorização e supervisão da Fundação Catarinense de Cultura e do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, do SEPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município (ele é tombado em nível estadual e municipal). O prédio não dava visibilidade ao campo de pesquisa e memória pública, justamente porque poucos o conheciam; porque seu acervo não estava em condições de ser consultado, sobretudo o documental e seu aspecto físico merecia reparos urgentes. Várias das questões complexas afetam este estudo de caso. Ele envolveu teorias e critérios de intervenção em obras consideradas patrimônio artístico e arquitetônico, adequando ao uso

na atualidade, equilibrando a intervenção entre os aspectos históricos e estéticos, com projetos aprovados pelos órgãos de preservação oficiais. Como benefícios resultantes, após o término do evento, os órgãos de preservação histórica fizeram vistoria no imóvel para determinar o que poderia permanecer e o que deveria ser retirado, pois o prédio tombado está inscrito na categoria P1. Todas as modificações e projetos tiveram que ser aprovadas por estes órgãos. A análise bem feita pelos órgãos responsáveis permitiu que mais melhorias ficassem para o MESC, para além do que inicialmente se planejava. Por exemplo, reforma interna com a pintura das paredes, o melhoramento dos pisos de madeira que foram lixados e encerados e o realinhamento das tubulações elétricas e hidráulicas ficaram como legado, a nova calçada de passeio em frente ao Mesc. Além disso, o Museu ganhou após o término do evento, banheiros novos, um café, uma lojinha e a iluminação da fachada, que ganhou pintura nova e projeto luminotécnico executado com tecnologia de vanguarda no Brasil. Também foram recuperadas as redes elétrica e hidráulica, projetos de prevenção de incêndio e vigilância sanitária, recuperação dos banheiros, dos pisos das salas, esquadrias de portas, janelas e vidros, além de outros. Importante mencionar também a execução e doação do projeto da Loja e Café do Museu, este último com projeto de autoria da arquiteta Beatriz Kubelka Fernandes, que foi agraciado com uma menção honrosa no 2º Prêmio Arquitetura Catarinense, na categoria *"Projetos de Restauro e Conservação de Edificações e Sítios Históricos"*.

Fig.1. Fachada com iluminação

Fig.2. Sala expositiva acervo permanente

Fig.3. Café do Museu

Fig. 4. Lojinha do Museu

3. Sobre uma custosa e difícil restauração ou operar uma intervenção/recuperação preventiva: Como não cristalizar o patrimônio do Museu da Escola Catarinense sem des-significá-lo? Como atualizá-lo na dinâmica temporal, considerando sua materialidade e imaterialidade? O que deveríamos fazer? Esperar por uma custosa e difícil restauração ou operar uma intervenção/recuperação preventiva? Optamos pelo termo recuperação preventiva, conceito utilizado por Brandi (2004), que embute diretrizes de observância à estética, à história, à função e à ambiência cultural. Na recuperação preventiva realizada no Museu, percebemos que prevaleceu para sua recuperação os princípios do Restauro Científico da Carta Italiana de Restauro de 1972, por Cesare Brandi (2004), sem esquecer que esta restauração visava restabelecer a unidade potencial da obra, sem cometer o falso artístico ou o falso histórico. Concordamos também com Vinãs (2003) quando diz que sobre os objetos/monumentos históricos, nenhuma circunstância material justifica a preocupação porque seu valor é outro. Trata-se de um valor convencional, acordado e concedido por um grupo de pessoas e sobre este objetos se acrescentam uns valores que na realidade correspondem a sentimentos, crenças e ideologias, ou seja, a aspectos imateriais da realidade. É o entendimento do bem cultural em seu caráter simbólico e impregnado de sentidos, um conceito ainda não explicitado, denominado de "intangibilidade". O trabalho realizado envolveu teorias e critérios de intervenção em obras consideradas patrimônio artístico e arquitetônico, adequando ao uso na atualidade, equilibrando a intervenção entre os aspectos históricos e estéticos, com projetos aprovados pelos órgãos de preservação oficiais. Havia a percepção da sustentabilidade

referente à reutilização de edifícios antigos e áreas urbanas já construídas, visando ajudar a evitar o esvaziamento e degradação dos centros históricos das cidades brasileiras. Era presente a necessidade de compatibilização e intervenção sustentável dos edifícios antigos às novas funções e necessidades. As políticas dos órgãos de preservação de patrimônio: federal, estadual e municipal e as distintas legislações que protegem o patrimônio nas diversas instancias governamentais foram observadas, com atento acompanhamento por parte de todos.

4. Sobre a construção de um arquivo virtual: O Museu da Escola Catarinense (Mesc), da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), lançou uma nova página em **www.museudaescola.udesc.br**, dentro do portal da instituição, para aumentar a visibilidade do seu acervo e facilitar o acesso do público à sua estrutura. O ambiente virtual, que apresenta informações completas sobre o local, foi desenvolvido pela designer gráfica Fernanda do Canto. O projeto teve, como base, as pesquisas feitas por Eduardo Petry, estudante de Arquitetura e estagiário do Museu da Udesc, e pela coordenadora do espaço, Sandra Makowiecky. A nova página é de fácil navegação e mostra especificidades, objetivos e atividades do museu, onde o visitante virtual pode ter acesso a informações como eventos, histórico, descrição e imagem salas das exposições permanentes, acervo documental, fotográfico, descrição das salas destaques, projetos de educação escolar, plano museológico, pesquisas e textos sobre educação escolar, documentos do Museu, entre outros, visando também facilitar a busca de informações pela própria equipe do museu. Mesmo não sendo ainda interativo, ele supre a finalidade de informar. Precisamos avançar muito, mas já temos um trabalho em que apenas na coleta dos arquivos e na construção de sua lógica, se levou três anos de pesquisa e aos poucos, o objetivo geral do Museu, de preservar, pesquisar, comunicar a partir do acervo, assim como conceber e desenvolver ações museológicas definidas no Plano Museológico, garantindo uma administração e gerenciamento em consonância com a política museológica proposta, que visa reunir um acervo representativo da cultura material relativa à educação escolar em Santa Catarina, aos poucos se consolida, em um espaço digno da educação. Outro cuidado que as instituições museológicas, sobretudo as públicas, ao utilizarem novas tecnologias, devem tentar manter, além do equilíbrio no uso desses recur-

sos expositivos, diz respeito à atualização e manutenção dos equipamentos, evitando com isso padecer da obsolescência tecnológica que pode afligir esses espaços caso não disponham de recursos destinados para sua contínua conservação, pesquisa e atualização. Este passo ainda precisa ser dado em maior escala, mas nossa página visa diminuir esta distância.

Fig.5. Site do Museu da Escola Catarinense

- Administrativo
- Institucional
- Plano museológico
- Histórico
- Equipamento Histórico do Museu
- Biblioteca e Acervo Virtual
- Exposições permanentes
- Salas em destaque
- Uso dos espaços
- Sobre doações
- Visite o museu

Agenda de eventos

Fig.6. Aspectos contemplados

5. Considerações finais: Muitas são as questões presentes nos significados atribuídos ao patrimônio cultural com ênfase em políticas públicas de preservação, batalhas de memória e embates identitários, bem como tensões entre o público e o privado nos processos de patrimonialização e neste breve texto, evidenciamos duas formas que encontramos para manter um patrimônio cultural, reforçando que acreditamos ter realizado uma parceria público-privada de pleno êxito e que pode ser modelo a ser seguido em outros casos e que nossa página fornece um completo arquivo digital que facilita pesquisas e difusão do conhecimento

Referências.

BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. Cotia/SP, Ateliê Editorial, 2004.

VINÃS, Salvador Muñoz. *Teoría contemporánea de la restauración*. Madrid, Editorial Síntesis, 2003.

Site : disponível em < www.museudaescola.udesc.br>, acesso em 22 jun.2016.

Museu da Escola Catarinense em sobrevivências possíveis

Sandra Makowiecky / Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC

Artigo publicado originalmente nos Anais do XXIV Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – Anpap 2015 - Disponível em <http://anpap.org.br/anais/2015/comites/cpcr/sandra_makowiecky.pdf>. Paginas 1944 a 1962. Acesso em 22 mai.2018

RESUMO: O Museu da Escola Catarinense (MESC) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) recebeu durante o ano de 2013 uma série de melhorias em sua estrutura física para sediar a 12ª edição da Mostra Casa Nova. A ação fez parte de dois projetos do Plano do Gestão 2012-2016 da UDESC: o Projeto Museu Vivo, que tem como objetivo a conclusão do restauro/recuperação do museu para ampliação de suas atividades ao público em geral, e o Projeto de Parceria Público-Privada, que busca recursos para melhoria da infraestrutura da instituição. A Mostra buscou valorizar a rota cultural no Centro da Capital e contribuir com a preservação do patrimônio histórico contando com a colaboração de expositores e empresas parceiras. Ao final, vários questionamentos que cabem na discussão sobre patrimônio histórico merecem uma atenção, para além do fato em si.

Palavras-chave: "Museu", "recuperação"," Patrimônio histórico".

Abstract: The *Museu da Escola Catarinense* (MESC) of the Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) received during 2013 a series of improvements in its structure to hold the 12th edition of the Mostra Casa Nova. The action was part of two projects of UDESC's Management Plan 2012-2016: the Projeto Museu Vivo, which aims the conclusion and restoration/recuperation of the museum to the amplifying of its activities to the public in general, and the Projeto de Parceria Público-Privada, which searches resources to the improvement of the institution's infrastructure. The Mostra intended to value the cultural route in the Capital Downtown and to contribute to the preservation of the historic patrimony, counting on the collaboration of expositors and business partners. In the end, many questionings that can fit the discussion about historic patrimony deserve an attention, to beyond the fact itself.

Keywords: Museum; Recuperation; Historic Patrimony.

Do que se trata: O Museu da Escola Catarinense (MESC) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), sediado em Florianópolis, recebeu durante o ano de 2013 uma série de melhorias em sua estrutura física para sediar a 12ª edição da Mostra Casa Nova, que aconteceu de setembro a novembro de 2013. A ação fez parte de dois projetos do Plano do Gestão 2012-2016 da UDESC: o Projeto Museu Vivo, que tem como objetivo a conclusão do restauro/recuperação do museu para ampliação de suas atividades ao público em geral, e o Projeto de Parceria Público-Privada, que busca recursos para melhoria da infraestrutura da instituição. A coordenadora do Museu, professora Sandra Makowiecky foi a responsável pelo projeto, por parte da Udesc. A Mostra com tema *Pinacoteca* organizada pelo Grupo RBS, buscou valorizar a rota cultural no Centro da Capital e contribuir com a preservação do patrimônio histórico contando com a colaboração de expositores e empresas parceiras. O prédio neoclássico fica numa área antiga e rica da cidade, mas bastante abandonada e estava com a estrutura precária. A reforma e recuperação do museu serão benfeitorias herdadas pela cidade ao término do evento. Um dos objetivos da mostra que reuniu arquitetura, design, decoração e arte, foi despertar atenção para essa região que inclui, além do MESC, o Museu Victor Meirelles, a Academia Catarinense de Letras, a Travessa Ratclif e o Museu do Palácio Cruz e Sousa. *"Casa Nova 2013 — Aqui os grandes mestres se encontram"*, foi o tema do evento. O conceito foi de uma 'pinacoteca temporária', reunindo um *mix* de obras de pintores catarinenses e outros, dos clássicos aos mais contemporâneos. Elas fizeram parte da ambientação da maioria dos projetos desenvolvidos por mais de 50 arquitetos e decoradores, que homenagearam nomes das artes plásticas. Os visitantes percorreram 30 ambientes. A Mostra Casa Nova 2013 foi uma realização do Diário Catarinense, com apresentação de empresas parceiras, com curadoria de Abreu Jr. e coordenadoria técnica do arquiteto Carlos Lopes. A Mostra pretendia valorizar a rota cultural no Centro da cidade e preservar o patrimônio histórico da capital catarinense, revitalizando o prédio do MESC e entregando-o para uso da comunidade. O Curador da Mostra, Abreu Jr. enfatizou que o evento estava alinhado com a ideia de urbanismo do secretário de planejamento urbano, Dalmo Vieira, que pretendia dar nova vida à região leste do Centro de Florianópolis.

> Um dos desafios desta edição é fazer com que as pessoas entendam que é necessário contribuir com aquela área do entorno do Mesc […]. É preciso incentivar que as pessoas circulem mais como pedestres, sintam a cidade e valorizem a história. Temos sim é que promover passeios, quebrar preconceitos. Os arquitetos têm este papel […] a exposição passa a não ser apenas de caráter estético. Segundo o curador, deve se deixar um legado, seja ele arquitetônico ou urbanístico. E isso só é possível devido às parcerias e à dedicação dos profissionais participantes (ABREU JR, 2013).

Em artigo publicado na página do Museu, a coordenadora Sandra Makowiecky (2013), deixou claro que estavam lidando com melhorias, não se tratava de restauração e que esta será feita quando a Universidade conseguir viabilizar um projeto e dependerá, na sequência, de recursos externos e internos para sua concretização, escreveu. Frisou ainda que o prédio do MESC é bem imóvel tombado e classificado como P1, que significa Tombamento total, externo e interno e, portanto, quaisquer obras que venham a ser realizadas no mesmo, necessitam de autorização e supervisão da Fundação Catarinense de Cultura e do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, do SEPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município(ele é tombado em nível estadual e municipal). É importante destacar que a UDESC foi procurada porque o SEPHAN a indicou ao grupo que realiza a Mostra Casa Nova. Era entendimento dos gestores da UDESC, que os arquitetos fariam uma interferência em prédios históricos, ajudando na recuperação destes monumentos, muitos relegados ao acaso. O prédio apesar de lindo e enorme, não dava visibilidade ao campo de pesquisa e memória pública, justamente porque poucos conheciam o Museu da Escola Catarinense; porque seu acervo não estava em condições de ser consultado, sobretudo o documental e seu aspecto físico merecia reparos urgentes.

> Ele precisa de muita visibilidade. Ninguém preserva e gosta do que não conhece. Isso é ponto central nos afetos e na questão de preservação: 'Quem gosta, cuida'. Como profissional da educação e pesquisadora, defendo a preservação do acervo do museu, no aspecto documental e arquitetônico. O projeto de conservação e restauro sem sombra de dúvidas, se guiará por princípios da historiografia da educação, bem como

> por princípios da museologia. Eu sempre defendi a profissionalização das áreas de conhecimento. O leigo, por desconhecimento, pode cometer muitos erros [...] Fora o fato de que, com a Mostra, conseguiremos viabilizar como prioridade questões internas do Museu, como substituição de estruturas que estão seriamente danificadas, como janelas e vidraças, retirada de peças de madeira com cupins, tarefa a qual me dedico incansavelmente. Há muito que adiantar neste período e nada se dará por perdido, pois os ganhos são evidentes (MAKOWIECKY, 2013).

Após o término do evento, os órgãos de preservação histórica fizeram vistoria no imóvel para determinar o que poderia permanecer e o que deveria ser retirado, pois o prédio tombado está inscrito na categoria P1. Todas as modificações e projetos tiveram que ser aprovadas por estes órgãos. Por este motivo muitos elementos da mostra, como por exemplo, a maioria dos revestimentos de paredes, foram retirados após o evento, ainda que alguns expositores desejassem deixar suas criações como benfeitorias para o museu. A análise bem feita pelos órgãos responsáveis permitiu que mais melhorias ficassem para o MESC, para além do que inicialmente se planejava. Benfeitorias realizadas a partir da Mostra, a exemplo da reforma interna com a pintura das paredes, o melhoramento dos pisos de madeira que foram lixados e encerados e o realinhamento das tubulações elétricas e hidráulicas ficaram como legado. A calçada de passeio em frente ao Mesc também foi trocada. Além disso, o Museu ganhou após o término do evento, banheiros novos, um café, uma lojinha e a iluminação da fachada, que ganhou pintura nova e projeto luminotécnico executado com tecnologia de vanguarda no Brasil. Também foram recuperadas as redes elétrica e hidráulica, projetos de prevenção de incêndio e vigilância sanitária, recuperação dos banheiros, dos pisos das salas, esquadrias de portas, janelas e vidros, além de outros. Importante mencionar também a execução e doação do projeto da Loja e Café do Museu, este último com projeto de autoria da arquiteta Beatriz Kubelka Fernandes, que foi agraciado com uma menção honrosa no 2º Prêmio Arquitetura Catarinense, na categoria " Projetos de Restauro e Conservação de Edificações e Sítios Históricos". O museu recebeu também a execução e doação dos projetos dos banheiros. Em 2015, foi montada a exposição denominada " *Museu da Escola Catarinense em sobrevivências possíveis: Antes e Depois da Mostra Casa Nova 2013",* com

Curadoria de Francine Goudel, em que o visitante foi convidado a acompanhar o processo de transformação e melhoria que o Museu recebeu ao longo dos últimos dois anos. Esse registro, que hoje faz parte do acervo documental do Museu, foi feito pelas lentes dos fotógrafos Rogério F.G Jr e Célio Herardt da CR2 Fotografia (Fig. 1). Nas imagens expostas foi possível observar quatro momentos distintos: como os ambientes se encontravam em 2012, o processo de acomodação do evento em 2013, os espaços montados para a Mostra e o uso e atribuições dadas aos mesmos espaços atualmente (figs. 2 a 10). A negociação para a realização da Mostra iniciou no mês de fevereiro e as obras no museu iniciaram em 01 de julho de 2013. Em prazo recorde, o ambiente foi totalmente recuperado. Ao final, vários questionamentos que cabem na discussão sobre patrimônio histórico merecem uma atenção, para além do fato em si e este é um dos objetivos deste artigo.

Sobre o edifício: O edifício foi construído para abrigar a Escola Normal Catharinense, no final do século XIX (1892) e inaugurada no prédio do MESC em 1926. Neste momento estava sendo implantado um plano urbanístico para a cidade de Florianópolis que compreendia além do edifício sede da Escola, a ponte Hercílio Luz, ligação com o continente, o Palácio Cruz e Souza, palácio do governo entre outros. Em 1935, a Escola Normal Catharinense passa a ser o Colégio de Educação. O Colégio de Educação foi na realidade uma continuação da escola normal e originou-se de uma reforma no sistema de ensino. Em 1947 passa a se chamar Colégio Estadual Dias Velho. No inicio da década de 60 inicia-se a obra do atual prédio do Colégio e em 1963 o Colégio Estadual Dias Velho denominação recebida em 1947, deixava o prédio da Rua Saldanha Marinho para transferir-se para as modernas e amplas instalações da Avenida Mauro Ramos, cujas obras duraram mais de 10 anos e finalmente em 1969 passou a chamar-se definitivamente Instituto Estadual de Educação. Em 1964 passa a ser o endereço da Faculdade de Educação. Foi a primeira Faculdade de Educação do Brasil e mais tarde, dessa iniciativa nasceu a UDESC. A Faculdade de Educação funcionou nas dependências do prédio até 2007. O Museu da Escola Catarinense, criado em 1992 foi instalado definitivamente no prédio a partir de 2007, com destinação própria do prédio para este fim. Nesta data, o antigo prédio, que abrigou inicialmente a Escola Normal Catharinense e após diversas mudanças, foi destinado para a instalação do Museu da Escola Catarinense - MESC. O edifício encontra-se em local privilegia-

do localizado no alto de uma colina e marcada por estilo neoclássico, com colunas gregas ornamentais. A monumentalidade do prédio destinado ao Museu da Escola Catarinense é ainda mais ressaltada pelo porão alto, que a eleva ao nível da rua e justifica a escadaria de acesso localizada no centro da faixa principal. A parte frontal da edificação tem suas extremidades marcadas com módulos em ressalto, os quais se destacam do conjunto do prédio devido aos frontões e as platibandas mais elevadas, além das colunas duplas, com capitéis trabalhados. A fachada da edificação apresenta ainda um embasamento bastante alto, demarcado por bossagens abertas em vergas retas, com sobrevergas trabalhadas e em arco abatido, um friso dividido em dois pavimentos, além de ornamentação em estuque. O espaço interno da edificação é belíssimo. Toda a circulação se dá em torno de um átrio aberto e iluminado por claraboia. Apresenta um desenho que foi muito utilizado em instituições de ensino e em mercados públicos. Toda a sua estrutura interna é de ferro, tanto as colunas, vigas, quanto o guarda-corpo da escada e circulação superior, este último todo trabalhado com desenhos de influência *art déco.* A edificação tem um alto valor para a paisagem urbana, por se localizar no eixo visual da rua Saldanha Marinho (via existente desde 1819), além de sua importância para a cidade de Florianópolis, pois está inserida no coração de seu centro histórico, rodeada por várias construções que datam da colonização. Através do Decreto Municipal nº 521/89, de 21 de dezembro de 1989 vários prédios integrantes do conjunto histórico do centro da cidade foram classificados, de acordo com sua importância histórico/arquitetônica, em categorias e o Museu da Escola Catarinense está classificado como P1. Estes são os imóveis, que pelo seu valor excepcional ou monumentalidade, são totalmente preservados tanto o interior como o exterior, não podem ser demolidos nem modificados.

Sobre a criação do MESC: A criação do Museu da Escola Catarinense teve como objetivo principal sua consolidação como espaço educativo não formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado a Educação. O Museu se restringe à Educação Escolar, delimitando com mais clareza seu objetivo e estabelecendo similaridade com outro museu desta natureza no Brasil, o Museu da Escola de Minas Gerais, primeiro no gênero no Brasil, que guarda a memória da educação escolar do Estado, com ênfase no trabalho do professor e no seu fazer cotidiano. O Museu da Escola de Minas Gerais possui um acervo de aproximadamente 5 mil peças, constituído por

mobiliários, objetos escolares, livros, cadernos, cartazes, cartilhas, mapoteca, manuais de ensino, fotografias, documentos textuais e arquivo de depoimentos orais. O acervo hoje existente leva à esta direção, podendo constituir-se como um Centro de Pesquisa sobre a história da educação escolar em Santa Catarina. O MESC integra oficialmente o Sistema Nacional de Museus, possui inscrição no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e fez adesão ao Sistema Estadual de Museus em 2007. O Museu também pretende contemplar um centro cultural que possa abrigar exposições de artes plásticas e de outras naturezas, cursos, apresentações cênicas e musicais, bem como eventos culturais de forma ampla. Atualmente o MESC tem sido espaço para cursos de capacitação da própria universidade e tem feito parcerias com instituições ligadas à arte e museologia, bem como abrigado diversas mostras culturais. O Plano Museológico do MESC foi elaborado pela museóloga Elisa Guimaraes, juntamente com a equipe do Museu, em 2013.

Pressupostos para o debate: A preservação da memória de um povo está diretamente relacionada à conservação de seu patrimônio cultural. A primeira legislação brasileira que normatiza o tombamento do patrimônio cultural é o decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que criou o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e ainda vigora. O tombamento é apenas uma ferramenta para se preservar um bem. O que faz a UDESC neste quadro? Tenta manter de pé esse valoroso monumento entendendo que a preservação da herança cultural do passado e sua transmissão ao futuro tem neste edifício, uma relação direta com a arquitetura, que por sua vez, tem uma relação indissociável com a História, para a afirmação cultural de uma nação que, nos vestígios do passado, encontra a possibilidade de transmitir sua herança cultural ao futuro. Como, a partir de uma complexa discussão do trinômio: preservação-conservação-restauração e considerando as teorias já difundidas, podemos compreender a dinâmica e as implicações de intervir no patrimônio cultural, nas suas perspectivas material e intangível, considerando os conceitos de autenticidade, integridade, identidade, responsabilidade e participação social e desenvolvimento sustentável? Ao entrarmos neste assunto, são inúmeras as questões que surgem e nas conclusões, voltaremos a elas.

Pressupostos para as teorias sobre restauro e preservação e sobre os conceitos: Desde o início da disciplina Conservação-Restauração, sempre estiveram presentes as orientações quanto à documentação e estudos

preliminares para o entendimento dos aspectos formais, do projeto original, da epifania da obra e seu reconhecimento enquanto obra de arte, preceitos estes originados no Humanismo. Um projeto de restauro se define em sua maior parte pelo conhecimento do objeto através de documentos originais, desenhos, levantamentos fotográficos sistemáticos, arquivos documentais de reformas anteriores, mas também através da pesquisa histórica e dos trabalhos de prospecção. No caso do Museu da Escola Catarinense, nada disso foi possível constatar devido à ausência de documentação iconográfica acessível, sendo, portanto impossível avaliar a quantidade e qualidade das modificações que interviram no prédio. Muito provavelmente foram inúmeras, apesar de que ainda preserva muito de sua estrutura original. Em artigo denominado "Gestão da Conservação-Restauração do patrimônio cultural: algumas reflexões sobre teoria e prática" (HANNESCH et al., 2012), encontramos uma síntese com reflexões sobre como as correntes teóricas do campo da conservação definem as práticas e os padrões das ações de intervenção no patrimônio cultural, que serviram de subsídio para grande parte deste texto. Os valores associados com patrimônio são influenciados por razões temporais, sociais e subjetivas. Como disciplina, a Conservação-Restauração ainda hoje enfrenta uma terminologia difusa no seu uso, que repercute nos equívocos e na compreensão que o público em geral faz destes termos. Os autores do texto mencionado em que nos baseamos para esta síntese, aplicam os termos Conservação-Restauração a fim de deixar claro o uso dos dois conceitos, isto é, a Conservação como mais abrangente, englobando a Restauração (ação restrita e especializada), e a conservação, tanto preventiva como curativa, porém com intervenções sobre o acervo ou ambiente. Outro conceito a mencionar é o de intervenção. Salienta-se que práticas interventivas sempre existiram. Muitas delas originadas de desenvolvimentos tecnológicos que foram assimilados rapidamente por inúmeros países, sendo que algumas práticas foram aplicadas sem o tempo de maturação necessário à avaliação dos seus efeitos em longo prazo e de acordo com padrões locais, ambientais e, porque não dizer, materiais, distintos de onde eles foram replicados. Como afirma Viñas (2003), com o restauro, a obra ganha outra dimensão e atualiza-se, nunca mais será como antes. Ressalta-se que existe uma preocupação cada vez maior com a autoria, os materiais originais, a investigação científica, a documentação e contextualização da obra. Porém, isto só respalda o partido da interven-

ção que depende dos pressupostos de cada época. A intervenção é, então, caracterizada pelo período em que foi realizada: materiais, técnicas, níveis de intervenção e por atitudes subjetivas, a partir de abordagens filosóficas particulares e individualizadas sobre a obra. O termo restauração preventiva, utilizado por Brandi (2004), embute diretrizes de observância à estética, à história, à função e à ambiência cultural. Vê o empirismo como inerente ao ato de intervenção, ao considerar que o restauro é um ato crítico no qual devemos dar atenção para o juízo de valor. Viñas (2003) direciona para a sociedade a corresponsabilidade da gestão da conservação, que deve subsidiar a intervenção. E com isto, surge outro conceito: valor simbólico. No final do século XX passamos a reconhecer a dimensão de outro valor inerente aos bens culturais, que até aquele momento não havia sido definido pelos teóricos de nossa área: o valor simbólico. Para Vinãs (2006, p.41), sobre os objetos/monumentos históricos, nenhuma circunstância material justifica a preocupação porque seu valor é outro. Trata-se de um valor convencional, acordado e concedido por um grupo de pessoas (ou até mesmo por uma pessoa) e sobre essses objetos se acrescentam uns valores que na realidade correspondem a sentimentos, crenças e ideologias, ou seja, a aspectos imateriais da realidade. É o entendimento do bem cultural em seu caráter simbólico e impregnado de sentidos, um conceito ainda não explicitado. Nesta linha, surge o conceito de intangibilidade. O Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes. Como atualizá-lo na dinâmica temporal, considerando sua materialidade e imaterialidade?

Uma breve síntese do percurso histórico e as correntes teóricas: De acordo com (HANNESCH et al., 2012), o interesse histórico e científico pelos monumentos antigos desenvolve-se no Renascimento e no período da Revolução Francesa se inicia o empenho e a intervenção do Estado pela preservação destes. Eugène Emmanuel Viollet-Le-Duc (1814-1879) (França) é um dos primeiros teóricos da restauração, fundamentando a intervenção no conhecimento do passado para, entendendo as intenções do autor e a lógica do projeto, recompor a construção para o que seria sua forma ideal: a pureza de estilo (Violllet-le-Duc, 2000). Procurava reunir o maior grupo de documentos e de documentação para entendê-la. Esse esforço em prol de uma

pesquisa que fundamentasse as intervenções é considerado por muitos, seu principal legado. Para Choay (2006, p.158), "Reconstituindo um tipo, ele se mune de uma ferramenta didática que restitui ao objeto restaurado um valor histórico, mas não sua historicidade". John Ruskin (1819-1900), Inglaterra, em oposição, difundia o absoluto respeito à matéria original e negava qualquer possibilidade de intervenção no edifício que não fosse apenas para sua manutenção. Propunha considerar e manter as alterações feitas em uma obra durante sua existência. "É uma concepção comum da arquitetura memorial que leva Ruskin a considerar os monumentos do passado como sagrados e intocáveis e Viollet a promover uma aproximação histórica e didática da restauração"(Choay, 2006, p.33). Camillo Boito (1836-1914), na Itália, defendia uma intervenção mínima – a essencial para que o edifício mantivesse a unidade de estilo, mas, se necessário, também a demolição de elementos acrescentados com o tempo (Boito, 2002). Considerava que toda adição de recomposição deveria ser claramente identificável, "consolidando uma via, conhecida na Itália como 'restauro filológico', que dava ênfase ao valor documental da obra" (Kühl, 2008, p.19). Boito dirige-se para o valor documental dos monumentos: o respeito pela matéria original, à unidade de estilo e à distinguibilidade. Alois Riegel (1858-1905) diferencia os conceitos de monumento e monumento histórico e os valores a eles inerentes, como os rememorativos e os de contemporaneidade e, assim, subsidia as novas premissas que sustentam o patrimônio e as categorias das intervenções, ao definir também o valor instrumental e o valor artístico relativo. "Ele demonstrou que em matéria de restauração não pode existir nenhuma regra científica absoluta, cada caso inscreve-se numa dialética particular de valores em jogo..." (Choay, 2009, p.35). O monumento histórico é para o Alois Riegl uma criação da sociedade moderna, um evento histórico localizado no tempo e no espaço. Nesse sentido, deve-se sublinhar que não existe para Riegl um valor artístico absoluto, mas apenas um valor relativo, desde que, no início do século XX, a crença na inexistência de um cânone artístico ou de um ideal artístico objetivo e absoluto paulatinamente se impôs à antiga tese de que havia um tal cânone (Riegl, 2006). Com a segunda Grande Guerra Mundial, monumentos e coleções inteiras ficaram muito danificados, gerando um movimento de questionamento dos conceitos do "Restauro Científico" que exigiam postura de quase neutralidade do arquiteto/conservador em relação ao bem cultural. Uma nova postura prevaleceu, o Restauro Crítico, com uma atitude mais fle-

xível por parte dos profissionais, principalmente europeus, face à pressão social e política pela recomposição de monumentos e objetos danificados. Em 1964, durante um congresso em Veneza, os princípios do Restauro Científico voltam a prevalecer, sendo ampliados e revistos na Carta Italiana de Restauro de 1972, por Cesare Brandi (2004). Brandi, acrescentou outras questões e reflexões aos que o antecederam, buscando entender a obra na sua materialidade e epifania, definindo que devemos restaurar a matéria da obra de arte, ou seja, sua estrutura, pois é sobre ela que devemos atuar; sem esquecer, entretanto, que esta restauração visa restabelecer a unidade potencial da obra, em toda sua manifestação, sem cometer o falso artístico ou o falso histórico. No final do século XX surge novo paradigma, cujo foco direciona-se a recuperar grandes volumes de acervos e edificações que foram danificados por questões climáticas, chuva acida, entre outros, e que necessitam de longo prazo, alto custo e inúmeros especialistas para serem recuperados. Junta-se a esta dúvida o alargamento do conceito de patrimônio. A apropriação e destruição do patrimônio cultural em decorrência de guerras e invasões impulsionaram o advento das 'cartas patrimoniais', os esforços para aplicação de novos materiais de intervenção e os novos métodos de exame e de tratamento com base científica (que é uma forte corrente já no século XX), posturas que refletem num período reconhecido como Restauro Científico, que suscita a reconstrução dos elementos materiais e do aspecto formal de prédios e cidades, com vista a recuperação de seu valor simbólico.

> Esses profissionais gestores – restauradores, arquitetos, historiadores, administradores – demonstram-nos que as práticas têm acompanhado os valores intrínsecos em cada época e que os preceitos teóricos fazem parte dos desdobramentos que essas ações desencadeiam. Assim, apesar de intervir na materialidade, o que se deseja preservado ou conservado são os valores: temporais, sociais e subjetivos inerentes aos patrimônios culturais, decorrentes dos grupos sociais que os constroem. As características constitutivas do patrimônio, constatadas pelo olhar do final do século XX e início do século XXI, tais como ambiguidade, polissemia, materialidade, etc., requerem a ampliação do foco dos gestores para fora dos seus domínios de trabalho, em função do caráter inclusivo deste conceito, das categorias e dos seus limites (HANNESCH et al., 2012).

Conclusão: A Conservação-Restauração deve buscar a adoção da prática segundo uma teoria, que lhe fundamenta e dá apoio à tomada de decisão e respaldo à opção escolhida. Dentro do panorama apresentado, entendemos a Conservação-Restauração não apenas como uma questão técnica, mas, como já afirmava Brandi (2004), uma ação crítica, a fim de estabelecermos nossas práticas e definirmos a base teórica considerada. Como não cristalizar o patrimônio do Museu da Escola Catarinense sem des-significá-lo? Como atualizá-lo na dinâmica temporal, considerando sua materialidade e imaterialidade? O que deveríamos fazer? Esperar por uma custosa e difícil restauração ou operar uma intervenção/recuperação preventiva? Optamos pelo termo recuperação preventiva, conceito utilizado por Brandi (2004), que embute diretrizes de observância à estética, à história, à função e à ambiência cultural. Na recuperação preventiva realizada no Museu, percebemos que prevaleceu mesmo para sua recuperação os princípios do Restauro Científico da Carta Italiana de Restauro de 1972, por Cesare Brandi (2004), sem esquecer que esta restauração visava restabelecer a unidade potencial da obra, sem cometer o falso artístico ou o falso histórico. Brandi aplica o fundamento de que na obra de arte deve haver prevalência do critério estético sobre o histórico, pois o estético é sua função primordial. Percebemos também a preocupação por uma conservação, tanto preventiva como curativa, porém com intervenções sobre o acervo ou ambiente. Concordamos também com Vinãs quando diz que sobre os objetos/monumentos históricos, nenhuma circunstância material justifica a preocupação porque seu valor é outro. Trata-se de um valor convencional, acordado e concedido por um grupo de pessoas e sobre estes objetos se acrescentam uns valores que na realidade correspondem a sentimentos, crenças e ideologias, ou seja, a aspectos imateriais da realidade. É o entendimento do bem cultural em seu caráter simbólico e impregnado de sentidos, um conceito ainda não explicitado, denominado de "intangibilidade". Não resta dúvida do valor simbólico daquele edifício, marco da educação de Santa Catarina, local da formação de inúmeros líderes e de pessoas que fizeram o Estado de Santa Catarina se destacar em vários setores da atividade humana, através do conhecimento. De modo geral, as pessoas que visitam o prédio se emocionam, mesmo quem nunca lá esteve. Outros lembram de seus tempos de outrora. De Riegl, retiramos a noção de que em matéria de restauração não pode existir nenhuma regra científica absoluta, cada caso inscreve-se numa dialética particular de valores em jogo, pois não tínhamos documentos históricos para uma análise adequada. A proposta

de apresentar este trabalho constitui um " dar a ver" e registrar uma ação realizada, suas implicações e consequências. E ressaltar positivamente e sem restrição alguma, a parceria publico-privada realizada. Com esta transformação a UDESC não foi a única beneficiada. Florianópolis passou a contar com um espaço referência no segmento urbanístico, arquitetônico, artístico e cultural na cidade. Várias das questões complexas afetam o estudo que apresento. Ele envolveu teorias e critérios de intervenção em obras consideradas patrimônio artístico e arquitetônico, adequando ao uso na atualidade, equilibrando a intervenção entre os aspectos históricos e estéticos, com projetos aprovados pelos órgãos de preservação oficiais. Havia a percepção da sustentabilidade referente à reutilização de edifícios antigos e áreas urbanas já construídas. Era presente a necessidade de compatibilização e intervenção sustentável dos edifícios antigos às novas funções e necessidades. Discutimos o restauro e o *retrofit,* bem como estudos dos bens integrados em edifícios civis e estudo dos processos e produtos utilizados nestas intervenções, do elemento artístico móvel aos materiais que compõem estruturas, acabamentos e vedações. Não nos faltou debater com o grupo de arquitetos responsáveis pela Mostra Casa Nova, temas sobre a história da preservação das cidades e das atuais políticas de preservação do Patrimônio histórico construído, bem como da importância da Preservação do Centros Históricos - a história da preservação destes conjuntos e as políticas implementadas em âmbito mundial e nacional. As políticas dos órgãos de preservação de patrimônio: federal, estadual e municipal e as distintas legislações que protegem o patrimônio nas diversas instancias governamentais foram observadas, com atento acompanhamento por parte de todos. Avaliamos outras diferentes intervenções arquitetônicas sobre edifícios históricos e discussão de sua poética, bem como a avaliação das principais tendências contemporâneas mundiais. Falamos sobre o esvaziamento e degradação dos centros históricos das cidades brasileiras A ideia era dar nova destinação ao prédio e contribuir para a revitalização do centro Histórico. É importante salientar que o imóvel recuperado é um bem público, todavia a parceria publico-privada foi um absoluto sucesso. Buscamos na recuperação preventiva do Museu, agregar forças contra a inevitável pulsão de morte, como nos diz Derrida: "A pulsão de morte é também uma pulsão de agressão e de destruição, ela leva não somente ao esquecimento, [...] mas comanda também o apagamento radical (DERRIDA, 2001, p. 21-2). Segundo Freud (2006), só existe herança se houver promessa. Postas todas estas questões presentes nos significados atribuídos ao

patrimônio cultural com ênfase em políticas públicas de preservação, batalhas de memória e embates identitários, bem como tensões entre o público e o privado nos processos de patrimonialização, finalizamos dizendo que fizemos um pouco da nossa parte, como Universidade, em dar condições de sobrevivência a um prédio em constante pulsão de morte. Esta é a historia do Museu da Escola Catarinense, em sobrevivências possíveis.

Fig. 1- Cartaz da Exposição – Museu da Escola Catarinense em sobrevivências possíveis: Antes e depois da Mostra Casa Nova 2013.

Fig.2. Fachada com iluminação de projeto luminotécnico com lâmpadas LED- Allume arquitetura.

Fig.3. Café do Museu - projeto de autoria da arquiteta Beatriz Kubelka Fernandes.

Fig. 4. Lojinha do Museu – projeto de arquitetura de Marchetti-Bonetti .

Fig.5. Camarim e banheiro masculino- Piso superior.

Fig.6. Banheiros feminino e masculino – mesmo projeto para o piso inferior.

Fig.7. Sala expositiva acervo permanente

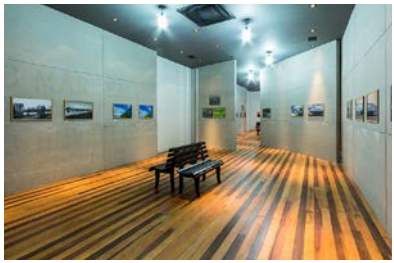


Fig.8. Sala expositiva Mutações

Fig.9. Hall central

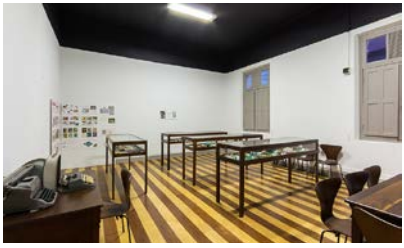


Fig.10. Auditório e sala expositiva

Referências

ABREU Jr . Prédio do Mesc no Centro Histórico de Florianópolis será palco da Mostra Casa Nova 2013. Jornal Diário Catarinense. 16. Jul.2013.

BOITO, Camillo. 2002. *Os Restauradores*: Conferência feita para a Exposição de Turim em 7 de junho de 1884. Cotia/SP, Ateliê Editorial. p. 29-63.

BRANDII, Cesare. 2004. *Teoria da Restauração*. Cotia/SP, Ateliê Editorial. 261 p.

CHOAY, Françoise. 2006. *Alegoria do Patrimônio*. São Paulo, UNESP. 216p.

DERRIDA, J. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. R.J. Relume Dumará, 2001.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 2006

HANNESCH, Ozana Hannesch; SILVA, Elisabete Edelvita Chaves da; GRANATO, Marcus; CARVALHO, Ana Paula Corrêa de. Gestão da Conservação-Restauração do patrimônio cultural: algumas reflexões sobre teoria e prática. 1º Seminário da Rede Conservação. Olinda: 2012. Disponível em: http://www.ceci-br.org/ceci/br/pesquisa/estudos/631.html. Acesso em 09 mar.2015.

JUKKA, Jokilehto. 2002. *Conceitos e idéias sobre conservação.* In: ZANCHETI, Sílvio (org.). Gestão do Patrimônio Cultural Integrado. UFPE.

KÜHL, Mugayar Beatriz. 2008. Os restauradores e o pensamento de Camillo Boito sobre a Restauração. In: Boito, Camillo. 2008. *Os Restauradores conferência feita para a Exposição de Turim em 7 de junho de 1884*. Cotia, SP, Ateliê Editorial, p. 9-28.

MAKOWIECKY, Sandra. O que é a Mostra Casa Nova e porque o Museu da Escola Catarinense irá sediá-la e suas consequências. 21 maio 2013**.** Disponivel em< http://www.museudaescola.udesc.br/index.php?option=com_content&view=article&catid=44:exposicoes-no-museu&id=148:o-que-e-a-mostra-casa-nova-e-porque-o-museu-da-escola-catarinense-ira-sedia-la-e-suas-consequenciaspor-sandra-makowiecky>. Acesso em 21 mai.2015.

VINÃS, Salvador Muñoz. 2003. *Teoría contemporánea de la restauración*. Madrid, Editorial Síntesis. 205 p.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. *Restauração*. Cotia, Ateliê Editorial, 2000. 70 p.

Sandra Makowiecky

Professora de Estética e História da Arte do Centro de Artes da UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis – Santa Catarina – Brasil e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, na linha de Teoria e História da Arte. É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte - Seção Brasil Aica UNESCO. Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte. Associada da ANPAP. E-mail: sandra.makowiecky@gmail.com

Museu da Escola Catarinense: por uma biografia das coisas

Sandra Makowiecky
Universidade do Estado de Santa Catarina
Membro do CBHA.

Artigo publicado originalmente nos Anais do XXXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Ação, Campinas-SP, 4-6 de outubro de 2016 / CBHA, 2017 [2016]. Disponivel em < http://www.cbha.art.br/coloquios/2016/anais/2016_anais_cbha.pdf>. Paginas 491-502. Acesso em 22 mai.2018

Resumo: Este simpósio se propõe a debater a biografia das coisas, entendendo que existem "vidas nas coisas" e que os objetos possuem poder de agir e interagir ativamente como sujeitos na trama social. O Museu da Escola Catarinense situa-se em edifício tombado como Patrimônio Histórico, onde encontramos uma seção destinada aos materiais de escola, sobretudo do início do século XX até os anos 70. O que se encontra em um museu gera um interesse que não se esgota na visualidade efêmera. Há outras implicações de natureza diversa: a informação e o conhecimento, os vínculos de subjetividade, inclusive identitários, que podem ser criados ou reativados, o exercício da imaginação. O que estes objetos nos dizem e de que forma nos dizem?

Palavras – Chaves: Museu da Escola Catarinense; Coleção, Cultura material.

Abstract: This symposium aims to discuss the biography of things, understanding that there is "life in things " and that objects have power to act and actively interact as subjects in the social web. The Museum of the School of Santa Catarina is located in a building declared a Historical Patrimony, where we find a section devoted to school materials, especially from the early twentieth century up to the 70s. What is in a museum generates an interest that is not limited to ephemeral visuality. There are other implications of various natures: information and knowledge, the bonds of subjectivity, including identity, which can be created or reactivated, the exercise of imagination. What do these objects tell us and how do they?

Keywords: Museum of the School of Santa Catarina; Collection; Material culture.

Problemática e pontos para discussão:

O museu da Escola Catarinense constitui um Centro de Pesquisa, com uma seção destinada aos materiais de uso do professor de época, que se traduz sobretudo em materiais do início do século XX até os anos 70. São elementos de aula como o giz, o apagador, os livros de consulta, o quadro negro feito em madeira; armários para guardar material, conjuntos de mesa e cadeira, conhecidos como "carteiras". O armário porta-bandeira para prestar homenagens, como também o púlpito para declamações. Ainda encontramos mapas demonstrativos e diversos quadros com amostras de sementes de café, algodão, milho, arroz e outros produtos produzidos pelo país. Esses quadros são mostruários de produtos agrícolas nacionais e contém fotografias, *collages* de sementes, vidrinhos de substâncias como óleo e textos instrutivos, que recebiam o sugestivo nome de "museu escolar". Destacamos a presença frequente do relógio e do crucifixo. Outros importantes objetos são os quadros parietais (quadros instrutivos), uma tecnologia ao serviço do ensino surgida no século XIX e utilizada também ao longo do XX. A utilização dos recursos parietais como meios técnico-didáticos de ensino enquadra-se num movimento mais vasto de ligação entre a ciência e o cotidiano, de onde surgiram imensas invenções técnicas. Encontramos então, materiais didáticos (livros cartilhas, lousas, cadernos, jogos pedagógicos, cartazes, mapas, globos, estojos, penas, canetas, tinteiros, lápis, réguas, etc), registros iconográficos (fotografias, quadros), mobiliários, registros escolares (livros de matrícula, livros de tombo, livros de ponto, livros de ocorrência, cadernetas de chamada, diplomas, fotografias, etc), suportes utilizados pelo professor (programas de ensino, revistas pedagógicas, palmatória) e depoimentos orais realizadas por pesquisadoras/es. Seu foco se volta para a preservação do que Felgueiras (2013) [1] denomina cultura material escolar.

O acervo do Museu da Escola é, pois, constituído de artefatos que dão suporte, organizam e determinam as práticas e relações que se estabelecem no interior da escola e têm papel de grande importância na definição de sua identidade.

1 FELGUEIRAS, Margarida Louro. INVENTARIANDO a Escola do Futuro revisitando o Passado. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs). 2 ed. Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013, p.185-211.

> Assim sendo, eles não valem pela sua singularidade, mas pela sua capacidade de proporcionar o conhecimento de uma manifestação social, expressiva de uma das mais importantes formas de inserção do indivíduo à sociedade – a escola. Exemplar neste sentido é a palmatória. Mais que um instrumento de castigo, ela é hoje (ao lado da lousa) um símbolo da Pedagogia Tradicional, na medida em que expressa o rigor na disciplina, um dos alicerces desta proposta[2].

As salas de aula, sobretudo as dos grupos escolares, encheram-se de luz, cor e formas: gravuras, mapas, coleções de insetos, globo terrestre, abecedários de madeira, esqueletos humanos, imagens de homens ilustres. Os materiais escolares constituíram-se, certamente, num dos aspectos mais significativos da cultura escolar brasileira no início do século XX. Um elemento se destaca por sua forma peculiar: uma longa vara de madeira retorcida sobre si mesma, a palmatória. Outra parte significativa do acervo é constituída por materiais escolares como cadernos, lápis, mata-borrão, giz, lousa em miniatura, fotografias antigas do prédio, escrivaninhas, máquinas de escrever, mimeógrafo, entre outros materiais e equipamentos de interesse escolar. Existem mobiliários de escolas, sobretudo dos móveis do fabricante CIMO, (marca catarinense) que dominaram durante anos o mercado nacional de móveis para instalações comerciais e institucionais, com repercussão em diversos países da América Latina. No acervo do MESC contamos com diversos exemplares originais em perfeito estado de conservação.

Como sabemos, a sala de aula é um espaço para investigação, é um caminho que nos possibilita entender melhor os caminhos da vida, por serem todos (escola, salas de aula, mestres e aprendizes) partes de um todo denominado vida (BEZERRA, 2014) [3]. Diz Ulpiano B. Meneses (2007)[4],

2 Peixoto, Ana Maria Casasanta. *Museu da escola de Minas Gerais e produção de conhecimento em história da educação.* Disponível em < http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/39AnaMariaCasasantaPeixoto.pdf> Acesso em 12 ago. 2016.

3 Bezerra< Jorbson. Disponível em: http:<//www.educacional.com.br/articulistas/outrosEducacao_artigo.asp?artigo=artigo0045>. Acesso em 02 dez. 2014.

4 Meneses, Ulpiano B. Livro, a matéria e o espirito. *Estudos Avançados,* v.21, n.61, 2007, p. 297-302. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/ulpiano-toledo-bezerra-de-meneses>. Acesso em 22 jun.2016.

que o que se encontra em um museu gera um interesse que não se esgota na visualidade efêmera e isto não apenas do ponto de vista estético. Menciona outras implicações de natureza diversa como: a informação e o conhecimento, os vínculos de subjetividade, inclusive identitários, que podem ser criados ou reativados, o exercício da imaginação.

> Nos museus você pode encontrar coisas que serão capazes de trazer uma significação importante, em várias dimensões, para a sua própria existência. Funcionam, no fundo, para usar a expressão da Mary Louise Pratt, como zonas de contato, espaços em que sujeitos que estavam separados no tempo e na geografia, por razões das mais variadas, têm a oportunidade de se encontrar. Você tem a oportunidade de alargar a sua experiência de vida e ver que o mundo, afinal, não se limita ao quintal da sua existência[5].

Podemos então, alargar a experiência de vida e ver que o mundo pode ser compartilhado e apreendido com a biografia das coisas e no caso, a partir dos objetos e dos registros feitos pelo público, sobretudo por depoimentos contidos nos livros de visitas. O que estes objetos nos dizem e de que forma nos dizem? Se entendermos que os objetos possuem uma vida e uma "biografia", eles constroem sua identidade nesse percurso e embrenham-se, com o tempo, cada vez mais na malha de relações sociais a ponto de tornarem-se muitas vezes inseparáveis de outros objetos e pessoas. Segundo MENESES (2002, p.19), o Museu é um espaço de fruição, "[...] *é ainda lugar e oportunidade de devaneio, de sonhos, de evasão, do imaginário, que são funções psíquicas extremamente importantes para prover equilíbrios, liberar tensões, assumir conflitos, desenvolver capacidade crítica, reforçar e alimentar energias, projetar o futuro*"[6].

Como perceber estas questões nos objetos do Museu da Escola Catarinense?

5 MENESES, Ulpiano T. Bezerra de (2007), idem, op.cit.

6 MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu e o problema do conhecimento. In: Seminário Museus-Casas, IV- Pesquisa e Documentação**.** Anais. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura: Edições Casa de Rui Barbosa, 2002, p.17-39.

Sobre o edifício: O edifício foi construído para abrigar a *Escola Normal Catharinense,* no final do século XIX (1892) e inaugurada no prédio do MESC em 1926 (fig.1.1) . Em 1964 passa a ser o endereço da Faculdade de Educação. Foi a primeira Faculdade de Educação do Brasil e mais tarde, dessa iniciativa nasceu a UDESC - Universidade do estado de Santa Catarina. A Faculdade de Educação funcionou nas dependências do prédio até 2007. O Museu da Escola Catarinense, criado em 1992 foi instalado definitivamente no prédio a partir de 2007, com destinação própria do prédio para este fim. O espaço interno da edificação é belíssimo. Toda a circulação se dá em torno de um átrio aberto e iluminado por claraboia (fig. 1.2). Apresenta um desenho que foi muito utilizado em instituições de ensino e em mercados públicos. Toda a sua estrutura interna é de ferro, tanto as colunas, vigas, quanto o guarda-corpo da escada e circulação superior, este último todo trabalhado com desenhos de influência *art déco.*

Através do Decreto Municipal nº 521/89, de 21 de dezembro de 1989 vários prédios integrantes do conjunto histórico do centro da cidade foram classificados, de acordo com sua importância histórico/arquitetônica, em categorias e o Museu da Escola Catarinense está classificado como P1. Estes são os imóveis, que pelo seu valor excepcional ou monumentalidade, são totalmente preservados tanto o interior como o exterior, não podem ser demolidos nem modificados.

Figura 1.1. Museu da Escola Catarinense. Fachada. Acervo do Mesc. 2014

Figura 1.2. Museu da Escola Catarinense. *Átrio. Acervo do Mesc. 2016*

Sobre o MESC e sobre "para que servem os museus?": A criação do Museu da Escola Catarinense teve como objetivo principal sua consolidação como espaço educativo não formal, responsável pela preservação do patrimônio

cultural catarinense ligado a Educação. O Museu se restringe à Educação Escolar, delimitando com mais clareza seu objetivo e estabelecendo similaridade com outro museu desta natureza no Brasil, o Museu da Escola de Minas Gerais, primeiro no gênero no Brasil, que guarda a memória da educação escolar do Estado. O MESC integra oficialmente o Sistema Nacional de Museus, possui inscrição no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e no Sistema Estadual de Museus em 2007. O Museu também contempla um centro cultural que abriga exposições de artes plásticas e de outras naturezas, cursos, apresentações cênicas e musicais, bem como eventos culturais de forma ampla. Atualmente o MESC tem sido espaço para cursos de capacitação da própria universidade e tem feito parcerias com instituições ligadas à arte e museologia, bem como abrigado diversas mostras culturais. O Museu da Escola Catarinense situa-se na categoria de museu histórico: ele coleta, preserva, estuda, expõe e divulga documentos históricos relativos ao passado da educação escolar no Estado. Mas concordamos com Ulpiano B. Meneses (2007)[7] quando ao falar de sua experiência no Museu paulista, disse que uma das preocupações que teve foi conceber que museu histórico não é um museu que trabalha com objetos históricos, e sim com problemas históricos, que podem ser definidos e encaminhados através de coisas materiais – tratadas como documentos históricos, acrescentando que não se pode trabalhar numa exposição como se trabalha em um texto. Ao falar do universo material e sensorial dos museus, diz que este é tão importante na nossa existência que foi até naturalizado.

> Nós não temos consciência dele porque parece que são coisas que não precisam de explicação, nem de consciência: são naturais. Pelo contrário, são absolutamente artificiais, respondem a valores, a interesses, a focos de conflitos e suportes de dominação, e justamente por isso nos convém tomar pé um pouco mais profundamente nesse universo. O museu é um dos espaços mais privilegiados para tomar-se essa consciência[8].

7 Meneses, Ulpiano B. (2007), idem, op.cit.

8 Meneses, Ulpiano B. (2007), idem, op.cit.

Em um breve texto, Pedro Pereira Leite [9], aborda questões sobre museus de forma muito clara. Diz que todos sabemos que um museu é um equipamento de natureza cultural que apresenta coleções de objetos, que são consideradas relevantes e que devem ser preservadas e visitadas, em um espaço seguro e vigiado. Normalmente apresenta uma narrativa para aqueles que o visitam. No pequeno texto, lança várias perguntas e respostas. A primeira: "O que esperamos encontrar quanto entramos num museu?" Diz ele que a maioria das pessoas quando entra num museu espera encontrar uma coleção e uma história. A maioria também diz que em muitos casos se sentem intimidades com a solenidade do espaço. Não se pode falar alto. Em regra não se pode tocar em nada. Muitos dizem que é um espaço que não tem vida. Há sempre um desejo grande de o visitar rapidamente, para sair para a rua. Segue a segunda pergunta: "O que é que então acontece quando estamos no museu?". Um museu apresenta uma narrativa sobre um assunto. Uma história contada pelos objetos colocados em vitrinas, rotulados com etiquetas com informação sobre a autoria, o ano de criação, o material e a técnica usada. Sobre a terceira pergunta: "O que é que significa a história num museu?", o autor responde que encontramos normalmente dois tipos de propostas nos museus do nosso tempo: os clássicos e os participativos. Os museus clássicos, apresentam uma narrativa, apoiada em objetos apresentados segundo uma ordem, cronológica, por afinidade ou estética. São museus que partem dos objetos que estão dentro e que procuram captar a atenção dos visitantes. Os museus participativos são os que interrogam o mundo onde se inserem. Nestes museus a preocupação é saber o que as pessoas querem como representação da sua memória e propor que essas pessoas usem o espaço do museu para criarem atividades relacionadas com os seus patrimônios. São lugares de encontro e descoberta de novos objetos para musealizar. Diz que curadoria participativa não é um trabalho fácil, pois a memória é um campo de confronto social e finaliza com a ultima pergunta: "O que é que deve suceder quando saímos de um museu?". Um museu serve para facilitar o modo como olhamos para o mundo, para os outros e para nós mesmos. O sentido dos museus inovadores é de propiciar uma consciência sobre o patrimônio que encontramos e

9 Leite, Pedro Pereira. Para que servem os museus. Disponível em < http://www.plataformamacau.com/uncategorized/para-que-servem-os-museus>. Acesso em 24 abr.2016

como podemos usar isso para fazer coisas novas. O patrimônio não é o que se tem mas o que se pode fazer com ele. Serve para podermos viver melhor e mais felizes. Os museus são espaços vivos e de inovação. São laboratórios onde podemos experimentar combinação de ideias. É através do encontro que se produz transformação, finaliza.

Os trechos do autor fazem umas sínteses muito pertinentes, pois encontraremos ressonâncias nos depoimentos colhidos no livro de visitas do Museu da Escola Catarinense.

Sobre conceitos: Em um texto bastante utilizado na área de patrimônio, chamado "O novo historicismo: ressonância e encantamento", Stephen Greenblatt (1991)[10] define dois conceitos importantes: ressonância e encantamento. Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar "ressonância" junto a seu público. O historiador Stephen Greenblatt conceitua "ressonância" e "encantamento", examinando a maneira como nossa cultura apresenta para si mesma, não os vestígios textuais de seu passado, mas os vestígios visuais e materiais que dele sobrevivem, pois estes últimos estão colocados em exibição em museus e galerias projetados especificamente para este fim.

> Por ressonância entendo o poder do objeto exibido de alcançar um mundo maior além de seus limites formais, de evocar em quem os vê as forcas culturais complexas e dinâmicas das quais emergiu e das quais pode ser considerado pelo espectador como uma metáfora ou simples sinédoque[11].

Ou seja, ressonância, como o poder de evocar no espectador as forças culturais complexas e dinâmicas de onde eles emergiram. O autor define também encantamento. " *Por encantamento entendo o poder do objeto exibido de pregar o espectador em seu lugar, de transmitir um sentimento*

10 GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, dez. 1991. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2323/1462>. Acesso em: 26 Ago. 2016.

11 GREENBLATT, Stephen. (1991). Idem, op.cit. Pag. 250.

arrebatador de unicidade, de evocar uma atenção exaltada"[12]. O encantamento tem a ver com uma espécie de veneração e tem sido mais associado com o formalismo do que com o historicismo. Costumamos venerar determinadas obras históricas, com seu passado e tradição. Uma obra de arte conhecida, como algumas obras de Van Gogh, Leonardo da Vinci, ou documentos da proclamação de independência, para ilustrar, são vistas como vestígios visuais e materiais colocados em exibição em museus e galerias projetados especificamente para este fim. Já museus com objetos que não valem pela sua singularidade, mas pela sua capacidade de proporcionar o conhecimento de uma manifestação social, expressiva, podem causar ressonâncias com maior intensidade pelo poder de evocar no espectador as forças culturais complexas e dinâmicas. Uma exposição ressonante, explica o autor, frequentemente distancia o espectador da celebração de objetos isolados, e o leva em direção a uma série de relações e questões sugeridas, apenas semivisíveis. E lança uma série de perguntas aplicadas ao que vemos no Museu da Escola Catarinense, ao vermos seus objetos, seus móveis, sua cultura material escolar (fig.2.1 e 2.2):

> Como os objetos chegaram a ser expostos? O que está em jogo na sua caracterização como "dignos de museu"? Como eram originalmente utilizados? [...] Quais os sentimentos das pessoas que originalmente seguraram esses objetos, os colecionaram, possuíram? Qual o significado de meu relacionamento com esses mesmos objetos agora que eles estão expostos aqui, neste museu, neste dia?[13]

Os depoimentos contidos nos livros de visita nos levam geralmente a uma ênfase maior no próprio prédio, onde se formaram muitos professores que ali retornam, ou à própria atmosfera do ambiente escolar que exerce um efeito diferenciado em cada espectador. O elogio ao espaço físico é constante, bem como um agradecimento pelo cuidado que se tem com o espaço e a valorização da memória.

12 GREENBLATT, Stephen. (1991). Idem, op.cit. Pag. 250.

13 GREENBLATT, Stephen. (1991). Idem, Pag. 253.

Figura 2.1. Museu da Escola Catarinense. Sala de aula de época, anos 50. Grupo escolar. Acervo MESC

Figura 2.2. Museu da Escola Catarinense. Auditório com Poltronas da marca Cimo e painéis de formatura. Acervo MESC

Figura 3.1. Museu da Escola Catarinense. Objetos escolares. Acervo MESC

Figura 3.2. Museu da Escola Catarinense. Quadros Parietais. Acervo MESC

Observa-se também, depoimentos que nos apontam questões que as pesquisas sobre objetos, cultura material escolar e outros relacionados, sinalizam como vestígios. Celebram objetos que levam a reviver a infância, uma volta no tempo e aos primeiros anos de escola, relembram tempos em que se respeitava a escola e os educadores. Enfatizam o Museu como local de reflexão e seus hábitos de pontualidade, honestidade e demais valores que se aprendiam na escola, como coisas perdidas no tempo. Muitos lembram dos sons, passos, risadas nos corredores das escolas. Ha menção ao fato de que os objetos, como a sala de aula dos anos 50 os levaram "*de volta aos 12 anos*". *Deixam registros de uma* "memória imaginária", que idealiza uma vivência que jamais será vivida em tempos presentes. Outros lançam perguntas: "*Como seria ser estudante neste espaço? Como seria lecionar nestas salas de aula (agora salas de um museu)? Qual a importância destinada à cultura e educação neste tempo que passou?*"

O que nos dizem os objetos? Existem diversas pesquisas que tratam deste universo da História da Educação. Peixoto (2013)[14] diz que a palmatória, mais que um instrumento de castigo, ela é hoje (ao lado da lousa) um símbolo da Pedagogia Tradicional, na medida em que expressa o rigor na disciplina, um dos alicerces desta proposta. O relógio e o sino marcando o tempo e o ritmo das atividades, as carteiras fixas, a posição da mesa do professor e a palmatória indicam a importância do tempo no novo tempo, a disciplina e a ordem necessárias ao avanço da produção, dentro do sistema capitalista, em fase de expansão no país. Os materiais pedagógicos, como elementos de suporte para a aprendizagem, evidenciam a incorporação, em sua proposta, dos avanços das ciências pedagógicas, consubstanciada no Ensino Intuitivo. Essa representação teve um importante papel no sentido de impor a imagem de um Estado como instituição capaz de impulsionar e conduzir um projeto educacional, e foi decisiva, na conformação da escola e das práticas pedagógicas, naquele período[15]. Para Castro (2011), as carteiras escolares perpetuaram-se como objeto fundamental para um bom ensino[16]. Podemos comparar as figuras 4.1 e 4.2, para percebermos o quanto de dignidade em material se perdeu com a banalização das carteiras escolares, hoje de materiais descartáveis e ergonomicamente questionáveis.

Outro objeto bastante comum eram os quadros Parker, em salas de aula organizadas segundo os princípios intuitivos[17]. Conforme Teive (2008), nas paredes havia a abundância de quadros intuitivos para o ensino das ciências naturais, história e geografia e Quadros Parker para o aprendizado da aritmética. Em lugar de destaque ficavam o globo terrestre para o ensino da geografia, o museu escolar, com sua coleção de objetos, para a prática das lições de coisas de história natural, o quadro-negro para garantir a convergência das atenções, indispensável para a prática do ensino simultâneo e a bandeira nacional, símbolo máximo da Pátria e da República, para as lições cívicas.

---

14 Peixoto, Ana Maria Casasanta. A imagem como fonte na pesquisa em História da Educação. In: Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Figueiredo, B.G. e Vidal, D.G. (orgs). 2 ed. Belo Horizonte, Fino Traço, 2013, pa. 213- 230.

15 Peixoto, Ana Maria Casasanta. *Museu da escola de Minas Gerais e produção de conhecimento em história da educação.* Disponível em < http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/39AnaMariaCasasantaPeixoto.pdf> Acesso em 12 ago. 2016.

16 CASTRO, R. X. S.; SILVA, V. L. G. Cultura material da escola: entram em cena as carteiras. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 207-224, jan./abr. 2011. Editora UFPR. Pag. 207-224.

17 Fonte: TEIVE, Gladys.M.G .Uma vez normalista, sempre normalista - cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense - 1911/1935). 1ª. ed. Florianópolis: Insular, 2008. 220p .

Figura 4.1. Museu da Escola Catarinense. Objetos escolares. Carteiras Cimo. Acervo MESC

Figura 4.2. Museu da Escola Catarinense. Carteiras atuais. Acervo MESC

E para completar o cenário, a incorporação ao cotidiano da sala de aula do símbolo da era industrial moderna: o relógio, marcando os ritmos da ação educativa medindo os rituais, ordenando a vida escolar. Os materiais escolares constituíram-se, certamente, num dos aspectos mais significativos da cultura escolar brasileira no início do século XX, contribuindo para que a instituição escolar cumprisse a sua dupla tarefa de instruir e educar, moralizar, higienizar, civilizar. A presença da religião em nossas escolas se manifesta no crucifixo. Outro aspecto que chama a atenção são cadernos, livros, hinos, exaltando os heróis, as riquezas do Brasil e os valores da nacionalidade (tais como patriotismo, obediência, trabalho). A marcante cenografia que reconstitui o ambiente da sala de aula antiga: o relógio na parede, as carteiras fixas, enfileiradas diante do tablado com a mesa da professora, a palmatória e o púlpito, o crucifixo, os tinteiros e canetas de pena e a lousa, que despertam sentimentos de nostalgia.

Alguns objetos se destacam na linha do encantamento (Stephen Greenblatt, 1991) e são solicitados a compor cenários de documentários e filmes. Citamos a escrivaninha (fig. 5.2) da diretora do Instituto de Educação de Santa Catarina (antiga *Escola Normal Catharinense*), Antonieta de Barros, educadora de grande expressão, escritora e primeira mulher a ser eleita parlamentar em Santa Catarina.

Destacam-se também, os móveis da marca Cimo (fig. 4.1 e 2.2). "Referências como estas são cruciais no desenho da trajetória dos objetos escolares, para tanto a localização, recuperação e preservação precisam estar em pauta e assumirem um lugar menos embrionário e tímido do que aquele que têm ocupado "[18].

18 Silva, Vera Lucia Gaspar e Vidal, Diana Gonçalves. Por uma historia sensorial da escola e da escolarização. Linhas. Revista do programa de Pós-Graduação em Educação-Udesc. V.11, n.2, 2010.

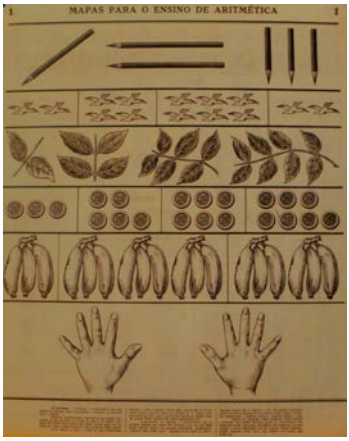


Figura 5.1. Museu da Escola Catarinense. Mapas PARKER para o ensino de matemática. Acervo MESC

Figura 5.2. Museu da Escola Catarinense. Escrivaninha que pertenceu à Antonieta da Barros. Acervo MESC

Para manter um projeto educativo que veicula memórias do passado, há que se afirmar uma memória imaginativa, e *"neste quadro, há que reconhecer as tradições do ensino, o Habitus, que enforma o trabalho docente, fruto de práticas do oficio de mestre, inventadas e transmitidas no seio da profissão, porque de algum modo foram bem sucedidas"*[19].

Estes objetos atestam suas vidas e interagem de forma afetiva e de muita saudade. Se existe vida nas coisas de um museu desta natureza, trata-se de uma vida repleta de saudades. Como diz Aziz Nacib Ab Sáber, *" A gente pode ter saudades até daquilo que não viu. Razão pela qual é de todo conveniente selecionar as memórias"*[20].

19 Felgueiras, Margarida Louro. (2013). Op. cit., Pag. 191.

20 SÁBER, Aziz Nacib Ab'. São Paulo: Ensaios Entreveros. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo/Edusp editora da USP, 2004.

Referências:

BEZERRA, Jorbson. Disponível em: http:<//www.educacional.com.br/articulistas/outrosEducacao_artigo.asp?artigo=artigo0045>. Acesso em 02 dez. 2014.

CASTRO, R. X. S.; SILVA, V. L. G. Cultura material da escola: entram em cena as carteiras. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 207-224, jan./abr. 2011. Editora UFPR. Pag. 207-224.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. INVENTARIANDO a Escola do Futuro revisitando o Passado. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs). 2 ed. Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013, p.185-211.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horiz. antropol.* [online]. 2005, vol.11, n.23 [cited 2016-08-30], pp.15-36. Disponível em < <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22.jul. 2016. ISSN 0104-7183. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832005000100002.

GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, dez. 1991. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2323/1462>. Acesso em: 26 Ago. 2016.

LEITE, Pedro Pereira. Para que servem os museus. Disponível em < http://www.plataformamacau.com/uncategorized/para-que-servem-os-museus>. Centro de Estudos Sociais Universidade de Coimbra. Acesso em 24 abr.2016

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Livro, a matéria e o espirito. *Estudos Avançados,* v.21, n.61, 2007, p. 297-302. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/ulpiano-toledo-bezerra-de-meneses>. Acesso em 22 jun.2016.

_____. O museu e o problema do conhecimento. In: Seminário Museus-Casas, IV-Pesquisa e Documentação**.** Anais. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura: Edições Casa de Rui Barbosa, 2002, p.17-39.

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. A imagem como fonte na pesquisa em História da Educação. In: Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Figueiredo, B.G. e Vidal, D.G. (orgs). 2 ed. Belo Horizonte, Fino Traço, 2013, pa. 213- 230.

_____. Museu da Escola de Minas Gerais e produção de conhecimento em história da educação. Disponível em < http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/39AnaMariaCasasantaPeixoto.pdf> Acesso em 12 ago. 2016.

SILVA, Vera Lucia Gaspar e Petry, Marília Gabriela. A Aventura de inventariar. Rev. bras. hist. educ., campinas-SP, v. 11, n. 1 (25), p. 19-41, jan./abr. 2011 . Paginas 20 a 41.

SILVA, Vera Lucia Gaspar e Vidal, Diana Goncalves. Por uma historia sensorial da escola e da escolarização. Linhas. Revista do programa de Pós-Graduação em Educação - Udesc. V.11, n.2, 2010.

SÁBER, Aziz Nacib Ab'. São Paulo: Ensaios Entreveros. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo/Edusp editora da USP, 2004.

TEIVE, Gladys.M.G.Uma vez normalista, sempre normalista - cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense - 1911/1935). 1ª. ed. Florianópolis: Insular, 2008. 220p .

Painéis de Formatura no acervo Museu da Escola Catarinense: uma visão do avesso.

Sandra Makowiecky e Beatriz Goudard

Artigo publicado originalmente em Arte e seus lugares: coleções em espaços reais. Anais do VIII Seminário do Museu D. João VI/IV Colóquio Internacional Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX. Disponível em < https://entresseculos.files.wordpress.com/2018/01/anais_versc3a3o-3_2018.pdf>. Paginas 444 a 456. Acesso em 22 mai.2018

Introdução: O Museu da Escola Catarinense (criado em 1992), está localizado em edifício que foi construído para abrigar a *Escola Normal Catharinense* (1892 - 1926), em Florianópolis. Trata-se de um edifício tombado como Patrimônio Histórico e é um monumento que permeia a história da Educação em Santa Catarina. O MESC tem como objetivo principal sua consolidação como espaço educativo não formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado à Educação. Integra oficialmente os Sistemas Nacional e Estadual de Museus e possui inscrição no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Apresenta salas de exposição de caráter permanente, todas de conteúdo didático e pedagógico, com acervo de móveis, livros, brinquedos. Nas paredes é possível vislumbrar uma tradição que se perdeu com os anos: os quadros/painéis de formatura. No século passado era costume que cada turma depois de formada deixasse de recordação para a instituição, um quadro com fotografias dos alunos, mestres e homenageados. Os quadros que retratavam os alunos da Escola Normal e Instituto Dias Velho se perderam no tempo, mas no Museu são apresentados outros quadros contemporâneos àqueles, que pertenceram à extinta Academia de Comércio de Santa Catarina e foram recuperados pela equipe técnica do MESC e por profissionais de restauração (Fig.1). O objetivo desta comunicação é contar esta história por seu avesso e por debaixo dos panos. Se trata de uma história em que a exibição dos quadros na parede não permite perceber. Atendendo à laudo exarado por especialista, procedeu-se ao que foi recomendado, recuperando um acervo que constitui registro importante da memória dos catarinenses ilustres que tiveram sua formação escolar na Academia do Comércio. Dos 13 (treze) painéis recebidos, conseguimos recuperar todos, sendo que dois deles estavam pra-

ticamente destruídos, os de 1946 e 1949 (Fig.2). Este trabalho de grande envergadura, apresenta várias problemáticas com as quais nossos museus se defrontam, tanto por suas dificuldades operacionais, financeiras, por falta de investimentos bem como de equipes especializadas.

Sobre a Academia de Comércio de Santa Catarina: Petry (2013), (Faria et al., 2014), (Sanson e Nicolau, 2006) e Vieira (1986) descrevem a história, que reproduzimos, sinteticamente. Em Florianópolis, as primeiras tentativas de criar um estabelecimento de nível superior datam do início do século XX. No governo de Vidal Ramos o ensino público catarinense foi reestruturado e, nesta campanha de reforma pedagógica, a Escola Normal foi o primeiro estabelecimento de ensino a ser reformulado. Até então as unidades escolares mais destacadas em Florianópolis eram o colégio Coração de Jesus, o Ginásio Catarinense, a Escola Normal e o liceu de Artes e Ofícios. Após completar o curso ginasial, os alunos não tinham perspectivas de continuidade nos estudos dentro da capital, ingressando então nas atividades profissionais, ou, poucos, que dirigiam-se a centros maiores, dedicavam-se a algum curso superior. Desta carência educacional surgiu a intenção de implantar um estabelecimento de ensino superior na capital. Criou-se então o Instituto Politécnico, a princípio sem sede própria, funcionando num sobrado alugado situado à rua João Pinto, nº 411, de propriedade do Liceu de Artes e Ofícios. O Instituto Politécnico de Florianópolis foi a primeira instituição de ensino superior do Estado de Santa Catarina, sua fundação data de 13 de março de 1917, sob a liderança de José Arthur Boiteux, considerado o patriarca do ensino superior no Estado e era uma instituição privada que dependia, em parte, de subsídio público. Durante sua existência ofereceu diversos cursos, dentre eles, os de Odontologia, Farmácia, Engenharia (Geologia), Veterinária, Botânica, Agrimensura e Topografia. Desde o início oferecia também cursos de técnicas comerciais: o preparatório, com dois anos, e o de especialização, com três anos (Vieira, 1986, p. 51). Infelizmente, esses cursos não atraíram estudantes dos melhores colégios, em geral filhos das famílias mais ricas, que preferiam uma formação que os levasse às áreas tradicionais, tais como Direito, Medicina e Engenharia, na época só possível fora do Estado. A demanda foi fraca também por parte dos estudantes de menor renda ou que trabalhavam, apesar de os cursos serem noturnos. O Instituto Politécnico

era submetido à fiscalização federal e estadual. Até 1922, a diretoria do Instituto dedicou-se à implantação de diversos cursos e à instalação das unidades pedagógicas necessárias. Neste período o governador Hercílio Luz cedeu a área de terra para a construção do prédio próprio do Instituto. Foi aberta concorrência para confecção da planta, feito o orçamento do novo edifício e lançada a sua pedra fundamental, acontecimento solene ocorrido no dia da comemoração do centenário da independência do Brasil. Em 1923 o Instituto Politécnico foi reconhecido como de utilidade pública, por meio de decreto federal.

O governo liberou verba para a construção do seu prédio em um terreno situado na avenida Hercílio luz, antiga avenida do saneamento, entre as ruas Nunes Machado e General Bittencourt. Além do auxílio financeiro dos governos Federal e Estadual, o Ministério da Agricultura, banqueiros, industriais e comerciantes catarinenses doaram diversos materiais para a construção do prédio, num terreno de 720m², com uma área edificada de 682m², o que constituía na época, depois do prédio da Escola Normal, o maior prédio da cidade de Florianópolis (onde hoje funciona o Museu da Escola Catarinense). A transferência dos alunos para seu prédio definitivo ocorreu entre 1924 e 1925. Em 1926, 1928 e 1929 surgiram novas questões sobre a condução das obras do prédio, referindo-se às instalações de água, luz, esgoto, pintura e acabamentos o que dificulta datar a sua exata conclusão. Os cursos de técnicas comerciais do Instituto, segundo as evidências disponíveis, formaram a última turma em 1930, tendo sido a primeira das quatro áreas a fechar (Vieira, 1986, p. 62). Com a morte de Boiteux, em 1934, o instituto encerrou suas atividades no ano seguinte, e em 1935, foi extinto o Instituto Politécnico. Ao encerrar seus últimos cursos, o Instituto tecnológico foi absorvido pela Escola Prática de Comércio em meados de 1934/35. O prédio passou a abrigar a Escola do Comércio de Santa Catarina, subordinada ao então Departamento de Educação. A Instituição foi criada pelo Decreto Estadual nº 782 de 5 de abril de 1935 que previu a adoção do Instituto Politécnico pelo Estado, tendo este ficado com a incumbência de manter o curso de Comércio. Mesmo tendo sido criada por força de Decreto Estadual, em 1935, a Academia de Comércio, a partir de 1938, retornou à condição de sociedade civil sem fins lucrativos. Foi por iniciativa de professores do Instituto Tecnológico que surgiu a Faculdade de Direito de Santa Catarina, cujo funcionamento

começou em 1932. Essa faculdade, no entanto, teve suas primeiras aulas em outro prédio do centro da cidade, junto à Praça XV. E ali, no primeiro dia letivo do novo curso, foi proferida pelo Prof. Henrique da Silva Fontes a primeira aula catarinense de Economia em nível superior. A disciplina era Economia Política e Ciências das Finanças. Desta forma, o Instituto Politécnico foi a primeira instituição universitária do Estado, precursora da Faculdade de Direito (1932), que foi a semente da UFSC, no final da década de 1950. Em 18/12/1960, foi uma das faculdades fundadoras da Universidade de Santa Catarina, atual UFSC (Lei no 3.849/60), de onde saiu também, o Curso de Economia. Muitos dos alunos que fizeram curso superior na Academia de Comércio, também continuaram seus estudos na UFSC, em especial, em Direito.

Esse curso era ainda do tipo misto, mas surgiu na época em que se discutia, no Brasil, a separação entre Economia e Contabilidade. A reforma de 1945 as separou. Isso transformou o Curso Superior – que estava em processo de reconhecimento oficial junto ao Ministério da Educação – no Curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas. O Curso Superior de Administração e Finanças, que concedia o diploma de Bacharel em Ciências Econômicas, foi criado em Florianópolis pela Academia de Comércio no mês de agosto de 1942 e começou a funcionar no início do ano letivo de 1943, com uma turma de cinco alunos. Era uma instituição mantida por uma associação, mas sustentada pelo governo, que financiava as bolsas de estudos dos alunos. A Portaria nº 512 de 11/12/1945 (do Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação) alterou sua denominação para Curso de Ciências Econômicas. O curso recebeu reconhecimento oficial pelo Decreto Federal 37.994/55. Seu corpo docente foi inicialmente formado por alguns professores catedráticos da Academia de Comércio. Foram também expedidos convites a professores da Faculdade de Direito de Santa Catarina para regência de outras cadeiras. A Academia de Comércio de Santa Catarina era mantida basicamente por subvenções do governo do Estado e por taxas de matrícula e mensalidades dos alunos. A Academia enfrentou problemas financeiros para manter o novo curso, que só não foi interrompido em 1950 porque professores concordaram em lecionar gratuitamente naquele ano. Nos anos seguintes, o orçamento da Academia voltou a equilibrar-se, principalmente a partir de 1954, quando o prof. Elpídio Barbosa, nome de projeção junto ao governo

estadual, assumiu a direção da Faculdade. A partir de 1958, a Faculdade passou a receber subvenção federal e em 1959 obteve do governo do Estado, dez apólices inalienáveis no valor de 10 milhões de cruzeiros, que lhe renderiam juros de 5% a.a. O governo estadual também lhe cedeu para uso o prédio da Travessa Ratcliff, no centro de Florianópolis. Nesse mesmo ano, a partir de 09 de dezembro, com as novas fontes de recursos e o novo prédio, a Faculdade de Ciências Econômicas tornou-se independente da Academia de Comércio.

A Academia de Comércio de Santa Catarina funcionou no prédio até a década de 1990, quando foi extinta. Em 2010 foram inauguradas as obras de restauração da edificação, em um ato onde foi sancionada a lei que autoriza a cessão e o uso do imóvel pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras, duas instituições também fundadas por José A. Boiteux, sendo que o prédio recebeu a denominação de Casa José A. Boiteux, em merecido reconhecimento. José A. Boiteux, nascido em Tijucas, em 1865, foi jornalista, deputado, historiador e advogado. Sua participação na vida intelectual foi constante, nos deixando extenso legado.

Este relato sobre a Academia do Comércio tem por objetivo realçar a importância desta Instituição na formação de catarinenses ilustres e na vocação do ensino superior da Ilha de Santa Catarina, o que irá reforçar a importância da preservação dos painéis. Pelas fotos e nomes constantes no painéis, percebemos de imediato, nomes de homens e mulheres que participaram ativamente da construção de uma sociedade mais representativa, sobretudo na produção e transmissão de conhecimento como professores, advogados, prefeitos, administradores públicos, entre tantos outros. Personalidades que saíram mais fortes dos processos educacionais, reinventando as regras de convívio para além dos interesses meramente personalistas e individualizantes ou das práticas da omissão e da indiferença. Essas histórias precisam ser revistas, necessitando pesquisas sobre cada painel.

Sobre os Painéis de Formatura/ Quadros de formatura – Como sabemos, no século passado era costume que cada turma depois de formada deixasse de recordação para a instituição, um quadro com fotografias dos alunos, mestres e homenageados. Infelizmente, quase desapareceu um

dos mais importantes registros históricos de nossas escolas: o quadro de formatura. No passado, eram verdadeiras relíquias, feitos por artesãos reconhecidos, peças que enobreciam escolas e que faziam parte da história dos formandos.

Podemos dizer que são verdadeiros monumentos, obras comemorativas ou uma recordação importante a ser perpetuada, um sinal do passado, na conceituação de Jacques Le Goof: "O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos" (1990, p. 536). Segundo Werle (2006, p.9 -10) os quadros de formatura são monumentos que comemoram a conclusão do curso, perpetuam a memória do acontecimento e do grupo, são uma forma específica do mesmo grupo estar e apropriar-se da instituição escolar - dimensão pessoal/grupal de sucesso –, proclamam a presença institucional na memória coletiva e o sucesso da escola no alcance de seus objetivos e missão pedagógica -, dimensão institucional de sucesso. Apresentam um significado social afirmativo para a escola e para o grupo de alunos formados.

Até os colégios tinham e preservavam os quadros de formatura. Além de contribuição histórica como registro de alunos, muitos dos quais se tornaram e são personalidades da cidade, do estado e do País, são peças de artesania primorosa. Mistos de álbum fotográfico e artesanato, os quadros de formatura podem ser analisados sob diversas perspectivas. Uma dela, trata da perspectiva de objetos pertencentes ao acervo da cultura material escolar na concepção proposta por Souza (2007), que permite compreender esses objetos como documentos de investigação histórica que possibilitam tanto a análise de sua materialidade quanto das relações intrínsecas provocadas pelos usos, por suas compreensões, pelo registro da história. Dessa forma, os quadros de formatura da Academia do Comércio de Santa Catarina, podem ser entendidos como objetos componentes da cultura material do lugar, que guardam em sua materialidade a capacidade de perenizar rituais, saberes e práticas na passagem do tempo. Alguns destes quadros de formatura eram mais simples, com moldura, fotografias e desenhos. Outros, extremamente elaborados, em madeira maciça, de grandes proporções. A análise desses artefatos, onde predominam ima-

gens fotográficas, os concebe como suportes de marcas que podem revelar nuances do investimento político, institucional e pessoal engendrados pela efervescência da construção social de necessidades e crenças na formação através da educação. São componentes de uma trama de relações da tessitura social constituída por seus produtores e consumidores que, em contato com eles, deram sentido mútuo as suas existências no universo de uma escola pulsante, de saberes e práticas vividas, sentidos e reproduzidos (COELHO Jr, 2013). Todavia, cabe ressaltar, não chegamos neste estágio ainda. Neste trabalho, trataremos de outra coisa: a pulsão de morte, vista por seu avesso. Estes painéis e sua história nos remetem de imediato a pulsão de morte a que se refere Derrida, em "Mal de arquivo", uma pulsão de agressão e de destruição que impele ao esquecimento, à amnésia, à aniquilação da memória.

> A pulsão de morte é acima de tudo, anarquívica [...] sempre foi, por vocação, silenciosa, destruidora do arquivo. A pulsão de morte é também uma pulsão de agressão e de destruição, ela leva não somente ao esquecimento, à amnésia, à aniquilação da memória como mneme ou anamnesis, mas comanda também o apagamento radical, na verdade a erradicação daquilo que não se reduz jamais à mneme ou à anamnesis; a saber, o arquivo, a consignação, o dispositivo documental ou monumental (DERRIDA, 2001, p. 21-2).

Como evitamos a morte desses painéis? Em sendo salvos, para que poderão ser úteis? Em texto muito elucidativo de Werle (2006), denominado: "Ancorando quadros de formatura na história institucional", podemos ampliar o conhecimento sobre estes objetos. A autora se refere a quadros mais simples e aos painéis mais complexos, como os do Museu da Escola. Iremos nos deter nestes, utilizando as descrições que constam do texto. Diz a autora, que os quadros de formatura não são apenas fotografias de um conjunto de formandos, mas são fotografias de um grupo de alunas(os), concluintes de um curso, identificados individualmente, organizados numa totalidade - o quadro - referidas ao momento histórico e às propostas da escola, tendo como finalidade colocar-se como conjunto articulado, em exposição, nas dependências da escola. As fotografias em suas propriedades – papel plano, em preto e branco – nas quais as pessoas fotografadas – alunos, homenageados, paraninfo – são representados em face e busto,

homogeneizados pela iluminação, dimensão, formato – geralmente ovais - pela vestimenta e pela posição, são articuladas, superando a redução aos indivíduos representados em cada uma delas isoladamente, rearticuladas num todo: o quadro de formatura. Tais quadros (início do século XX) são peças grandes - alguns com dois metros de altura -, agregando fotografias sustentadas em madeira pintada ou esculpida em relevo. Quando feitos de variados tipos de madeira, exploram esteticamente, texturas e tons de espécies diferentes. Não apenas esculturas, mas dizeres compõem a estética dos quadros de formatura. Os elementos escritos são identificadores da instituição escolar, da cidade em que a escola se situa, do ano de conclusão e sempre trazem o nome completo dos alunos, alguns mencionam a cidade de origem, bem como dos professores homenageados e paraninfo, ancorando as imagens no social, no institucional, no tempo e no espaço. Os quadros de formatura dão visibilidade às pessoas que passaram pela escola e ao acontecimento de sua formatura, adornam os corredores da escola e são uma peça apreciável, digna de ser guardada. Eles são um objeto cultural que tem uma intenção determinada: celebrar um fato notável, não cotidiano – a conclusão de um curso -, festejado como uma solenidade – a formatura marcada com vestes não usuais, postura estudada -, importante de ser lembrada. Os quadros de formatura hierarquizam. Alunos são homogeneizados em roupas, cabelos e poses, bem como na regularidade com que as fotos são distribuídas no conjunto do quadro. Em separado, e em fotos de maiores dimensões do que as dos alunos, estão homenageados e paraninfo, figuras ilustres, por isto, maiores, distintas e articuladas, como grupo, em espaço diferente do de alunos. Não há mulheres paraninfando turmas de formandos, ou seja, o lugar de patrono ou protetor de turma estava, na época, reservado a homens. Os quadros de formatura, na época em que foram construídos eram expostos em salas de visitas, em salões reservados para solenidades, em corredores. No Museu, encontram-se na sala Euterpe, constituindo parte do acervo museológico, em uma ideia de imersão (Fig.3), derivado do latim *immersio*, sinônimo de mergulho, que significa possibilitar a introdução dos visitantes do museu num determinado ambiente, seja este real ou imaginário. Este movimento de olhar projetado para o passado é discutido por Agamben em O que é contemporâneo? no livro "O que é contemporâneo e outros ensaios" (2009), quando diz que a "via de acesso ao presente tem necessariamente a forma de uma arqueo-

logia" (p. 70) no sentido de situações que já aconteceram, já foram vividas e no presente não podemos mais viver nem alcançar, um olhar para o não vivido no que é vivido, um movimento que não cessa em se repetir. Tais quadros e sua exposição pública explicitam redes de relacionamento pessoal e a importância institucional.

Os símbolos utilizados nos painéis. Os painéis de formatura também contextualizam valores de época. Observa-se pelo texto de Werle (2006), que era muito comum que os quadros/painéis fossem decorados com esculturas que lembram instrumentos de estudo e leitura – mapa mundi, mapa do Brasil, mapas dos estados, das cidades, esquadro, pergaminho, compasso, livros - elementos cívicos – bandeira dos estados e do Brasil, escudo nacional, pira da pátria, entre outros – e religiosos – imagem de santos, Nossa Senhora e Cristo (Fig.4). De maneira geral, apresentam uma aparência ordenada, sóbria e coerente. Identificam-se como elementos contextualizadores, ao lado da moldura e suas esculturas, os lemas inscritos nos quadros e a indumentária dos fotografados. As vestimentas também formam padrões. Chapéus, paletó e gravata, no mais das vezes com padrões definidos entre os formandos. As fotos de professores homenageados e paraninfos não mantém um único padrão como as dos formandos(as) que olham para um mesmo lugar, inclinam a cabeça uniformemente e transmitem, em seu conjunto, um significado de alinhamento disciplinado.

Outros elementos comuns são os lemas, um preceito escrito, uma sentença. Os lemas dos quadros de formatura são breves afirmativas escritas em latim ou português. Um bastante significativo no painel de 1945 da academia do Comércio é: "Labor Omnia Vincit"- "O trabalho vence tudo", fragmento de versos de Virgílio, que se tornaram proverbiais. Outro elemento bastante presente é o Caduceu de Mercúrio, que é a insígna do Deus do Comércio. O Caduceu que nada mais é do que um bastão (poder, que no caso, tem por objeto o patrimônio de quaisquer entidades), entrelaçado com duas serpentes (sabedoria, isto é quando se deve estudar antes de agir, para escolher o caminho correto e ao mesmo tempo mas vantajoso para o cliente), tendo na parte superior duas pequenas asas (diligências, ou seja, a presteza, a solicitude, a dedicação e o cuidado no exercer da profissão) e um elmo alado (pensamentos elevados, uma peça de armadura antiga que cobria a cabeça, tem significado de proteção contra pensamentos baixos que levem a ações desonestas), e que é um dos atributos do deus Mercúrio

(Hermes), protetor do comércio, emblema da paz e prosperidade. Os livros, muito comuns, adequados para a nutrição do espírito e da mente. A roda da Fortuna, presente no painel de painel de 1949, uma roda com seis raios, indica destino, reflexão, em que tudo acontece a seu tempo, fazendo lembrar da garantia de cumprimento de um destino, representado pela lei de causa e efeito e também pela lei da compensação. Fortuna quer dizer sorte, destino e não fortuna material.

No painel de 1945 – *Administração e Finanças,* encontramos uma cornucópia, antigo símbolo da abundancia e que simboliza agricultura e comércio. Outro símbolo recorrente são as Tábuas da Lei com a legenda "LEX", que advém da antiga tradição judaica de que a lei foi entregue por Deus a Moisés em tábuas, contendo os Dez Mandamentos. No caso, mencionam 12 leis. Há cinco focos temáticos que predominam nos lemas dos quadros de formatura, conforme o caso: religião, ascese, sucesso, civismo e ciência. Ascese é uma ideia que se estabelece na relação com sucesso e religião. O mapa de Santa Catarina, elementos da Cidade de Florianópolis, como a Ponte Hercílio Luz (painel de 1940) também aparecem. Os lemas compunham, com as esculturas dos quadros, um contexto simbólico modelar para os(as) formandos(as), alinhados com as propostas formativas da instituição. Um lema inscrito num quadro de formatura, sempre exposto à vista, tem um impacto mais permanente, como que relembrando seu conteúdo constantemente.

O processo de recuperação dos painéis da Academia de Comércio : uma visão do avesso. Os painéis que pertenceram à extinta Academia de Comércio de Santa Catarina, foram doados ao MESC em 2005, ficando por praticamente 7 (sete) anos, abandonados. A recuperação pela equipe técnica do MESC, com pesquisa, sistematização e guarda do material, iniciou no ano de 2013 e na parte de recomposição técnica, por Cassiano Reinaldin e por Dario Luciano de Aguiar e Emília Aguiar, entre os anos de 2015, 2016 e 2017. Não sabemos precisar em que estado de conservação chegaram ao MESC, mas com certeza já estavam infectados por xilófagos. As fotos (Fig.5) mostram o estado de decomposição em que se encontravam os painéis, que aos poucos foram recuperados. O Laudo do Estado de Conservação dos painéis em madeira e composição fotográfica da Escola do Comércio – Florianópolis, que recebemos em 2013, realizado por Márcia Regina Escorteganha, Conservadora-Restauradora da Fundação Cata-

rinense de Cultura, atestava o estado de degradação geral dos painéis. Após este laudo, procedemos ao que foi recomendado e hoje, estamos com 13 (treze) painéis, podendo mostrar em nosso museu, o que conseguimos recuperar, bem como fotografias que constituem um registro importantíssimo da memória dos catarinenses ilustres que tiveram sua formação escolar na Academia do Comércio. Recomendava a retirada urgente do suporte secundário, dizendo que a medida era necessária por se tratar somente de um suporte de sustentação que não afetaria a estruturação nem a estética da obra em si, além disso com estado de degradação avançado e a infestação por insetos xilófagos generalizada, o que tornava inviável sua conservação. Portanto deveria ser descartado para não contaminar o restante do acervo e nem mesmo as estruturas arquitetônica do Museu Escola Catarinense. Esta retirada deveria ser efetuada por um profissional conservador e com os devido cuidados em manter intacta a estrutura original do suporte principal. Indicava ainda formas de armazenamento dos elementos dos painéis, das fotografias, em que as áreas em desprendimento deveriam ser acondicionadas e agrupadas em dossiês relativos a cada painel e fornecia também instruções para sua remontagem posterior, indicando realizar um registro fotográfico detalhado e descritivo de cada um dos painéis (Fig.6). Ao nosso modo, empreendemos a tarefa, tirando molde em papelão, fazendo anotações sobre as imagens e sua localização.

Em 3 (três) painéis (1938, 1939 e 1943), os suportes secundários originais foram mantidos, bem como os ornamentos originais. Em outros 9 (nove) painéis, a saber – 1940, 1941, 1942, 1944, 1945, 1945 - adm. e finanças - 1947, 1949, 1950 - os suportes originais foram descartados e foram criados novos suportes secundários, mantendo ornamentos originais, bem como reposição de ornamentos faltantes, através de recuperação cuidadosa e atenta aos detalhes, usando também chapas que reproduzem a madeira da época de criação desses quadros de formatura. Dois dos painéis, a saber – 1946 e 1949 - estavam praticamente destruídos por insetos xilófagos e foram refeitos através de registros fotográficos, mantendo e mesclando os ornamentos e letras originais e recuperadas, quando possível. Do painel de 1946, praticamente tudo precisou ser refeito, era o mais danificado. Dos 13 (treze) painéis recebidos, conseguimos recuperar todos, sendo que dois deles estavam praticamente destruídos. O que seria essa visão do avesso? De fato, para que esses painéis continuassem a existir, muitas batalhas foram travadas, desde o

convencimento dentro da Universidade para contratar especialistas que realizassem sua reconstituição, procurando soluções dentro das leis de licitação, até admitir que a própria Universidade deixou este material se deteriorar por um bom tempo. De 2005 a 2012, eles ficaram jogados em uma sala, sem o menor cuidado, sendo que neste período, os cupins continuaram em sua ação frenética a devorar a madeira e por conta de uma reforma no telhado do Museu, alguns painéis receberam água da chuva, o que estragou muitas das fotos, em um final de semana sem assistência alguma, acrescido do fato de que estavam completamente desprotegidos. Ressalta-se que apesar de providenciarmos uma avaliação técnica e contar com ajuda de conservadora em orientação para desmonte, a equipe que atuou no trabalho não tem formação na área. O trabalho foi feito com intuição, planejamento, sentido de organização e muito cuidado. Em 2017, concorreu ao Premio Rodrigo Melo Andrade Franco de Andrade, que prestigia as ações de preservação do patrimônio cultural brasileiro, por Santa Catarina. Jacques Derrida, em "*Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível*" (2012), diz que temos a necessidade de memória, porque temos o medo de perder. Para Derrida, "O arquivo, não é uma questão de passado, é uma questão de futuro" (p. 132), pois selecionamos o que consideramos que seja importante e o que preciso que se repita no futuro. "É o que fazemos todo o tempo na vida, a pulsão de arquivo: o que vamos deixar de lado e o que vamos repetir?" (pag.132). A memória no arquivo está em trazer para a atualidade o que está distante e dar continuidade ao passado garantindo que este sobreviva amanhã. Para Didi-Huberman (2012, p. 130), o arquivo é sempre "uma história em construção", pois a cada nova descoberta aparece nele como uma "brecha na história concebida", uma singularidade que o investigador vai unir com tudo o que já sabe para possivelmente "produzir uma história repensada do acontecimento em questão". Importante destacar que alguns visitantes, quando entram no ambiente de imersão com os painéis de formatura, acabam por emocionar-se de tal forma que nos surpreende verificar o efeito que exercem na memória das pessoas. Muitos relatam fatos e histórias vivenciadas naquela época, outros buscam por familiares e/ou conhecidos que podem estar ali. Outros, mais jovens, ficam extasiados com a riqueza de detalhes que se apresentam nestes painéis, como por exemplo os entalhes na madeira e o significado destes detalhes. O que sabemos até o momento está aqui descrito sinteticamente, esperando que o futuro reserve a esses painéis, novas e mais completas arqueografias.

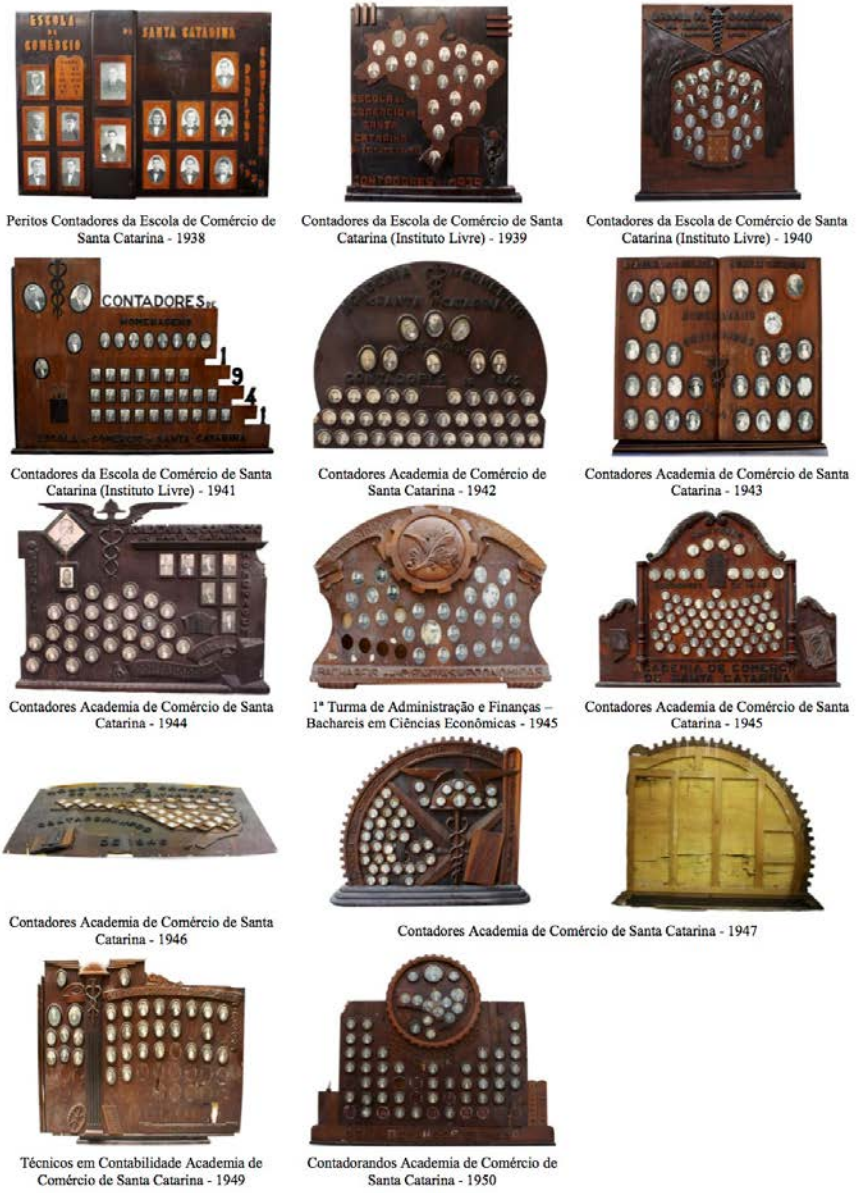


Fig. 1.Treze painéis em estado original (2012) , antes de recuperação. O painel de 1947 aparece em frente e verso. Acervo MESC. Nas fotos nesta dimensão, não são perceptíveis os estados de degradação do material.

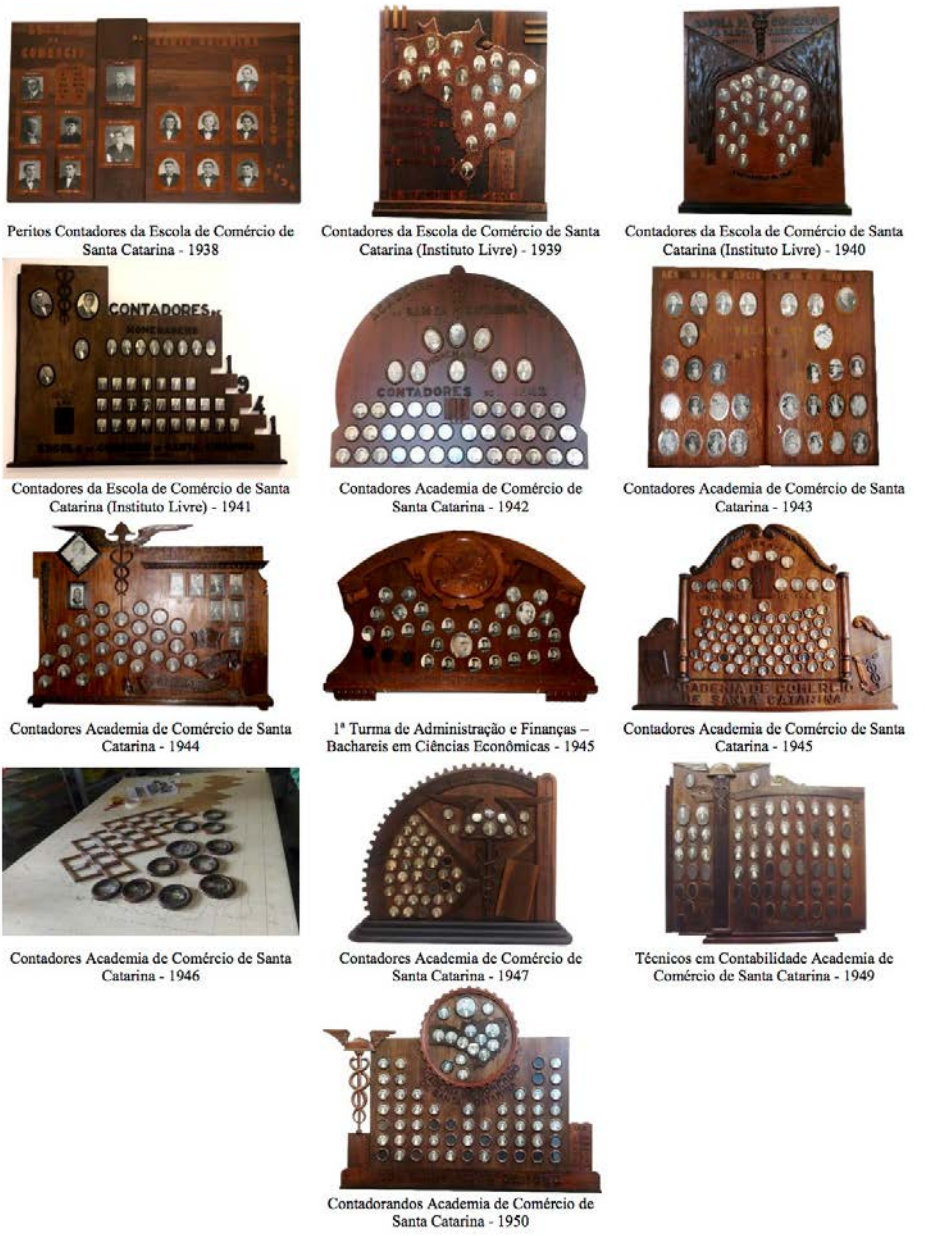


Fig. 2. Treze Painéis apos a recuperação (2017). Um deles, do ano de 1946, em processo final. Acervo MESC.

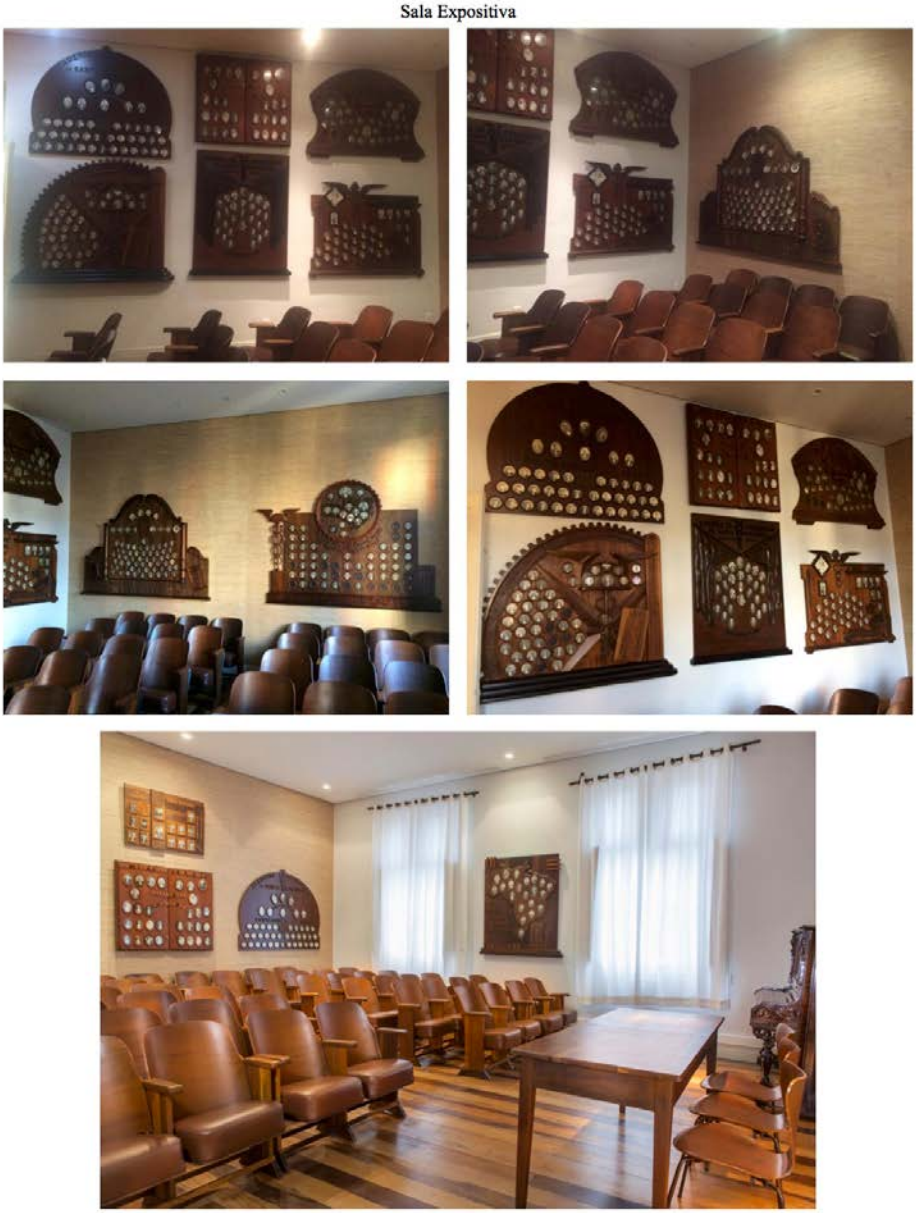


Fig. 3. Vista geral da sala expositiva, onde os painéis estão expostos como acervo (2017). "Imersão". Acervo MESC.

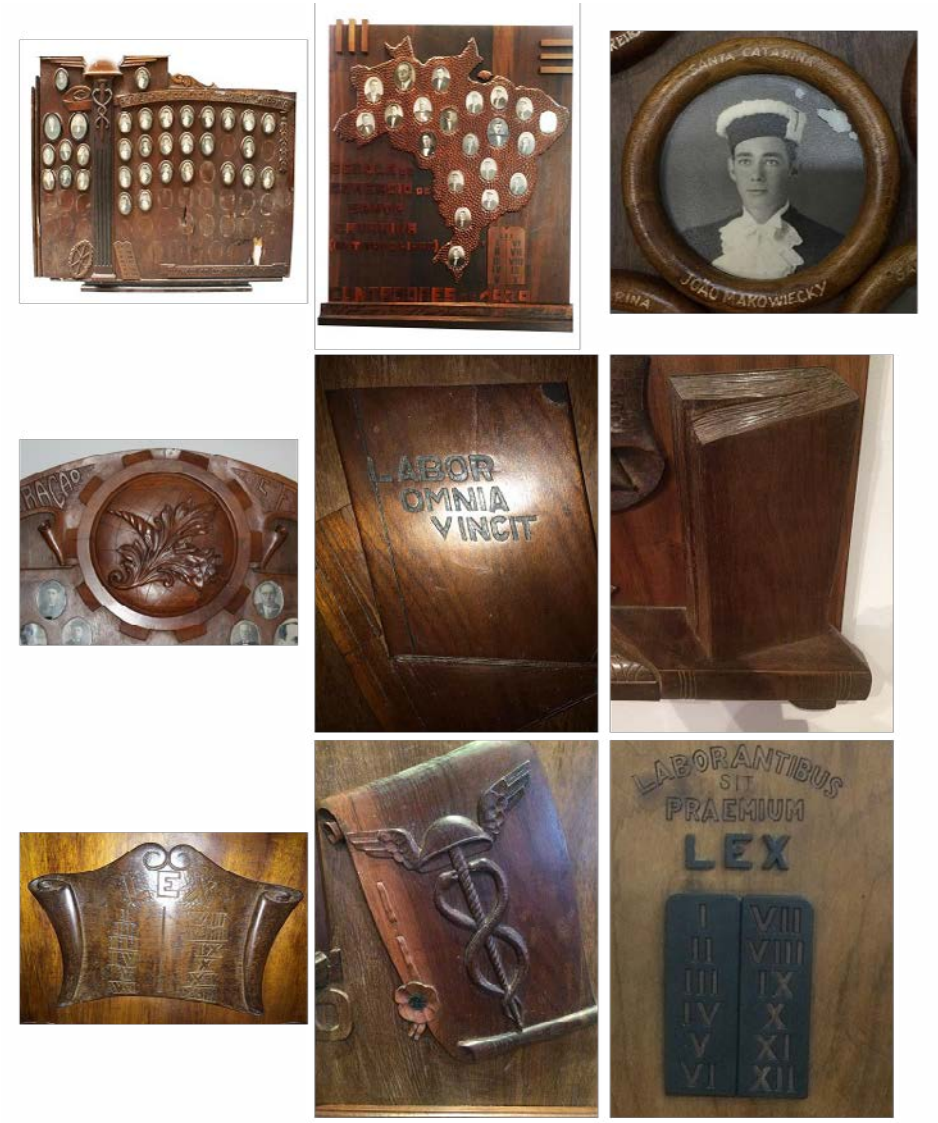


Figura 4. Símbolos presentes na ornamentação- Flores, caduceu, Lex com doze leis, lemas em latim, fotografias, livros, mapa de Santa Catarina. No detalhe, a fotografia de João Makowiecky, pai de uma das autoras, painel de 1945, que depois cursou Direito. Acervo MESC.

Figura 5. Painéis em estado original (2013) , antes de recuperação, em que se observa o estado de degradação. Acervo MESC.

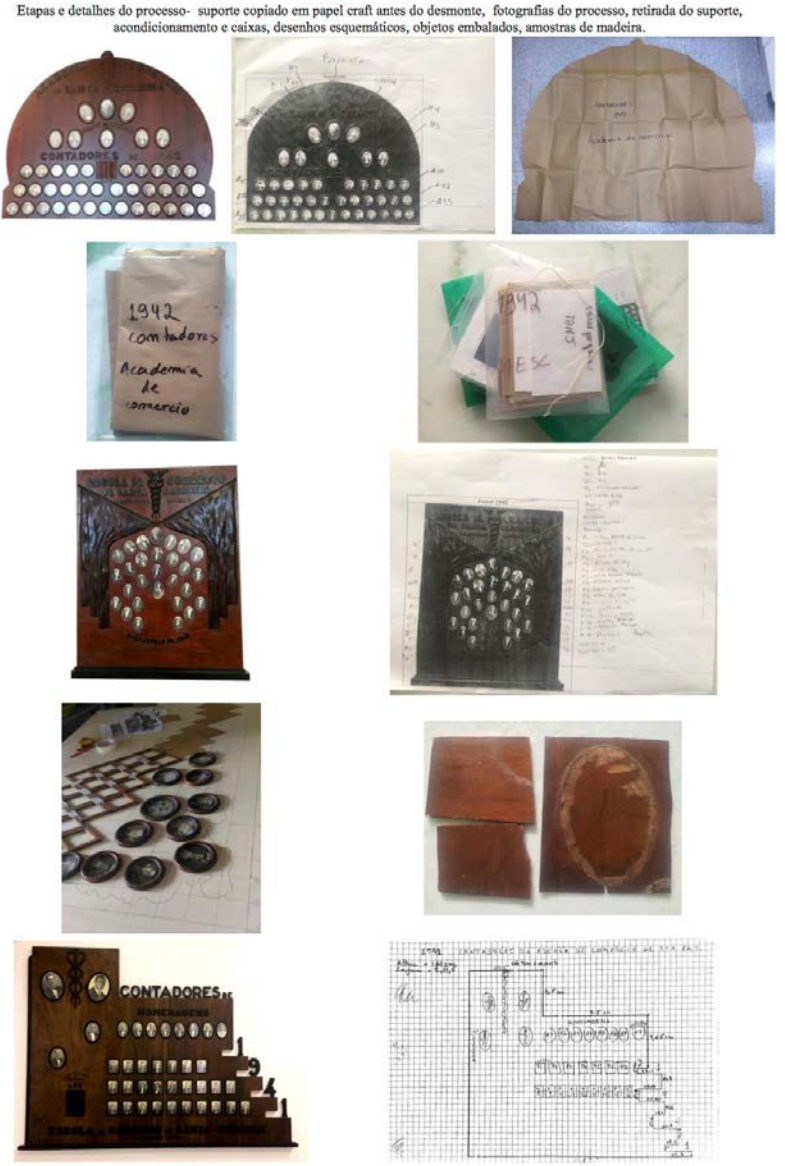


Figura 6. Detalhes das etapas do processo de desmonte e acomodação das peças para armazenamento (2013), no aguardo da recuperação. Acervo MESC.

Referências bibliográficas:

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

COELHO JR., Nelson Maurilio. **Relicários de um tempo: os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus 1922 -1929** (contribuições para o estudo da história da educação em Santa Catarina) / Nelson Maurilio Coelho Junior. – 2013. 160 p. il.; 30 cm . Dissertação de Mestrado, UDESC.

COSTA, Licurgo. **Antecedentes do curso de Direito em Santa Catarina**. Disponível em < http://ccj.ufsc.br/historico/>. Acesso em 20 ago. 2017.

DAMIAO, Carlos. **Memória de Florianópolis: Nossa educação superior quase centenária.** Disponível em < https://ndonline.com.br/florianopolis/coluna/carlos-damiao/memoria-de-florianopolis-nossa-educacao-superior-quase-centenaria>. Acesso em 20 ago. 2017

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DERRIDA, Jacques. **Pensar em não ver**: escritos sobre as artes do visível (1979-2004). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DIDI-HUBERMAN, G. **Imagens apesar de tudo**. Tradução de Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. Lisboa: KKYM, 2012.

FARIA, J. E. S; Santos, A.V.dos e Valle, I.R. **A Matemática como Disciplina da Academia de Comércio de Santa Catarina**. ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v.7, n.2, p.3-21, novembro 2014 ISSN 1982-5153. P. 3-21. Disponível em < https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/viewFile/38213/29117>. Acesso em 20 ago. 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

PETRY, Eduardo. **Academia de Comércio de Santa Catarina**. Disponível em < http://santacatarinaantiga.blogspot.com.br/2013/05/academia-de-comercio-de-santa-catarina.html>. Acesso em 20 ago. 2017.

SANSON, J. R. e Nicolau, J.A. **Do ensino de técnicas comerciais ao ensino de economia em Santa Catarina.** Análise. Revista de Administração da PUCRS.Porto Alegre. V.17, n.2, jul/dez.2006, P. 297-312. Disponível em < http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/face/article/viewFile/311/248>. Acesso em 20 ago. 2017.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da cultura material escolar: um balanço inicial**. In: BENCOSTA, Marcus Levy (Org.). Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

VIEIRA, Amazile de Hollanda. **O Instituto Polytechnico no contexto sócio-cultural catarinense**. Florianópolis: A&P, 1986.
WERLE, Flavia Obino Corrêa. **Ancorando quadros de formatura na história institucional**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/28/textos/GT02/GT02-322--Int.rtf>. Acesso em: 18 de jun. 2006. Acesso em 18 jun.2017

Sandra Makowiecky: Professora de Estética e História da Arte do Centro de Artes da UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis – Santa Catarina – Brasil e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, na linha de Teoria e História da Arte. Coordena o Grupo de Pesquisa "História da arte: Imagem - Acontecimento", cadastrado no diretório de grupos de pesquisa do CNPq. Coordenadora do Museu da Escola Catarinense – UDESC. É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte - Seção Brasil Aica UNESCO. Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte. Associada da ANPAP. E-mail: sandra.makowiecky@gmail.com
Beatriz Goudard: Professora da UDESC, possui graduação em engenharia civil, mestrado em Engenharia de Transportes pelo Instituto Militar de Engenharia e Doutorado em Engenharia Civil, pela UFSC. Professora Adjunta da Universidade do Estado de Santa Catarina, tem experiência na área de engenharia civil, com ênfase em planejamento urbano, bem como avaliação ambiental, matemática, além de atuar na área administrativa da Universidade. Atualmente atua junto ao Museu da Escolar Catarinense. E-mail: beatriz.goudard@gmail.com

Painéis de Formatura da Academia de Comércio de Santa Catarina – painéis doados ao Museu da Escola Catarinense e recuperados.

Por Sandra Makowiecky

Nas paredes desta sala, é possível vislumbrar uma tradição que se perdeu com os anos, ou pelo menos se modificou: o quadro de formatura. No século passado era costume que cada turma depois de formada deixasse de recordação para a escola, qual seja, um quadro com fotografias dos alunos, mestres e homenageados. Os quadros que retratavam os alunos da Escola Normal e Instituto Dias Velho se perderam no tempo, mas nesta sala são apresentados outros quadros contemporâneos àqueles, que pertenceram à extinta Academia de Comércio de Santa Catarina, que foram doados ao MESC em 2005 pela Secretaria de Educação (SED) e recuperados pela equipe técnica do MESC e auxiliares externos, com pesquisa, sistematização e guarda do material e, na parte de recomposição técnica, por Cassiano Reinaldin e por Dario Luciano de Aguiar e Emília Aguiar, entre os anos de 2015, 2016 e 2017.

As fotos mostram o estado de decomposição em que se encontravam os painéis que aos poucos foram recuperados. O Laudo do Estado de Conservação dos painéis em madeira e composição fotográfica da Escola do Comercio – Florianópolis, que recebemos em 2012, realizado por Márcia Regina Escorteganha, Conservadora-Restauradora, nos deu as diretrizes do que precisava ser realizado. Após este laudo, procedemos o que foi recomendado e hoje, estamos com 13 (treze) painéis, podendo mostrar em nosso museu, o que conseguimos recuperar, bem como fotografias que constituem um registro importantíssimo da memória dos catarinenses ilustres que tiveram sua formação escolar na Academia do Comércio. Dos 13 painéis recebidos, dois estavam praticamente destruídos - os 1946 e 1949 - que agora estão restaurados.

No final do ano de 2017, recebemos um livro de registro de diplomas da Academia do Comércio, de 1937 a 1950, que está nos auxiliando a proceder a identificação dos alunos nos painéis restaurados, trabalho que

ainda precisa ser concluído dado a dificuldade que estamos tendo de relacionar a foto com o respectivo aluno.

Informações recuperadas

Os nomes contidos em alguns painéis já estavam apagados pelo tempo ou irreconhecíveis. “Em um golpe de sorte ou destino, no final do ano passado, a Udesc-Faed enviou ao Mesc os livros de atas que continham dados referente às formaturas dos painéis”.

Agora, a documentação em formato de painéis e a documentação formal, com livro de atas e respectivas assinaturas, estão completas. Os painéis têm dimensões variadas, tanto de largura como de altura, indo de 1 a 2,5 metros.

LAUDO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO
DOS PAINÉIS EM MADEIRA E COMPOSIÇAO FOTOGRÁFICA DA ESCOLA DO COMÉRCIO - FLORIANÓPOLIS

IDENTIFICAÇÃO:
Título ou identificação: 13 painéis de madeira laminada Móveis Cimo com montagem fotográfica em preto/branco.
Autor: desconhecido Data: 1945(esculpida em madeira)
Técnica: madeira esculpida e envernizada com montagem fotográfica
Dimensões: variáveis
Proprietário: Escola do Comércio
Nº Tombo: não tem
Local da avaliação das obras: Museu da Escola Catarinense Florianópolis-SC

DIAGNÓSTICO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DAS OBRAS:
***SUPORTE** (em madeira vernizada):*
VERSO:
Madeira com áreas em bom estado e outras em estado avançado de degradação por xilófagos. Apresenta: sujidades generalizadas e acentuadas; perfurações mecânicas causada por insetos xilófagos; abrasões e mossas generalizadas; manchas generalizadas (brancas e escuras); pregos oxidados; manchas de umidade e de microrganismos; etiquetas adesivas de identificação com numeração do MEC, não há registro de número de tombo. Dilatação da fibra da madeira pontual.

SUPORTE SECUNDÁRIO (verso das obras):
Suporte de sustentação em madeira, em péssimo estado de conservação, com infestação de insetos xilófagos generalizado.

***Obs: Alertamos para a retirada urgente do suporte secundário dos painéis**. Esta medida é recomendada por se tratar somente de um suporte somente de sustentação que não afetará a estruturação nem a estética da obra em si, além disso com estado de degradação avançado e a infestação por insetos xilófagos generalizada, o que torna inviável sua conservação. Portanto deve ser descartado para não contaminar o restante do acervo e nem mesmo as estruturas arquitetônica do Museu Escola Catarinense. Esta retirada deverá ser efetuada por um profissional conservador e com os devido cuidados em manter intacta a estrutura original do suporte principal.*

FRENTE (área de representação):
Montagem realizada com várias fotografias distribuídas sobre uma plataforma de madeira laminada vernizada e relevos em madeira esculpida e vernizada; composição fotográfica feita por medalhões de madeira entalhada vernizada, que acomodam as fotografias em pequenas molduras de forma oval e vidro de proteção.
Apresenta: a) (madeira): sujidades generalizadas e acentuada, perdas pontuais generalizadas no suporte de madeira; abrasões e mossas generalizadas; presença de insetos xilófagos; fungos; excremento de insetos, manchas pontuais.
b) (fotografias): sujidades generalizadas e acentuada, delaminações, craquelês, esmaecimento da imagem, manchas.
c) (vidros) : alguns estão rompidos.

FOTOGRAFIAS: *a maioria em bom estado de identificaç*ão*, algumas desapareceram.*
Obs: recomendo a reprodução das fotografias que compõem a obra (fotografia digital) . Em se tratando de um registro importantíssimo a memória dos catarinenses ilustres que tiveram sua formação escolar na Academia do Comércio.
CAMADA de PROTEÇãO: camada fina de verniz. Apresenta: sujidades generalizadas; abrasões generalizadas; manchas generalizadas de escorrimento de tinta branca; perda da camada de verniz pontual em toda a obra

TRATAMENTO RECOMENDADO:

Antes de começar os procedimentos de intervenção, realizar um registro fotográfico detalhado e descritivo de cada um dos painéis. Reprodução das fotografias que compõem a obra (fotografia digital)
Como forma de interromper o processo de degradação avançado que se encontram os painéis, sugiro o seguinte tratamento:

Procedimentos de mínima intervenção/conservação preventiva e curativa:

- Remoção do suporte secundário (pois está inteiramente infestado por insetos xilófagos o que torna inviável a conservação do material (madeira) ou sua desinfestação devido o grau avançado de deterioração);
- Áreas em desprendimento deverão ser acondicionadas e agrupadas em dossiês relativos a cada painel,

- Quando possível refixar as partes em desprendimento das lâminas de madeira que estão se soltando (desprendendo);
-Higienização a seco (trincha e aspirador de pó);
-Desinfestação pontual no suporte principal;
-Acondicionamento de cada obra e suas respectivas peças soltas ou em despreendimento, em invólucros individuais (com Teyvec ou TNT)
-Acondicionamento de cada painel com Teyvec ou TNT
- Quando houver painéis que tenham contato, fazer a interface entre as obras com placas de isopor.
- Armazenar em local ventilado e seco, sem possibilidades de qualquer natureza umidade (ascendente ou pluvial). Cuidado com paredes de alvenaria com cristalização de sais solúveis.
*OBS**: utilizar equipamento de segurança para efetuar qualquer procedimento de intervenção na obra***

Márcia Regina Escorteganha
Conservadora-restauradora
Florianópolis, 09 de outubro de 2012

Em três (3) painéis (1938, 1939 e 1943), os suportes secundários originais foram mantidos, bem como os ornamentos originais. Em outros 9 (nove) painéis, a saber – 1940, 1941, 1942, 1944, 1945, 1945 - adm. e finanças - 1947, 1949, 1950 - os suportes originais foram descartados e foram criados novos suportes secundários, mantendo ornamentos originais, bem como reposição de ornamentos faltantes, através de recuperação cuidadosa e atenta aos detalhes, usando também chapas que reproduzem a madeira da época de criação desses quadros de formatura. Dois dos painéis estavam praticamente destruídos por insetos xilófagos e foram refeitos através de parcos registros fotográficos, mantendo e mesclando os ornamentos e letras originais e recuperadas, quando possível. Foram recuperados os 13 (treze) painéis recebidos em doação. Este trabalho constitui-se de grande envergadura e merece ser admirado.

Painel 1938 – Contadores
Recuperação: Cassiano Reinaldin. Suporte original

Painel 1939 - Contadores
Recuperação: Cassiano Reinaldin. Suporte secundário original

Painel 1940 - CONTADORES

Recuperação: Dario Luciano de Aguiar e Emília Aguiar, Suporte secundário novo

Painel 1941 – Contadores

Recuperação: Dario Luciano de Aguiar e Emília Aguiar, Suporte secundário novo

Painel 1942 - Contadores

Recuperação: Cassiano Reinaldin. Suporte secundário novo

Painel 1943 - Contadores

Recuperação: Cassiano Reinaldin. Suporte secundário original

Painel 1944 – Contadores

Recuperação: Dario Luciano de Aguiar
e Emília Aguiar, Suporte secundário novo

Painel 1945 – Contadores

Recuperação: Cassiano Reinaldin, Dario Luciano de Aguiar e Emília Aguiar. Suporte secundário novo

Painel 1945 - Administração e Finanças

Recuperação: Dario Luciano de Aguiar e Emília Aguiar, Suporte secundário novo

Painel 1946 – Contadorandos

Recuperação: Dario Luciano de Aguiar e Emília Aguiar, Suporte secundário novo

Painel 1947- Contadores
Recuperação: Dario Luciano de Aguiar e Emília Aguiar, Suporte secundário novo

Painel 1949 – Contadores
Recuperação: Dario Luciano de Aguiar e Emília Aguiar, Suporte secundário novo

Painel 1950
Recuperação: Dario Luciano de Aguiar e Emília Aguiar, Suporte secundário novo

Na sequência, algumas fotos que mostram o estado de deterioração dos painéis e das etapas de desmonte dos mesmos, para podermos proceder a recuperação (ano de 2013).

Retirada do suporte secundário original, guarda das fotografias, madeiras e vidros. No chão, madeira com cupim. 2013.	Detalhe da madeira com cupim no chão.

Obs.: A última foto mostra alguns painéis
recuperados na sala expositiva

Livro de Registro de Diplomas (localizado em 2017)

Os nomes contidos em alguns painéis já estavam apagados pelo tempo ou irreconhecíveis. Em um golpe de sorte ou destino, no final do ano de 2017, a UDESC/FAED enviou ao MESC, os livros de atas que continham dados referente às formaturas dos painéis. Quem enviou o material não imaginava o quanto ele seria útil. Agora, a documentação em formato de painéis e a documentação formal, com livro de atas e respectivas assinaturas, estão completas.

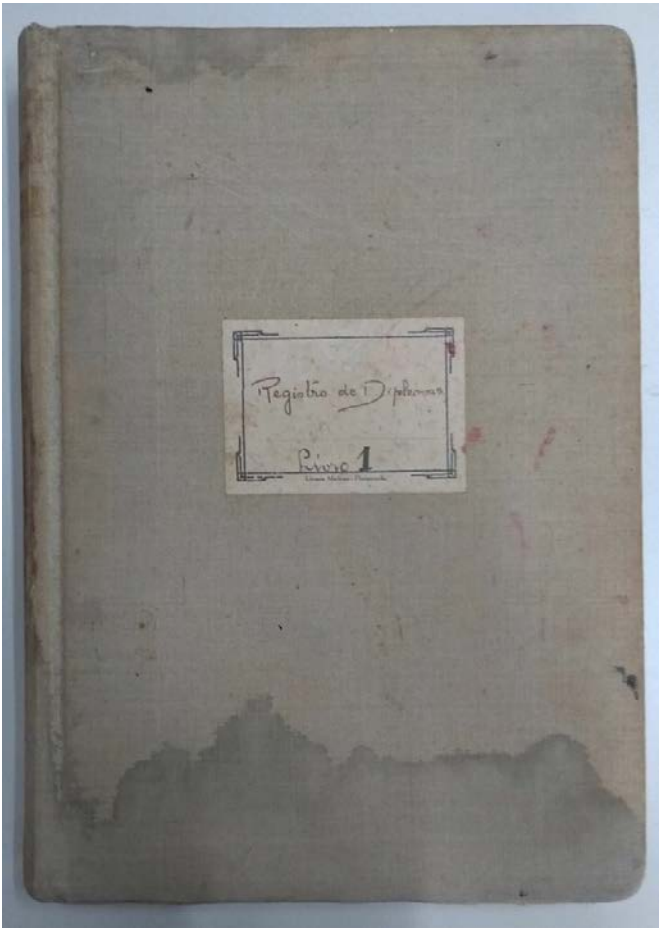
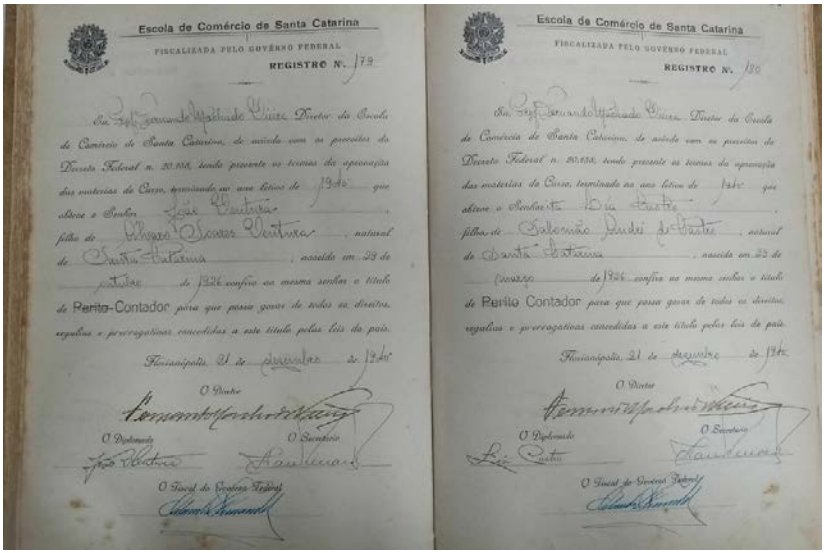


Foto: Capa do livro de registro de diplomas.



Escola de Comércio de Santa Catarina
FISCALIZADA PELO GOVÊRNO FEDERAL
REGISTRO N. 179

Escola de Comércio de Santa Catarina
FISCALIZADA PELO GOVÊRNO FEDERAL
REGISTRO N. 180

Perito Contador

Foto: Ilustração dos registros dos diplomas

Nomes que fizeram parte da história catarinense

A Academia do Comércio de Santa Catarina nasceu em 1943, com a criação do curso superior de Administração e Finanças. A instituição funcionou até a década de 1990, quando foi extinta. "A academia teve muita importância na formação de catarinenses ilustres e na vocação do ensino superior de Santa Catarina, o que reforça a importância da preservação dos painéis", explica a coordenadora do museu.

Pelas fotos e nomes constantes no painéis, é possível identificar homens e mulheres que participaram ativamente da construção de uma sociedade mais representativa, sobretudo na produção e transmissão de conhecimento como professores, reitores, advogados, prefeitos, administradores públicos, entre tantos outros.

Acácio Garibaldi S. Thiago, Hoyêdo de Gouveia Lins , João Makowiecky, Sylvia A. Carneiro da Cunha são alguns dos nomes que fizeram a história do Estado de Santa Catarina, em setores diversos de atuação. Em 2017, esse trabalho de restauração dos painéis em que constam os nomes dos diplomados foi indicado à 30ª Edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, por Santa Catarina, na categoria "Iniciativas de excelência em

técnicas de preservação do Patrimônio Cultural". Em 2018, novamente este trabalho foi novamente uma das ações finalistas do 31º Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O trabalho concorre na categoria "Iniciativas de excelência no campo do patrimônio cultural material", que engloba ações de identificação, documentação, proteção, conservação e promoção do patrimônio cultural material. A ação da universidade é finalista no segmento "Pessoas físicas e representantes de grupos ou coletivos".

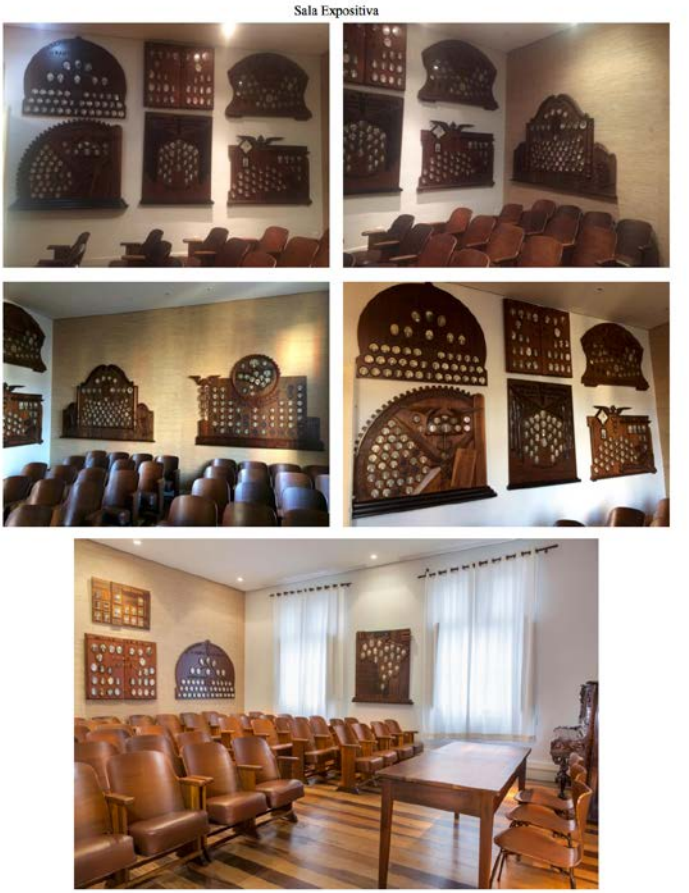


Foto: Sala expositiva com painéis recuperados.

Datas dos painéis e os nomes dos formandos

Ano de formação	Formando	Ano de formação	Formando
1937	João Ovidio Wendhausen de Oliveira	**1938**	Aldmir José Ozorio Juvelina Martins Ivo Nicolau Maes João Batista Laus Schmidt Madalena Lacerda Miguel Nicolau Spyrudes Néli Boos Adão Sobierajski
	Elias Mansur Elias		
	Carlos Dominoni		
	Vitor Silveira de Souza		
	Ernani Born da Silva		
	Ariosto José de Carvalho Costa		
	Jorge Edgar Ritzmann		
	Rodolfo Silveira		
	José Leonardo Clasen		
	Osvaldo Silveira		
1939 **Homenageado** Dr. Nereu Ramos, Dr. Elpídio Barbosa, Dr. Eduardo da Silva, Fernando Machado, Dr. Wilmar Dias **Homenagem póstuma:** Dr. Carlos Wendhausen.	Aécio Cabral Neves	**1940**	Anibal Nunes Pires Idaroldo Vilela Alberto Crippa Maria de Lourdes Gonçalves Alberto Paulo Pereira Beatriz Burema da Silva Silvio Silva Nilton Digiacomo Silva Josmar da Luz Silva José Ruhland Júnior Nilton Batista da Silva Eugenia Tancredo de Oliveira Walter Kreuzer José Philippi Alcione Costa Beretta Edite Goettmann Paulo Oto Scheidemantel
	Arí Sartorato		
	Plinio Franzoni Junior		
	Rômulo Silva		
	Luiz Eugenio Beirão		
	Nadir Cunha Carreirão		
	Vitor Moritz		
	Mario Stuart		
	Antônio Miroski		
	Antonio Berka		
	Roberto Ernesto Leyendecker		
	Hilma Pereira Baixo		
1941	Firmino Feijó	**1942**	Hela Fanny Kather Ovidio Mevio Lazzarin Wilson Andriani Laudelino Pelleuse Hercilio Fronza Gervasio Nunes Pires Silvestre Salvador Arnoldo Pamplona Hedy Blum Nadir Ferrari Osmar Cunha Nestor Carneiro Moysés Leandro da Silva Sevasti Haviaras Ademar Madeira Mário Laurindo Célio Ferrari Osvaldo da Silva Campos
	Edio Silva de Oliveira		
	Procopio Dario Ouriques		
	Nilton Leal		
	Luiz Damiani		
	Evandro Tupinambá de Carvalho		
	Edison Quadros Fortes		
	Luiz Francisco de Borja		
	Orlando de Carvalho Borja		
	Ivo Reis Montenegro		
	Mario Nappi		
	Dioscorides de Melo		
	Laercio Lisbôa		
	Lourival Lisbôa		
	Bruno Mario Cechinel		

	Carlos Miroski		Osvaldo Camilli
	Ivanhoé Pellizzetti		João Eduardo de Miranda Santos
	José Mendes		José Dias Figueira
	Teodoro Leandro da Silva		Waldemiro Berka
	Dalmiro Duarte Silva		José Dias
	Braz Limongi		Oscar Gomes
	Zilá Sartorato		José Vieira Dutra
	Zilda Rezende		Ruben Lyra
	Delza Falcão Fonseca		Ary Schroeder Carneiro da Cunha
	José Virgolino dos Santos		Eugenio Teuber
	Ney Ferreira Reis		Carlos Alberto da Luz e Silva
			Alyrio Campos de Alcantara
			Telmo Vieira Ribeiro
			Alvaro de Lima Veiga
			Theobaldo Ulysséa Teixeira
			Pedro Alcantara Maia
			Sebilla Carlota Busch
1943	Dilermando Brito	**1944**	Édio Ortiga Fedrigo
	Ignezita Fornerolli		Sebastião Bonassis de Albuquerque
	Arno Schmidt		Zalmir de Lima
	Gustavo Zimmer		Manoel Lino de Jesus
	Julio Klappoth		Venicius Búrigo
	Herval Melim		Hélio Monteiro
	Cyro Belli Muller		Waldyr Albani
	Nelson Martins de Almeida		Osvaldo Carpes
	Ivette Elpo da Silveira		Ruy Vieira
	Túlio Pinto da Luz		Mario Climaco da Silva
	Marcílio Bonassis de Melo		Aleida Ferrari
			Bernardo Berka
	Otilia Ana Moritz		Antonio Mendes de Souza
	Aldo Kirsten		João Carlos de Campos
	José Rubik		Ladislau Kowalski
	Manoel Bastos Laus		Floriano de Mello Mattos
	Maurillo Roberge		Sylvio Ferrari
	João Berka		Nicolau Haviaras
	Demerval Vieira		Jeny Andrade Silva
	Carlos Bonetti		Jauro Dentice Linhares
	Frederico Pedro Bavasso		Rubens Kersten
			Adolfo Lievlich da Silva
	Ivo Selva		Geraldo Gercino Stotz
	Aliatar Silva		Gerold Sprengel
			Antonio Vieira de Oliveira
			Saul Oliveira
			Ruy Cunha
			Dora Rita Klappoth
			João Corfu
			Acácio Garibaldi de Paula
			Ferreira S. Thiago
			Aldo Rodrigues de Araujo

			Alfredo Russi Aline Ulysséa Nicolazzi
1945 **Homenagens** Dr. Nereu Ramos, Prof. Abel Alvares Cabral Jr., Prof. Albi Pereira, Dr. Lindolfo A. G. Pereira, Prof. Orlando Brasil, Prof. Vitor Lima, Prof. Dr. Wilmar Dias. **Homenagem Póstuma:** José Haroldo Calado. **Paraninfo** Flavio Ferrari	Anna Rita Cabral Machado Anneliese Entres Bento Pereira Oliveira Constantino Syriaco Atherino Dilma Damiani Donatílio Silva Elisabeth Rihl Elly-Maria da Silva Eunice Oliveira Fioravante João Marchi Germano Hoffmann Hélcio de Menezes Hélio Moura Hugo Wondracek João Makowiecky João Ventura Léa Castro Magali Rennée Lebarbenchon Hamilton Abbade Valente Ferreira Maria Luiza Figueiredo Campos Marilda Carneiro da Cunha Luz Nelson Szpoganicz Nenna de Lourdes Santos Neyde-Maria Pereira Oscar Cardoso Filho Oscar Pereira Ryno von Mörs Sada Boabaid dos Reis Sylvio-Orlando Damiani Theodósio Atherino Túlia Matos Victor Santos Alberton Vylma Moritz Waldemar Werner Walter Deutsch Werner Springmann Yoldory Campos Garofallis Maria Rosa Cherem Maurílio Fernandes	**1946** **Homenagens** Dr. Lindolfo A. G. Pereira, Prof. Osmar Cunha, Orlando Fernandes, Prof. Abel Alvares Cabral Jr. **Paraninfo** Dr. Vitor Lima	Denny Truppel Waldir da Silva Kuenzer Marília Prats Fernandes Abel Capella Joaquim Luiz Dias Hélio Ligocki Yedda da Gama Lobo d'Eça Maria Thereza Bastos Osny Neves Onofre Alves Pereima Antônio Kowalski Murillo Rodrigues Osmar de Lima Veiga Urí Coutinho de Azevedo Martha Springmann Ruy Carlos Baptista Nelson Nunes Veran Jairo Lisbôa Dijalma Araujo Maria Mercedes de Borja Vitorino Fretta Méri Guimarães Born Orlando Seára Vera Tertschitsch Vivaldi Garofallis Helio Milton Pereira Walmor Aguiar Borges José Ferreira Hans Karl Leyendecker Nivaldo Lopes de Almeida Rachel Peixoto Bayer Paulo Amaral Dey Álvares Cabral Gecy Rocha Sylvio- Ney Soncini Mario-Arthur Ferraresi

	David Gomes Mendonça		
	Frederico Herondino Leite		
	Euclides Fernandes		
	Maria da Conceição Mello		
	Lenir-Maria Brasil		
	Ilmen da Costa Melim		
	Denise Verissimo Pereira		
	Aldo Affonso Vieira		
	Yone Moreira de Mello		
	Nair Ferrari		
	Waldemar Busch		
	Rodolfo Fernando Pinto da Luz		
	Alvaro Selva Gentil		
	Newton Thibes de Almeida		
	Paulo Malty		
	Ilza Cecilia de Lima		
	José Rodrigues de Araujo		
1947 **Homenagens** Prof. Fernando Machado Vieira, Profª. Silvia A. C. da Cunha, Prof. Abel Alvares Cabral Jr., Prof. Osmar Cunha, Inspetor Octavio da Silveira Filho, Prof. Vitor Lima, Prof. Dr. Jorge J. de Souza, Dr. Lindolfo A. G. Pereira **Paraninfo** Prof. Flavio Ferrari	Aldir Maria Ramos	**1948**	Milton Monguilhott José Damiani Carreirão Beatriz Nobrega Fontes João Ferrari Dias Alfredo Liberato Meyer Eugenio Berka Rodolpho Fernandes Neves Dilma Zomer Pedro Paulo de Aquino Ayrton Soares Mendonça Dinah Lunardelli Rubens Victor da Silva Ary Silva Helvetia Ursulina Wildi Vinhares Tom Wildi Junior Mauro Vieira Brisk Yvany Lentz dos Santos Dario Fernando Paranhos Pederneiras Igno Noel da Silva José Newton Szpoganicz Ernesto Moreira Dilson Ribeiro Leá Maria de Oliveira Edi Silva Nereu Celeste Ghizoni Ary Millen da Silveira
	Maria Schetz		
	Dulce Ortiga Ligocki		
	Henal Miguel		
	Lyro Burigo Bez		
	Aloysio Soares de Oliveira		
	Adolpho Elpo da Silveira		
	Lythmar Machado de Souza		
	Carlos Henrique Baasch		
	Mozart Vieira		
	Dimas Prazeres de Campos		
	Leandro José da Silva Junior		
	Ivo Bez		
	Vélia Suely Andrade da Veiga		
	Arlinda Maria Machado		
	Dib Cherem		
	Jorge Miguel Atherinos		
	Ary Kardec Bosco de Mello		
	Therezinha de Jesus da Luz Fontes		
	Orestildo Tomaselli		

	Angela Maria Gracia Evangelista Eugênio Doin Vieira Walmor Capanema Altair Coutinho de Azevedo Maria Lygia Cúneo Alby Pereira Mauro Sergio Vaccari Jonas Andriani Cora Colônia Benno Meyer Peressoni Dylton do Vale Pereira Saul Ulysséa Baião Erasmo Rodrigues Washington Luiz do Valle Pereira Lauriano Gomes de Almeida Jonia Christoval		Frederico Manoel da Silva Ulysses Cunha Filho Jovelino Savi Aldo Cardoso Walmor Adão Schmitt Josilivia Schmidt Waldyr de Moraes Lima Moacyr de Moraes Lima Olga de Moraes Lima Loni Lygia Kobarg Heráclito Fernandes de Medeiros Maria Silvia Michels Ana Dulce Michels Déa Cunha Yolanda Bonassis Helka Miriam Baasch Iolanda dos Reis Matins Camilli Elfrida Lina Hiemisch Noeli Mendoza
1949 **Homenagens** Prof. José de Souza, Prof. Anibal Nunes Pires, Sílvia Carneiro da Cunha, Prof. Osmar Cunha. **Homenagem de Honra:** Dr. José Boabaid **Paraninfo** Prof. Fernando Machado Vieira **Patrono** Prof. Lindolfo Anatércio Gonçalves Pereira	Hiedy de Assis Corrêa Denizart Carvalho Regis Irineu João de Espindola Jucélio Costa Leovanir Lisbôa Regina Magda Pavan Simões Celso Carlos Porto Ieda Nunes Veran Armando Sylvio Carreirão Ned Perrone Mund Hamilton Caminha Alfredo Henrique Wendhausen Aloysio Affonso Durieux Zalmir da Luz Costa Izaias Ulysséa Maria Helena da Cunha Hoyêdo de Gouvêa Luis Archibaldo Cabral Neves Sidney Damiani Berlinda May Celia Stendel Areão Dilmo Luiz Prá Antonio Botelho de Abreu Irmão Joaquim Caneiro Filho	**1950** **Homenagens** Sílvia da Cunha, [...]	João Cirilo Véla Sulamita Pereira Estefano Nicolau Savas Pedro José de Souza Ludgerio Niehues Carl Werner Krüger Dinorah Flaviano Vieira Silvio Laug Jacques Cid Carlos Porto Amaury Botto Guimarães Gerson Bosco dos Santos Helladio Olsen Veiga Hamilton José Berretta Hercílio Pedro da Luz Darcy Brasiliano dos Santos Luiz Nunes Basilio Uniat

	Lyette Lucy Kobarg		
	Ecleia Bolt		
	Moacir Benvenutti		
	Hermano Marinho Pereira		
	Arno Coutinho de Azevedo		
	Maria Ozima Coelho		
	Adhemar dos Passos		
	Ney Walmor Hübener		
	Aldo Câmara da Silva		
	Edgar Vieira de Medeiros		
	Naevio José Amin		
	Pedro Maria Trompowsky Taulois Netto		
	José Carlos Gubert		
	Lupercio Vilain João		
	Daisi Therezinha Benvenutti		
	Irene Monteiro		
	Hedi Rosa		
	Alcebiades Candido Pinheiro		
	José Pires dos Santos		
	Pedro Hugo de Abreu Netto		
	Ivan Torres Andreoli		
	Evaristo Gouvêa		
	João Valério Rebelo		